



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

KEDMA AUGUSTO MARTINIANO SANTOS

**OS SIGNIFICADOS DAS EXPERIÊNCIAS EM SITUAÇÃO DE PANDEMIA DA  
COVID-19 PARA OS ADOLESCENTES**

Maceió  
2022

KEDMA AUGUSTO MARTINIANO SANTOS

**OS SIGNIFICADOS DAS EXPERIÊNCIAS EM SITUAÇÃO DE PANDEMIA DA  
COVID-19 PARA OS ADOLESCENTES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do grau de Mestra em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paula Orchiucci Miura.

Maceió

2022

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237s Santos, Kedma Augusto Martiniano.  
Os significados das experiências em situação de pandemia da COVID-19 para os adolescentes / Kedma Augusto Martiniano Santos. – 2022.  
245 f. : il.

Orientadora: Paula Orchiucci Miura.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 150-168.  
Apêndices: f. 169-245.

1. Winnicott, D. W. (Donald Woods), 1896-1971. 2. Significados da experiência - Adolescente. 3. COVID-19. 4. Pandemias. 5. Desenhos-estórias, Procedimento de. I. Título.

CDU: 159.922.8



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**KEDMA AUGUSTO MARTINIANO SANTOS**

Título do Trabalho: **“OS SIGNIFICADOS DAS EXPERIÊNCIAS EM SITUAÇÃO DE PANDEMIA DA COVID-19 PARA OS ADOLESCENTES”.**

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:  
Orientadora:

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Paula Orchiucci Miura (PPGP/UFAL)

Examinadores:

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo (USP)

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Heliane de Almeida Lins Leitão (IP/UFAL)

Maceió-AL, 26 de setembro de 2022.

Para meu Papis, Feliciano Santos (*in memoriam*) - “foi um encontro na despedida”

Para aquele que me desejou e me nomeou, meu Pai! Carinhosamente chamado de Zeffa (rsrs). Adoraria ler para você essa dedicatória, e vislumbro de forma embaçada a sua felicidade e orgulho. Para você que não teve a oportunidade de elaborar um trabalho acadêmico e muito menos cursar um nível superior, eu ofereço todo esse trabalho que me outorga o título de Mestra em Psicologia. Obrigada por apostar em mim, sobretudo na minha inteligência. Você me fez acreditar que, com Deus, eu posso todas as coisas. Sob seus ombros, sentada em volta do seu pescoço, você me apresentava a estátua do homem de gravata na praça de Maceió. Você não sabia, pai, mas me apresentava o mundo sob outra perspectiva - sob um olhar panorâmico e privilegiado. Desde garotinha você me tornou grande através de seus ombros. Lamento termos nos desencontrado durante essa vida, e pelo tanto que te machuquei ao me distanciar. A minha felicidade é saber que seu amor contornou as minhas mágoas e indiferença e pôde continuar a me amar, apesar de quem fui e quem sou. Ainda assim, a sua insistência em demonstrar afeto, preocupação e atenção fez a diferença e hoje faz muita falta. Posso dizer, com toda segurança, que fui uma garota desejada antes mesmo da fecundação, e fui nomeada com o melhor nome possível. Sinto-me honrada de carregar no meu corpo mais do que o nome que elegeste, porque tenho as características do seu desejo, pois queria uma menina, e saí tão parecida a você, desde os grandes olhos até sobrelha falha e o pé achatado. Além disso, me ensinaste a ser ética mesmo antes de conhecer a Psicologia, me ensinaste a gostar de pessoas antes mesmo da minha escolha profissional. Você me ensinou muito em pouco tempo, principalmente me ensinou a ter coragem mesmo diante das não garantias e do medo. Conviver com a presença da sua ausência é uma tarefa árdua e não são poucas as vezes que ouço seus áudios como forma de te trazer para perto. Amo ouvir: “te amo, filha! minha pequena, Kedma!”. Diante da sua grandeza, serei sempre pequena – não em um sentido de inferioridade, mas de eterna aprendiz, pois mesmo me colocando nas alturas, sempre me ensinaste a ser pequena diante da grandeza do universo, de Deus, da ciência, do humano. Saiba que celebro a sua vida. Descanse em paz, pois continuarei nessa jornada acadêmica e alcançarei (com Deus) os seus desejos para mim.

De sua pequena Kedma.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, tudo que fiz e conquistei nesse mestrado eu devo a Deus, pois sem Ele, eu não conseguiria iniciar e nem ao menos concluir este ciclo. Obrigada pela sabedoria outorgada.

Em seguida, agradeço à minha família (Rosiete, Feliciano e Abner) – minha rotunda – para onde sempre posso voltar. À minha “mamis” (Rosiete) – aquela que se disponibilizou e me desejou desde o ventre, e tem sido minha razão de viver, meu sustento, meu suporte. Aquela que me amou primeiro. Se hoje concluo este mestrado é graças à sua força em sustentar-me afetivamente. Obrigada por suas orações e apoio. Ao meu pai (Feliciano) – *in memoriam* – que sempre acreditou e apostou na minha inteligência, e me constituiu a partir do seu olhar como uma garota que poderia alcançar o mundo através do conhecimento. E que, apesar de não presenciar o fim desta etapa, muito se orgulhou e se alegrou com a conquista do mestrado e da bolsa Ibero Americana (Mobilidade Universidade de Coimbra). Se segui mesmo após a sua partida, foi porque isso o faria enormemente feliz. Ao meu mano (Abner), o garoto que se orgulha da irmã mais velha e ama falar sobre minhas conquistas (rs). Obrigada por embarcar comigo na viagem de mobilidade para Portugal - você me fez sentir em casa mesmo do outro lado do oceano.

Agradeço à minha avó Regina (*in memoriam*) por ter me acompanhado desde a graduação e me cedido bem mais do que a sua casa como residência. Seu amor, carinho e suporte tornaram a distância de casa menor e me fizeram sentir acolhida em seu lar. E apesar de não alcançar minha colação de grau, ela foi fundamental no processo para chegar até aqui – ao mestrado.

À Esteff, minha amiga de longos anos. Minha companheira de graduação e uma parceira de jornada acadêmica e da vida. Seu apoio e incentivo foram fundamentais para seguir no mestrado. E mesmo seguindo caminhos diferentes na pós-graduação, ainda assim nossos laços criaram mais e mais dobras. Obrigada!

À Miura – minha referência – minha orientadora maravilhanda que me acolheu e apostou em mim quando eu não sabia fazer uma pergunta de pesquisa. Paula foi mais do que uma professora, foi um porto seguro, e uma “mãe suficientemente boa” (rs). Espero chegar ao seu nível enquanto profissional e pessoa. Obrigada pela longa e produtiva parceria. E *gracias* por impulsionar minha candidatura à mobilidade (bolsas Ibero-Americanas Santander).

Ao meu amigo Adan, que sempre apostou e acreditou em mim. Obrigada por pedir de presente de aniversário minha aprovação no mestrado - seu pedido foi concedido. Obrigada

por incentivar minha mobilidade acadêmica e por ser um suporte afetivo mesmo de longe, quando estive na Universidade de Coimbra.

Agradeço à Alana, uma luz que encontrei no mestrado e que se tornou uma amiga nesse processo. Que este seja apenas o início de lindas parcerias.

Aos adolescentes participantes desta pesquisa, pois sem eles este grande estudo não se realizaria. As trocas e construções possíveis foram essências e potenciais nesse percurso. Obrigada!

À Graça – secretária da Pós-Graduação - sua maravilhosa/eficiente atuação me proporcionou mais do que auxílios burocráticos, especialmente acolhimento e sustentação mesmo quando estive em Portugal. Muito, muito obrigada!

Agradeço à Nadilza, uma amiga fundamental para a divulgação da minha pesquisa. Ademais, sou grata à Rizzia por divulgar a pesquisa em sua Unidade de Ensino, e por conseguir adolescentes do Centro-Oeste.

Às professoras Doutoradas Heliane Leitão e Leila Tardivo, por comporem a minha banca e pelas magníficas contribuições para o meu trabalho. Obrigada!

À Keilah Gerber – minha analista – por me possibilitar encontros e reencontros com os outros, sobretudo com meu pai, e comigo mesma. *Gracias* pelos contornos e bordas...

Agradeço às revisoras Camila e Priscila, por me propiciarem respirar um pouco aos 45 minutos do 2º tempo. Além da possibilidade de fluidez desse enorme trabalho (rs). *Thanks*, meninas!

## RESUMO

A palavra “adolescência” provem do latim – “*adolescere*” – e significa crescer. É considerado um período particular e singular na vida de um indivíduo, situando-se entre a infância e a vida adulta. Tendo por base a teoria psicanalítica de Winnicott, a adolescência é caracterizada por mudanças físicas provenientes da puberdade e por transformações psíquicas e emocionais, que implicam crescimento, maturidade, conquanto, isso demanda tempo. Diante do cenário pandêmico da covid-19 que demarcou uma crise social e de saúde pública, o Brasil adotou medidas de enfrentamento como quarentena, distanciamento físico, fechamento de escolas, entre outras. No entanto, o cumprimento do distanciamento físico implicou na saúde mental de adolescentes. A preocupação quanto à saúde mental da população adolescente mostrou-se marcante: readaptação em decorrência do confinamento e a necessidade de uma nova adaptação à realidade naturalmente presente no período da adolescência. Deste modo, o objetivo geral desta pesquisa foi o de compreender os significados das experiências em situação de pandemia da covid-19 para os adolescentes. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) da Universidade Federal de Alagoas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, exploratória e interventiva. Toda a pesquisa foi realizada de forma *on-line*, em decorrência da situação pandêmica. Para a constituição da amostra foi utilizada a técnica da “bola de neve” (*snowball sampling*). Os instrumentos utilizados foram o questionário sociodemográfico e o Procedimento Desenho-Estória com Tema (PDE-T), com a insígnia “desenhe um adolescente em situação de pandemia do coronavírus”. A pesquisa foi composta por 74 adolescentes com idade entre 12 e 17 anos e 11 meses, de ambos os sexos e residentes no Brasil, sendo 32 do Nordeste, 17 do Sudeste, 13 do Sul, 7 do Centro-Oeste e 5 da região Norte. Para análise, foram considerados os Desenhos-Estórias com Tema e seguiu as recomendações de Vaisberg. A interpretação dos resultados se baseou na teoria psicanalítica de Winnicott, bem como em pesquisas sobre a temática. O estudo foi bem aceito pelos adolescentes e possibilitou um espaço acolhedor de pesquisa-intervenção. A análise temática identificou 12 categorias, descritas a seguir. O distanciamento físico foi o tema principal da pesquisa, representado de forma negativa em face do afastamento dos amigos, da escola, do lazer, e atravessou todos os demais temas, tendo sido abordado por 64 participantes. Sentimentos expressos foi o segundo tema de maior abordagem dos adolescentes (63 participantes), caracterizados por padecedores (solidão, tristeza e tédio) e potencializadores (superação, satisfação; cuidado; carinho). Assim, 34 jovens abordaram o padecimento e o sofrimento e 29 reconheceram o conflito pandêmico e o superaram por meio de recursos criativos singulares. Os aparatos tecnológicos (42 participantes) foram utilizados, em grande parte, para o entretenimento, mais associado ao tema da alimentação - fast food (11 participantes) e menos utilizados para manutenção das relações entre os pares (3 adolescentes), o que demonstra os limites das interações virtuais e a importância e os ganhos das interações presenciais. O tema “estudos” apontou que cerca de 31 jovens continuaram os estudos na pandemia, mesmo com cansaço e sobrecarga. Vale ressaltar que este aspecto circunscreve os estudos com os projetos de vida, o que se mostra relevante na adolescência, sobretudo diante de uma crise sanitária. A mudança de rotina, relatada por 28 adolescentes, apresentou de forma marcante os afastamentos físicos: escola, amigos, interações e brincadeiras, lazer, igreja, saídas de casa. As relações endógenas (27 participantes) apresentaram, em sua maioria, relações pautadas no afeto/cuidado, abordado por 17 jovens. As relações exógenas (20 participantes) representaram um saudosismo pelo afastamento das relações com os pares, sendo caracterizado como algo negativo. O tema da prevenção foi mencionado por 14 adolescentes e abordou uso de máscara facial, álcool em gel e higiene pessoal. A atividade laboral, citada por 9 adolescentes, apontou na maioria dos DETs (5

participantes) a atividade doméstica realizada pelos jovens. A fé/religiosidade foi importante para alguns adolescentes (8 participantes), principalmente para lidar com conflitos decorrentes da pandemia. Os *hobbies* foram atividades realizadas por cerca de 5 participantes, sendo a leitura a atividade mais expressiva. Por fim, este estudo apresentou limitações quanto à participação restrita apenas a jovens com aparatos tecnológicos e acesso à *internet*, além disso não foi possível uma representatividade significativa de todos os estados e regiões do Brasil o que implicou na impossibilidade de análise quantitativa e comparativa entre eles. Espera-se que este estudo contribua para futuras pesquisas e intervenções visto a potência de tais atividades com os adolescentes pela promoção de um espaço de fala e expressão de vivências singulares mesmo que remotamente.

**Palavras-chave:** Significados. Adolescência. Covid-19. Pandemia. Procedimento Desenho-Estória com Tema. Winnicott.

## ABSTRACT

The word “adolescence” comes from the Latin – “*adolescere*”, which means to grow. This is a particular and singular period in the life of an individual, situated between childhood and adulthood. Based on Winnicott's psychoanalytic theory, adolescence is characterized by physical changes arising from puberty and by psychic and emotional transformations, which imply growth and maturity, although this takes time. Faced with the Covid-19 pandemic scenario, which demarcated a social and public health crisis, Brazil adopted some coping measures: quarantine, physical distancing and school closures, among others. Nonetheless, compliance with physical distancing can affect the mental health of adolescents. This concern about the mental health of the adolescent population is remarkable: readaptation as a result of confinement and the need for a new adaptation to the reality naturally present in the period of adolescence. Thus, the general objective of this research was to understand the meanings of experiences in a situation of the covid-19 pandemic for adolescents. This research was approved by the Research Ethics Committee (CEP) of the Federal University of Alagoas. This is a qualitative, descriptive, exploratory, and interventional research. All research was carried out online, due to the pandemic situation. For the constitution of the sample, the “snowball sampling” technique was utilized. The instruments used were the sociodemographic questionnaire and the Drawing-Story Procedure with Theme (PDE-T), with the insignia “draw a teenager in a situation of a coronavirus pandemic”. The research consisted of 74 adolescents aged between 12 and 17 years and 11 months, of both sexes and residing in Brazil, 32 from the Northeast, 17 from the Southeast, 13 from the South, 7 from the Midwest and 5 from the North region. For analysis, the Drawing-Stories with Theme were considered and followed Vaisberg's recommendations. The interpretation of the results was based on Winnicott's psychoanalytic theory, as well as on research on the subject. The study was well accepted by the adolescents and provided a welcoming space for research-intervention. The thematic analysis identified 12 categories, described below. “Physical distancing” was the main theme of the research, represented negatively in the face of distance from friends, school, leisure, and crossed all other themes, having been addressed by 64 participants. “Expressed feelings” was the second most approached theme among adolescents (63 participants), characterized by sufferers (loneliness, sadness and boredom) and enhancers (overcoming, satisfaction; care; affection). Thus, 34 young people addressed affliction and suffering and 29 recognized the pandemic conflict and overcame it through unique creative resources. Technological devices (42 participants) were mostly used for entertainment, more associated with the theme of food - fast food (11 participants) and less used to maintain relationships between peers (3 adolescents), which demonstrates the limits of virtual interactions and the importance and gains of face-to-face interactions. The theme “studies” pointed out that about 31 young people continued their studies in the pandemic, even with fatigue and overload. It is worth mentioning that this aspect circumscribes studies with life projects, which is relevant in adolescence, especially in the face of a health crisis. The change in routine, reported by 28 adolescents, markedly showed physical absences: school, friends, interactions and games, leisure, church, leaving home. The endogenous relationships (27 participants) presented, for the most part, relationships based on affection/care, approached by 17 young people. Exogenous relationships (20 participants) represented nostalgia for the distance from relationships with peers, being characterized as something negative. The topic of prevention was mentioned by 14 adolescents and addressed the use of face masks, alcohol gel and personal hygiene. The work activity, mentioned by 9 adolescents, indicated in most DETs (5 participants) the domestic activity performed by young people. Faith/religiosity was important for some adolescents (8 participants), mainly to deal with conflicts arising from the pandemic.

Hobbies were activities carried out by about 5 participants, with reading being the most expressive activity. Finally, this study presented limitations regarding the participation restricted only to young people with technological devices and internet access, in addition, it was not possible to have a significant representation of all states and regions of Brazil, which implied the impossibility of quantitative and comparative analysis between them. It is hoped that this study will contribute to future research and interventions, given the power of such activities with adolescents by promoting a space for speech and expression of unique experiences even if remotely.

**Keywords:** Meanings. Adolescence. Covid-19. Pandemic. Drawing-Story Procedure with Theme. Winnicott.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	79
<b>Figura 2</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	83
<b>Figura 3</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	83
<b>Figura 4</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	97
<b>Figura 5</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	102
<b>Figura 6</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	109
<b>Figura 7</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	114
<b>Figura 8</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	120
<b>Figura 9</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	130
<b>Figura 10</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	136
<b>Figura 11</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	141
<b>Figura 12</b> – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus.....	145

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa.....	66
<b>Tabela 2</b> – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa-região Nordeste.....	68
<b>Tabela 3</b> – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa-região Sudeste.....	70
<b>Tabela 4</b> – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa-região Sul.....	72
<b>Tabela 5</b> – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa-região Centro-Oeste.....	74
<b>Tabela 6</b> – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa-região Norte.....	76
<b>Tabela 7</b> – Categorias temáticas e quantidades de aparição de todas as regiões do Brasil (ambos sexos).....	78

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APNP	Atividades Pedagógicas Não Presenciais
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética
DE	Desenho-Estória
DE-P	Desenho de Profissionais com Estórias
DE-T	Desenhos-Estórias com Tema
DF-E	Desenhos de Família com Estórias
DP	Desvio Padrão
EaD	Ensino a Distância
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IP	Instituto de Psicologia
ISSN	Internacional Standard Serial Number
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial de Saúde
R/E	Religiosidade/espiritualidade
SciELO	Scientific Eletronic Library Online
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## LISTA DE LEGISLAÇÃO

**Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990** – Essa Lei dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, que tem como foco a proteção integral desse público considerando as particularidades da realidade brasileira.

**Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016** – Resolução do Ministério da Saúde que regulamenta pesquisas na área de Ciências Humanas e Sociais, considerando os aspectos éticos e o respeito pela dignidade humana e proteção aos participantes de pesquisas científicas.

**Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020** – Essa Lei dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019.

**Medida Provisória nº 934, de 1º de Abril de 2020** – Essa medida estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>25</b>
<b>2.1</b>	<b>Revisão da literatura: adolescência e covid-19 .....</b>	<b>44</b>
<b>2.2</b>	<b>Saúde do adolescente e medidas de prevenção .....</b>	<b>45</b>
<b>2.3</b>	<b>Importância da Psicologia no enfrentamento da situação pandêmica .....</b>	<b>48</b>
<b>3</b>	<b>MÉTODO.....</b>	<b>51</b>
<b>3.1</b>	<b>Aspectos éticos .....</b>	<b>51</b>
<b>3.2</b>	<b>Tipo de estudo.....</b>	<b>51</b>
<b>3.3</b>	<b>Cenário do estudo e fonte de dados .....</b>	<b>54</b>
<b>3.4</b>	<b>Coleta e organização de dados .....</b>	<b>54</b>
3.4.1	Procedimento Desenho-Estória com Temas.....	56
<b>3.5</b>	<b>Análise do DE-T segundo Vaisberg .....</b>	<b>61</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>66</b>
<b>4.1</b>	<b>Perfil sociodemográfico dos participantes .....</b>	<b>66</b>
4.1.1	Perfil sociodemográfico dos participantes: região Nordeste.....	67
4.1.2	Perfil sociodemográfico dos participantes: região Sudeste.....	70
4.1.3	Perfil sociodemográfico dos participantes: região Sul.....	72
4.1.4	Perfil sociodemográfico dos participantes: região Centro--Oeste.....	73
4.1.5	Perfil sociodemográfico dos participantes: região Norte .....	75
<b>4.2</b>	<b>Análise Temática do PDET e Discussão dos dados .....</b>	<b>77</b>
4.2.1	Distanciamento físico .....	79
4.2.2	Sentimentos Expressos .....	83
4.2.3	Aparatos tecnológicos .....	97
4.2.4	Estudos .....	102
4.2.5	Mudança de rotina .....	109
4.2.6	Relações endógenas.....	115
4.2.7	Relações exógenas.....	121
4.2.8	Prevenção .....	130
4.2.9	Alimentação.....	132
4.2.10	Atividade laboral .....	136
4.2.11	Fé/religiosidade .....	141
4.2.12	Hobby .....	144

<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>147</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>150</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>169</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A palavra adolescência provem do latim “*adolescere*” e significa crescer. Em 2016, a população mundial total era de 7,433 bilhões, sendo cerca de 24% dessa população, ou seja, quase 1,8 bilhão de pessoas do mundo, jovens de 10 a 24 anos (UNFPA, 2017). No Brasil, a quantidade de jovens representava  $\frac{1}{4}$  da população do país – cerca de 52,4 milhões de jovens (UNFPA, 2017). A adolescência é um período particular e singular na vida de um indivíduo e se situa entre a infância e a vida adulta, devendo ser compreendida, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, s.d.), como o período que abrange dos 10 aos 19 anos (BRASIL, 2007). Por essa via, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no art. 2, considera adolescente o jovem entre os 12 a 18 anos de idade incompletos (BRASIL, 1990).

A adolescência é caracterizada para além das mudanças físicas provenientes da puberdade, mesmo que se baseie nesta, pois implica crescimento, maturidade, conquanto, isso demanda tempo (WINNICOTT, 1984/2016). As transformações físicas que ocorrem em decorrência da puberdade e as mudanças psicossociais da fase da adolescência se atrelam entre si. Assim sendo, é uma fase marcada por construção e conquista da subjetividade e individualidade do adolescente (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

Considerando que a maturidade leva tempo até ser alcançada pelo adolescente, para Winnicott (1953/2019a, p. 238)

a adolescência implica crescimento, e crescer demora. Embora o crescimento esteja acontecendo, a responsabilidade deve ser assumida pelas figuras paternas. Quando estas fogem ao seu papel, os adolescentes precisam assumir uma falsa maturidade, perdendo, assim, sua maior vantagem: a liberdade de ter ideias e de agir impulsivamente.

Deste modo, para Winnicott (1953/2019a), a adolescência é marcada pela imaturidade e, com o tempo, esta maturidade é adquirida. Assim, neste período, a atuação dos pais e/ou responsáveis se faz mais do que necessária, visto que a responsabilidade e a referência destes para os adolescentes se mostram imprescindíveis enquanto estes indivíduos estão em crescimento. A não atuação destas figuras parentais quanto a uma postura de responsabilidade pode implicar em complicações no amadurecimento do adolescente – falsa maturidade – e, assim, estes indivíduos serão privados da liberdade de vivenciarem a imaturidade.

De acordo com Winnicott (1979/2007), os adolescentes são imaturos e os adultos, além de carecerem reconhecer a “imaturidade” dos adolescentes, terão de acreditar e atuar sua maturidade como nunca. Na adolescência, os estágios das fases desse amadurecimento são revividos, acrescidos de outras dinâmicas, visando alcançar a maturidade. Para Winnicott

(1965/2011, p. 115), “[...] essa é uma fase que precisa ser efetivamente vivida e é essencialmente uma fase de descoberta pessoal. Cada indivíduo vê-se engajado numa experiência viva, num problema de existir”.

Segundo Ayub e Macedo (2011, p. 585), “na adolescência, ocorrerá um trabalho de ressignificação da identidade, possibilitando o acesso do jovem a outra etapa do ciclo vital”. Cabe ressaltar que a sociedade exerce influência significativa nesse processo. Soares *et al.* (2008) corroboram essa ideia, pois consideram a adolescência como sendo uma etapa da vida em que se busca definição da identidade sexual, marcada pelo desenvolvimento da personalidade. Segundo Eisenstein (2005), a adolescência, além de ter mudanças da puberdade, é atravessada por impulsos do desenvolvimento: físico, mental, emocional, sexual e social. Desta forma, os adolescentes passam por diferentes mudanças de ordem física, cognitiva, emocional e social.

Tendo em vista o cenário atual quanto à pandemia da covid-19, no final de outubro de 2020, o número de casos mundiais confirmados com covid-19 equivale a 44.908.477 (DONG; DU; GARDNER, 2020). Desse total, 5.468.270 casos são do Brasil (OMS, 2020). Em face dessa situação, o mundo e, conseqüentemente, o Brasil, buscaram medidas de enfrentamento voltadas para a saúde pública. Assim, foi promulgada no Brasil a Lei nº 13.979, em fevereiro de 2020, com medidas de enfrentamento: quarentena, distanciamento físico, fechamento de instituições de ensino, entre outras (BRASIL, 2020a).

Como uma medida de enfrentamento da covid-19, o distanciamento físico objetiva diminuir interações nas comunidades, uma vez que estas podem incluir pessoas infectadas, mesmo que não tenham sido identificadas. Por conseguinte, o distanciamento físico, que remete a uma redução de 60% dos contatos sociais, apresenta um potencial para redução da transmissão da doença. Ainda que no contexto brasileiro a literatura seja diminuta, países europeus e asiáticos abordaram o fortalecimento do distanciamento físico, para mais cedo chegar ao fim da pandemia (AQUINO *et al.*, 2020).

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2020) divulgou que cerca de 95% das crianças e dos adolescentes matriculados nos sistemas de ensino da América Latina e do Caribe estavam momentaneamente ausentes das escolas devido à covid-19. Considerando esta situação, no Brasil, a Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020 “estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da Educação Básica e do ensino superior” (BRASIL, 2020b, n.p.).

Ainda segundo a UNICEF (2020), o fechamento das instituições escolares como uma medida de enfrentamento da covid-19 envolve outras questões para além da interrupção dos

estudos, como a suspensão do acesso dos estudantes (crianças e adolescentes) aos serviços básicos: alimentação (merenda escolar), atividades extracurriculares, recreações e apoio pedagógico. Ressalta-se que o acesso a serviços de saúde – higiene, saneamento e água – também foram prejudicados. Nesse contexto, diversos países estabeleceram a implementação do ensino na modalidade remota através de plataformas digitais. Não obstante, tal modalidade implica na impossibilidade de acesso a todos, visto que não são ofertadas em todas as regiões, como nem todas as famílias dispõem de aparatos tecnológicos e acesso à *internet*. Deste modo, fazem-se cabíveis ações de implementação do ensino remoto com inclusão, seja por meio da televisão (canais abertos) e/ou rádio, buscando, assim, um movimento em combate à exclusão social de crianças e adolescentes quanto à educação básica.

Além das implicações quanto à interrupção dos estudos e dos demais serviços que as instituições de ensino poderiam oferecer aos estudantes, a precaução quanto à saúde mental da população se impulsiona em meio a uma grave crise social. A pandemia da covid-19 pode ser configurada como uma destas crises, mostrando-se como um dos maiores problemas de saúde pública a nível internacional nas últimas décadas (OMS, 2020). Segundo o Ministério da Saúde do Brasil (2020), um fenômeno assim acarreta perturbações psicológicas e sociais, implicando na capacidade de enfrentamento da sociedade. Os impactos na saúde mental em consequência da pandemia apontam para repercussões negativas. Estudos anteriores sobre surtos infecciosos abordaram desdobramentos desadaptativos a longo prazo para a população geral, bem como consequências na população adolescente (JIANG *et al.*, 2020).

Considerando este contexto no qual crianças e adolescentes estão afastados das instituições escolares, as dinâmicas familiares têm demandado esforço dos pais e/ou responsáveis como alguns ajustes na rotina para dar conta desta nova situação de configuração familiar. Crianças e adolescentes podem se tornar irritadiços devido ao distanciamento físico, ocasionando comportamentos agressivos e/ou de desobediência. Ademais, o aumento no tempo de convivência e as tensões nas relações interpessoais podem contribuir para a violência intrafamiliar. Famílias em situação socioeconômica desfavorável mostram-se em maior vulnerabilidade à situação. Devido ao crescimento de episódios de violência durante a pandemia, algumas organizações e instituições sociais têm produzido materiais que objetivam a prevenção das violências neste período de distanciamento social. Algumas temáticas abordadas são: qualidade de tempo dos genitores com a prole, criação de espaços para falar de seus sentimentos e angústia (MARQUES *et al.*, 2020).

Diante disso, Polanczyk (2020) aborda que o distanciamento físico pode afetar a saúde mental, inclusive de crianças e adolescentes. Deste modo, faz-se necessário desenvolver

reflexões acerca da adolescência no período da pandemia, pois para além da readaptação necessária após o confinamento, jovens se deparam com a demanda de uma nova adaptação à realidade naturalmente presente no período da adolescência. Segundo Zhang *et al.* (2020), durante as epidemias, os efeitos para o bem-estar psicossocial das comunidades de riscos, em muito casos são negligenciados. A privação de sistemas de saúde mental, apoio psicossocial e falta de profissionais (psiquiatras e/ou psicólogos) potencializam os riscos de sofrimento psíquico.

Outrossim, a situação da pandemia pode resultar em irritabilidade e medo nos adolescentes quanto à possibilidade de contaminação de seus membros familiares. Além dessas questões, as mudanças ocasionadas pela puberdade, assim como o fechamento das instituições escolares e não interação com os pares (outros adolescentes), implicam em uma avaliação negativa por parte dos adolescentes quanto aos seus relacionamentos interpessoais. É importante salientar que estes aspectos aqui descritos reforçam elementos característicos da adolescência, que é marcada por um afastamento dos membros familiares e um redirecionamento e aproximação com os pares, ou seja, relações de amizade e/ou namoro. Contudo, em virtude do distanciamento físico e da necessidade de ficar em casa, a situação pandêmica pode implicar em irritação, frustração, tédio, saudosismo e uma desconexão emocional (IMRAN; ZESHAN; PERVAIZ, 2020).

Oliveira e colaboradores (2020) apontam que o distanciamento físico pode ocasionar nos adolescentes mudanças internas ou questões implícitas à situação de pandemia, que podem contribuir para a manifestação de quadros psiquiátricos. Segundo Lopes *et al.* (2016), problemas de cunho psicológico e relacionados à saúde mental são questões frequentes na literatura. De maneira análoga, foi documentado um predomínio de 30% de quadros de transtornos mentais que são comuns entre adolescentes do Brasil. Os transtornos mais recorrentes são configurados por sintomas que estão relacionados à ansiedade, queixas sem especificações, depressão e somatização. Cabe frisar que a família se mostra como um contexto que pode ocasionar crise, ou seja, pode contribuir para transtornos psicológicos, principalmente se este ambiente é demarcado por uma dinâmica familiar disfuncional, como por comportamentos de violência (ROSSI; MARCOLINO; SPERANZA; CID, 2019).

Por meio de uma *scoping review* desenvolvida por Oliveira e colaboradores (2020), identificou-se evidências científicas sobre o impacto da questão emergente de pandemia da covid-19 na adolescência. Na pesquisa, constatou-se que esta temática – vivência dos adolescentes na pandemia da covid-19 – é pouco investigada e explorada na literatura e, deste modo, existem lacunas no conhecimento. O estudo identificou que o público adolescente,

quando infectado pelo novo coronavírus, manifesta sintomas clínicos semelhantes ao público adulto. Além disso, problemas relacionados à saúde mental, assim como à violência doméstica, foram correlacionados à situação pandêmica e/ou ao distanciamento físico que, de alguma forma, configura-se como uma situação assimilada e aceita pelos jovens.

Quanto a atuações e práticas de cuidado, os autores propõem que as equipes de saúde elaborem ações tanto de educação quanto de promoção de saúde para e com os adolescentes, visto que, mesmo que de forma remota, o referido público mostrou-se adepto e disponível para os modelos complementares de cuidado. Tais modelos objetivam propiciar aos adolescentes esclarecimentos quanto a medidas sanitárias que visam a um controle da propagação do vírus, além de possibilitar espaços para desenvolvimento de um comprometimento social que prevê um cuidado do adolescente para consigo e para com o outro. Assim, os autores deste estudo concluem que a revisão realizada traz contribuições ao investigar a saúde do público adolescente em momento de pandemia.

Diante do exposto, a atuação de distintas áreas do conhecimento se torna necessária frente a esta situação de saúde pública. Assim, a Psicologia se mostra imprescindível e requerida quanto a propostas e promoções de formas para que a sociedade – e nesta pesquisa, o público adolescente – possa lidar com esta crise e com as questões que a atravessam (SCHMIDT *et al.*, 2020). Cabe ressaltar que um dos desafios para a atuação dos psicólogos resulta nas restrições de deslocamento devido às medidas de enfrentamento da covid-19, o que levou à necessidade de reformulações das intervenções destes profissionais, como os atendimentos psicológicos de forma remota (ORNELL; SCHUCH; SORDI; KESSLER, 2020). Desse modo, intervenções dessa área do conhecimento são necessárias e potentes. Tais intervenções resultam na promoção de saúde mental, redução das implicações negativas da pandemia, assim como possibilitam formas de readaptação e maneiras de lidar tanto com as perdas, bem como auxiliam as pessoas frente às mudanças resultantes pós pandemia (SCHIMIDT *et al.*, 2020).

A relevância social desta pesquisa-intervenção está relacionada à possibilidade de disponibilizar um espaço potencial de experiências subjetivas, de expressão, de comunicação e de participação ativa com adolescentes em situação pandêmica e de distanciamento físico. Além disso, proporcionar uma análise e reflexão acerca dos significados dados pelos adolescentes à adolescência em situação de pandemia da covid-19, assim como possibilitar subsídios para elaboração de políticas públicas que considerem esses significados. Como relevância acadêmica/científica, aponta-se para a importância de fazer e desenvolver pesquisas com adolescentes acerca de suas concepções sobre a adolescência durante o período

de pandemia do novo coronavírus, por meio de instrumentos de pesquisa utilizados de forma remota. Não obstante, a literatura sobre a vivência do adolescente em situação de pandemia é escassa, apontando para uma lacuna no conhecimento quanto a esta temática e demarcado a importância sobre o desenvolvimento de estudos nesta área.

A proposta desse estudo é concernente ao Grupo de Pesquisa “Epistemologia e Ciência Psicológica”, liderado pelas professoras Dra. Adélia Augusta Souto de Oliveira e Dra. Paula Orchiucci Miura (orientadora desta pesquisa). O referido grupo realiza pesquisas pautadas em teorias e metodologias da Psicologia e tem como objetivo jovens e crianças em situação de vulnerabilidade psicossocial e aspectos epistemológicos da Psicologia

A relação da presente pesquisa com estudos já desenvolvidos pela orientadora, assim como no grupo de pesquisa, decorre, principalmente, de estudos que investigam e analisam questões relacionadas ao público adolescente, sendo estes: “Crianças esquecidas em Portugal e no Brasil” (MIURA; PAIXÃO; TARDIVO, 2015); “Serviços de proteção para crianças e adolescentes: revisão integrativa” (MIURA *et al.*, 2019); “Quais os significados da adolescência para os jovens?” (MIURA *et al.*, 2017); “Gravidez na adolescência: significados para jovens” (GALDINO *et al.*, 2017); “O ambiente escolar como espaço potencial para adolescente: relato de experiência” (MIURA *et al.*, 2018); “Paternidade na adolescência e as relações familiares” (MIURA; SANTOS; LIMA, 2020) “Vivências em situação de pandemia: relato de uma experiência remota junto aos adolescentes” (MIURA; SANTOS, 2021).

A partir do enfoque no público adolescente, da discussão sobre a violência intrafamiliar e do abandono de menores de idade, o trabalho “Crianças esquecidas em Portugal e no Brasil”, Miura, Paixão e Tardivo (2015), objetivaram uma reflexão sócio-histórica e política sobre a forma como os referidos países se posicionam quanto aos direitos das crianças, adolescentes e suas famílias. Os autores enfatizaram o público – crianças e adolescentes – como sujeitos de direitos. Contudo, tal proceder só foi possível após o retorno da Democracia tanto em Portugal, quanto no Brasil. Não obstante, o país europeu propôs mecanismos legislativos mais diretos, enquanto no Brasil, distintas leis foram elaboradas para as situações de violência contra a criança e ao adolescente. Os autores concluem que, no decorrer da história, diversas leis e políticas de intervenção e prevenção estão sob estudo, elaboração e execução, possibilitando exitosos progressos, conquanto, limitações ainda ocorrem.

Na perspectiva dos serviços que atuam frente à violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, uma revisão integrativa da literatura nacional (1990-2017) foi realizada por Miura, Lima, Santos e Costa (2019). O estudo buscou investigar e analisar, com base na

literatura nacional, como as redes de proteção e/ou serviços atuam no enfrentamento da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. A pesquisa apresentou uma predominância de trabalhos advindos da área da saúde e da Psicologia, sendo a maioria da região Sudeste do Brasil. Assim, observou-se a necessidade de uma atuação multidisciplinar e a relevância de atuações de rede e/ou articulações entre os serviços, de forma tanto intersetorial quanto interinstitucional, visto esta ser uma prerrogativa posta pelo ECA.

Tendo em vista que o adolescente é um sujeito detentor de direitos e saberes, o estudo “Quais os significados da adolescência para os jovens?” (MIURA *et al.*, 2017) teve como objetivo investigar e analisar o significado da adolescência para os adolescentes. Este estudo foi realizado com 37 adolescentes (22 homens e 15 mulheres) com idades entre 12 e 18 anos, residentes de uma comunidade litorânea alagoana. Foi utilizado o Desenho-Estória Temático sobre “um adolescente em sua comunidade”. As autoras concluíram que os significados atribuídos pelos jovens à adolescência remetem à relevância das relações sociais nas vivências dos adolescentes. Além disso, os temas mais representados foram as relações exógenas, relações endógenas e o contexto social, demarcando o ambiente como um lugar de destaque nessa fase da vida.

Tais temas remetem a características da adolescência, como a busca dos jovens por novos espaços e objetos de vinculação. Por conseguinte, as autoras perceberam a importância de investimentos na comunidade, ou seja, na oferta de oportunidades em distintos âmbitos como na educação, na saúde, no trabalho, no lazer e nas artes. Para tanto, políticas públicas que propiciem aos adolescentes um espaço de encontro com suas potencialidades se torna imprescindível. Salienta-se que este estudo foi um dos trabalhos premiados na 15ª Jornada APOIAR “O procedimento de desenhos-estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso”, realizado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo com apresentação na sessão de pôsteres do trabalho, no dia 1 de dezembro de 2017.

Em relação ao uso de procedimentos clínicos nas pesquisas, o Procedimento Desenho-Estória, desenvolvido por Trinca (1972 apud TRINCA; TARDIVO, 2010), tem como objetivo compreender e explorar a dinâmica psíquica do indivíduo. Esta é uma técnica que se vale de desenhos livres, sendo estes associados a estórias (TRINCA; TARDIVO, 2010). Através do Desenho-Estória, outros procedimentos foram desenvolvidos com base neste, dentre estes o Desenho de Família com Estórias (DF-E), Desenho-Estórias de Profissionais (DF-E), Desenho-Estórias para cegos e o Desenho-Estória com Tema (DE com Tema) (TRINCA, 2013a).

O estudo “Paternidade na adolescência e as relações familiares” de Miura, Santos e Lima (2020) objetivou compreender e analisar o desenvolvimento da paternidade na adolescência, bem como as relações familiares engendradas nesse processo. Participaram desse estudo dois pais adolescentes, tendo como um dos instrumentos de pesquisa o Desenho de Família com Estórias (DF-E). O DF-E foi um procedimento desenvolvido por Trinca em 1986 que pode ser utilizado em populações diversificadas e se caracteriza pela utilização de recursos tanto gráficos quanto verbais. Desse modo, torna-se possível uma investigação de conteúdos inconscientes do sujeito. Segundo Trinca (2013a, p. 211), “[...] consiste na aplicação e na interpretação de uma série de quatro consignas determinadas: ‘desenhe uma família qualquer, desenhe uma família ideal, desenhe uma família em que alguém não está bem e desenhe a própria família [...]’”. Assim, tais desenhos foram solicitados aos adolescentes da pesquisa.

As autoras (MIURA; SANTOS; LIMA, 2020) concluíram que foi possível identificar o desenvolvimento da paternidade durante a gravidez, assim como a forma singular com a qual cada pai adolescente constituiu sua nova família. Por meio do procedimento, também se observou o envolvimento familiar no processo de gestação e como este envolvimento se configura como uma potência, demarcando sua importância para adolescentes pais neste momento da vida. Além disso, o Desenho de Família com Estórias (DF-E) possibilitou aos pais adolescentes um espaço de comunicação e expressão, valorizando a escuta da experiência da paternidade para os participantes, podendo, assim, falarem sobre suas vivências da paternidade neste momento da vida. Desse modo, as autoras enfatizam que os resultados da pesquisa podem contribuir para intervenções que considerem os elementos que atravessam a paternidade adolescente.

Quanto à utilização do Procedimento Desenho-Estória com Tema – PDE-T – (TARDIVO, 2007a; VAISBERG, 1997), caracteriza-se como sendo o procedimento utilizado de forma coletiva. O referido procedimento foi utilizado como método em dois estudos do grupo de pesquisa (MIURA *et al.*, 2017; MIURA *et al.*, 2021). No primeiro estudo, “Quais os significados da adolescência para os jovens?”, aos jovens foi solicitado: “um adolescente hoje em sua comunidade”. E no segundo estudo desenvolvido, “Quais os Significados da Gravidez na Adolescência para os Jovens sem Histórico de Gravidez?”, solicitou-se aos jovens que desenhassem: “uma adolescente grávida hoje em sua comunidade”. Seguidamente, em ambos estudos, foi solicitado que registrassem uma história concernente ao que fora desenhado e, por fim, que fosse dado um título para a unidade de produção.

No primeiro estudo, as autoras concluíram que foi possível, através do Desenho-Estória com Tema, tanto a apropriação como o compartilhamento de histórias e experiências dos jovens participantes da pesquisa. Cabe ressaltar que esse procedimento possibilitou aos participantes a reflexão sobre o tema proposto – o significado da adolescência para estes. Além disso, foi possível a constatação de distintos significados atribuídos por eles à adolescência. Com relação ao segundo estudo, as autoras concluíram que a utilização do Desenho-Estória com Tema promoveu a percepção de uma diversidade de temas sobre os significados da gravidez na adolescência para os jovens. Tais estudos podem mostrar as riquezas desses significados atribuídos pelos jovens pelos enfoques de cada estudo apresentado e, desta feita, é possível que tais trabalhos contribuam para futuras elaborações de políticas públicas que possam considerar as singularidades de cada adolescente, apresentada por meio do PDE-T.

Com foco em adolescentes, foram realizadas intervenções juntamente com os jovens no estudo de Miura e colaboradores (2018), objetivando relatar as experiências das autoras na condução de oficinas realizadas com adolescentes (idades entre 11 e 14 anos) em uma escola de Maceió-AL. Instrumentos lúdicos foram utilizados nas atividades sobre adolescência, gravidez na adolescência, abuso sexual e *bullying*. O objetivo das intervenções foi promover um ambiente pautado no acolhimento e receptividade para os jovens, além de possibilitar aos participantes a experientiação de suas vivências subjetivas e criativas. As autoras constataram o empenho dos participantes durante as atividades e as vivências foram demarcadas como prazerosas e de grande satisfação. Além disso, as intervenções promoveram uma potencializadora maneira de vivenciar o ambiente institucional e tornaram a escola um espaço potencial aos participantes.

Ainda com o enfoque de intervenções com o público adolescente, um estudo desenvolvido por Miura e Santos (2021) objetivou relatar a experiência de uma atividade desenvolvida por uma discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) com cinco grupos de adolescentes matriculados da rede particular do Sul do Brasil. A atividade proposta teve o intuito de promover a discussão sobre as vivências adolescentes em situação de pandemia da covid-19. As autoras concluíram o estudo enfatizando que foi possível a criação de um espaço de facilitação por meio de comunicação verbal e não-verbal entre os jovens. Através da avaliação dos participantes, estes caracterizaram o espaço de fala como relevante e positivo. Além disso, a criação de espaços de fala entre os adolescentes, que podem ser considerados como espaços potenciais (WINNICOTT, 1953/2019a), mostrou-se potente frente ao cenário da pandemia da covid-19.

Neste sentido, os estudos apresentados como produções do Grupo de Pesquisa “Epistemologia e Ciência Psicológica” mostram-se relacionados com o proposto por esta dissertação, além de demarcar ser um grupo com grande experiência de estudos e práticas com o público adolescente. Vale salientar que as intervenções e os estudos desenvolvidos pelo grupo mostram um aprofundamento e embasamento na teoria do psicanalista Donald Woods Winnicott. Além disso, já foram desenvolvidas pesquisas utilizando o PDE-T com o público adolescente, que se revelaram potentes quanto à sua aplicabilidade, o que dialoga com a proposta dessa pesquisa, que se vale do referido procedimento, utilizando, para tanto, o espaço remoto para a sua aplicação, em face da pandemia da covid-19. Diante disso, as pesquisas já desenvolvidas pelo referido Grupo de Pesquisa constituem uma sólida estrutura – base teórica e prática – para essa dissertação.

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender os significados das experiências em situação da pandemia da covid-19 para os adolescentes. E como objetivos específicos: investigar e analisar os significados das experiências em situação de pandemia da covid-19 para os adolescentes; identificar e analisar o perfil socioeconômico dos adolescentes.

Por fim, essa escrita está constituída em cinco capítulos. O capítulo 1 compreende a introdução, a justificativa da pesquisa, a relação do estudo com os trabalhos produzidos pelo Grupo de Pesquisa e os objetivos geral e específicos. O capítulo 2, que apresenta uma conceituação da adolescência para a compreensão e reflexão sobre esse fenômeno a partir de uma revisão da literatura sobre adolescência e covid-19. O capítulo 3 dispõe o método em seus aspectos éticos, o tipo de estudo, a coleta e a organização dos dados, bem como o procedimento Desenho-Estória com Tema e sua análise. Os resultados e discussão são desenvolvidos no capítulo 4. E o capítulo 5 traz as considerações finais sobre a pesquisa e sobre a análise dessa autora.

## 2 ADOLESCÊNCIA

Por meio da obra de Ariès (1981), “História Social da Criança e da Família”, o autor possibilita aos leitores compreender a historicidade da infância a partir da Idade Média e também auxilia na reflexão sobre a adolescência, contribuindo, assim, para este estudo. Partindo deste ponto, o referido autor aborda sobre a adolescência:

Após a infância, vem a segunda idade... chama-se pueritia e é assim chamada porque nessa idade a pessoa é ainda como a menina do olho, como diz Isidoro, e essa idade dura até os 14 anos. Depois segue-se a terceira idade, que é chamada de adolescência, que termina, segundo Constantino em seu viático, no vigésimo primeiro ano, mas, segundo Isidoro, dura até 28 anos... e pode estender-se até 30 ou 35 anos. Essa idade é chamada de adolescência porque a pessoa é bastante grande para procriar, disse Isidoro (ARIÈS, 1981, p. 26).

Assim sendo, Isidoro demarca que depois da infância existe uma segunda idade (*pueritia*), na qual o indivíduo é denominado como “menina do olho”, e esta segunda idade se estende até os 14 anos. Após esta, chega-se à terceira idade – a adolescência – e de acordo com Constantino, esta estende-se até os 21 anos de idade. Contudo, há discordância entre Constantino e Isidoro, pois, para este, ela dura até os 28, podendo ir até os 35 anos. Assim, observa-se uma discordância entre os autores. Todavia, a adolescência é definida como uma idade que demarca a capacidade de procriação do indivíduo, visto este já ser “grande” para gerar (ARIÈS, 1981). Ressalta-se que, ainda segundo Ariès (1981), a adolescência não tinha espaço na Idade Média, visto que, até o século XVIII, houve confusão entre infância e adolescência, isto é, a adolescência era confundida com a infância. Ademais, no latim não havia uma distinção entre *pueri* e *adolescens*, conhecendo-se somente a palavra *enfant* (criança). Deste modo, é notório que ainda não havia um lugar para pensar e estudar a adolescência.

Segundo Ariès (1981), apesar da criação e ampliação de um vocabulário – palavra utilizada – (“*petit enfant*” – criança pequena ou criancinha) referente à primeira infância, ainda assim, permanecia de um lado uma ambiguidade quanto à infância e à adolescência. A concepção que atualmente se tem da adolescência não existia e essa ainda demoraria a se constituir. No século XX o adolescente era constituído como um herói do referido século, sendo denominado de século da adolescência. Cabe ressaltar que tal fenômeno apareceu na Alemanha wagneriana e, posteriormente, na França, por volta do ano 1900. A partir desse momento, mudanças surgiram quanto à visão da adolescência (ARIÈS, 1981):

A “juventude”, que então era a adolescência, iria tornar-se um tema literário, e uma preocupação dos moralistas e dos políticos. Começou-se a desejar

saber seriamente o que pensava a juventude, e surgiram pesquisas sobre ela, como as de Massis ou de Henriot. A juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada (ARIÈS, 1981, p.35).

É possível observar que a juventude, que também se referia à adolescência, passaria por mudanças, pois o conceito da adolescência passou a ser campo de interesse da literatura, da política e da área acadêmica. Por meio dessa mudança de concepção quanto à adolescência, estudos sobre essa etapa da vida foram possíveis e, assim, tal etapa foi constituída como possuidora de valores, recaindo sobre essa a possibilidade de uma revitalização da sociedade (ARIÈS, 1981).

Dessa forma, a consciência sobre a adolescência foi expandida pelos países beligerantes até a América. Assim, a concepção da adolescência expandiu-se, deixando a infância para trás e seguindo para frente com a maturidade (ARIÈS, 1981). Assim, de acordo com Ariès (1981, p. 36), “passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo”.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, s.d.), a adolescência situa-se entre a infância e a idade adulta, sendo configurada como um momento único para cada indivíduo, que se estende desde os 10 até os 19 anos (BRASIL, 2010). Em âmbito nacional, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990, refere-se ao sujeito adolescente como detentor de direitos fundamentais: direito à saúde; à liberdade; à dignidade; à convivência familiar e comunitária; à educação, à cultura e ao lazer; à profissionalização; proteção no trabalho. Além disso, compreendem-se adolescente indivíduos com idades entre 12 e 18 anos incompletos (BRASIL, 1990).

Partindo do pressuposto de que a adolescência é considerada tanto por instância mundial (OMS) como também por instância nacional (ECA), é possível constatar o movimento que houve desde séculos passados, no qual a adolescência era confundida com a infância (ARIÈS, 1981). Todavia, com o passar dos anos, modificações ocorreram e esse conceito foi expandido, tornando-se objeto de interesse, de estudo e de reflexão. Assim, os estudos desenvolvidos sobre esta etapa da vida mostraram-se pertinentes para o reconhecimento e para assegurar os direitos e deveres cabíveis ao indivíduo adolescente.

Ao aprofundar-se em estudos desenvolvidos sobre a adolescência, cabe discorrer sobre teóricos renomados da área da Psicologia, da Medicina e da Psicanálise, como Erick Erickson, Arminda Aberastury, Maurício Knobel e Donald Winnicott. Erik Homburger Erikson (1902-1994), psicólogo desenvolvimentista americano e psicanalista reconhecido por sua teoria

quanto ao desenvolvimento psicossocial dos seres humanos (AZEVEDO, 2016). Em sua obra “Identidade: juventude e crise”, afirma que

[...] a pessoa jovem, a fim de sentir a globalidade, deve experimentar uma continuidade progressiva entre aquilo que foi durante os longos anos de infância e aquilo em que promete converter-se, no futuro previsto; entre aquilo que ela concebe ser e aquilo que ela percebe os outros verem nela e esperarem dela (ERIKSON, 1976, p. 86).

Para pensar na adolescência, é preciso ter a ideia de continuidade entre a fase anterior – infância – e aquilo que virá a ser em um futuro, sem desconsiderar a interação e participação dos demais que circundam o adolescente e que implicam na visão que tem sobre ele (adolescente) e sobre o que aguardam dele. O autor aborda que esta fase da vida se configura também pela somatória das identificações do indivíduo desde o início da vida. A identidade remete a um produto único que passa por uma crise que, para ser resolvida, implica em novas identificações por parte do adolescente, tanto nas relações com outros indivíduos com idades semelhantes, quanto pelas figuras fora do âmbito familiar. Deste modo, a crise de identidade no adolescente resultará em desequilíbrio, instabilidade e desestruturação (ERIKSON, 1976).

Os adolescentes, por direito, devem se tornar indivíduos inteiros em uma fase do desenvolvimento, sendo essa caracterizada por inúmeras mudanças físicas, além do amadurecimento genital e de uma construção quanto à consciência social. Desta forma, Erickson aborda a adolescência como uma passagem crucial de transformação do adolescente em um indivíduo adulto maduro e produtivo. É uma fase atravessada por questionamentos, reivindicações, mudanças de humor, afastamento dos pais e relação com os pares – indivíduos com idades semelhantes aos adolescentes (ERIKSON, 1976).

Os estudos sobre a adolescência em um âmbito sul-americano têm como expoente a Arminda Aberastury (1910-1972), psicanalista argentina e analista pela Associação Psicanalítica Argentina (APA) em 1953. Arminda desenvolveu e foi responsável pela disciplina de Psicologia da Criança e do Adolescente na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (INSTITUTO FERA, 2017). Com base em seus estudos, o texto “O adolescente e o mundo atual” (1981a) aborda questões relevantes que serão discutidas a seguir. Ressalta-se que o texto supracitado constitui um capítulo do livro “Adolescência normal: um enfoque psicanalítico”, obra produzida pela autora em parceria com Maurício Knobel.

A autora (ABERASTURY, 1970/1981a) enfatiza que, a partir do início do século, a adolescência se tornou material de estudos consecutivos que mostraram um avanço, desde a pensar a adolescência somente como desenvolvimento da genitalidade, até o ponto da

efetivação de estudos que consideravam o adolescente como constituinte de valor no mundo adulto. Destarte, áreas do conhecimento como Psicologia e Psicanálise debruçaram-se sobre a adolescência, objetivando descrever o significado proveniente dessa crise de crescimento físico, indissociável de sofrimentos, confusões e contradições. À vista disso, a Psicologia Social e a Sociologia demarcaram luz sobre esse fenômeno – adolescência – assim como possibilitaram o vislumbre de soluções para alguns dos problemas pertinentes à adolescência, tais como: o crescimento adolescente e os seus impactos no mundo adulto, os empecilhos e as implicações do crescimento do jovem. Dessa maneira, é possível averiguar a complexidade que envolve a fase da adolescência.

Sobre a postura do adolescente nesse momento da vida, Aberastury (1970/1981a) enfatiza que o adolescente exerce uma postura crítica ao mundo externo, buscando se afastar de identificação com adultos que rejeita e, assim, escolhe um ideal. Cabe frisar que o mundo interno do adolescente, que foi sendo constituído desde a infância por meio de questões dos genitores e/ou responsáveis, educadores, ou figuras substitutas, servirão de ponte para que o adolescente possa, mais uma vez, conectar-se ao mundo externo, que se apresenta como algo novo, visto que agora ocupa um distinto e recente status, ou seja, o status de adolescente. Desse modo, a autora aponta:

O luto pela infância e pelos pais da infância mistura o ego e o mundo exterior. "Não sou uma criança, eu mesmo perdi a minha condição de criança; meus pais são os pais de um adulto e eu tenho que me comportar como tal, como o meu corpo, a minha mente e a sociedade me exigem". É por isso que outro dos problemas centrais do adolescente é a busca de sua identidade (ABERASTURY, 1970/1981a, p. 90).

Em meio ao luto pela infância e pelos pais da infância, outras questões atravessam o adolescente, como a exigência de uma nova postura quanto ao novo lugar na sociedade, as transformações provenientes da puberdade, assim como a sua busca pela sua identidade. Em meio a tantos atravessamentos, o jovem vê-se envolto em questionamentos, incertezas e inseguranças frente ao novo status que vivencia e que demanda deste um trabalho psíquico (ABERASTURY, 1970/1981a).

Aberastury trata questões relevantes sobre a constituição da adolescência no texto intitulado como “O adolescente e a liberdade” (1970/1981b). A autora demarca as mudanças psicossociais decorrentes da adolescência, e afirma que “toda a adolescência tem, além da característica individual, as características do meio cultural, social e histórico desde o qual se manifesta e o mundo em que vivemos nos exige mais do que nunca a busca do exercício da liberdade sem recorrer à violência para restringi-la” (ABERASTURY, 1970/1981b, p. 22). E assim, cada adolescência se mostra única e com atravessamentos singulares. Desse modo, o

adolescente precisa de liberdade e segurança de normas e estatutos para assessorá-lo frente às suas demandas, a fim de reformulá-las quando necessário, evitando, assim, conflitos consigo mesmo e com a sociedade (ABERASTURY, 1970/1981b).

Segundo Aberastury (1970/1981b), para o adolescente, adentrar o mundo adulto configura-se como algo ambivalente, pois demarca algo desejado e ao mesmo tempo temível, pois aponta para a perda de sua condição infantil. Assim, a adolescência é um momento crítico na vida de um indivíduo, visto que se constitui como uma etapa do desenvolvimento que se caracteriza pelo processo de desprendimento que se iniciou com o nascimento do indivíduo. Além disso:

As mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. Quando o adolescente se inclui no mundo com este corpo já maduro, a imagem que tem do seu corpo mudou também sua identidade, e precisa então adquirir uma ideologia que lhe permita sua adaptação ao mundo e/ou sua ação sobre ele para mudá-lo (ABERASTURY, 1970/1981b, p. 13).

Diante do exposto, as mudanças corporais se relacionam com as mudanças psicológicas, que implicam ao jovem uma mudança de relação com o mundo, ou seja, com seus pais e com os que lhe rodeiam. Todavia, para que esta nova relação seja possível, faz-se necessário um processo de elaboração de seus lutos infantis. Posteriormente a essa elaboração dos lutos, pode ser possível ao adolescente uma visão madura do corpo em que habita, assim como da concepção de sua identidade. A autora complementa abordando que a problemática do adolescente se inicia com as mudanças físicas e segue com as mudanças psicossociais. Agora necessita-se renunciar ao papel de criança, assim como o tratamento recebido na infância, pois se não houverem tais renúncias, estas podem implicar em justificativas para ser zombado e desvalorizado frente à sociedade (ABERASTURY, 1970/1981b).

Além dos elementos característicos da adolescência que já foram citados, esta fase do desenvolvimento demarca uma flutuação entre uma dependência e uma independência extrema. Todavia, é o tempo que propiciará ao jovem uma maturidade, que resultará neste uma aceitação da sua independência dentro de uma dependência que se mostra como necessária. Só quando o adolescente é capaz de aceitar, simultaneamente, seus aspectos de criança e de adulto é que pode começar a aceitar em forma flutuante as mudanças do seu corpo, o que leva a surgir a sua nova identidade (ABERASTURY, 1970/1981b, p. 14). Desta forma, até a conquista da identidade, esse período é composto por ambivalências,

contradições, dores e fricções tanto com o meio familiar como com o social e, por isso, pode ser identificado com crises e estados de quadros patológicos (ABERASTURY, 1970/1981b).

Tratando um pouco mais das relações familiares, o adolescente tende a apresentar diferentes personagens diante do mundo externo e, às vezes, diante dos próprios pais. Tais personagens podem ser bem distintos, o que aponta para versões contraditórias na maturidade do jovem. Além disso, esta mudança de personagem pode ocorrer em um mesmo dia, pontuando uma multiplicidade de identificações, pois ocorre uma combinação e instabilidade de vários papéis e identidades. Além do adolescente padecer neste processo, os pais também apresentam dificuldades para aceitar e lidar com o crescimento do filho, como a rejeição às figuras parentais. Aos pais também se exige o luto pelo filho infantil (corpo, identidade e dependência). Os pais recebem julgamentos por parte dos filhos, além da rebeldia e o enfrentamento, que decorrem da desidealização das figuras parentais e/ou responsáveis. Tais questões mostram-se mais sofridas se o adulto não tem noção de seus problemas frente ao jovem. Caso a postura do adulto seja marcada por ressentimento e autoritarismo, pode tornar este processo mais complicado. Sendo assim, o diálogo se mostra elementar, contudo, se este não foi firmado anteriormente, uma compreensão entre as figuras parentais e os filhos será mais difícil (ABERASTURY, 1970/1981b).

Sobre a questão da maturidade, só é possível adentrar no mundo adulto quando a maturidade biológica caminha em consonância com a maturidade psicológica, pois assim o adolescente disporá de recursos, valores e de uma ideologia que o possibilitará agir criticamente e construtivamente diante das diversas situações a que lhe sobrevir. É proveniente da maturidade a capacidade do adolescente planejar sua vida, poder adaptar-se às exigências externas e aos seus desejos sem deixar de lado valores éticos, afetivos e intelectuais, e assim podem nascer novas ideais, bem como a capacidade de lutar por seus ideais (ABERASTURY, 1970/1981b).

Mauricio Knobel (1922-2008), natural da Argentina com nacionalidade brasileira, formou-se em Medicina. Foi conhecedor da Psicologia e membro da Sociedade Psicanalítica da Argentina. Foi parceiro de Arminda Aberastury no desenvolvimento da Psicanálise Infantil e da Adolescência e juntos publicam a obra “Adolescência Normal – Um enfoque psicanalítico” (1970/1981). Em um capítulo específico desta obra, intitulado “A síndrome da adolescência normal”, Knobel caracteriza este período da vida como um período normal, todavia, atravessado por inúmeros conflitos e, desse modo, denomina como “síndrome normal da adolescência” – título do capítulo supracitado. Faz-se cabível pontuar essa “contradição” da proposta do autor (síndrome = transtorno, conquanto, normal), e tal demarcação foi

proposital, visto que os transtornos foram considerados normais nesta fase da vida, entretanto, na fase adulta poderiam ser considerados patológicos (VIZZOTTO, 2008).

Knobel (1970/1981) aborda a adolescência como o caminhar até o mundo adulto, sendo um momento do desenvolvimento, todavia, com características específicas. Nesse sentido, estudar as questões tanto de caráter geográfico e temporal, quanto histórico-social é importante.

O adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas. O que configura uma entidade semipatológica, que denominei "síndrome normal de adolescência", que é perturbada e perturbadora para o mundo adulto, mas necessária, absolutamente necessária, para o adolescente, que neste processo vai estabelecer a sua identidade, sendo este um objetivo fundamental deste momento da vida (KNOBEL, 1970/1981, p. 9).

Observa-se que as peculiaridades do adolescente – instabilidade e desequilíbrios – fazem alusão a um quadro patológico. Para o adulto, estas características do jovem aparecem como conflitivas e perturbadoras, não obstante, configuram-se essenciais e necessárias para que o adolescente possa desenvolver a sua identidade e, como bem demarcado pelo autor, a adolescência objetiva a constituição da identidade do indivíduo nesta etapa da vida (KNOBEL, 1970/1981).

O adolescente necessita se preparar para adentrar no mundo adulto. Desse modo, é importante que o jovem se desvencilhe de suas características do mundo infantil, que anteriormente eram satisfatórias, pois possibilitavam conforto, estabilidade e dependência de suas necessidades (desde as básicas), sendo estas supridas pelas figuras parentais ou por aqueles que desempenhavam esta função (KNOBEL, 1970/1981).

Maurício Knobel (1970/1981) parte das ideias defendidas por Arminda Aberastury (1970/1981a; 1970/1981b) sobre os três lutos indispensáveis para o adolescente, sendo estes: 1) luto pelo corpo infantil; 2) luto pelo papel e identidade infantil; e 3) luto pelos pais da infância. Quanto ao primeiro – luto pelo corpo infantil –, este advém de base biológica, ou seja, proveniente das transformações da puberdade que se impõem ao adolescente, o qual, muitas das vezes, sente-se estranho e um espectador dessas mudanças que podem proporcionar a ele um sentimento de impotência diante do próprio corpo que está a se modificar. Sobre o segundo – luto do papel e identidade infantil –, refere-se à exigência para que o adolescente abdique da dependência das figuras parentais e/ou responsáveis e aceite a responsabilidade, conquanto, às vezes esta responsabilidade é desconhecida para o jovem. Referente ao terceiro – luto pelos pais da infância –, configura-se uma difícil tarefa, pois, de forma persistente, busca permanecer na personalidade do adolescente, e tal situação se mostra mais complicada quando, para os pais, é difícil se deparar com o fato do filho não ser mais uma criança, de que

está a caminho da adultez e, ainda, que o crescimento da prole aponta para o envelhecimento dos pais.

Knobel (1970/1981) aponta também para o luto da bissexualidade infantil, agora perdida, que se acresce aos três lutos já descritos. “Estes lutos, verdadeiras perdas de personalidade, vão acompanhados por todo o complexo psicodinâmico do luto normal e em ocasiões, transitória e fugazmente, adquirem as características do luto patológico” (KNOBEL, 1970/1981, p. 10). Assim, estes lutos se configuram como esperados e requeridos ao adolescente, sendo esses tidos como normal e, em algumas ocasiões, podem surgir um luto de cunho patológico.

Knobel (1970/1981) apresenta uma síntese das características sintomatológicas da síndrome da adolescência:

1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do auto-erotismo até a heterossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo (KNOBEL, 1970/1981, p. 29).

A primeira característica, a “busca de si mesmo e da identidade” (1), diz respeito à noção de indivíduo que vai se constituindo por movimentos dinâmicos, os quais envolvem dissociação, introjeção e projeção, e possibilitam o conhecimento tanto do *self*, quanto do mundo exterior. Em decorrência das mudanças do indivíduo, o autoconceito vai se estabelecendo, bem como devido às interações com as pessoas, com os grupos e com as instituições. Desse modo, o indivíduo vai assimilando valores. Considerando tais questões, de forma concomitante, o adolescente vai estabelecendo um sentimento de identidade, ou seja, uma vivência de autoconhecimento. Na busca de sua identidade, o jovem recorre a situações de identificação que lhes sejam favoráveis – uniformidade – como uma identificação em massa. Assim sendo, à medida que o adolescente elabora e aceita os aspectos da sua infância e de adulto, torna-se possível o surgimento de uma nova identidade.

Sobre a “tendência grupal” (2), Knobel (1970/1981) aponta para o fenômeno da “uniformidade”, que se configura por um comportamento de defesa do adolescente, que lhe outorga segurança e satisfação pessoal. Assim, a tendência grupal mostra uma importância excepcional para o jovem, pois a dependência que anteriormente era direcionada aos pais é passada para os pares. Nos momentos iniciais da adolescência, os grupos são formados por

colegas de sexo semelhante, contudo, com o processo de amadurecimento e definindo sua condição sexual, podem se sentir mais livres para uma aproximação com jovens do sexo oposto. Desse modo, a dependência do grupo exerce uma enorme força para o adolescente, que precisa estar em conformidade com os valores do grupo. Nesse espaço, o adolescente encontra subsídios necessários para os aspectos mutáveis do ego. Dessa forma, o grupo possibilita ao adolescente uma transição que o auxiliará na sua individualização na vida adulta.

A “necessidade de intelectualizar e fantasiar” (3) é um mecanismo defensivo, pois diante da realidade que lhe interpela e demarca as suas perdas, que lhe convocam para os lutos, o adolescente é levado a recorrer ao pensamento. “As elocubrações das fantasias conscientes — refiro-me ao fantasiar — e o intelectualizar servem como mecanismos defensivos frente a estas situações de perda tão dolorosas” (KNOBEL, 1970/1981, p. 39). Quanto às “crises religiosas” (4), o adolescente pode ocupar uma posição de ateu ou de místico, vivenciando, assim, uma possibilidade de posicionamentos distintos e extremos, mostrando a flutuação de seu mundo interno. Nessa situação de divindade, de misticismo e de ideologia, o adolescente se questiona, interroga-se, duvida, para que depois possa construir algo, ou seja, uma resposta que seja aceitável para ele. Para Knobel (1970/1981, p. 41) “[...] é preciso que o indivíduo passe por algumas idealizações persecutórias, que as abandone por objetos idealizados egossintônicos, para depois sofrer um processo de desidealização que possibilite construir novas e verdadeiras ideologias de vida”.

Sobre a “deslocalização temporal” (5), é possível afirmar que o adolescente viva diante de uma deslocalização temporal. Assim, grandes são as suas urgências e, muitas vezes, suas postergações não fazem sentido. Tais ações deixam os pais aflitos, como quando o adolescente afirma ter tempo para realizar uma tarefa que só será para o dia seguinte ou uma adolescente se queixando de sua necessidade imediata de ter um sapato para a formatura, todavia, ainda faltam meses para o evento. Knobel (1970/1981) enfatiza que é de extrema importância conceituar e vivenciar o tempo com nexos e, para isso, a integração à identidade mostra-se como relevante. Dessa forma, na busca pela constituição da identidade adulta, o adolescente necessita estar vinculado à sua capacidade de conceituar-se no tempo.

Referente à “evolução sexual desde o autoerotismo até a heterossexualidade” (6), demarca-se pela oscilação entre as práticas masturbatórias e pelo início do exercício genital. A masturbação se caracteriza pela exploração, descarga de tensão e preparação, pois a utilização da genitalidade para a procriação decorrerá da posse de um papel paterno e este surge próximo à adultez. À medida que o adolescente se sente mais seguro, é possível um

contato com um outro, podendo ser possível uma evolução proveniente da maturidade, como um amor maduro. Sobre a “Atitude social reivindicatória” (7), o adolescente apresenta uma força reestruturadora e busca modificar a sociedade que, de outro lado, vivencia modificações intensas. Ademais, grande número das oposições vivenciadas com sua família são projetadas para o social, colocando no meio social suas raivas e condutas destrutivas. O adolescente pode sentir que não está mudando e que são os pais e a sociedade que se negam a ter com ele uma atitude provedora e protetora. Esta é a base da atitude social reivindicatória, “o adolescente sente que não é ele quem muda, quem abandona o seu corpo e o seu papel infantil, mas que são os seus pais e a sociedade os que se negam a seguir funcionando como pais infantis que têm com ele atitudes de cuidado e proteção ilimitados” (KNOBEL, 1970/1981, p. 55). E assim ocorre a atitude social reivindicatória.

Quanto às “Contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta” (8), a conduta do adolescente é demarcada pela ação, ou seja, é pela ação que se expressa, e até seus pensamentos demandam uma ação para que possam ser controlados. O jovem demonstra alterações em sua personalidade e identidade ocasionais, que são transitórias, mas o mundo adulto exige que o adolescente constitua uma identidade adulta. Todavia, está ainda não lhe é possível. “Estas contradições, com a variada utilização de defesas, facilitam a elaboração dos lutos típicos deste período da vida e caracterizam a identidade adolescente (KNOBEL, 1970/1981, p. 56).

Referente à “Separação progressiva dos pais” (9), esta demarca uma atividade básica das características do adolescente. Entretanto, para alguns pais, é difícil aceitar as mudanças biológicas do filho, assim como suas mudanças psicossociais. Dispor de internalização de imagens amorosas dos pais possibilita ao adolescente um afastamento saudável, como a conquista da maturidade. E sobre “Constantes flutuações do humor e do estado de ânimo” (10), considerando que a depressão e o luto são fenômenos que fazem parte da adolescência, sentimentos como depressão e ansiedade acompanharão o adolescente. Ressalta-se que a qualidade da elaboração dos lutos desta fase pode implicar em uma prevalência ou diminuição desses sentimentos apresentados. As modificações de humor são esperadas na fase da adolescência e se torna necessário que essas sejam entendidas quanto ao processo de luto que os adolescentes vivenciam.

Diante do exposto, foi possível observar como Knobel (1970/1981) sistematiza as dez sintomatologias da síndrome normal da adolescência. O autor ainda reitera a importância do mundo adulto em compreender esta fase, assim como possibilitar meios para que o jovem possa se desenvolver de forma saudável, usufruindo de sua identidade para a constituição de

uma identidade sadia. Quando tais condições não são oferecidas aos adolescentes, os adultos continuarão a projetar “[...] no adolescente, as ansiedades e a patologia do adulto e se produzirá esse colapso ou crise de confronto de gerações, que dificulta o processo evolutivo e não permite o gozo real da personalidade” (KNOBEL, 1970/1981, p. 59).

Após apresentar o conceito da adolescência para teóricos renomados da área da Psicologia e Psicanálise – Erick Erikson, Arminda Aberastury e Maurício Knobel –, é necessário adentrar um pouco na perspectiva da adolescência pelo viés psicanalítico de Winnicott. Desse modo, cabe brevemente discorrer sobre a trajetória desse autor que foi escolhido como base para o aporte teórico da presente pesquisa de mestrado, assim como para interpretação dos dados coletados.

Donald Woods Winnicott (1896–1971) nasceu na Grã-Bretanha e foi pediatra e psicanalista (TEINWURZ, s.d.). Segundo Dias (2002), Winnicott graduou-se em Medicina em 1920 e tinha em vista que o diagnóstico de crianças não poderia ser realizado desconsiderando elementos psicológicos. Essa questão foi intensificada por ele ao estudar a psicanálise de Freud. Em 1923, tornou-se médico assistente no *Paddington Green Children's Hospital*, em Londres, atuando na referida instituição por 40 anos. Ressalta-se que, aos poucos, a pediatria propiciou espaço à psiquiatria infantil psicanalítica. Winnicott se propôs a investigar a vida inicial do bebê e teóricos como Freud e Klein foram imprescindíveis nos seus estudos, mesmo considerando que, ao longo do tempo, Winnicott se afastou destes e trilhou seus próprios percursos.

Sobre o contexto social, político e cultural de emergência do referido teórico, no final da década de 1930, Winnicott recebeu influências de sua experiência na Segunda Guerra Mundial, visto que atuou como consultor do Plano de Evacuação Governamental em uma determinada área de recepção na Inglaterra. Nesse campo de atuação, Winnicott se deparou com a dissolução de lares devido à desintegração em grande número da instituição familiar. Tais efeitos da desintegração tiveram consequências no desenvolvimento de crianças e adolescentes diante de suas perdas (DIAS, 2002).

Referente à concepção de sujeito/objeto/realidade (dimensão ontológica), a psicanálise Winnicottiana possui uma ontologia focada na vitalidade, configurando-se como uma pré-condição que existe no biológico para o desenvolvimento, ou seja, o indivíduo tem uma pré-condição inata ao desenvolvimento. Quanto a este impulso vital, seria o gesto espontâneo. Cabe ressaltar que todos têm potencialidades de desenvolvimento. O ambiente, o cuidado e o suporte vão possibilitar (ou não) que essa potencialidade floresça. Quando essas potencialidades recebem uma provisão ambiental suficientemente boa, permitem que o

indivíduo se desenvolva de maneira satisfatória –desenvolvimento esse que deve acontecer durante toda a vida.

Assim, para Winnicott, ser é algo ao qual o indivíduo deve chegar; e se o ser consegue se realizar, acontecer, então é possível discutir qualquer questão sobre ele (SANTOS, 2009). Segundo Araújo (2007), Winnicott apresenta uma perspectiva integral do desenvolvimento ao abordar a relação entre aspectos orgânicos, físicos e os aspectos psicológicos. Destarte, para o referido autor, a constituição subjetiva está indissociável do ambiente, sendo imprescindível considerar tanto o contexto relacional como o social nos quais o indivíduo está inserido e que, por consequência, nestes se desenvolve (ARAÚJO, 2007).

Diante desses pontos pertinentes para compreender as concepções de Winnicott quanto à sua teoria do desenvolvimento humano, torna-se possível discorrer e aprofundar sobre o conceito da adolescência. Através do texto “Adolescência: Transpondo as Zonas de Calmarias” (WINNICOTT, 1965/2011a), é possível abordar questões imprescindíveis para o estudo da adolescência. No referido escrito, o autor enfatiza o interesse mundial sobre a adolescência, assim como os entraves que este momento da vida implica. Winnicott aborda que esta é uma fase do desenvolvimento que inevitavelmente carece ser vivida pelo menino e pela menina. Assim, está é uma fase de descoberta individual, em que “cada indivíduo se vê engajado numa experiência viva, num problema de existir” (WINNICOTT, 1965/2011a, p. 115).

Para a adolescência existe uma cura, todavia, esta não se mostra interessante para o jovem, pois a cura é proveniente do passar do tempo, ou seja, decorre do processo de amadurecimento, que ao fim conduz o indivíduo à adultez. Não obstante, mostra-se essencial que este processo de amadurecimento não seja atrasado ou adiantado, pois pode contribuir para transtornos psíquicos. Não obstante, um ponto relevante recai sobre o fato de a adolescência ser visualizada como um empecilho para a sociedade, todavia, o adolescente se encontra envolto em um “problema de existir”, conquanto, ao fim deste processo integrará a sociedade como um adulto, porém, este fato parece não ser considerado (WINNICOTT, 1965/2011a).

A adolescência está atravessada pela puberdade e pelas transformações que esta demanda ao indivíduo. Nesse sentido, Winnicott (1953/2019a) reforça que a adolescência está para além da puberdade – contudo, não a desvaloriza. Segundo ele,

o principal é que a adolescência é mais do que a puberdade física, embora se baseie sobretudo nesta. A adolescência implica crescimento, e esse crescimento leva tempo. E, enquanto o crescimento se encontra em

progresso, a responsabilidade tem de ser assumida pelas figuras parentais (WINNICOTT, 1953/2019a, p. 237).

Assim, para Winnicott (1953/2019a), a adolescência é concebida para além das mudanças físicas que decorrem da puberdade. Contudo, aponta para a relevância da puberdade, pois esta é a base da adolescência. A adolescência está caracterizada pelo tempo, ou seja, esse processo demanda tempo e visa o crescimento e a maturidade. Nesse percorrer até à maturidade, a presença de responsabilidade das figuras parentais é reclamada, o que enfatiza a importância dos pais e/ou responsáveis quanto a assumirem uma postura tanto de responsabilidade quanto de referência para o indivíduo em crescimento.

Segundo Winnicott (1965/2011a), na área da Psicologia existe um certo consenso referente à adolescência demarcar o desenvolvimento emocional do indivíduo. As questões provenientes da puberdade são importantes elementos a serem elaborados pelo menino e pela menina neste período do desenvolvimento. O autor sublinha que, na adolescência, os estágios além de serem revividos, tendem a ser acrescidos, para que assim o indivíduo alcance à maturidade. Dessa feita, o adolescente carrega características e experiências da infância, “[...] fixações a modalidades pré-genitais de experiências instintiva e resíduos da dependência e implacabilidade infantis; [...] restam todos os tipos de padrões doentios associados a falhas de amadurecimento em nível edípico ou pré-edípico” (WINNICOTT, 1965/2011a, p. 117).

Desse modo, para Winnicott (1965/2011a), o indivíduo chega à puberdade munido de certos padrões determinados na infância e muitas coisas permanecem a nível inconsciente, pois ainda não foram vivenciadas. Assim, mostra-se a complexidade dessa fase, pois carece um trabalho de ressignificação de elementos advindos de estágios anteriores do desenvolvimento que se relacionam com questões da puberdade, como o novo poder que recai sobre o jovem – de procriar e de destruir. Tais elementos caracterizam potências que permaneciam no caráter da fantasia, contudo, nessa fase do desenvolvimento podem se tornar reais, como o poder de destruir e matar, a possibilidade de ter um(a) filho(a), de usar entorpecentes. Há possibilidade de escolhas na vida, todavia precisa bancá-las.

Ao refletir sobre a adolescência, existe uma certa tendência em relacioná-la à imaturidade e, para Winnicott (1953/2019a), o adolescente configura-se como um indivíduo imaturo. Por essa via, ele complementa que “a imaturidade é um elemento essencial da saúde na adolescência. Há apenas uma cura para a imaturidade: a *passagem do tempo* e o crescimento na maturidade trazido pelo tempo” (WINNICOTT, 1953/2019a, p. 232, grifos do autor). Desta feita, a imaturidade não se figura como um impasse ou problema, todavia,

representa um sinal de saúde para o adolescente e um elemento precioso deste. Winnicott expõe:

A imaturidade é uma parte preciosa da cena adolescente. Nela estão contidas as características mais empolgantes do pensamento criativo, sentimentos novos e frescos, ideias para uma nova vida. A sociedade precisa ser abalada pelas aspirações daqueles que não são responsáveis. Se os adultos abdicarem da responsabilidade, o adolescente se torna adulto por meio de um processo prematuro e falso. Um conselho para a sociedade poderia ser: pelo bem dos adolescentes e de sua maturidade, não permita que eles alcancem uma falsa maturidade, atribuindo-lhes uma responsabilidade que ainda não é deles, mesmo que lutem por ela” (WINNICOTT, 1953/2019a, p. 233).

Assim, a imaturidade possibilita ao adolescente um viver criativo e espontâneo. Sem embargo, o autor é enfático em seu conselho para a sociedade e, além disso, a figura de pais e/ou responsáveis são requeridas neste processo, pois estes necessitam exercer sua autoridade e responsabilidade, além de oferecer referências para que o adolescente possa vivenciar a adolescência e testar o ambiente, não sendo privado da liberdade de ter comportamentos orquestrados pelo impulso. Entretanto, se as figuras parentais renegam a postura de autoridade e responsabilidade, os adolescentes podem desenvolver uma falsa maturidade, que significa serem convocados a assumir papéis e posturas que ainda não dispõem de aparatos para administrar certas situações devido a uma falha ambiental (WINNICOTT, 1953/2019a).

Segundo Winnicott (1965/2011a), o ambiente se configura como um elemento imprescindível para o desenvolvimento saudável ou não do adolescente. O ambiente atravessa outros pontos elementares (rebeldia, dependência regressiva, formação dos grupos, experiências sexuais, necessidades do adolescente) desta etapa do desenvolvimento humano – tais pontos serão descritos nos parágrafos seguintes. Sobre a importância do ambiente, Winnicott aborda que

o ambiente desempenha, neste estágio, papel de imensa importância, a ponto de ser mais adequado, num relato descritivo, supor a continuidade da existência e do interesse do pai, da mãe, da família pelo adolescente. Muitas das dificuldades por que passam os adolescentes, e que muitas vezes requerem a intervenção de um profissional, derivam de más condições ambientais (WINNICOTT, 1965/2011a, p. 117).

Desta forma, o ambiente também se configura como um elemento importante na formação do adolescente, visto que é imprescindível que a família continue demonstrando interesse pelo adolescente e ofereça suporte. Salienta-se que muitas das situações de dificuldades que atravessam os adolescentes, em grande parte, são decorrentes do ambiente, ou seja, de suas más condições. Desse modo, muitas vezes as intervenções de profissionais são requeridas (WINNICOTT, 1965/2011a).

Para Winnicott (1965/2011a), o adolescente apresenta instabilidades emocionais que são características dessa fase do desenvolvimento, ou seja, em certos momentos se mostra infantil, imaturo, e em outros instantes, mostra-se rebelde e busca independência para estabelecer sua identidade. Assim, uma outra característica do adolescente refere-se à rebeldia e à dependência, aspectos estes que parecem dicotômicos, mas que se relacionam, pois nessa fase da vida é possível que haja uma alternância de forma muito rápida entre estes dois aspectos. Dito isso, é plausível que um adolescente demonstre comportamentos rebeldes e seguidamente comportamentos de uma dependência regressiva.

Pensando na rebeldia, o adolescente ultrapassa o “círculo” que lhe garante segurança e proteção. Não obstante, para sair deste “círculo” confiável, o jovem busca outro espaço que lhe seja atrativo, vantajoso. O adolescente tem a necessidade de rebelar-se, de buscar a independência, de ser livre. Contudo, ainda assim, tem a necessidade de se tornar dependente. Ou seja, ao mesmo tempo em que o jovem busca essa liberdade, precisa de um suporte familiar, uma segurança nesse ambiente para que possa rebelar-se e ter para onde voltar quando precisar ser acolhido. Salienta-se que esse retorno do adolescente (dependência regressiva) demarca uma confiança por parte do jovem no ambiente familiar (WINNICOTT, 1965/2011a).

Para retomar o ponto sobre as instabilidades emocionais do adolescente, Winnicott (1965/2011a, p. 123) expõe que “os adolescentes não sabem no que se tornarão. Não sabem onde estão, e estão a esperar. Tudo está em suspenso; isso acarreta o sentimento de irrealidade e a necessidade de tomar atitudes que lhes pareçam reais, e que de fato o são, na medida que afetam a sociedade”. Diante disso, por estarem em “suspenso”, ou seja, o adolescente não sabe o que vai ocorrer em sua vida, não sabe no que se tornará, as instabilidades de sentimentos podem ser compreensíveis, visto que, diante dessa suspensão, eles carecem tomar atitudes que os validem e possam se demonstrar como reais. Assim, certos comportamentos de rebeldia e ataques à sociedade ou à família podem ocorrer. E para que seja possível estes comportamentos, o ambiente precisa oportunizar requisitos como segurança e liberdade (WINNICOTT, 1965/2011a).

Como já foi abordado nesse texto, Winnicott aponta que só há uma cura para a adolescência, e essa se refere à passagem do tempo, e tal fato pouco interessa ao adolescente (WINNICOTT, 1965/2011a). O referido autor aborda que os adolescentes “buscam curas imediatas, mas, ao mesmo tempo, rejeitam todas as curas que encontram, pois acabam enxergando nas mesmas um elemento falso” (WINNICOTT, 1984/2016, p. 122). Além disso, uma das necessidades do adolescente apontadas por Winnicott refere-se à necessidade de

evitar falsas soluções como conselhos e lições de moral. Desse modo, o adolescente busca resoluções instantâneas, não obstante, a única cura possível é a superação dessa fase do desenvolvimento, que se consolida com o passar do tempo (e de cuidados ambientais satisfatórios). Assim, o adolescente busca por respostas rápidas e apresenta a necessidade de evitar falsas soluções que lhes são propostas (WINNICOTT, 1965/2011a).

As outras necessidades do adolescente dizem respeito à necessidade de sentir-se real ou de tolerar a absoluta falta de sentimento, à necessidade de ser rebelde em um ambiente confiável, ou seja, que acolha essa dependência e à necessidade de aguilhoar repetidamente a sociedade. Não obstante, o adolescente carece de um ambiente em que possa confiar, sendo esse estável e seguro e que, além disso, possa reconhecer as suas demandas. Pontuando a relevância que o ambiente desenvolve para o adolescente, cabe ressaltar que ao falar de ambiente, este não se restringe ao ambiente físico, estendendo-se ao ambiente mãe, pai, escolar, entre outros (WINNICOTT, 1965/2011a).

Por conseguinte, mesmo considerando que o adolescente busca conhecer e explorar situações, para Winnicott (1965/2011a), o jovem constitui-se como um ser isolado e a sua relação com os demais parte desse isolamento. Conquanto, essa solidão objetiva um encontro do adolescente consigo mesmo. Winnicott evidencia que “essa preservação do isolamento é parte da procura de uma identidade e para o estabelecimento de uma técnica pessoal de comunicação que não leva à violação do *self* central” (WINNICOTT, 1965/2011a, p. 173, grifos do autor).

A constituição e o pertencer a grupos são pontos fundamentais para compreender a adolescência e, para Winnicott (1965/2011a), o grupo se configura não como um grupo com identidade bem delineada, mas a um aglomerado. Desse modo, “os grupos de adolescentes jovens são ajuntamentos de indivíduos isolados que procuram formar um agregado por meio de identidade de gostos” (WINNICOTT, 1965/2011a, p. 118). Contudo, apresenta a sua relevância, pois neste espaço entre os pares, o adolescente pode vivenciar a adolescência de maneira mais relaxada, além disso, possibilita a socialização e outros espaços de convivência e constituição de sua identidade para além do ambiente familiar.

As experiências sexuais também se caracterizam como de imprescindível relevância para a constituição da identidade do adolescente. Nessa etapa do desenvolvimento, as experiências sexuais dos adolescentes mais tenros são constituídas pelo fenômeno do isolamento – citado no parágrafo anterior. Ou seja, por ser um momento de descobertas e incertezas quanto à sexualidade, as práticas masturbatórias podem se revelar como uma forma de evitar o sexo e uma descarga de tensões antes de ser possível ao adolescente ter uma união

entre indivíduos integrais, que ocorrerá com o desenvolvimento da maturidade (WINNICOTT, 1965/2011a).

Destarte, é esperado que o adolescente ultrapasse essa fase do desenvolvimento de forma natural, podendo chegar ao fenômeno denominado por Winnicott (1965/2011) como “calmarias do adolescente”. Nessa perspectiva, o autor continua enfatizando que, sobre o fenômeno da adolescência, a sociedade deve se distanciar da inclinação de curá-la, contudo, deve agir ativamente nesse processo. Não obstante, um questionamento bastante pertinente é feito pelo autor: “[...] teria a nossa sociedade saúde suficiente para agir assim?” (WINNICOTT, 1965/2011a, p. 125). Tal inquirição se refere ao fato de como o ambiente tem implicações no desenvolvimento e amadurecimento do indivíduo, e como as falhas deste podem acarretar problemas para o adolescente.

Sem embargo, Winnicott não aponta para tal questionamento uma única resposta, e muito menos singela. Assim, ele considera primordial que a sociedade (pais e/ou responsáveis, familiares e/ou amigos, educadores, gestores, governantes, profissionais, pesquisadores, entre outros) encare o desafio de lidar com a adolescência e não objetivem curá-la. Isso porque, em sua concepção, a adolescência se constitui como algo sadio que, efetivamente, carece ser vivida pelo menino e a menina dessa faixa etária, considerando que com o passar do tempo recai a cura para esse fenômeno – adolescência. Salienta-se que no decorrer do processo, caso tenham sido garantidas as condições básicas e elementares para se desenvolver, o indivíduo será capaz de se identificar com a sociedade, “com os pais e com todos os gêneros de grupos mais amplos sem sentir a ameaça iminente da perda da própria identidade” (WINNICOTT, 1965/2011a, p. 127).

Tendo em vista uma discussão mais atual sobre a adolescência e a psicanálise, faz-se importante abordar a obra “Adolescência e Psicanálise: intersecções possíveis”, organizada pela psicanalista e professora Mônica Medeiros Kother Macedo, no qual, através da psicanálise, campo e objeto de seus estudos, alcança subsídios essenciais para apresentar com profundidade as temáticas da adolescência. Nesse sentido, para Macedo, Azevedo e Castan (2012), nessa fase da vida, o indivíduo se depara com a necessidade e exigência de um trabalho no âmbito psíquico, para que possa dar contorno às demasiadas mudanças a fim de integrá-las a nova imagem que tem de si próprio.

Ademais, há um afastamento das figuras parentais, isto é, um desinvestimento libidinal das relações endógenas. Assim, o jovem busca outros objetos de amor e, neste sentido, surgem as relações exógenas, ou seja, as amizades, os grupos, as paqueras, sendo estes novos objetos de investimento libidinal. “Existem, portanto, dois movimentos concomitantes do

jovem: abandonar os objetos de amor da infância e direcionar-se em busca de novos objetos para amar” (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012, p. 37). Ademais, questionamentos quanto a si mesmo atravessam o indivíduo nesta etapa da vida, pois desconhece quem é ou quem desejaria ser. Desse modo, é preciso afastar-se da identidade infantil e da pré-adolescência, “ao mesmo tempo, ele sabe não ser ainda um adulto. [...] O sentimento é de vazio” (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012, p. 33).

Nesta perspectiva, os autores supracitados apontam que o processo de adolecer é singular e este se contrapõe à noção de “sequência” de vivências que se constituem como perdas, visto que, ao mesmo tempo que o indivíduo sofre pelo que perde, também há comemorações pelo que se ganha. Assim, os autores afirmam:

entendemos, assim que as oscilações de humor do jovem em curtos períodos de tempo explicitam essa alternância e por vezes concomitância de situações aparentemente antagônicas. O jovem sente, ao mesmo tempo, a perda dos privilégios infantis e comemora os ganhos e conquistas adolescentes. Os dois processos ocorrem juntos, o que mostra o colorido, a instabilidade e o encantamento desta etapa da vida. Em situações de luto, tal como caracterizado por Freud, a pessoa não consegue estar de luto pela manhã e estar feliz e com projetos e expectativas à tarde (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012, p. 46).

Assim sendo, observa-se que os dois processos – perdas e ganhos – ocorrem de forma dinâmica, isto é, ao mesmo tempo, o que aponta para a complexidade, para a riqueza e instabilidade que atravessa a adolescência. Este posicionamento das autoras circunscreve o luto desta fase da vida de forma distinta daquele luto conceituado por Freud, visto que, para o adolescente é possível pela manhã estar em luto pelas perdas provenientes da fase e pela tarde comemorar os ganhos, ou seja, estar feliz com seus projetos e as expectativas que são possíveis no processo de crescer (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

Nesse seguimento, as referidas autoras salientam a relevância de “relativizar essa supremacia e inquestionabilidade do tema dos lutos para podermos entender a adolescência como um processo mais dinâmico, no qual elabora as perdas e só *uma parte* do trabalho exigido do adolescente” (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012, p. 46, grifos das autoras). As autoras não desvalorizam teóricos consagrados sobre a temática da adolescência, como Anna Freud e Arminda Aberastury (1970/1981), sendo esta última apresentada (sua teoria) neste capítulo da dissertação.

Assim, o que se objetiva é a imprescindível tarefa de constituir a adolescência de uma forma mais ampla do que restrita à elaboração de lutos, pois esta fase requer do jovem um grande trabalho psíquico para que lhe seja possível elaborar tanto as perdas quanto os ganhos, os projetos e as expectativas de futuro. Dessa forma, o adolescente pode integrar seu passado

e presente e, além disso, projetar-se no futuro. Isto significa que sua identidade vai se constituindo de uma forma menos conflituosa, pois toma um contorno mais claro e alcança a adolescência final, sendo esta composta pela consolidação, determinação e concretização de projetos e escolhas do jovem (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

A visto disso, Macedo e colaboradoras (2012) concluem que a vida é constituída através de movimentos dinâmicos visto que, ao mesmo tempo em que se realizam fechamentos, o fato de continuar indo em frente requer do indivíduo uma revisitação e ressignificação de vivências, experiências e situações. Por meio dessa oscilação de movimentos, tanto de fechamentos quanto de aberturas, o indivíduo mostra a força da condição humana que dá contorno à surpreendente complexidade do sujeito. Assim, as autoras afirmam “estudamos *a* adolescência, mas nos deparamos com *os* adolescentes. Esta pluralidade põe em evidência o indivíduo e sua singularidade” (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012, p. 52, grifos das autoras). Nessa perspectiva, é relevante circunscrever que, ao se conceituar essa fase do desenvolvimento humano, é imprescindível não olvidar do sujeito e suas particularidades, uma vez que dão corpo a distintas e únicas formas de adolecer e que constituem, assim, adolescências e não uma única adolescência (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

Diante do exposto, observou-se que os autores apresentados no presente capítulo referenciam algumas aproximações quanto à adolescência. Os teóricos utilizados constituem a adolescência como uma fase/etapa da vida/do desenvolvimento que se encontra entre a infância e a fase adulta. Assim, demarca-se uma distinção entre a infância e a adultez. A puberdade foi posta como um aspecto imprescindível. Contudo, outras questões perpassam a adolescência, tais como as mudanças psicossociais. Também foi possível constatar que se chega na adolescência com resquícios da infância, cabendo ao adolescente reelaborar tais questões. Nessa fase da vida, há o processo de constituição de uma identidade no indivíduo, com algumas características como período marcado por incertezas, questionamentos, dúvidas, ambivalência, instabilidades de humor, descobertas e experiências sexuais, afastamento das relações familiares, inserções em grupos de pares, perdas (lutos), ganhos.

Por fim, cabe ressaltar a função do “ambiente”, conceito tão argumentado por Winnicott. Sobre o ambiente recai uma significativa e influente função, pois ele pode ser um potencializador ou um elemento padecedor e limitante para o desenvolvimento do indivíduo adolescente. Assim sendo, faz-se necessário considerar a primordial importância que o ambiente – familiar, educacional, social, etc. – pode exercer neste período singular e decisivo da vida do sujeito.

## 2.1 Revisão da literatura: adolescência e covid-19

Foi realizada uma revisão sistemática de literatura sobre adolescência e covid-19. Para Vosgerau e Romanowski (2014), a revisão sistemática da literatura se apresenta em um dos tipos de revisões de avaliação e síntese, pois objetiva identificar estudos que respondem o problema de pesquisa investigado por meio de critérios de inclusão e exclusão de estudos. Cochrane (2015) aponta que a revisão sistemática se constitui a partir de sete etapas, sendo estas: 1) formulação da pergunta de pesquisa; 2) estratégia e local de busca do material; 3) definição dos critérios de inclusão e exclusão da amostra; 4) coleta de dados; 5) apresentação dos dados; 6) análise e interpretação dos dados; 7) aprimoramento e atualização da revisão, sugestões e críticas para próximas publicações.

Para essa revisão, as bases de dados nacional *on-line* utilizadas como fontes de dados foram a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), o Portal Regional da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e o Portal de Periódicos da CAPES. Para viabilizar as buscas, foram utilizados os seguintes descritores: “Adolescência AND covid”, “Adolescência AND coronavírus”, “*Adolescence* AND covid”, “*Adolescence* AND coronavírus”. Por tratar de uma temática muito atual, o período de publicação dos artigos a serem analisados não foi utilizado como critério de seleção. Desse modo, a quantidade inicial total de estudos (artigos) encontrados foram de 491. Destes artigos, o Portal BVS obteve o maior resultado entre as bases de dados pesquisadas, com um total de 473 artigos. O Portal da CAPES resultou em 13 documentos e o banco de dados SciELO, 6 artigos científicos.

Os critérios de inclusão utilizados consideraram as produções acadêmicas na língua portuguesa e espanhola disponíveis para *download* e que abordassem a adolescência e a covid-19. Foram excluídos materiais como livros, textos não disponíveis na íntegra e outras produções que não se relacionavam com a temática da pesquisa. Salienta-se que a seleção dos estudos se pautou em duas etapas.

Na primeira, os artigos foram selecionados a partir da leitura do título, resumo e palavras-chave, a fim de averiguar a adequação aos critérios de inclusão. Neste momento foram selecionados 17 artigos, dentre os quais haviam 11 repetições, totalizando 6 artigos para leitura em profundidade. Observou-se uma discrepância entre o número inicial e o total de artigos selecionados, pois muitos estudos se relacionavam a outros temas e/ou artigos indisponíveis na íntegra. Assim, foram selecionados seis artigos para leitura na íntegra, os quais compuseram a amostra final.

Para a análise dos artigos selecionados, foi utilizado um instrumento elaborado pela pesquisadora com as seguintes informações: descritor de seleção, base de dados, autor(es), ano de publicação, título do periódico, país do periódico, área da revista científica, tipo de estudo, idioma, objetivo da pesquisa, localização do estudo, método, principais resultados e conclusão. Utilizou-se Bardin (2011) para análise do conteúdo dos estudos e para orientar a construção das categorias temáticas, seguiu-se em três etapas: (1) na leitura flutuante dos artigos, (2) seleção das unidades de análise orientada pelo problema de pesquisa e (3) categorização.

A partir da análise dos artigos selecionados, pôde-se observar, com base nos dados quantitativos e referente ao ano de publicação dos estudos, que todos os artigos foram publicados em 2020. Quanto à área de publicação, dois estudos eram da Psicologia, dois da área da Saúde (multidisciplinar – Psicologia, Enfermagem e Biologia), um da Psiquiatria e um das Ciências Sociais. Sobre o tipo de estudo, três eram revisões, dois artigos de discussão/opinião e um estudo empírico com crianças e adolescentes. Quanto à localidade dos autores, três estudos foram da Espanha, dois do Brasil e um de Portugal (estudo empírico). No que se refere ao idioma do estudo, três eram escritos em Língua Espanhola e três em Língua Portuguesa. Sobre a metodologia, todos se basearam em métodos qualitativos, e a análise qualitativa dos seis artigos propiciou a identificação de duas categorias temáticas: “Saúde do adolescente e medidas de prevenção” e “Importância da psicologia no enfrentamento da situação pandêmica”. Salienta-se que essa revisão já foi publicada como um capítulo de livro intitulado “Adolescência e covid-19: revisão da literatura” (SANTOS; MIURA, 2022).

## **2.2 Saúde do adolescente e medidas de prevenção**

Quatro artigos (DEL CASTILHO; VELASCO, 2020; DESLANDES; COUTINHO, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2020; SOCÍAS; BRAGE; NEVOT-CALDENTHEY, 2020) compuseram esta categoria temática, sendo três revisões e um estudo de discussão e opinião. Tais produções especificam os impactos e danos que a situação pandêmica pode implicar na saúde do público adolescente e apontam medidas de prevenção para melhorar as competências familiares e, conseqüentemente, amenizar riscos para crianças e adolescentes, assim como intervenções com o público adolescente.

Os artigos analisados apontaram que o distanciamento físico pode implicar em danos e riscos, como: uso intensivo da internet e prática de violências autoinfligidas (autoagressão, ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio), como uma dependência da internet para o

*cyber sexo*, redes sociais, *Net Gaming Addiction* (jogos de azar, videogames, compras), busca de informações e adicção por jogos (DESLANDES; COUTINHO, 2020). Além de impacto negativo no âmbito mental e físico na vida dos adolescentes, fechamento das escolas, a impossibilidade de sair para espaços de entretenimento e ter interação com os pares, bem como risco psicossocial, violência familiar, abuso das tecnologias e superlotação (DEL CASTILHO; VELASCO, 2020). Ademais, os estudos mencionavam problemas relacionados à saúde mental, vivências negativas com o distanciamento físico e o fechamento das instituições escolares, como isso pode contribuir com instabilidade no contexto familiar (violência e comportamentos de cunho agressivo) (OLIVEIRA *et al.*, 2020); uso irrestrito dos aparatos tecnológicos e violência no âmbito familiar (SOCÍAS *et al.*, 2020).

Desse modo, observa-se que o impacto mais pontuado nos estudos se refere ao distanciamento físico e aos atravessamentos deste distanciamento na saúde psicossocial dos adolescentes, como o afastamento das instituições de ensino e das relações com os pares. Por conseguinte, os danos mais observados são as violências dentro do contexto familiar e o uso das tecnologias, que também pode expor o jovem a outros tipos de violência, ou seja, violências autoinfligidas (autoagressão, ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio), além da possibilidade de uma dependência do uso da internet, que pode contribuir para outros danos (*cyber sexo*, redes sociais, *Net Gaming Addiction*, busca de informações e adicção por jogos).

Sobre as medidas de prevenção quanto à saúde dos adolescentes em decorrência da pandemia da covid-19, observou-se uma ênfase nas intervenções com enfoque na família dos jovens nos quatro artigos desta categoria. Del Castilho e Velasco (2020) propõem medidas de prevenção no âmbito familiar: promoção de hábitos saudáveis, comunicação amigável e positiva e a parentalidade. Além disso, estratégias de proteção para o público supracitado são essenciais em meio a uma crise de saúde pública. Socías e colaboradores (2020) identificaram, na revisão da literatura, as principais medidas de prevenção contra danos psicossociais em decorrência da covid-19 e estas se referiam aos recursos de apoio familiar, sendo esses: prevenção primária (recursos de apoio educativo), prevenção secundária (recursos de apoio socioeducativo) e prevenção terciária (recursos de apoio psicológico). Assim, o estudo conclui que grande parte das medidas de prevenção de apoio à família na Espanha possuem caráter terciário, sendo o apoio psicológico por telefone a medida mais utilizada.

Deslandes e Coutinho (2020) abordam a relevância da presença ativa dos familiares, pois acreditam que os adolescentes em vivência de distanciamento físico e em constante

contato com a *internet* pode contribuir para um aumento da vulnerabilidade quanto às violências autoinfligidas. Assim, a presença ativa dos responsáveis pode auxiliar para que esse público evite armadilhas da *web*. Além disso, Oliveira *et al.* (2020) também demarcam a importância da família em meio à situação pandêmica, pois a instituição familiar pode propiciar um suporte tanto emocional quanto social aos adolescentes, o que pode favorecer a saúde mental. Assim, estes autores reforçam a relevância das intervenções com as famílias. Diante do exposto, é notório que os quatro artigos desenvolvidos a nível nacional e internacional (Espanha) tratem de medidas preventivas com enfoque na família do público adolescente. Destarte, estas medidas podem contribuir para que os jovens possam dispor de um ambiente potencializador que ofereça suporte e segurança – tanto no ambiente físico do lar, quanto no ambiente virtual (*internet*).

Além do exposto, foram abordados alguns tipos de medidas que podem ser promovidas (DESLANDES; COUTINHO, 2020; DEL CASTILHO; VELASCO, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2020), como o apoio psicológico à família – recurso mais utilizado na Espanha (SOCÍAS *et al.*, 2020). Deslandes e Coutinho (2020) apontam para a importância da criação tanto de medidas como de protocolos para a prevenção da violência autoinfligida por adolescentes com uma linguagem condizente com o público referido. Ademais, faz-se necessário que os adolescentes ocupem um lugar de protagonismo nestas medidas preventivas no período pandêmico como pós pandemia. Outro ponto relevante é postulado no estudo de Oliveira *et al.* (2020), ao enfatizar a necessidade de estudos e intervenções com o público adolescente, e que as experiências subjetivas deles possam ser consideradas. Para alcançar os adolescentes, os autores reforçam a demanda e relevância de boas práticas de cuidado e promoção de saúde aos jovens.

Além disso, Oliveira *et al.* (2020) e Del Castilho e Velasco (2020) tratam de medidas no âmbito da saúde, pois os autores circunscrevem a importância dos serviços de saúde para os adolescentes, assim como a acessibilidade aos serviços de saúde mental (DEL CASTILHO; VELASCO, 2020). Nesta perspectiva, Oliveira *et al.* (2020) abordam a imprescindível necessidade de reformulações nos serviços de saúde para o formato virtual, tendo em consideração que as tecnologias são ferramentas de familiaridade dos adolescentes, o que pode contribuir para intervenções digitais de saúde – tanto de assistência, quanto de prevenção. Ademais, os dois estudos supracitados discutem a importância de intervenções e ações junto ao público adolescente.

### 2.3 Importância da Psicologia no enfrentamento da situação pandêmica

Esta categoria temática foi composta por dois artigos (ALCOBIA; CLARO; LAPA ESTEVES, 2020; ESPADA; ORGILÉS; PIQUERAS; MORALES, 2020), sendo um artigo de opinião e um estudo empírico, respectivamente. Ambos estudos abordam a importância da Psicologia no enfrentamento da situação pandêmica quanto ao público de crianças e adolescentes. Além disso, é ressaltada a relevância de ações preventivas, como: identificação precoce de casos de risco, diminuição de efeitos estressantes para o público infanto-juvenil, diminuição de sintomas leves, fornecimento de instruções e meios de lidar com ansiedade e dicas de atividades para auxiliar nesta vivência peculiar de pandemia.

Por conseguinte, observa-se que os dois estudos abordam a importância da Psicologia no enfrentamento da situação pandêmica quanto ao público adolescente. O estudo de Espada *et al.* (2020) trouxe as contribuições possíveis desta área do conhecimento no contexto da clínica, por meio de ações de um grupo de pesquisa de uma universidade da Espanha. Além disso, estabelece a importância da capacitação dos psicólogos, sobretudo em práticas no contexto de pandemia, para que assim possam atuar de forma satisfatória, tendo base científica para os tratamentos, bem como manejo clínico e ético para desenvolver ações com crianças, adolescentes e responsáveis.

Neste sentido de vivências de atendimento psicológico para crianças e adolescentes, é impreterivelmente importante uma reflexão sobre a profissão da Psicologia, pois esta pode contribuir para a prevenção de sofrimentos e adoecimentos psíquicos dos adolescentes e crianças. Além disso, para efetivação de boas práticas de prevenção, os autores do artigo supracitado delimitam serem necessários instrumentos confiáveis para detecção de sintomas e casos de risco, integração na avaliação (contexto escolar, familiar e clínico), diálogo entre pais, psicólogos e profissionais da educação. Estas questões são imprescindíveis não apenas para crianças e adolescentes, mas também para que instituições e profissionais possam contribuir com ações preventivas para o público infanto-juvenil.

O estudo de Alcobia, Claro e Lapa Esteves (2020) apontou a importância da psicologia na área da pesquisa, sendo um estudo empírico com crianças e adolescentes de Portugal que objetivou perceber o olhar dos participantes sobre a crise pandêmica. Todos os participantes vivenciavam o distanciamento físico e o definiam como “falta de liberdade e impossibilidade de viver normalmente”. Nesta perspectiva, os autores demarcam a importância da Psicologia nesta situação e como as ações dos profissionais podem propiciar instruções e formas para que o referido público possa lidar com a ansiedade e vivenciar essa pandemia de uma forma

não paralisante e padecedora. Além disso, observou-se que o apoio dos psicólogos aos participantes da pesquisa foi indispensável para atenuar a ansiedade, o medo e o estresse. Aos pais também foi disponibilizado um acolhimento, o que se mostrou relevante, pois os responsáveis podem dispor de ferramentas que auxiliem crianças e adolescentes a vivenciarem a pandemia de formas não padecedoras.

Perante o exposto, os artigos dessa categoria temática abordam a importância da Psicologia. Não obstante, é interessante que se tenham profissionais qualificados que desenvolvam ações e práticas que se pautem na ciência, ou seja, em aportes teóricos, e que seu manejo clínico não se abstenha da ética profissional. Ressalta-se que a relevância dessa área do conhecimento não se limita a intervenções clínicas (ESPADA *et al.*, 2020), mas se estende às demais áreas de atuação do psicólogo, como à área da pesquisa no exemplo do único artigo empírico desta revisão (ALCOBIA; CLARO; LAPA ESTEVES, 2020). Destarte, os dois estudos circunscrevem contribuições possíveis da Psicologia em tempos pandêmicos para os adolescentes. Também salientam a responsabilidade dessa área da ciência, particularmente, para a importância de reflexões sobre as práticas clínicas e pesquisas desenvolvidas. Além disso, ressaltam a necessidade de reflexões sobre as práticas psicológicas pautadas em ações preventivas, que possam acolher os adolescentes e suas famílias neste momento incomparável que toca singularmente distintas formas de vida.

Por meio da análise do material, observou-se que todos os estudos abordaram medidas, mecanismos, ações e reflexões possíveis de cunho preventivo e de promoção de saúde para o público adolescente – sejam esses em atividades diretas para os jovens, como atendimento psicológico ou intervenções de promoção de saúde de forma remota, ou em intervenções, propiciando apoio por meio de uma pesquisa empírica. Além disso, ações que visem intervenções com as figuras parentais também foram referidas e outros estudos demarcaram reflexões sobre a importância da presença ativa da família neste momento de crise.

Ademais, foi identificada a relevância da atuação da Psicologia com o público adolescente diante dessa crise de saúde pública. Não obstante, pôde-se constatar uma lacuna na produção científica sobre o público adolescente e a covid-19, assim, salienta-se a importância de novas pesquisas serem realizadas considerando a temática. Percebeu-se também a necessidade de estudos científicos de cunho empírico, ou seja, pesquisas com o público adolescente, visto que a maioria dos estudos se referiam a estudos de revisão da literatura, sendo apenas um artigo empírico. No entanto, cabe ressaltar que tal estudo não foi desenvolvido em território nacional, sendo desenvolvido pela área da Psicologia em Portugal. O que aponta novamente para a relevância de pesquisas e intervenções da área da Psicologia,

em âmbito nacional, que levem em consideração as vivências dos adolescentes em situação de pandemia da covid-19. Por conseguinte, os estudos analisados enfocaram bastante nos danos, prejuízos e impactos da pandemia na vida dos adolescentes, sendo, em sua maioria, relacionados ao âmbito psicológico e psicossocial.

Diante do abordado, tem-se que a situação da pandemia pode implicar em modificações e impactos na vivência da adolescência. Assim, ao considerar que este público (adolescente) é caracterizado por uma fase do desenvolvimento humano que se constitui por significativas transformações – biológicas e psicossociais –, a pandemia surge e atravessa esse período particular e singular da vida do sujeito. Tal ponto aborda a complexidade que a vivência da adolescência em situação pandêmica pode conferir. Desta feita, pesquisas e intervenções que busquem criar espaços de escuta, comunicação e expressão para e com os adolescentes são necessárias e imprescindíveis. Por fim, é importante ressaltar que a presente revisão se encontra publicada como capítulo de livro (SANTOS; MIURA, 2022) na obra “Pesquisas e debates em psicologia”.

### **3 MÉTODO**

#### **3.1 Aspectos éticos**

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética (CEP) da Universidade Federal de Alagoas (Parecer: 4.090.450 - CAAE: 31838420.9.0000.5013). Assim, tendo em vista os aspectos éticos no envolvimento de seres humanos (BRASIL, 2016), esta pesquisa considerou o respeito pela dignidade e proteção aos participantes do estudo, preservando-se de possíveis danos e buscando a promoção de benefícios para os adolescentes participantes, propiciando a promoção de qualidade de vida. Os adolescentes participantes da pesquisa preencheram de forma *on-line* o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), bem como seus pais/responsáveis o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Apenas após o consentimento do responsável e o assentimento do adolescente, por meio de chamada de vídeo, a pesquisa foi realizada. Vale ressaltar que todos os preceitos éticos recomendados pelo Conselho Nacional de Saúde, conforme resolução nº 510/16, foram atendidos.

A utilização do TCLE com pais e/ou responsáveis e do TALE com os adolescentes participantes visou esclarecer as questões do estudo, tais como os objetivos e a maneira como seriam realizados os procedimentos metodológicos para os envolvidos na pesquisa. Os dados pessoais dos adolescentes e dos responsáveis foram mantidos em sigilo, prevenindo-se possíveis vazamentos de dados. Para isso, foram utilizadas as iniciais de cada participante, tendo em vista o grande número de participantes para elencar nomes fictícios. Assim, não será possível identificar os adolescentes a partir de suas produções, tornando público apenas o material coletado e analisado. Cabe ressaltar que, para além dessas questões éticas institucionais, o grupo de pesquisa “Epistemologia e Ciência Psicológica” ofereceu suporte psicológico para todos os adolescentes que sinalizassem uma demanda de atendimento, acolhimento e cuidado terapêutico, demarcando, assim, um acolhimento que se estendeu para além do momento da pesquisa.

#### **3.2 Tipo de estudo**

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, descritivo, exploratório e interventivo. O estudo qualitativo caracteriza-se por constituir uma abordagem de cunho interpretativo do mundo, o que implica na inserção do pesquisador nos cenários naturais do fenômeno estudado e objetiva entender e compreender como as pessoas atribuem significados aos fenômenos

(DENZIN; LINCOLN, 2006). A pesquisa qualitativa com enfoque exploratório propicia ao pesquisador familiarizar-se com o fenômeno, ou seja, com as pessoas e as suas demandas. Já uma pesquisa descritiva evidencia o “como” e o “o que” acerca do fenômeno estudado através do detalhamento do fenômeno, o que possibilita a obtenção de informações do contexto que, por sua vez, poderão ser usadas de base para pesquisas de cunho compreensivo (POUPART *et al.*, 2012).

A pesquisa-intervenção se configura como uma metodologia que propicia a um determinado indivíduo um espaço composto por atividade psicossocial, objetivando a construção de conhecimento com o indivíduo e para o indivíduo. Essa metodologia, pelo viés da perspectiva clínica, possibilita uma modificação da relação hierárquica entre pesquisador/pesquisando e, assim, outorga aos participantes a ocupação de um lugar de responsabilidade pelo que pensam, afirmam e constroem no espaço da atividade psicossocial. Além disso, a pesquisa interventiva possibilita uma investigação das vivências das pessoas, propiciando uma aproximação entre o pesquisador adulto e o adolescente (público desta pesquisa), criando um espaço onde os aprendizados e trocas sejam possíveis, além de promover o encontro de diversidades. Desse modo, é possível uma intervenção analítica, partindo do posicionamento e atuação do pesquisador pautado em questões ético-políticas e epistemológicas (CASTRO, 2008).

Segundo Portugal (2008), a pesquisa-intervenção demarca uma opção e posição política do pesquisador frente às dominações de certas práticas acadêmicas, onde visa-se aplicar uma técnica sobre um determinado objeto de estudo que se busca aprimorar. Nesse sentido, Castro (2008) enfatiza a relevância de um posicionamento crítico e reflexivo do pesquisador quanto à desigualdade que costuma existir entre pesquisador/pesquisando. Desse modo, o pesquisador é convidado a desempenhar uma postura de problematização constante sobre sua prática. Além disso, é importante que o pesquisador considere o conhecimento da realidade como sendo constituído de forma simultânea às transformações que atravessam os envolvidos na pesquisa.

Tendo em vista os pontos já abordados sobre esse tipo de estudo, é possível observar a relevância da pesquisa-intervenção. Desse modo, cabe enfatizar que a Psicanálise só se realiza quando praticada e o material clínico proveniente de sua prática resulta da transferência como uma forma de comunicação (JARDIM; ROJAS HERNÁNDEZ, 2010). Além disso, a presente pesquisa de mestrado apresentou uma proposta que possibilitou a participação ativa da pesquisadora, bem como a participação ativa dos adolescentes.

Para pensar nas implicações ético-políticas quanto à forma de abordar e produzir conhecimento em Psicologia, cabe ressaltar a ética do cuidado. Para Winnicott (1955/2005), cuidado se configura pelo ambiente, assim como pela presença suficientemente boa desenvolvida pelo outro na constituição psíquica (FRANÇA; ROCHA, 2015). A ética do cuidado objetiva possibilitar elementos de sustentabilidade ambiental e de comunicação para que o paciente possa dispor de meios para agir no mundo por si, sem grande adaptação e perda da espontaneidade. Assim, há relação entre o tratar, cuidar e segurar. Por essa via, a atuação do profissional carece ser referida às possibilidades para o outro (paciente) ser espontâneo e habitando um lugar no mundo onde o brincar seja possível (ser ele consigo mesmo e com o outro). Diante disso, talvez essas recomendações possam ser estendidas para uma reformulação mais abrangente do que poderia configurar como uma ética do cuidado inter-humano (FULGÊNCIO, 2011), como sendo possível estendê-las para o âmbito da pesquisa e pensar a relação pesquisador-pesquisando.

Tendo em consideração os posicionamentos ético-políticos que atravessam a maneira de abordar e produzir conhecimento em Psicologia na atualidade, Winnicott enfatiza a ética do cuidado, do viver criativo e da ética relacional. Assim, ao considerar que o sujeito se constitui na relação com o outro e com o ambiente, estes fatores (cuidado, viver criativo e ética-relacional) envolvem uma posição ético-política de reconhecer as potencialidades do indivíduo, independentemente da idade e classe social, bem como de reconhecer que ele é detentor de saber e de fala (ele tem a dizer sobre suas experiências), considerando-o ativo em todo o processo.

A intervenção desta pesquisa se refere tanto aos encontros individual/virtual com os adolescentes como com as ações que advieram do presente estudo. Os participantes com demandas clínicas foram encaminhados para atendimentos psicológicos. Para atender tais demandas, um Projeto de Extensão foi criado – “Espaços potenciais-proximais virtuais durante a pandemia da covid-19”, – e ofereceu atendimentos psicológicos para os adolescentes, supervisão para os psicólogos envolvidos nos atendimentos, bem como foram desenvolvidos 10 encontros temáticos virtuais juntos aos jovens do Brasil (MIURA *et al.*, no prelo). Ademais, o caráter interventivo buscou um ambiente que possibilitasse tanto a espontaneidade como a criatividade, tendo em consideração aspectos de fenômenos transicionais de Winnicott (1953/2019b).

### 3.3 Cenário do estudo e fonte de dados

A proposta inicial desta pesquisa visava as instituições escolares como o local de desenvolvimento da pesquisa. Não obstante, toda pesquisa foi realizada de forma *on-line* em decorrência da situação mundial da pandemia de covid-19. Assim, foram atendidas as recomendações da Lei nº 13.979, que foi promulgada em fevereiro de 2020 (BRASIL, 2020a). A Lei supracitada apresenta as medidas de enfrentamento: quarentena, distanciamento físico, fechamento de instituições de ensino, entre outras (BRASIL, 2020a). Nesse sentido, fez-se necessário a adaptação da pesquisa para o modo remoto.

Para compreensão do significado da adolescência em situação de pandemia do coronavírus entre os adolescentes, a metodologia para a constituição da amostra foi a “bola de neve” (*snowball sampling*). Tal metodologia é definida pela constituição de uma amostra não probabilística, todavia se mostra essencial para grupos com difícil acesso (situação de isolamento social), sendo composta por: encontrar sujeitos condizentes à população-alvo, sendo estes sujeitos nomeados de *sementes* da amostra, visto que originam os demais participantes. Seguidamente, a *semente* contribui com o pesquisador para a obtenção de mais participantes, tendo estes as características requeridas pela pesquisa e, posteriormente, os indicados pela *semente* sugerem novos contatos – e assim sucessivamente (VINUTO, 2014). Participaram da pesquisa 74 adolescentes com idade entre 12 e 17 anos e 11 meses (BRASIL, 1990) de ambos sexos e residentes do Brasil. Destes 74 participantes, 32 adolescentes vivem na região Nordeste do Brasil, 17 participantes são da região Sudeste, 13 residentes na região Sul, 7 da região Centro-Oeste e 5 da região no Norte do país.

### 3.4 Coleta e organização de dados

Em busca da *semente* da amostra (VINUTO, 2014), no mês de julho de 2020, três adolescentes conhecidos pela pesquisadora foram convidados a participar da pesquisa. O pôster/convite da pesquisa foi compartilhado nos grupos de *WhatsApp* da pesquisadora, que solicitou a ajuda de seus amigos no compartilhamento e/ou divulgação da pesquisa em suas redes sociais, objetivando um maior alcance na divulgação. O pôster/convite da pesquisa apresentou as seguintes informações: nome da pesquisadora e orientadora, título da pesquisa, público alvo, *links* do TCLE e TALE, aprovação do projeto pelo Comitê de Ética com o CAAE e contatos da pesquisadora.

O contato inicial com os participantes ocorreu por meio do preenchimento do TCLE e TALE *on-line* – seja por parte do adolescente ou responsável – e, assim, possibilitou o acesso da pesquisadora ao termo preenchido que dispunha o contato do participante e/ou responsável. Posteriormente, a pesquisadora entrava em contato através de mensagem via *WhatsApp* e estabelecia uma primeira conversa com os interessados que visavam à apresentação da pesquisadora de boas-vindas ao participante (ou ao seu responsável), a abertura de um espaço para elucidação de possíveis dúvidas, a confirmação de interesse em participar da pesquisa, o agendamento do dia e horário para a chamada de vídeo conforme disponibilidade do participante, a solicitação do preenchimento de um dos termos faltantes (TCLE ou TALE), pois muitos dispunham de apenas um termo preenchido. Por fim, a pesquisadora informava ao participante ou responsável que entraria em contato um dia antes do agendado para confirmar a realização da pesquisa e se colocava a disposição, caso desejassem contatá-la. Através desse segundo contato com o participante, por meio de mensagem, grande parte dos adolescentes confirmaram presença e compareceram no horário agendado. Ressalta-se que alguns jovens pediram para remarcar e a pesquisadora prontamente atendeu à solicitação.

A realização da coleta ocorreu através de uma chamada de vídeo via *Messenger* e/ou *WhatsApp*, dependendo do recurso (plataforma digital) do participante. Desse modo, a pesquisadora enviava o *link* da sala para o encontro pesquisadora-participante e realização da pesquisa. No encontro individual e virtual, a pesquisadora inicialmente estabelecia *rapport* com o adolescente (conversa informal e elucidações de questionamento por parte do jovem referente a pesquisa) e, em seguida, aplicava dois instrumentos: Questionário sociodemográfico e Procedimento Desenho-Estória Temático (AIELLO-VAISBERG, 2004; 2020; TARDIVO, 2007a). O Questionário sociodemográfico foi lido e preenchido pela pesquisadora e foi constituído pelas seguintes informações: iniciais do nome, idade, sexo, cor, escolaridade, repetência, rede escolar (pública ou particular), aulas online (sim/não/outros), atividade laboral e direitos garantidos (sim/não), estado civil, com quem reside, cidade/Estado, renda familiar, ocupação dos responsáveis e se é beneficiário do Bolsa Família (sim/não).

Aos adolescentes, foi solicitado um desenho com a seguinte consigna: “desenhe um adolescente em situação de pandemia do coronavírus (covid-19)”. Após o término do desenho, pedia-se para o adolescente registrar uma história concernente ao desenho no verso da folha e dar um título para a unidade de produção. Ao jovem era solicitado que mostrasse o desenho para a pesquisadora e que depois lesse a história e o título criado. Posteriormente, o

adolescente fotografava e enviava a unidade de produção (desenho e história) para a pesquisadora para fins de análise.

Cabe ressaltar que, mesmo diante do cenário de pandemia, a coleta de dados foi possível, visto que a pesquisa teve grande aceitação entre o público adolescente. Além disso, por meio da metodologia bola de neve (VINUTO, 2014), participantes de vários estados do Brasil foram alcançados. Desta feita, a fase de coleta iniciou em julho de 2020 e foi concluída em outubro de 2020. O elevado número de participantes ao fim da constituição da amostra demarca, assim, a aceitação por parte dos adolescentes a este espaço de pesquisa-intervenção.

#### 3.4.1 Procedimento Desenho-Estória com Tema

Antes de adentrar sobre o Procedimento Desenho-Estória com Tema (PDE-T), é necessário discorrer sobre os procedimentos que o precederam como o Jogo do Rabisco e o Procedimento Desenho-Estória. Quanto ao Jogo do Rabisco, é uma metodologia para conhecer a realidade desenvolvida por Winnicott e, de acordo com o autor do procedimento, “é simplesmente um método para estabelecer contato com um paciente infantil” (WINNICOTT, 1968/1994, p. 231). O rabisco possibilita mostrar como o *self* do indivíduo se apresenta no mundo como um fenômeno não acabado, sendo este o grande ponto do objeto subjetivo. As instruções do procedimento são apresentadas por Winnicott (1968/1994):

“Vamos jogar alguma coisa. Sei o que gostaria de jogar e vou lhe mostrar.” Há uma mesa entre a criança e eu, com papel e dois lápis. Primeiro apanho um pouco de papel e rasgo as folhas ao meio, dando a impressão de que o que estamos fazendo não é freneticamente importante, e então começo a explicar. Digo: “Este jogo que gosto de jogar não tem regras. Pego apenas o meu lápis e faço assim...” e provavelmente aperto os olhos e faço um rabisco às cegas. Prossigo com a explicação e digo: Mostre-me se se parece com alguma coisa a você ou se pode transformá-lo em algo; depois faça o mesmo comigo e verei se posso fazer algo com o seu rabisco (WINNICOTT, 1968/1994, p. 232).

Observa-se que, para Winnicott (1968/1994), a flexibilidade e a liberdade são importantes fatores para aplicabilidade do Jogo do Rabisco. Assim, torna-se possível propiciar um espaço de possibilidades para aquele que joga, em que o participante ocupa um lugar de protagonismo no Jogo. Assim, a afirmação dialoga com a relevância da participação ativa do indivíduo no Jogo quanto ao seu processo de desenvolvimento (WINNICOTT, 1988/1990). Ademais, Winnicott (1968/1994) apresenta o Jogo do Rabisco de uma maneira aparentemente simples na sua execução, sendo que a complexidade e a riqueza do procedimento resultam na experiência, pois possibilita um ambiente facilitador ao jogador, que pode auxiliá-lo no seu processo de amadurecimento.

Sobre o Procedimento de Desenhos-Estórias (DE), este foi elaborado por Walter Trinca em 1972 que, juntamente com este procedimento, propôs outras técnicas de investigação psicanalítica, trazendo contribuições para o Psicodiagnóstico (TARDIVO, 2013). Trinca (2013b), criador do DE, afirma que durante os mais de 40 anos que o Procedimento DE existe, esse não se limita a uma técnica da investigação clínica acerca da personalidade, posto que o DE se transformou em um mecanismo que possibilita uma compreensão em largo espectro, já que pode ser aplicado nas mais distintas situações. Assim, aborda que “ele tem sido utilizado em diferentes especializações da área médica e hospitalar, assim como nos contextos da saúde pública, da odontologia, da fonoaudiologia, da psicopedagogia, do judiciário, da psicologia social e escolar, entre outros” (TRINCA, 2013b, p. 7-8).

O Procedimento Desenho-Estórias (DE) não se configura como um teste psicológico. Contudo, é uma técnica que visa investigação psicológica e possui determinadas características. Ademais, o DE preza pela observação e o contato psíquico com o indivíduo, estes aspectos são facilitados pela associação livre do examinando e pela atenção flutuante do profissional. Dessa forma, cada profissional terá possibilidades de encontrar no DE aquilo que o examinando comunicou sobre sua vida emocional profunda (TRINCA, 2013b).

Ana Trinca (2013c) aborda sobre o Procedimento DE:

Nosso propósito é demonstrar que o Procedimento Desenhos-Estórias se destaca de outros instrumentos clínicos e não clínicos pela extrema flexibilidade de acesso a conteúdos mentais profundos. Ele prioriza a individualidade, o estilo pessoal e as peculiaridades de a pessoa ser e de se expressar. Ele tem a condição de expansão constante. Aplica-se a toda pessoa que possa representar gráfica e verbalmente, de modo simbólico, algum conteúdo interior (TRINCA, 2013c, p. 28).

Neste sentido, são observáveis os ganhos que podem ser obtidos por meio da utilização do Procedimento Desenho-Estórias de Walter Trinca. Esse Procedimento foi elaborado para ser aplicado de forma individual e, assim, solicita-se ao examinando que produza um desenho livre, utilizando lápis preto e coloridos (os 12 lápis de cor e o grafite devem ser espalhados de forma aleatória sobre a mesa). Uma vez que o examinando conclua o desenho, o aplicador solicita que ele conte uma história sobre a produção e, ao fim, é requerido ao examinando que atribua um título para a história e para o desenho. Tal Procedimento é repetido em até cinco vezes (TRINCA, 2013c). Ressalta-se que, após a aplicação do Procedimento, dá-se início ao inquérito, buscando esclarecimento sobre qualquer questão que necessite de aprofundamento para a compreensão do material realizado (TRINCA, 1997).

De acordo com Borges (1998), que utilizou o referenciado Procedimento com crianças em sua tese, o Procedimento de Desenho-Estória já foi utilizado de diversas formas – seja em pesquisas ou em práticas terapêuticas grupais ou individuais, o que demonstra que tal procedimento não se restringe à população infantil. Tal fato vai ao encontro do que diz Trinca (2013a), pois apesar de julgar que o procedimento se limite a indivíduos com idades entre 5 e 15 anos, constatou-se ser possível uma expansão da faixa etária estabelecida para aplicação do DE. Dessa forma, em dias atuais, ele é utilizado não apenas com populações de diversas idades, mas também inclui diferentes realidades: econômicas, sociais e psíquicas, além de ser possível a aplicação do DE em grupo. Além disso, Borges (1998) destaca que grande número de teses realizadas no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo utilizaram o referido procedimento como instrumento de investigação da personalidade de crianças, adolescentes e adultos (BORGES, 1998).

O Procedimento Desenho-Estória propicia a criação de um espaço potencial, assim como o Jogo do Rabisco (desenvolvido por Winnicott). Segundo Trinca (1997, p. 70), “o procedimento de desenho presta-se de modo excelente à facilitação do acesso à vida emocional da criança. [...] como um processo que permite o esclarecimento da dinâmica de funcionamento mental, considerando as angústias, desejos e defesas do paciente”. Diante disso, o DE se caracteriza como um procedimento que pode possibilitar de forma excelente o contato com a vida emocional do participante. Ademais, permite, através do seu processo, que se elucide a dinâmica funcional mental, tendo em vista e em consideração os atravessamentos do sujeito – sejam estas suas defesas e desejos (TRINCA, 1997).

Além disso, o DE “[...] facilita o estabelecimento de uma relação íntima entre duas pessoas, diminuindo os obstáculos que dificultam a expressão sincera e clara do sofrimento psíquico. Ele possui um valor diagnóstico e terapêutico” (BORGES, 1998, p. 35). Ademais, por se tratar de uma técnica com facilidade de manuseio e por facilitar a expressão subjetiva, o Desenho-Estória teve adaptações – a partir de uma apresentação de um tema ao paciente. Destaca-se que essa adaptação – Desenho-Estória com Tema – já foi utilizada em diversos estudos científicos (BORGES, 1998). Assim, na constatação de possibilidades de novas reformulações no DE, ele foi expandido para outras adaptações derivadas do Procedimento desenvolvido por Trinca em 1972. Dentre as reformulações, encontram-se: O Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E), Desenhos-Estórias para cegos, Desenhos-Estórias de Profissionais (DE-P) e o Desenho-Estória com Tema (DE com Tema) (TRINCA, 2013a). Ressalta-se que o DE com Tema (DE-T) foi o procedimento escolhido para ser aplicado nesta pesquisa.

A técnica do Procedimento Desenhos-Estórias com Tema (PDE-T), desenvolvida por Aiello-Vaisberg (1990; 1995; 1997; 1999; 2004) se mostra como uma variante do Procedimento Desenho-Estórias de Walter Trinca. O Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema pode ser aplicado tanto individualmente como em grupo. Sua aplicação se dá ao convidar o/os sujeito/s a desenhar um determinado tema e escrever suas associações referentes ao tema proposto (TARDIVO, 2013). Assim, a proposta de metodologia dessa pesquisa acredita que, por meio de desenhos e histórias, o material pode se constituir como autêntico em pesquisas que visam a investigar imaginários coletivos, caracterizando-se como “conduta de personalidade transindividual que, tal como a de qualquer pessoa individual, é emergente de um campo de sentido que se organiza em termos afetivo-emocionais” (AIELLO-VAISBERG; AMBROSIO, 2013, p. 286). Cabe ressaltar que o DE com Tema não tem por finalidade um Psicodiagnóstico abrangente, conquanto beneficia a compreensão de como um sujeito ou um grupo dá significados a uma situação; um tema (TARDIVO, 2013). Ademais, “as pesquisas sobre representações sociais muito se beneficiaram com a utilização do Procedimento de Desenhos-Estórias, em sua versão DE com Tema” (TRINCA, 2013b, p. 60).

Vaisberg (2020) aponta que, para a pesquisa de representação social que implica, especificamente, em objetos sociais, o Procedimento Desenho-Estória com Tema se mostra de grande importância, sendo utilizado pela supracitada autora. Por conseguinte, o Procedimento pode ser aplicado a indivíduos de qualquer idade, em distintos quadros psicopatológicos e em sujeitos de diferentes níveis intelectuais. Deste modo, diversos tipos de indivíduos têm tido a possibilidade de expressar, por meio dos materiais coletados em pesquisas, como estes apresentam suas representações sociais sobre os mais variados temas (VAISBERG, 2020).

Ainda sobre o PDE-T, cabe ressaltar que “podemos considerá-lo uma estratégia investigativa de notável poder heurístico, que deriva diretamente da proposta original do Procedimento de Desenhos-Estórias de Walter Trinca (1972)” (AIELLO-VAISBERG; AMBROSIO, 2013, p. 277). Outrossim, por se tratar de um procedimento pautado na clínica psicanalítica orientada, ele tem por objetivo favorecer uma comunicação emocional dentro de um contexto intersubjetivo e, dessa forma, o DE demarca um caráter interpretativo – além de compreensivo – quanto à possibilidade de “intervenções transicionais” (AIELLO-VAISBERG; AMBROSIO, 2013, p. 282).

Para Winnicott (1953/2019b), as investigações são constituídas como encontros inter-humanos que são guiados pelo conceito de transicionalidade, que entende e acredita no processo psicanalítico como sendo de “criação/encontro conjunto de sentidos” da experiência

do indivíduo (AIELLO-VAISBERG; AMBROSIO, 2013, p. 282). Destarte, sobre o aspecto intervencionista do Desenho-Estória com Tema, vale destacar que se norteia através da possibilidade do gesto espontâneo, o que demarca um indicativo de saúde emocional do indivíduo, amparando-se na postura tanto criativa quanto integradora que pode ocorrer neste espaço de encontro inter-humano, entre o terapeuta e o paciente (TARDIVO, 2013). Tratando-se desta pesquisa, refere-se ao encontro entre pesquisadora e adolescentes.

Um exemplo imprescindível da aplicabilidade do PDE-T refere-se à tese de Tardivo (2004) para obtenção do título de Livre Docente em Psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O citado trabalho enfoca o tema da adolescência e a questão do sofrimento emocional com jovens indígenas em São Gabriel da Cachoeira (AM), assim como relatos de estudos semelhantes realizados pela autora e colaboradores com participantes adolescentes em outros contextos e situações. No entanto, o Procedimento utilizado foi o mesmo (Desenho Temático). O estudo foi realizado com mais de 60 jovens e o Procedimento Desenho-Estória Temático foi utilizado em grupo. Posteriormente, a referida autora os convidou a falar e mostrarem suas produções. Assim, foi realizada uma discussão sobre os desenhos e as associações possíveis. E, por fim, as produções foram entregues para a pesquisadora. Sobre o PDE-T, Tardivo (2004) afirma que

Partindo da ideia já confirmada do enorme potencial do Procedimento de Desenhos-Estórias com tema, ou simplesmente Desenhos Temáticos (Vaisberg,1997), pensei em “ouvir”, conhecer, penetrar enfim entrar em contato com o jovem, da forma como ele se vê. Melhor dizendo a partir de se seu olhar. Esse procedimento mostrou-se lá em São Gabriel da Cachoeira uma ferramenta útil na aproximação. Venho empregando Desenhos Temáticos em outras oportunidades, de forma isolada ou com colaboradores e co-autores [...] (TARDIVO, 2004, p. 110).

Desse modo, a autora salienta a importância e o potencial do Desenho Temático, visto que ele possibilita ao pesquisador “ouvir” (TARDIVO, 2004) a forma como o grupo investigado significa determinado tema – ou melhor, como as pessoas representam uma temática em questão. Por meio da sua tese, a autora afirma como o PDE-T, enquanto ferramenta, mostrou-se primordial na pesquisa. Além disso, o procedimento já foi utilizado pela autora em outros momentos: seja em conjunto com outros pesquisadores, seja de forma isolada (GIL; TARDIVO, 2007b; MARIGLIANO; GIL; TARDIVO, 2017; SANCHEZ; ROSA; TARDIVO, 2017; TARDIVO; VAISBERG, 2001; TARDIVO, 2005; TARDIVO, 2007; TARDIVO, 2007a; VAISBERG, 2014). Nesse sentido, é possível observar o reconhecimento das potências do PDE-T, sendo um procedimento utilizado há décadas. Dito isso, afirma-se sua relevância em pesquisas e, na tese de Tardivo (2004), em específico,

reitera os ganhos e a significância do Desenho-Estória Temático com adolescentes, o que respalda o instrumento escolhido para essa pesquisa de mestrado, que também tem como público alvo os adolescentes.

Em suma, o procedimento escolhido para essa pesquisa de mestrado – Procedimento Desenho-Estória com tema (PDE-T) – tem como base o Jogo do Rabisco desenvolvido por Winnicott e o Procedimento Desenho-Estória (DE) elaborado por Trinca. Assim, o PDE-T possui os mesmos pressupostos do Jogo do Rabisco e do DE, pois pode viabilizar um espaço de possibilidades para o adolescente (participante) da pesquisa, como considerar o seu processo ativo (protagonismo). Além disso, pauta-se na relevância de criar um ambiente facilitador para a realização do Procedimento (DE-T).

### 3.5 Análise do DE-T segundo Vaisberg

Para a análise, foram considerados os Desenhos-Estórias com Tema desenvolvidos na aplicação individual e remota com cada participante e que foram enviados para a pesquisadora de maneira virtual. Segundo Acosta (2005), o desenho pode ser caracterizado como um instrumento capaz de assimilar outras formas de expressão que não foram possíveis por meio da fala e/ou escrita, mas que pela expressão gráfica podem se manifestar. As unidades de produção dos participantes foram armazenadas em uma pasta específica e salvas em um banco de dados *on-line*, no *drive* de um e-mail institucional (IP/UFAL), protegido por senha, com acesso somente pela pesquisadora.

Vaisberg (2020) apresenta sugestão de como o material obtido por meio do Procedimento Desenho-Estória com Tema pode ser tratado. Ressalta-se que, para a autora, o referido Procedimento (VAISBERG, 2020, p. 201)

[...] na medida em que facilita a expressão subjetiva em marco projetivo, pode ser entendido como aplicação técnica possível do método psicanalítico, ainda que, por sua versatilidade, possa ser objeto de variados tipos de tratamento, em conformidade com outros referenciais teóricos. De acordo com a visão psicanalítica, entretanto, presta-se admiravelmente à busca de elucidação do inconsciente relativo, implicando nesse caso, uma leitura transferencial do material (VAISBERG, 2020, p. 201).

O PDE-T se caracteriza como uma técnica psicanalítica que possibilita ao sujeito uma expressão subjetiva. Além disso, por se tratar de um Procedimento versátil, pode ser utilizado por diversos referenciais teóricos, o que implica em diferentes formas de tratamento do material coletado. Assim, observa-se o porquê de a autora apontar como “sugestão de tratamento do material obtido por meio do Procedimento” (VAISBERG, 2020, p. 201) em

face dos variados tipos de tratamento dos dados. Não obstante, é importante enfatizar que, por ser um Procedimento com base na psicanálise, busca-se uma elucidação do inconsciente, o que remete à necessidade de uma leitura transferencial do pesquisador quanto ao material obtido por meio do PDE-T.

Quanto à interpretação do PDE-T, é correto afirmar que essa se dá na transferência. Nas pesquisas de representações sociais, garante-se a leitura transferencial “centrada na apreensão do que diz o material acerca da posição existencial do sujeito grupal diante do objeto social em pauta” (VAISBERG, 2020, p. 202). Em síntese, não se objetiva apreender o que cada sujeito expressa sobre si mesmo, pois não se trata de um diagnóstico psicológico: o objetivo neste contexto de pesquisa é de identificar o que cada sujeito diz sobre a subjetividade grupal da qual é integrante (VAISBERG, 2020).

É imprescindível salientar que Vaisberg (2020) aponta que cada pesquisador dispõe de autonomia quanto à criação de formas que o auxiliem na leitura transferencial do material. Faz-se necessário ter em mente o objetivo proposto na apreensão das representações sociais ou significados sobre um tema. Ademais, tanto a produção gráfica quanto a verbal devem ser consideradas como mensagens através das quais o participante responde aos comandos do pesquisador. Assim, a autora aborda como tem trabalhado na interpretação do material, mas afirma não ser um molde a ser empregado, uma vez que se caracteriza como uma “possibilidade analítica”, configurando-se, assim, como uma proposta a ser adaptada e/ou aperfeiçoada por cada pesquisador.

Neste seguimento, Vaisberg (2020) descreve como se dá o trabalho interpretativo dos dados obtidos através do PDE-T. Segundo a autora,

pode-se distinguir, em nosso procedimento, três etapas de trabalho. Na primeira, conduzimos a leitura por atenção flutuante, de modo a permitir que sejamos emocional e cognitivamente impressionados pela comunicação, ou seja, **deixar que emerja**. Nesta etapa, tudo o que chama a atenção, seja em termos formais, seja em termos de conteúdos, deve ser assinalado. Na segunda etapa, aquilo que se destaca deve ser **levado em consideração**, tornando-se objeto de reflexão e de construção interpretativa. Na terceira etapa, essa reflexão poderá nos levar a **completar o desenho**, a fim de possibilitar levantamentos de hipóteses acerca de qual é (na relação que estabelece em termos existências e emocionais com o objeto social pesquisado) a subjetividade grupal da qual estamos nos ocupando (VAISBERG, 2020, p. 202-203, grifos da autora).

Assim, observa-se que a autora referida realiza seu processo interpretativo do PDE-T em três etapas, sendo estas: leitura flutuante, reflexão e construção interpretativa através do que se destacou e completar o desenho – levantamento de hipóteses sobre a subjetividade

grupala pesquisada. Desse modo, as instruções interpretativas podem servir de norte para o trabalho interpretativo do material por meio do pesquisador.

Na primeira etapa de análise realizada nesta pesquisa, utilizou-se como instrumento a leitura flutuante dos PDEs-T, por meio da qual foi possível a sistematização das ideias preliminares da investigação. Ainda na primeira etapa, elaborou-se indicadores, que são elementos de essência da mensagem – seja em termos formais e/ou de conteúdos. Desse modo, esses elementos (unidades de registro) surgiram a partir de recortes de textos da história e do título, bem como da descrição textual do desenho, para uma posterior análise das temáticas presentes em cada unidade. Isso possibilitou formular indicadores temáticos a serem categorizados nas fases posteriores.

Reitera-se que o método utilizado nessa fase foi selecionar os temas identificados em cada unidade de produção (desenho + história + título), de forma a contemplar os objetivos da pesquisa. Para uma sistematização dos temas identificados em cada unidade de produção, quadros foram construídos para apresentar as Unidades de Registro, que apontam cada tema identificado no desenho, história e título de cada participante desta pesquisa.

Em sequência, na segunda fase, em que se objetiva levar tudo o que se destaca em consideração para que se torne objeto de reflexão e possibilite uma construção interpretativa do material coletado, ou seja, uma categorização ou codificação do material no estudo, foi realizada a elaboração das categorias. O que aponta para os elementos integrantes de uma analogia significativa da pesquisa, isto é, das categorias. Além disso, demarca uma construção interpretativa dos dados. É importante frisar que essa análise categorial implica em desmembramento e agrupamento das unidades de registro do material analisado.

Neste caso, a repetição de termo e/ou palavras pode ser uma tática empregada no processo de codificação para que sejam elaboradas as unidades de registro e possa chegar nas categorias iniciais de análise. Para tanto, foi preciso identificar os temas de cada material (unidade de produção – DET) separadamente. Na sequência, foram unidos os temas identificados em cada unidade (DET), o que possibilitou agrupamento das unidades de registro do texto e resultou na construção das categorias. Nesse sentido, os temas que mais se repetiram e que se assemelhavam foram agrupados para a constituição de categorias – estratégia para codificação do material que pode levar às categorias iniciais de análise, que foram descritas de acordo com a interpretação do conteúdo analisado (DETs). Dando seguimento, categorias intermediárias foram possíveis, até chegar-se às categorias finais de análise

Na terceira etapa, quanto ao completar o desenho da subjetividade, Vaisberg (2020) enfatiza que a definição de um guia para a tomada de consideração objetiva a apreensão da psicodinâmica referente às representações sociais. Em seus trabalhos, a autora busca elucidar algumas questões (VAISBERG, 2020, p. 203):

a) Quais os temas importantes dessa produção? b) Considerando-se o encadeamento sequencial das proposições, que dinâmica discursiva segue a estória? c) Qual é o estilo (lírico, heroico, sóbrio, sensacionalista, moralista, acusatório etc.)? d) Qual é a teoria implícita a respeito do objeto representacional em questão? e) Que tipo de interesse afetivo-emocional é contemplado por essa teoria? f) Que tipo de configuração mental grupal produz tal teoria para tal tipo de interesse afetivo-emocional? (VAISBERG, 2020, p. 203).

Percebe-se que algumas perguntas norteadoras podem contribuir para a construção do desenho da subjetividade de um determinado sujeito/grupo. Por meio dessas perguntas, pode ser possível identificar os temas relevantes de uma produção (PDE-T), assim como a dinâmica discursiva da história. Além disso, pode-se discernir o estilo da produção, a teoria implícita, o tipo de interesse afetivo-emocional por tal teoria e o tipo de configuração mental do grupo. Assim sendo, a possibilidade de responder às perguntas que servem de norte pode corroborar com a construção da subjetividade desenhada pelo grupo pesquisado, ou seja, como o grupo dá significados sobre o tema investigado.

Entretanto, como a própria autora enfatizou, as instruções por ela descritas se caracterizam como uma sugestão, isto é, como uma forma de análise interpretativa do material obtido pelo PDE-T. Assim, demarca a autonomia por parte do pesquisador em seu tratamento do material em consonância com seu aporte teórico, o que aponta para a versatilidade do PDE-T. Não obstante, é imprescindível levar em consideração as recomendações da autora acerca do Procedimento ao salientar que suas instruções interpretativas do material podem ser reformuladas, adaptadas, aprimoradas.

A vista disso, na terceira fase de análise, objetiva-se uma reflexão sobre o material para que seja realizável o “completar o desenho”. É nesta etapa que ocorre um tratamento dos resultados por meio de reflexão, levantamento de hipóteses, inferências e interpretações. Desse modo, para completar o desenho da subjetividade do grupo de adolescentes, foi preciso se articular com o objetivo geral desta pesquisa, qual seja “compreender os significados da adolescência em situação de pandemia para os adolescentes”. Assim como Vaisberg (2020) apontou para a necessidade de um guia para a tomada de consideração sobre o desenho da subjetividade do grupo pesquisado, essa pesquisa teve como norte as seguintes perguntas: a) Quais os temas importantes dessa produção (desenho + história + título)? b) O que os

adolescentes estão nos contando a partir da produção? c) Como os ambientes e as relações do adolescente em pandemia se apresentam nessas produções? d) Como os adolescentes estão experienciando e significando a situação pandêmica? Através destas perguntas norteadoras, se tornou possível levantar hipóteses e reflexões quanto ao significado da adolescência em situação de pandemia para os adolescentes.

Além disso, nessa etapa, para se completar o desenho da subjetividade grupal, ocorreu tanto uma análise reflexiva quanto crítica. Neste momento, o tratamento dos resultados objetivou constituir e compreender os conteúdos integrados em todos os dados coletados através dos instrumentos – nesse caso, o PDE-T. Cabe salientar que a análise reflexiva, a crítica e a interpretação dos resultados encontrados tiveram como base a teoria psicanalítica de Winnicott.

Diante do exposto, é importante mencionar que a forma de análise se deu em torno da temática proposta a partir do objetivo geral da pesquisa, a saber: “compreender os significados sobre adolescência em situação de pandemia do coronavírus (covid-19) para os adolescentes”. Assim, buscou-se identificar como o referido grupo – adolescentes – dava significados sobre a adolescência em situação de pandemia. Em consonância com o proposto por Vaisberg (2020), nas etapas do trabalho interpretativo dos dados, todo o material coletado passou pelas três etapas de análise propostas pela autora.

A unidade de produção (desenho + história + título) de cada participante foi conduzida por uma leitura flutuante, o que possibilitou “deixar emergir” tudo o que chamou a atenção da pesquisadora, seja em termos formais ou em conteúdo, sendo então registrados. Na segunda etapa, o que chamou a atenção da pesquisadora foi levado em consideração. Isso contribuiu para uma reflexão e construção interpretativa do material, isto é, categorias iniciais, intermediárias e finais. E por fim, na terceira etapa – completar o desenho –, ocorreu levantamento de hipóteses sobre a subjetividade grupal pesquisada: quais os significados da adolescência em situação de pandemia para os adolescentes. Assim, tornou-se possível reflexões, críticas e interpretações com fundamentação psicanalítica sobre a temática aqui investigada. Cabe ressaltar que um recorte dessa pesquisa de mestrado foi publicado tendo o mesmo método e com os mesmos participantes desse estudo. Tal questão salienta a relevância do Procedimento Desenho-Estória Temático, sobretudo em uma adaptação para o formato remoto, em decorrência da pandemia da covid-19. O artigo referido (SANTOS *et al.*, 2022) foi avaliado e aceito para publicação, tanto em âmbito nacional quanto internacional, pela revista *Ciência & Saúde Coletiva* (Versão on-line ISSN: 1678-4561), intitulado “Quais os significados sobre família em situação de pandemia para os adolescentes?”

## 4 RESULTADOS

Os resultados apresentados a seguir foram advindos da participação de 74 adolescentes com idade entre 12 e 17 anos e 11 meses, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), de ambos sexos e que residiam em uma das cinco regiões do Brasil. Dos 74 participantes, 32 adolescentes eram da região Nordeste do Brasil, 17 participantes da região Sudeste, 13 residentes na região Sul, 7 da região Centro-Oeste e 5 da região no Norte do país.

### 4.1 Perfil sociodemográfico dos participantes

Tendo em vista os dados sociodemográficos dos 74 participantes, algumas informações do perfil dos adolescentes serão apresentadas na Tabela 1.

**Tabela 1** – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa

(continua)

<b>Variável sociodemográfica (contínua)</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Idade (anos)</b>	14.27	2.50	12	17
<b>Variáveis sociodemográficas (categoriais)</b>			<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>	Feminino		52	70,27%
	Masculino		22	29,72%
<b>Cor</b>	Preto		10	13,51%
	Pardo		32	43,24%
	Branco		32	43,24%
<b>Escolaridade</b>	Fundamental II		45	60,81%
	Ensino médio incompleto		27	36,48%
	Ensino médio completo		2	2,70%
<b>Rede escolar</b>	Pública		38	51,35%
	Particular		34	45,94%

		(continuação)	
<b>Aulas</b>	Aulas online	58	78,37%
	Atividades assíncronas	9	12,16%
	Nenhuma atividade	5	6,75%

Categorização da amostra (n=74)

Fonte: autora (2021).

A Tabela 1 apresenta que a média da idade dos participantes (ambos sexos) foi de 14,27 e a idade mínima e máxima para ambos sexos foi 12 e 17 (correspondente). O desvio padrão (DP) foi 2.50. A amostra foi constituída por 52 participantes do sexo feminino (70,27%) e 22 do sexo masculino (29,72%). Quanto à cor dos 74 adolescentes, 32 (43,24%) se autodeclararam brancos, 32 (43,24%) se autodeclararam pardos e 10 (13,51%) se autodeclararam pretos. Sobre a escolaridade dos participantes, 45 (60,81%) cursavam o Ensino Fundamental (E.F.) II, 27 (36,48%) cursavam o Ensino Médio (E.M.) e dois (2,70%) tinham concluído o Ensino Médio.

No que se refere à rede escolar dos 72 participantes que estavam matriculados no Fundamental II ou Ensino Médio, 38 (51,35%) estudavam em escolas da rede pública e 34 (45,94%) eram alunos de instituições de ensino da rede particular. Quanto às aulas destes 72 participantes que estavam matriculados em uma instituição de ensino, 58 (78,37%) dispunham de aulas *on-line*, 9 (12,16%) estavam tendo atividades assíncronas e 5 (6,75%) não dispunha de nenhuma atividade.

Considerando o número de participantes (74) e visando a uma melhor apresentação dos resultados, as informações foram separadas por região brasileira e os dados detalhados de cada participante (separados por sexo) serão apresentados como apêndices (K ao S). A constituição da apresentação dos dados seguirá pelas regiões com maior número de participantes, ou seja, Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-Oeste e Norte.

#### 4.1.1 Perfil sociodemográfico dos participantes: região Nordeste

A amostra dessa região brasileira foi constituída por 32 adolescentes, sendo 24 do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Algumas informações sobre o perfil desses participantes serão apresentadas a seguir (Tabela 2) e outras características serão descritas posteriormente. Quanto às informações de cada participante do Nordeste, encontram-se nos apêndices K e L.

**Tabela 2** – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa – região Nordeste

<b>Variável sociodemográfica (contínua)</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Idade (anos)</b>	14.50	2.50	12	17
<b>Variáveis sociodemográficas (categóricas)</b>			<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>	Feminino		24	75%
	Masculino		8	25%
<b>Cor</b>	Preto		6	18,75%
	Pardo		16	50%
	Branco		10	31,25%
<b>Escolaridade</b>	Fundamental II		17	53,12%
	Ensino médio incompleto		14	43,75%
	Ensino médio completo		1	3,12%
<b>Rede escolar</b>	Pública		21	65,62%
	Particular		10	31,25%
<b>Aulas</b>	Aulas online		22	68,75%
	Atividades assíncronas		7	21,87%
	Nenhuma atividade		2	6,25%

Categorização da amostra (n=32).

Fonte: autora (2021).

A Tabela 2 demonstra o perfil dos 32 adolescentes, com média de idade dos participantes de 14,5 anos. As idades mínima e máxima para ambos os sexos foi de 12 e 17 anos. Quanto à cor dos participantes, 16 (50%) eram pardos, 10 (31,25%) brancos e 6 (18,75%) pretos. Sobre a escolaridade, 17 (53,12%) adolescentes cursavam o Ensino Fundamental II, 14 (43,75%) adolescentes estavam com Ensino Médio incompleto e apenas 1 (3,12%) adolescente com Ensino Médio completo.

Sobre a repetência escolar, dos 32 participantes da pesquisa, apenas 6 (18,75%) repetiram: 2 adolescentes repetiram a pré-escola (um repetiu uma vez e o outro duas vezes); 2 adolescentes repetiram o 9º ano do E.F.; 1 adolescente repetiu o 2º ano do E.M.; e 1

adolescente repetiu o 3º ano do E.M. Os participantes que repetiram o 2º, 3º e 9º ano, repetiram uma vez. Quanto à rede escolar dos 31 participantes – visto que um já havia completado o Ensino Médio –, 21 (65,62%) estudavam em escolas da rede pública de ensino e 10 (31,25%) estudavam em escolas da rede particular de ensino. Referente às aulas *on-line*, dos 31 participantes que estavam estudando, 22 (68,75%) estavam tendo aulas *on-line* e 9 (29,03%) não tinham aulas *on-line*, sendo que 7 (21,87%) estavam tendo atividades escolares assíncronas e apenas 2 (6,25%) estavam sem aulas *on-line* e sem atividades assíncronas.

Quanto à atividade laboral formal dos 32 participantes, apenas 2 (6,25%) possuíam atividade laboral formal e, dentre eles, apenas 1 dispunha da garantia de seus direitos trabalhistas. Sobre o estado civil dos participantes, 29 (90,62%) afirmaram estarem solteiros e apenas 3 (9,37%) afirmaram estar namorando. Nenhum dos 32 participantes tinham filhos. No que diz respeito às pessoas que residiam com os participantes, todos moravam com suas famílias, que foram identificadas com diferentes configurações: 18 (56,25%) moravam com os pais e irmão(s); 5 (15,62%) residiam com mãe e irmão(s); 4 (12,50%) residiam com a mãe; 3 (9,37%) residiam com outros familiares (avós; avó e tia; mãe, padrasto e irmãos); e 2 (6,25%) residiam com os pais. Quanto ao estado de residência dos participantes, 5 estados foram identificados na pesquisa, sendo estes: Alagoas (15 adolescentes, que equivalem a 46,87%), Bahia (8, que correspondem a 25%), Pernambuco (5, correspondendo a 15,62%), Sergipe (3, sendo 9,37%) e Ceará (1, que equivale a 3,12%).

Sobre a renda familiar dos participantes: 10 (28,12%) tinham como renda familiar dois salários mínimos; 8 (25%) não souberam informar a renda da família; 7 (21,87%) adolescentes tinham renda familiar de um salário mínimo; 5 participantes apresentaram renda familiar entre três e quatro salários; e 2 adolescentes tinham como renda familiar cinco salários mínimos ou mais. Referente a serem beneficiários do Programa Bolsa Família, 27 (84,37%) participantes afirmaram não serem beneficiários, enquanto 5 (15,62%) afirmaram receber o Bolsa Família. Referente aos responsáveis pelos participantes, foram identificados 55 responsáveis –considerando que algumas famílias são compostas por apenas um responsável. As ocupações dos responsáveis foram classificadas em cinco categorias: 26 (47,27%) trabalhos formais; 9 (16,36%) trabalhos informais; 10 (18,18%) beneficiários/aposentados/desempregados; 7 (12,72%) trabalhadoras do lar (dona de casa); e 3 (5,45%) estudantes universitárias.

#### 4.1.2 Perfil sociodemográfico dos participantes: região Sudeste

A amostra da região Sudeste foi composta por 17 adolescentes, sendo 9 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. O perfil detalhado de cada participante encontra-se nos apêndices M e N. Na Tabela 3 se encontram algumas informações sobre os participantes e outras características serão descritas posteriormente.

**Tabela 3** – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa – região Sudeste

<b>Variável sociodemográfica (contínua)</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Idade (anos)</b>	14.44	2.50	12	17
<b>Variáveis sociodemográficas (categoriais)</b>			<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>	Masculino		9	52,94%
	Feminino		8	47,05%
<b>Cor</b>	Branco		8	47,05%
	Pardo		6	35,29%
	Preto		3	17,64%
<b>Escolaridade</b>	Fundamental II		11	64,70%
	Ensino médio incompleto		6	35,29%
<b>Rede escolar</b>	Pública		10	58,82%
	Particular		7	41,17%
<b>Aulas</b>	Aulas online		14	82,35%
	Atividades assíncronas		2	11,76%
	Nenhuma atividade		1	5,88%

Categorização da amostra (n=17).

Fonte: autora (2021).

A Tabela 3 aponta algumas informações do perfil dos participantes do Sudeste, sendo 9 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. A média da idade dos 17 participantes foi de 14,4. A idade mínima e máxima para ambos os sexos foi de 12 e 17 anos. Quanto à cor dos

participantes, 6 (35,29%) eram pardos, 8 (47,05%) brancos e 3 (17,64%) pretos. E sobre a escolaridade, 11 (64,70%) adolescentes cursavam o Ensino Fundamental II, e 6 (35,29%) adolescentes estavam no Ensino Médio incompleto.

Sobre repetência escolar, dos 17 participantes da pesquisa, apenas 1 (5,88%) repetiu uma vez o 7º ano. Quanto à rede escolar dos 17 participantes, 10 (58,82%) estudavam em escolas da rede pública de ensino e 7 (41,17%) estudavam em escolas da rede particular de ensino. Referente às aulas *on-line*, dos 17 participantes que estavam estudando, 14 (82,35%) estavam tendo aulas *on-line*. Desses, 2 (11,76%) com atividades assíncronas e 1 (5,88%) estava sem aulas *on-line* e sem atividades assíncronas.

Quanto à atividade laboral formal dos 17 participantes, 5 (24,44%) possuíam atividade laboral formal, sendo que apenas 1 (5,88%) dispunha da garantia de seus direitos trabalhistas. Sobre o estado civil dos participantes, 16 (%) afirmaram estarem solteiros e apenas 1 (5,88%) afirmou estar namorando. Cabe ressaltar que nenhum dos 17 participantes tinham filhos. Sobre as pessoas que residiam com os participantes, todos moravam com suas famílias e elas se configuravam das seguintes formas: 11 (64,70%) moravam com os pais e irmão(s), 3 (17,64%) residiam somente com pais e os outros 3 (17,64%) residiam com outras figuras parentais: um residia com mãe, padrasto e irmãos, outro adolescente residia com a mãe e irmã, e um outro com pais, irmã e avó.

Quanto ao estado de residência dos participantes, foram identificados três, sendo estes: São Paulo (10, equivalente a 58,82 %), Minas Gerais (4, correspondendo a 23,52 %) e Rio de Janeiro (3, que correspondem a 17,64%). Sobre a renda familiar dos participantes, dos 17 adolescentes, 7 (41,17) não souberam informar, 3 (17,64%) tinham como renda familiar três salários mínimos, 5 (29,41%) participantes apresentaram as seguintes rendas: 1<sup>1/2</sup> salário mínimo, 2 salários mínimos, 3/2 salários mínimos, 4 salários mínimos e 30 salários mínimos e 2 (11,76) com 1 salário mínimo. Referente a serem beneficiários do Programa Bolsa Família, 13 (76,47%%) participantes afirmaram não serem beneficiários e 4 (23,52%) afirmaram receber o Bolsa Família.

Quanto aos responsáveis pelos participantes, foram identificados 33 responsáveis (levando em consideração que algumas famílias são compostas por um responsável). As ocupações destes foram classificadas em quatro categorias, sendo estas: 19 (57,57%) trabalhos formais, 7 (21,21%%) trabalhos informais, 5 (15,15%) trabalhadoras do lar (dona de casa) e 2 (6,06%) estudantes universitárias.

#### 4.1.3 Perfil sociodemográfico dos participantes: região Sul

A amostra da região Sul do Brasil foi composta por 13 adolescentes, sendo 9 do sexo feminino e 4 do sexo masculino. Algumas informações do perfil destes participantes serão apresentadas na Tabela 4. Cabe ressaltar que o perfil detalhado de cada participante (separados por sexo) se encontra nos apêndices O e P.

**Tabela 4** – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa -região Sul

<b>Variável sociodemográfica (contínua)</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Idade (anos)</b>	12.7	1.5	12	15
<b>Variáveis sociodemográficas (categoriais)</b>			<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>	Feminino		9	69,23%
	Masculino		4	30,76%
<b>Cor</b>	Branco		10	76,92%
	Pardo		3	23,07%
	Preto		0	0,0%
<b>Escolaridade</b>	Fundamental II		12	92,30%
	Ensino médio incompleto		1	7,69%
<b>Rede escolar</b>	Particular		12	92,30%
	Pública		1	7,69%
<b>Aulas</b>	Aulas online		13	100%
	Atividades assíncronas		0	0,0%
	Nenhuma atividade		0	0,0%

Categorização da amostra (n=13).

Fonte: autora (2021).

A Tabela 4 apresenta o perfil dos 13 participantes do Sul do Brasil, sendo 9 do sexo feminino e 4 do sexo masculino. A média da idade dos 13 participantes foi de 12,7. A idade mínima para ambos sexos foi de 12 anos e a idade máxima foi de 15 anos. Quanto à cor dos

participantes, 10 (76,92%) eram brancos e 3 pardos (23,07%). Sobre a escolaridade, 12 (92,30%) adolescentes cursavam o Ensino Fundamental II e apenas 1 (7,69%) adolescente cursava o Ensino Médio. Com relação à repetência escolar, dos 13 participantes da pesquisa, apenas 2 (15,38%) repetiram: um no 2º ano do E.M. e o outro não informou. Quanto à rede escolar dos 13 participantes, 12 (92,30%) estudavam em escolas da rede particular de ensino e apenas 1 (7,69%) estudava em escola da rede pública. Referente às aulas *on-line*, os 13 (100%) participantes estavam tendo aulas no formato remoto.

Quanto à atividade laboral formal dos participantes, apenas 2 (15,38%) desempenhavam atividade laboral formal e somente um dispunha da garantia de seus direitos trabalhistas. Sobre o estado civil dos participantes, 12 (92,30%) afirmaram estarem solteiros e apenas 1 (7,69%) informou estar namorando. Nenhum dos 13 participantes tinham filhos. No que diz respeito a com quem os participantes residiam, todos eles moravam com a família e estas se configuravam da seguinte forma: 6 (46,15%) conviviam com pais e irmão, 4 (30,76%) residiam somente com os pais, 2 (15,38%) adolescentes viviam apenas com a mãe e 1 (7,69%) residia com a mãe, irmãos e sobrinho.

Quanto ao estado de residência dos participantes, todos os 13 (100%) adolescentes eram do Paraná. Sobre a renda familiar dos participantes, dos 13 adolescentes, 6 (46,15%) tinham como renda familiar dois salários mínimos, 3 (23,07%) não souberam informar a renda da família, 2 (15,38%) tinham três salários mínimos como renda e 2 (15,38%) possuíam cinco salários mínimos como renda familiar. Referente a serem beneficiários do Programa Bolsa Família, 11 (84,61%) participantes afirmaram não serem beneficiários e 2 (15,38%) afirmaram receber o Bolsa Família. Quanto aos responsáveis pelos adolescentes, foram identificados 23 responsáveis, número este considerando que três famílias são compostas por um responsável. As ocupações destes foram classificadas em três categorias, sendo estas: 12 (52,17%) trabalhos formais, 8 (34,78%) trabalhos informais e 3 (13,04%) trabalhadoras do lar (dona de casa).

#### 4.1.4 Perfil sociodemográfico dos participantes: região Centro-oeste

A amostra da região Centro-Oeste foi constituída por 7 adolescentes, todas do sexo feminino. Algumas informações sobre o perfil das participantes serão descritas na Tabela 5. Ressalta-se que o perfil detalhado das sete participantes se encontra no apêndice Q.

Tabela 5 – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa - região Centro-Oeste

<b>Variável sociodemográfica (contínua)</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Idade (anos)</b>	15.1	2.50	12	17
<b>Variáveis sociodemográficas (categoriais)</b>			<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>	Feminino		7	100%
	Masculino		0	0,0%
<b>Cor</b>	Parda		4	57,14%
	Branco		3	42,85%
	Preto		0	0,0%
<b>Escolaridade</b>	Ensino Médio incompleto		4	57,14%
	Fundamental II		3	42,85%
<b>Rede escolar</b>	Particular		4	57,14%
	Pública		3	42,86%
<b>Aulas</b>	Aulas online		6	85,71%
	Atividades assíncronas		0	0,0%
	Nenhuma atividade		1	14,28%

Categorização da amostra (n=7).

Fonte: autora (2021).

A Tabela 5 demonstra o perfil das 7 adolescentes do sexo feminino da região Centro-Oeste. Ressalta-se que, nesta região do Brasil, nenhum adolescente do sexo masculino compôs a amostra. A média de idade das participantes foi de 15,1. A idade mínima e máxima foi de 12 e 17 anos. Quanto à cor das adolescentes, 4 (57,14%) eram pardas e 3 (42,85%) brancas. Sobre a escolaridade, 4 (57,14%) adolescentes estavam no Ensino Médio incompleto e 3 (42,85%) adolescentes cursavam o Ensino Fundamental II. Sobre a repetência escolar, nenhuma das sete participantes repetiu algum ano escolar. Quanto à rede escolar das sete adolescentes, 4 (57,14%) estudavam em escolas da rede particular de ensino e 3 (42,85%) estudavam em escolas da rede pública de ensino. Referente às aulas *on-line*, das sete

adolescentes, 6 (85,71%) estavam tendo aulas *on-line* e 1 (14,28%) não tinha aulas *on-line* (mencionou que ainda não haviam começado).

Quanto à atividade laboral formal das sete participantes, apenas 1 (14,28%) possuía atividade laboral formal e dispunha da garantia de seus direitos trabalhistas. Sobre o estado civil das sete adolescentes, todas afirmaram estarem solteiras e nenhuma tinha filhos. Sobre as pessoas com quem as participantes residiam, ressalta-se que todas moravam com a família, que apresentavam as seguintes configurações: 4 (57,14%) moravam com os pais e irmão(s); 1 (14,28%) participante residia somente com os pais; 1 (14,28%) residia com a mãe e o padrasto; e 1 (14,28%) adolescente morava com madrasta, pai e irmãos. Quanto ao estado de residência das participantes, três foram identificados: Distrito Federal (4 adolescentes, equivalentes a 57,17%), Goiás (2 adolescentes, que correspondem a 28,57%) e Mato Grosso do Sul (1 adolescente, correspondendo a 14,28%).

Sobre a renda familiar das sete participantes, 3 (42,85%) não souberam informar a renda da família e 4 (57,14%) adolescentes apresentaram as seguintes rendas: dois salários, três salários, quatro salários e vinte salários. Referente a serem beneficiárias do Programa Bolsa Família, nenhuma das participantes é beneficiária do Programa. Quanto aos responsáveis pelas participantes, foram identificados 14 responsáveis, número este considerando que cada família era composta por dois responsáveis. As ocupações destes foram classificadas em três categorias: 12 trabalhos formais (85,71%), 1 trabalho informal (7,14%) e 1 (7,14%) trabalhadora do lar (dona de casa).

#### 4.1.5 Perfil sociodemográfico dos participantes: região Norte

A amostra da região Norte do Brasil foi constituída por 5 adolescentes, sendo 4 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Algumas informações condizentes com o perfil dos participantes serão apresentadas na Tabela 6. Cabe enfatizar que o perfil detalhado de cada participante se encontra nos apêndices R e S.

**Tabela 6** – Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa -região Norte

<b>Variável sociodemográfica (contínua)</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Idade (anos)</b>	15	2.5	12	17
<b>Variáveis sociodemográficas (categóricas)</b>			<b>n</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>	Feminino		4	80%
	Masculino		1	20%
<b>Cor</b>	Pardo		3	60%
	Branco		1	20%
	Preto		1	20%
<b>Escolaridade</b>	Fundamental II		2	40%
	Ensino médio incompleto		2	40%
	Ensino Médio completo		1	20%
<b>Rede escolar</b>	Pública		3	60%
	Particular		1	20%
<b>Aulas</b>	Aulas online		3	60%
	Atividades assíncronas		0	0,0%
	Nenhuma atividade		1	20%

Categorização da amostra (n=5).

Fonte: autora (2021).

A Tabela 6 apresenta o perfil dos 5 adolescentes da região Norte do Brasil, sendo 4 do sexo feminino e 1 adolescente do sexo masculino. A média da idade dos cinco participantes foi de 15 anos. A idade mínima e máxima para o sexo feminino foi de 14 e 17 anos. E o único adolescente do sexo masculino tinha 12 anos. Quanto à cor dos participantes, 3 (60%) eram pardos, 1 (20%) branco e 1 (20%) preto. Sobre a escolaridade, 2 (40%) adolescentes cursavam o Ensino Fundamental II, 2 (40%) adolescentes estavam no Ensino Médio incompleto e 1 (20%) participante tinha o Ensino Médio completo. Sobre a repetência escolar, nenhum dos

participantes repetiram. No que diz respeito à rede escolar dos cinco participantes, 3 (60%) estudavam em escolas da rede pública, 1 (20%) estudava em uma escola da rede particular de ensino e o outro (20%) participante já havia concluído o Ensino Médio. Referente às aulas *on-line*, dos 4 participantes que estavam estudando, 3 (60%) estavam tendo aulas *on-line* e 1 (20%) não tinha aulas *on-line* nem atividade assíncronas.

Quanto à atividade laboral formal dos cinco participantes, apenas 1 (20%) estava trabalhando e dispunha de seus direitos trabalhistas. Sobre o estado civil dos participantes, todos afirmaram estarem solteiros e nenhum dos adolescentes tinham filhos. Referente às pessoas com quem os participantes residiam, cabe enfatizar que todos os adolescentes viviam com a família. A configuração das famílias dos participantes se deu da seguinte forma: 2 (40%) moravam com os pais e irmão(s); 2 (40%) residiam com os pais e 1 (20%) residia com o pai, a madrasta e os irmãos.

Quanto ao estado de residência dos participantes, todos (100%) residiam no estado do Pará. Sobre a renda familiar dos adolescentes, dos cinco participantes, 3 (60%) tinham como renda familiar dois salários mínimos, 1 (20%) tinha como renda familiar menos de um salário mínimo e 1 (20%) não soube informar a renda da família. Referente a serem beneficiários do Programa Bolsa Família, nenhum dos adolescentes recebia. Quanto aos responsáveis pelos participantes, foram identificados 10 responsáveis – número este considerando que cada família era composta por dois responsáveis. As ocupações destes foram classificadas em cinco categorias, sendo estas: 4 (40%) trabalhos formais, 3 (30%) trabalhos informais, 1 (10%) desempregada, 1 (10%) trabalhadora do lar (dona de casa) e a ocupação de 1 (10%) responsável não foi informada.

#### **4.2 Análise Temática do PDET e Discussão dos dados**

O procedimento Desenho-Estória Temático (PDE-T) foi analisado segundo Vaisberg (2020), considerando a complementaridade do desenho e da história. Desse modo, por meio da análise gráfica e verbal, alguns temas foram identificados no desenho-estória (DE). Ressalta-se que em um DE podem ter sido identificadas mais de uma temática. As histórias foram transcritas e alguma informação que pudesse identificar o participante foi suprimida, mas sem prejudicar a compreensão da produção. Para apresentação dos DETs, foram escolhidos alguns que mais representassem cada tema. Contudo, todos os DETs estão presentes nos apêndices (A, B, C, D e E).

Por meio das análises do PDET, foi possível elencar 12 categorias temáticas. Cabe ressaltar que essas categorias foram provenientes dos 74 procedimentos analisados e que nos DETs foi possível identificar mais de uma categoria. As 12 categorias serão descritas a seguir.

**Tabela 7** – Categorias temáticas e quantidades de aparição de todas as regiões do Brasil (ambos sexos)

<b>Categorias temáticas</b>	<b>Quantidade</b>
1. Distanciamento físico	64
2. Sentimentos Expressos	63
3. Aparatos tecnológicos	42
4. Estudos	31
5. Mudança de rotina	28
6. Relações endógenas	27
7. Relações exógenas	20
8. Prevenção	14
9. Alimentação	11
10. Atividade laboral	9
11. Fé/religiosidade	8
12. Hobby	5

Fonte: autora (2022).

A Tabela 7 apresenta as 12 categorias temáticas identificadas nos 74 procedimentos que compuseram a amostra. Pôde-se observar que o distanciamento físico foi a categoria com maior expressividade (64), seguida por sentimentos expressos (63). Os aparatos tecnológicos tiveram a terceira maior aparição nos DETs, sendo representado em 42 procedimentos, seguido por estudos (31). A mudança de rotina também foi uma categoria bem representada (28). Sobre as relações dos jovens, foram 27 endógenas e 20 exógenas. Duas categorias tiveram uma menor representatividades, sendo elas: fé/religiosidade (8) e *hobby* (5).

A seguir é apresentado um DET que melhor representa cada categoria. A apresentação foi organizada como: desenho, título, história, fonte e discussão referente a cada categoria temática (na ordem da Tabela 7).

#### 4.2.1 Distanciamento físico

**Figura 1** – um adolescente em situação de pandemia do coronavírus



Título: Adolescente em período de Quarentena  
 História: Eu nesse momento de pandemia eu não gostei muito porque eu queria estar na escola, na casa das amigas, mas sei se eu sair eu posso me contaminar e contaminar meus familiares.

Fonte: Y. C. 12, Fem.

O tema “Distanciamento físico” foi o tema mais expressivo nas representações dos 74 participantes, visto que foi identificado em 64 DETs. Ressalta-se que, em todas as cinco regiões do Brasil, esse tema foi representado por: Nordeste (22), Sudeste (17), Sul (13), Centro-Oeste (7) e Norte (5).

Na região Nordeste, esse tema foi representado em 22 DETs de ambos sexos. Em 18 DETs, foi abordado um cumprimento do distanciamento físico; em quatro, houve um descumprimento desta medida. Os 18 procedimentos que demarcaram o distanciamento físico representavam: (8) Algo negativo (prisão/perda da liberdade/algo ruim); (4) não específica (em quarentena, mas sem qualificação da vivência); (3) como uma prevenção (cuidado); (2) deleite/entretenimento (possibilidade de fazer novas atividades); (1) cumprimento/saída responsável (compras de alimento). E quanto aos 4 DETs que representaram descumprimento da medida supracitada, estes decorrem por: (2) festas públicas; (1) passeio em espaço público (praça); (1) adolescente hospitalizado (por ter sido teimoso). Salienta-se que nos quatro descumprimentos houve adoecimento, ou seja, infecção pela covid-19. Em um DET, é apontado uma recuperação; em um outro procedimento, a morte foi circunscrita, isto é, o jovem foi a óbito.

No Sudeste, o tema foi representado por todos os 17 participantes (ambos sexos). O cumprimento do distanciamento físico foi abordado em 16 DET, e somente em 1 procedimento circunscreveu o descumprimento do distanciamento físico. Nesse sentido, os 16 DETs referenciaram o cumprimento dessa medida das seguintes formas: (9) não específica (não qualificam esta vivência); (5) algo negativo (prisão/trancafiado/enfornado); (1) identificação do lado bom do distanciamento físico (diminuição da poluição nas ruas, cidades); (1) cumprimento/saída responsável (adolescente sai para comprar comida). E o único procedimento que abordou um descumprimento desse distanciamento físico representou um adolescente que sai de casa para jogar futebol.

Na região Sul, todos os 13 participantes de ambos os sexos abordaram no DET o tema Distanciamento físico. Cabe ressaltar que todos os adolescentes (participantes) representaram um cumprimento dessa medida que visa o afastamento físico das pessoas. Sobre as representações do tema supracitado: (9) não especificam (não qualificam esta vivência); (2) como uma proteção; (1) como algo negativo (prisão); (1) demarcou o distanciamento físico como obrigação.

No Centro-oeste, o Distanciamento físico foi apontado nos sete DETs, sendo que em todos se observou um cumprimento dessa medida de segurança: (5) não especificam (referiram somente estar cumprindo a pandemia sem uma qualificação da vivência); (1) negativo (algo horrível/contaminação familiar pela covid-19); (1) além de respeitar a quarentena, abordou um desejo pelo fim e definiu como “sensação de ano perdido”.

Na região Norte, todos os cinco participantes (ambos sexos) abordaram a temática e todos estavam em cumprimento da quarentena. Os procedimentos representaram o tema referido como: (3) negativo (afastamento das pessoas/vida sedentária/desafio a ser cumprido); (2) não específica (não há uma qualificação desta vivência).

Pôde-se observar, nas cinco regiões, que o tema Distanciamento físico apareceu em 64 dos 74 DETs, sendo representado em todas as regiões do Brasil: Nordeste (22); Sudeste (17); Sul (13); Centro-Oeste (7); Norte (5). Desses 64 DETs, em 59 procedimentos foi representado um cumprimento do distanciamento físico. Somente em cinco DETs foi referenciado um descumprimento dessa medida de segurança. Diante disso, observa-se que a maioria (64) dos DETs abordou o tema referido e a única região que alguns participantes não abordaram o “distanciamento físico” foi no Nordeste (10). Cabe salientar que nas outras quatro regiões do Brasil, o tema foi representado por todos os participantes (DETs). Nesse sentido, pode ser possível observar a representação dos adolescentes acatando as medidas preventivas contra a covid-19, sendo, nesse caso, o “Distanciamento físico”.

Malta e colaboradores (2020) desenvolveram um estudo com adultos brasileiros, o qual apontou que a maior parte dessa população acatou a medida do distanciamento físico, permanecendo em casa, tendo saídas apenas para compras, ou seja, supermercado e farmácia. Entretanto, o distanciamento físico corroborou o predomínio de sentimentos de tristeza, ansiedade, depressão e isolamento. Apesar de não ser um estudo com o público adolescente, a pesquisa mencionada aponta para uma predominância da população de adultos brasileiros em distanciamento físico, o que pode contribuir para que os adolescentes possam também aderir a tal medida preventiva. Não obstante, essa vivência de distanciamento físico é atravessada por sentimentos de cunho negativo, assim como representado pela maioria dos procedimentos dos participantes dessa pesquisa de mestrado, pois impediu-lhes de sair do ambiente familiar.

Nesse sentido, Bezerra *et al.* (2020) realizaram uma pesquisa de opinião com brasileiros (adultos) sobre a percepção deles acerca do distanciamento físico da pandemia da covid-19. O questionário foi online e participaram 16.440 pessoas. Dentre as perguntas, observou-se que, no total da amostra, 32% estavam em distanciamento total, ou seja, sem sair de casa; 57% vivenciavam o distanciamento de forma parcial, isto é, saídas apenas para compras de alimentos e medicamentos; e, 11% não se adequaram às duas opções. Ressalta-se que 89% dos participantes da pesquisa afirmam que o distanciamento físico reduz o número de vítimas da covid-19. Por outro lado, 8% não têm certeza e 3% acreditam que o distanciamento não reduz o número de pessoas contaminadas.

Um outro estudo (LIMA *et al.*, 2020) com indivíduos acima de 18 anos do Nordeste (Ceará) do Brasil, teve como objetivo avaliar o comportamento e as crenças dessa população frente à pandemia. A pesquisa foi realizada através de um questionário *on-line* e participaram 2.259 pessoas. Com base nos resultados sobre o cumprimento da medida preventiva do distanciamento físico, 65,8% dos indivíduos seguiam as recomendações governamentais e 52,5% estavam em quarentena parcial, ou seja, com algumas saídas de casa.

Assim, observa-se que estudos (MALTA *et al.*, 2020; BEZERRA *et al.*, 2020; LIMA *et al.*, 2020) com adultos brasileiros apontaram que a maior parte dos participantes cumpriam a medida preventiva de forma total. Quando o cumprimento do distanciamento era parcial, este se referia a saídas necessárias para compras de mantimentos e medicamentos. Ressalta-se que pesquisas com o público adolescente sobre o cumprimento do distanciamento físico não foram encontradas. Entretanto, os resultados desses estudos com a população adulta podem indicar uma aceitação também por parte do público adolescente quanto à medida preventiva supracitada, uma vez que, com base nos dados dessa pesquisa de mestrado, o tema mais

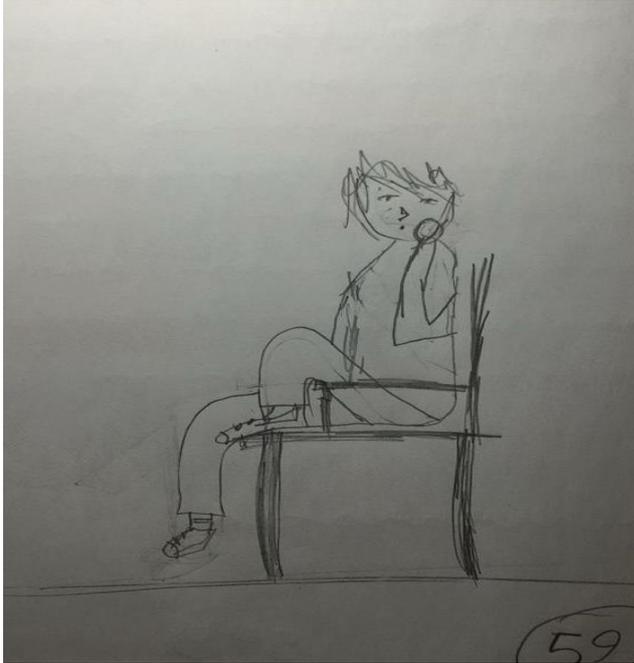
expresso foi o distanciamento físico e houve, ainda, um predomínio do cumprimento desta medida.

Não obstante, nos cinco DETs em que foi abordado um descumprimento dessa medida, os motivos foram festas, jogo e passeio, o que implica em encontro com os pares, fator imprescindível para a compreensão da fase da adolescência. Segundo Macedo, Azevedo e Castan (2012), nessa fase do desenvolvimento humano, há um redirecionamento libidinal, isto é, há um desinvestimento nas relações familiares e um investimento dos adolescentes nas relações com os pares (amizades e namoros). Assim, faz-se preciso considerar a importância dessas relações para os jovens e como esse momento de distanciamento físico pode corroborar em sofrimentos e dificuldades psíquicas (OLIVEIRA *et al.*, 2020; POLANCZYK, 2020). Além disso, essa impossibilidade de interação entre os adolescentes em decorrência do distanciamento físico pode acarretar em comportamentos de irritação, tédio e saudosismo (IMRAN; ZESHAN; PERVAIZ, 2020). Outros estudos (DESLANDES; COUTINHO, 2020; SOTO; SILVA, 2020; ZANON *et al.*, 2020) apontam um fator negativo sobre a continuidade do cumprimento do distanciamento físico, visto que este está atrelado à saúde mental dos indivíduos, sendo um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais e afetos negativos.

Ainda sobre o descumprimento do distanciamento físico, possui implicações como: adoecimento e/ou morte, como representado nos cinco DETs. Aqueles que descumprem o distanciamento físico ou o ignoram, podem se colocar em risco de adoecer e morrer (COUTO; BARBIERI; MATOS, 2020). Tendo em vista a população numerosa do Brasil, o cumprimento da medida preventiva pode minimizar o colapso no sistema de saúde em face dos riscos de infecção da doença. Além disso, o cumprimento do distanciamento pode reduzir em pelo menos 60% o contato entre as pessoas e diminuir a transmissão do vírus (AQUINO *et al.*, 2020). Assim, estes estudos apontam a importância do cumprimento da medida preventiva citada e, quando ela é ignorada, é possível a transmissão da doença, como representado nos cinco procedimentos pelos adolescentes.

#### 4.2.2 Sentimentos Expressos

**Figura 2** – Um adolescente em situação de pandemia do coronavírus



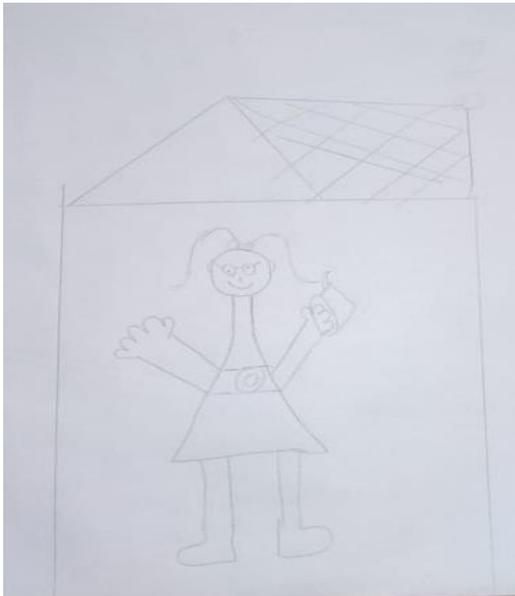
Fonte: M. P. 15, Fem.

#### **Padecedores**

Título: Enfornado

História: Oh céus, que tédio! No início pensou que seriam algumas semanas apenas, mas meses já se passaram e o futuro é incerto. Os irmãos já atingiram o ápice da chatice, são quase insuportáveis quando querem, parecem gostar disso. Às vezes parecem não aguentar também. Sente falta das ruas, das largas e das estreitas, do movimento, da liberdade. No início parecia legal poder ficar de pijama o dia inteiro e ter tempo de sobra para ler, pensar e ouvir música. Mas agora se sentiu trancado, enfornado, o ar é escasso

**Figura 3** – um adolescente em situação de pandemia do coronavírus



Fonte: S. A. 12, Fem.

#### **Potencializadores**

Título: A notícia da pandemia

História: Era uma vez uma menina que estava na sua casa mais de repente ela ouviu uma notícia dizendo que o mundo estava em pandemia, ela não ficou feliz porque não iria mais poder sair de casa então ela teve uma ideia de ler um livro que a escola tinha pedido para ler. Ela gostou que nem notou que a pandemia tinha acabado.

A categoria “Sentimentos Expressos” foi representada em 63 DETs: Nordeste (25); Sudeste (15); Sul (12); Centro-Oeste (7); Norte (4). Com base na análise destes 63 procedimentos, os sentimentos foram elencados em duas subcategorias: padecedores e potencializadores. O primeiro diz respeito a sentimentos que expressam sofrimento, dificuldade do indivíduo em lidar com o ambiente e as relações interpessoais situacionais. O segundo se refere a sentimentos que expressam potência e formas criativas de superar e lidar com o ambiente e as relações interpessoais situacionais. Os dados serão apresentados conforme a ordem das regiões referidas e, por fim, uma síntese sobre estes 63 DETs quanto a categoria supracitada. Cabe salientar que a descrição detalhada desta categoria se encontra no Apêndice O.

Na região Nordeste, a categoria “sentimentos” foi representada em 25 DETs (ambos sexos), com base na análise destes procedimentos, duas subcategorias foram definidas: potencializadores (13) e padecedores (12).

Os sentimentos potencializadores foram três: superação (9); satisfação (2); cuidado (2). O sentimento de superação se refere à existência de um conflito e a resolução deste, isto é, à superação. A satisfação se refere a um contentamento, felicidade. E o cuidado constitui-se pelo cuidado consigo mesmo ou com os demais.

A superação foi o sentimento com maior expressão (9) e os conflitos que mais apareceram foram: distanciamento físico (dificuldade com distanciamento físico, tédio pelo distanciamento, incertezas quanto a esta situação); dificuldades financeiras (desemprego e trabalho informal – ambulante); dificuldades nos estudos; preocupação com familiares (avó); adoecimento pela covid-19; timidez adolescente. Tais conflitos representados foram superados por distintas formas (respectivamente): adaptação; fé; esperança; generosidade; trabalho; esperança; fé; cuidado; fé.

A satisfação se referiu a um contentamento e felicidade mesmo diante da situação pandêmica em face da possibilidade de passar tempo com os pais, assim como dispor de tempo para assistir *Netflix*. Quanto ao sentimento de cuidado, foi abordado tanto pelo cuidado profissional para com um adolescente hospitalizado, como o cuidado do adolescente para consigo (uso de medidas preventivas). Assim, o sentimento de superação diante de diversos conflitos provenientes e/ou decorrentes da pandemia foi o mais expressivo, tendo a fé/religiosidade o meio mais utilizado para superação desses conflitos (3).

Os sentimentos padecedores foram abordados em 12 procedimentos de ambos os sexos e identificados por meio de: tristeza, desânimo, cansaço (5); solidão (3); tédio, ansiedade (2); medo (1); ociosidade (1). É possível observar que tristeza, desânimo, cansaço

(5) foram os mais expressos e abordam o afastamento físico dos pares, dificuldades de convivência familiares e cansaço decorrente dos estudos. A solidão (3) representa o sentimento como proveniente do afastamento físico das pessoas e a ausência de amigos. Cabe ressaltar que, como forma de atenuar a solidão, aparatos tecnológicos foram utilizados, sendo uma maneira para não se sentir sozinho. O sentimento de tédio e ansiedade (2) retratou a impossibilidade de sair de casa e a ausência do contato físico com os pares. A ansiedade foi referida sobre as mudanças provenientes da puberdade que foram acentuadas devido as notícias da pandemia. O sentimento de medo (1) aponta para o temor quanto ao vírus da covid-19 e remete a cuidados para não sair de casa. E a ociosidade (1) resulta na falta de atividades. Com isso, os adolescentes faziam uso de aparelhos telefônicos e do consumo de alimentos.

Nessa perspectiva, observa-se nas representações que o distanciamento físico e o afastamento físico dos pares (amigos e escola) implicam em sentimentos de tristeza, solidão, desânimo, tédio, ociosidade e cansaço. Enquanto que os sentimentos medo e a ansiedade referiram ao vírus e às notícias sobre a doença. Desse modo, cabe enfatizar que o ambiente, principalmente o familiar, é importante para acolher esses sentimentos para que isso possa ser cuidado, evitando futuros problemas físicos, psíquicos e emocionais.

Na região Sudeste, a categoria “Sentimentos Expressos” foi representada em 15 DETs (ambos sexos), sendo: sentimentos padecedores (10) e potencializadores (5).

Na primeira subcategoria (padecedores), quatro sentimentos foram observados: cansaço e saudosismo (4); solidão (2); pressão (2); ociosidade/tédio (2). Em face do exposto, observa-se que o cansaço e saudosismo foram os sentimentos mais expressivos (4). O cansaço se refere à rotina de estudos remotos e atividades domésticas. Já o saudosismo diz respeito a interação com os pares (brincadeiras, conversas). O sentimento de solidão (2) se refere ao adolescente se sentir sozinho em detrimento do afastamento dos amigos. A pressão (2) remeteu a várias pressões sobre os adolescentes, como: estudos, família e trabalho. Ociosidade/tédio (2) abordou o uso das telas por várias horas diárias, assim como a sensação de prisão. Nessa perspectiva, o distanciamento físico, o afastamento físico dos amigos, o estudo remoto e as atividades domésticas implicam em sentimentos de cansaço e saudosismo, solidão e ociosidade/tédio. O sentimento de pressão é relatado como decorrente dos estudos, da família e das atividades laborais.

A subcategoria “potencializadores” foi representada em cinco DETs. Com base na análise, dois sentimentos foram identificados: satisfação (3) e superação (2). A satisfação foi definida por momento(s) de contentamento vivenciado(s) pelo adolescente, como

relaxamento, folga, bem-estar. Diante disso, satisfação foi o mais expressivo (3), sendo esta satisfação atravessada pelo uso das tecnologias: *Netflix*, jogos online, conversas com amigos, compras e o consumo de alimentos, que também está associado a essas atividades. A superação (2) apontou dois conflitos: distanciamento físico (impossibilitou o jovem a sair de casa e afastamento dos amigos). Os conflitos foram superados através da leitura e com a passagem do tempo, respectivamente.

Nessa direção, observa-se que a satisfação e a superação advêm das potencialidades do jovem e da sua singularidade, que apontam para formas de lidar com o distanciamento físico. Acrescenta-se, também, a implicação do ambiente do adolescente para tais desfechos em face das dificuldades, pois o ambiente familiar suficientemente bom favorece o desenvolvimento e amadurecimento do jovem. Assim, segundo a teoria de Winnicott (1979/2007), um ambiente suficientemente bom provê as necessidades do indivíduo, sejam estas básicas, físicas, sejam necessidades emocionais, pois assim outorga-lhe segurança e confiabilidade. Dito isso, um ambiente insuficientemente bom pode implicar no indivíduo insegurança e desconfiança, e tais sentimentos podem prejudicar o desenvolvimento humano considerado saudável.

Na região Sul, a categoria “Sentimentos Expressos” foi representada em 12 DETs e duas subcategorias foram observadas: padecedores (7) e potencializadores (5).

A subcategoria “padecedores” teve sete representações com os seguintes sentimentos: tristeza (2), preguiça (2), solidão (1), tédio (1) e estresse (1). A tristeza (2) se referiu ao afastamento dos pares (escola, igreja) e dos pais. A preguiça (2) abordou o uso das tecnologias (celular) como única atividade desempenhada pelos adolescentes. A solidão (1) apontou o afastamento dos pares, da escola e impossibilidade de contato físico. O tédio (1) constituiu-se pelo distanciamento físico, que implica no uso de tecnologias (celular) por parte do adolescente. E as brigas representaram uma relação conflituosa e de estresse entre a adolescente e sua mãe.

Desse modo, a impossibilidade de sair de casa devido ao distanciamento físico implica nos sentimentos de tristeza, preguiça, solidão e tédio, como observado em seis DETs. Além disso, o convívio familiar pode resultar em brigas e estresse, como retratado em um procedimento. Assim, ambientes que possibilitem uma vivência com sentimentos potencializadores se tornam importantes, pois quando o ambiente não contribui para recursos criativos e potenciais ao indivíduo, pode resultar em sentimentos limitantes e padecedores como os supracitados nesta subcategoria.

A subcategoria “potencializadores” foi identificada em cinco DETs na região Sul: superação (4) e carinho (1). O tema “superação” se refere a uma situação de conflito que, de

alguma forma, foi superada. Neste sentido, constata-se que a superação foi o mais expressivo (4) e os conflitos foram: distanciamento físico (afastamento das pessoas e sobrecarga dos estudos; tristeza; afastamento dos amigos e lazer com estes); e não interação familiar devido aos aparelhos tecnológicos. A superação destes quatro conflitos se deu, respectivamente, através de: reaproximação dos pais (1); leitura de um livro (1); conformismo/conscientização (1); relacionamento familiar (1). E o sentimento de carinho (1) decorreu da família e dos vizinhos para com a adolescente. Desta feita, este sentimento mais expresso (superação) tornou-se possível através dos recursos criativos do jovem. Cabe enfatizar que o ambiente do adolescente pode ter contribuído para estes recursos e para a resolução dos conflitos.

Na região Centro-Oeste, a categoria “Sentimentos Expressos” teve sete representações e duas subcategorias foram elencadas: potencializadores (4) e padecedores (3).

Na subcategoria “potencializadores”, foi abordado um único sentimento – superação, sendo representado em quatro DETs e demarcando a resolução de um conflito. Os quatro conflitos superados foram: pensamentos contraditórios (bons e ruins); adoecimento pela covid-19 (família infectada); instabilidades de humor (tédio, ansiedade, frustração); distanciamento físico (tédio). A superação destes quatro conflitos se deu, respectivamente, através de: (2) fé, (1) adaptação e (1) estudos remotos (1). Além disso, observa-se a potência dos adolescentes, visto que, possibilitou o sentimento de superação de diferentes conflitos, sendo estes superados na maioria pela fé.

A subcategoria “padeecedores” foi representada em três procedimentos e dois sentimentos foram identificados: solidão (2) e tédio/esgotamento (1). Cabe ressaltar que a solidão (2) representou ausência de relações (adolescente e membros familiares não interagem em detrimento do uso das tecnologias) e uso de celular por parte da adolescente, entretanto, demarca ser às vezes uma atividade “chata”. O tédio/esgotamento (1) abordou uma adolescente entediada e esgotada pela demanda dos estudos. Nessa perspectiva, tais sentimentos aparecem como limitantes e parecem não ter contribuído para uma saída criativa dos adolescentes diante de tais situações conflitantes.

Na região Norte do Brasil, a categoria “Sentimentos Expressos” foi abordada em quatro DETs da região Norte, sendo: padecedores (2) e potencializadores (2).

A subcategoria “padeecedores” foi composta por dois procedimentos e dois sentimentos foram abordados: ociosidade (1) e pressões/ansiedade (1). Deste modo, a ociosidade foi referida pela ausência de atividades desenvolvidas pela adolescente em decorrência das suspensões das aulas. E pressões/ansiedade são provenientes da conclusão do Ensino Médio, do futuro ingresso no ensino superior e da dificuldade de lidar com a famílias (mãe, pai,

madrasta, padrasto e irmão). Observa-se como o ambiente familiar pode ter contribuído para tais sentimentos (ociosidade e pressões/ansiedade) nos jovens, assim como para ausência de recursos criativos para lidar com relações familiares e a falta de atividades decorrentes da suspensão das aulas. Assim, se reitera a importância de ambientes para a promoção de sentimentos potencializadores para que os adolescentes possam dispor de ferramentas para vivenciar a pandemia de uma forma mais tranquila.

Dois DETs compuseram a subcategoria potencializadores, e dois sentimentos foram representados: superação (1) e cuidado (1). A superação se caracteriza por um conflito que pode ser superado das mais distintas formas. Contudo, houve uma resolução da situação conflituosa. Diante disso, o conflito abordado aponta que o distanciamento físico implica em tédio e em uma rotina cansativa. A superação do conflito se deu através de momentos legais que possibilitam um bem-estar em meio à pandemia. O sentimento “cuidado” (1) foi abordado pelo adolescente para consigo, através do uso de máscara e pelo distanciamento físico. Nessa perspectiva, observa-se as potências desses sentimentos (superação e cuidado), que demonstram uma relevância para o desenvolvimento e vivência desses jovens nesse momento de crise.

Diante do exposto, a categoria “Sentimentos Expressos” foi representada em 63 DETs e em todas as regiões do país: Nordeste (25), Sudeste (15), Sul (12), Centro-Oeste (7) e Norte (4). Por conseguinte, os 63 DETs foram elencados em duas subcategorias: padecedores (34) e potencializadores (29).

Em 34 DETs, foram representados sentimentos padecedores. Os 13 sentimentos são expressos por: solidão (8); tristeza (7); cansaço/saudosismo (4); pressão (2); preguiça (2); ociosidade (2); tédio/ansiedade (2); ociosidade/tédio (2); tédio (1); tédio/esgotamento (1); medo (1); pressões/ansiedade (1); estresse (1). Nesta perspectiva, a solidão (8) foi o sentimento mais expressivo. Em seis desses, foi referido o afastamento físico dos pares, dos amigos, da escola e a impossibilidade de contato físico, sendo decorrentes da medida de distanciamento físico. Em dois DETs, essa solidão decorreu da ausência de interações familiares devido ao uso das tecnologias por parte dos integrantes familiares.

A tristeza (7) foi abordada pelo afastamento dos pares, amigos (escola, igreja) e pais; dificuldades financeiras dos pais; e pela rotina cansativa de estudos. O cansaço/saudosismo (4) representou a rotina de estudos remotos, atividades domésticas e o saudosismo das interações com os pares (brincadeiras, conversas). O tédio/ansiedade (2) retratou a impossibilidade de sair de casa e o contato físico com os pares. A ociosidade (2) resulta na falta de atividades e, com isso, os adolescentes fazem uso de aparelhos telefônicos e do

consumo de alimentos. A pressão (2) remeteu a várias pressões sobre os adolescentes: estudos, família e trabalho, pressões estas que causam afetações nos jovens. A ociosidade/tédio (2) abordou o uso das telas por várias horas diárias e a sensação de tédio que causa aprisionamento. A preguiça (2) se referiu ao uso das tecnologias (celular) como única atividade desempenhada pelos adolescentes.

O medo (1) diz respeito ao vírus da covid-19 e remete a cuidados para não sair de casa. O tédio (1) foi ocasionado pelo distanciamento físico, e assim o adolescente utiliza o celular diariamente. O estresse (1) representou relação conflituosa entre adolescente e sua mãe. O tédio/esgotamento (1) apontou uma adolescente entediada e esgotada pelos estudos. E, por fim, pressões/ansiedade (1), sendo essas provenientes da conclusão do Ensino Médio, do ingresso no ensino superior e de relações familiar.

Diante disso, observa-se que o distanciamento físico é o fator que atravessa os sentimentos expressos na subcategoria “padecedores”, pois esta medida preventiva contra a covid-19 pode acarretar em sentimentos como tristeza, solidão, cansaço e saudosismo devido ao afastamento dos adolescentes de suas relações com os pares nos mais distintos espaços (escola, lazer e igreja). Nessa direção, é importante retomar o significado das relações com os grupos e as relações de amizade para os adolescentes. Dessa forma, a impossibilidade de um encontro físico entre eles pode ocasionar sentimentos padecedores (tristeza, solidão). Segundo Imran e colaboradores (2020), a vivência do distanciamento físico e a exigência de permanecer em casa pode resultar em frustração, irritação, tédio e saudosismo nos adolescentes.

Observa-se que os sentimentos mais expressivos na presente pesquisa foram solidão, tristeza e o tédio. Estudos (EUROPEAN COMMISSION, 2020; HO *et al.*, 2020; YANG *et al.*, 2020) circunscrevem que ficar em casa, ou seja, cumprir o distanciamento físico, pode causar tédio nos indivíduos, assim como sentimento de perda de liberdade, solidão e incertezas. Diante disso, constata-se que o cumprimento do distanciamento físico pode implicar nos sentimentos dos indivíduos. Ademais, salienta-se que a adolescência é uma fase fundamental do desenvolvimento humano, sendo marcada pela socialização, experimentação de novos espaços e novas relações. Entretanto, com a realidade imposta pela pandemia, foi preciso que o adolescente se afastasse fisicamente de seus grupos sociais e permanecesse em sua residência. Desse modo, por se tratar de uma vivência atravessada por incertezas, pode implicar nos adolescentes sentimentos de ansiedade, raiva e irritabilidade (GOIS *et al.*, 2022).

A pandemia, assim como qualquer situação de transformação, resultou em modificações na vida das pessoas, como mudanças no cotidiano dos jovens (GOIS *et al.*,

2020). O adolescente observa e dá sentido a essa realidade (pandemia) através de suas interpretações, perspectivas e entendimentos, que irão afetar suas relações, rotinas e dão contorno ao seu imaginário quanto ao futuro (ZUGE *et al.*, 2022).

Diante disso, cabe salientar que, além da vivência pandêmica, o jovem passa pelos conflitos da própria fase da adolescência, que envolve a puberdade (mudanças biológicas) e as mudanças psicossociais. Nesse sentido, a pandemia pode potencializar conflitos no indivíduo em processo de amadurecimento e desenvolvimento biopsicossocial. Essa questão foi representada em cinco DETs. Assim, foi abordado que o distanciamento físico corroborou para interferências na saúde mental dos adolescentes e requereu deles as habilidades para conduzir e administrar seus sentimentos, como o estresse.

Tais pontos representados corroboram os pressupostos de Winnicott (1984/2016) sobre a adolescência, sendo esta demarcada pela puberdade e pelas mudanças físicas. Todavia, essa fase implica em crescimento e maturidade no jovem – e isso demanda tempo. Dessa forma, a adolescência é circunscrita pela construção e conquista da subjetividade e individualidade do jovem (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012). De acordo com Ayub e Macedo (2011), nessa fase do desenvolvimento haverá um trabalho de ressignificação da identidade do indivíduo, o que lhe propicia o ingresso em outra etapa da vida. Além disso, a sociedade desempenha uma influência considerável e importante no processo de adolecer. Isso aponta a relevância da situação pandêmica como um fator que pode resultar, no jovem, sentimentos padecedores ou potencializadores, isto é, um movimento paralisante ou criativo diante dos conflitos decorrentes desta crise sanitária mundial.

Neste enfoque, é imprescindível ter em vista que os participantes da pesquisa estão nesse processo do desenvolvimento e, além disso, estavam a vivenciar a pandemia da covid-19. Dessa feita, Wiguna *et al.* (2021) assinalam que as dificuldades para o público adolescente em situação de pandemia podem ser mais intensas por eles se encontrarem em período de desenvolvimento – seja pelo ponto de vista fisiológico, cultural ou social. Os jovens podem ser considerados mais vulneráveis, e as dificuldades e os desafios a serem enfrentados por eles são distintos dos entraves dos adultos.

Diante disso, é importante que o indivíduo possua recursos para dar sentido a essa situação complexa que é a pandemia. Tendo em vista as consequências da pandemia e dos sentimentos que a atravessam, sobretudo nessa elementar fase da vida humana (adolescência), Almeida *et al.* (2020) elaboraram um guia prático que visa contribuir para a saúde mental dos adolescentes, sendo algumas dessas sugestões: criação de rotinas que auxiliam na mudança de hábitos (alimentares, sono, organização); colaboração nas atividades familiares (trabalhos

domésticos); e uma relação de compreensão e tolerância entre os pais e os filhos. Nesse sentido, os autores visam essas ações como formas de possibilitar ao jovem ambientes tranquilos e saudáveis nesta situação pandêmica.

Ademais, as representações dessa categoria salientam que o distanciamento físico pode remeter ao tédio, ociosidade e preguiça como uma falta de atividades possíveis para os jovens em vivência da pandemia e que cumprem o distanciamento físico. Assim, esse quesito aponta para a importância de atividades e recursos possíveis para que outras ocupações e atividades possam ser desenvolvidas pelos adolescentes mesmo em um contexto familiar, devido ao distanciamento físico. Ressalta-se que, nos procedimentos que foram circunscritos estresse, pressões e ansiedades, estas envolvem as relações com familiares dos jovens e a dificuldade de lidar com estas relações neste contexto pandêmico. O medo foi observado quanto ao temor de se infectar com o vírus da covid-19. Desta forma, o cumprimento do distanciamento físico, o afastamento da escola, a não interação física com os pares e um maior convívio com a família resulta em algo negativo para os jovens e que pode favorecer sentimentos de tédio, saudosismo, frustração e uma desconexão emocional (IMRAN; ZESHAN; PERVAIZ, 2020).

Assim sendo, os dados dessa pesquisa de mestrado vão ao encontro de Imran e colaboradores (2020), sendo que a vivência do distanciamento físico, por estar longe da escola e dos amigos, implica em algo ruim nas relações interpessoais dos jovens. Diante disso, é importante considerar que é nesta fase da vida que o adolescente se afasta dos pais e investe em outras relações para além do âmbito familiar (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012). Assim, os conflitos nas relações familiares podem ser mais frequentes. Nesta perspectiva, com a imposição do cumprimento do distanciamento físico e por passarem mais tempo em casa, o convívio com os pais e/ou responsáveis pode ter potencializado conflitos como estresses, pressões, solidão e ansiedade.

As representações dos adolescentes corroboram com estudos que apontam que o cumprimento da medida preventiva (distanciamento físico) pode resultar em mudanças da dinâmica familiar, no comportamento dos integrantes familiares e na rotina. Assim, conflitos familiares podem ocorrer (AQUINO *et al.*, 2020; COSTA *et al.*, 2021; MOREIRA; MAGALHÃES, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2020; PRIME *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2020) e contribuir para aumento de violência contra os jovens. Neste enfoque, alguns estudos (BASSAN, 2020; CRUZ *et al.*, 2021; DILIUS; SUDBRACK; SILVEIRA, 2021; GOLFIERI, 2020; HERNANDES; MATOS, 2021; MARQUES *et al.*, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2022; SILVA *et al.*, 2021) assinalam um aumento no número de violências contra adolescentes

dentro do ambiente familiar no período pandêmico, o que demarca conflitos dentro desse ambiente.

Nessa direção, observou-se que a maioria (34) dos 63 DETs representou sentimentos padecedores. Perante isso, uma convocação é feita quanto à necessidade de pesquisas e intervenções que outorguem espaços de fala para que os adolescentes em situação de pandemia possam se expressar e se comunicar, tendo em vista que tais espaços podem ser potenciais para os jovens. Nesse enfoque, Miura e Santos (2021) realizaram uma intervenção de forma remota com adolescentes que objetivou promover a discussão sobre as vivências adolescentes em situação de pandemia. Assim, a intervenção possibilitou a criação de espaços de fala e expressão para os jovens abordarem suas vivências. Cabe salientar que os participantes avaliaram os espaços de facilitação de forma positiva, mesmo sendo em um formato virtual. Contatou-se, desse modo, que a promoção de espaços de fala e expressões possibilitou comunicação verbal e não-verbal de forma remota para os adolescentes, principalmente em contextos pandêmicos e em um cenário de distanciamento físico.

Além disso, uma outra intervenção desenvolvida por Miura e colaboradores (no prelo), por meio do projeto de extensão “Espaços potenciais-proximais virtuais durante a pandemia da covid-19”, surgiu com o intuito de atender às demandas advindas da presente pesquisa. Assim, como uma das ações do referido projeto, foram desenvolvidos os “Espaços Potenciais-Proximais com Adolescentes”, que compreenderam encontros temáticos remotos com adolescentes de todo o Brasil sob a coordenação das professoras doutoras Paula Orchiucci Miura, Adélia Augusta Souto de Oliveira e Susane Vasconcelos Zanotti. Por conseguinte, essa ação também contou com o trabalho de uma equipe de mestres, mestradas(os) e graduandas(os) do curso de Psicologia da UFAL. Os autores concluem que foi possível a criação de espaços potenciais-proximais de facilitação da comunicação verbal e não-verbal junto aos adolescentes. Assim como o espaço potencial comentado por Winnicott na relação de grupos, o *holding* ofertado pelo *setting*, pela equipe e também pelos pares, possibilitou um espaço potencial. Os encontros temáticos promoveram a existência dos grupos como campos de experimentação, de valorização da fala e participação, com possibilidades da experiência de integração dos e entre os adolescentes (MIURA *et al.*, no prelo).

Com relação aos sentimentos potencializadores (29), foram identificados na seguinte proporção em cada região do país: Nordeste (13), Sudeste (5), Sul (5), Centro-Oeste (4) e Norte (2). Os quatro sentimentos identificados foram: superação (20), satisfação (5), cuidado (3) e carinho (1).

Diante disso, a superação (20) foi o sentimento mais abordado. Os conflitos representados foram: distanciamento físico (10); adoecimento por covid (2); dificuldades financeiras (2); não interação familiar devido aos aparelhos tecnológicos (1); pensamentos contraditórios (1); timidez adolescente (1); instabilidades de humor (1); preocupação com familiares (1); e dificuldades nos estudos (1). Observa-se que metade dos conflitos referiu o distanciamento físico e as implicações que este causou na vida dos jovens, tais como afastamentos dos pares (escola, lazer e amigos) e as dificuldades de lidar com essa situação. Nesse sentido, reforça o quanto a interação com os pares e a inserção em outros espaços para além do âmbito familiar são imprescindíveis para o indivíduo em processo de desenvolvimento e amadurecimento (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012).

Os referidos conflitos foram superados através de: fé/religiosidade (5); esperança (2); leitura (2); adaptação (2); trabalho (1); generosidade (1); cuidado familiar (1); passagem do tempo (1); relacionamento familiar (1); reaproximação com os pais (1); conformismo/conscientização (1); estudos remotos (1); momentos legais (1). Observa-se que os conflitos, em sua maioria, foram superados pela fé/religiosidade (5). Salienta-se que as crises, isto é, os conflitos, são situações desafiantes, mas podem ser oportunidades para superação dos conflitos.

Vale destacar que a pandemia se tornou um momento fundamental para ações transformadoras, pois os conflitos podem ser caracterizados como descobertas e aprendizados. Ressalta-se a relevância da superação dos conflitos, assim como a importância da atribuição de significados a essas experiências pandêmicas (SILVA *et al.*, 2020). Assim sendo, salienta-se que a superação (20) foi representada de forma bastante significativa nesta categoria, fazendo contorno a resoluções de distintos conflitos, o que demonstra uma potência por parte destes adolescentes retratados.

A satisfação (5) se referiu à utilização das tecnologias para assistir *Netflix*, jogar *online*, conversar com amigos e solicitar comida. Além disso, foi observada uma satisfação pela possibilidade de o adolescente passar um tempo com os pais. O cuidado (3) foi abordado pela postura dos adolescentes para consigo (uso de máscara e álcool em gel) e para com as famílias. Ademais, foi representado um cuidado por parte de um profissional de saúde para um adolescente hospitalizado. O carinho (1) demarcou o movimento de familiares e vizinhos para com o adolescente, sendo este carinho demarcado como positivo.

Diante do exposto, na subcategoria “potencializadores”, a superação foi o mais expressivo (20), pois de 29 sentimentos expressos, 20 apresentaram a superação de um conflito. Nesse sentido, é imprescindível a relevância de ambientes suficientemente bons para

a facilitação e superação de conflitos que interpelaram os jovens em vivência pandêmica. Além disso, esse ambiente é primordial para o adolescente em processo de amadurecimento, pois favorece que o jovem enfrente suas dificuldades e conflitos, ou seja, o ambiente contribui para o processo de amadurecimento e do desenvolvimento da criatividade para lidar com as adversidades da vida. Salienta-se que a singularidade de cada jovem pode ter implicado em distintas representações de resoluções para se chegar à superação de um conflito.

Winnicott (1957/2019) tem como pressuposto que o indivíduo possui uma natureza caracterizada pela tendência ao amadurecimento. No entanto, para que este indivíduo viva o seu potencial, necessita dispor de cuidados ambientais que favoreçam a criatividade que constitui o processo de amadurecimento. Para o supracitado teórico, a concepção de saúde do humano é assinalada pelo seu processo de amadurecimento, conquanto para tal são imprescindíveis as relações ambientais e a vivência do *holding* caracterizado como satisfatório. Assim, o ambiente ocupa um lugar de relevância e pode favorecer (ou não) o amadurecimento do sujeito, isto é, a continuidade de ser. Ressalta-se que o desenvolvimento emocional envolve uma perspectiva tridimensional interdependente, isto é: “em um extremo há a hereditariedade; no outro extremo há o ambiente que apoia ou falha e traumatiza; e, no meio, está o indivíduo vivendo, se defendendo e crescendo” (WINNICOTT, 1979/2007, p. 125).

Nesse sentido, o conceito de ambiente é um aspecto relevante à adolescência, pois para Winnicott (1965/2011a), o ambiente exerce tamanha importância no desenvolvimento do indivíduo. É primordial uma continuidade da existência no que se refere ao interesse e afeto da família para com o adolescente. Cabe assinalar que, em muitas das situações de dificuldades que atravessam os jovens, em grande parte, são provenientes do ambiente e das más condições deste (WINNICOTT, 1965/2011b). Não obstante, nessa subcategoria foi demarcada uma superação de dificuldades, ou seja, de conflitos por parte dos jovens. Assim, esse foi o sentimento com uma expressividade muito marcante (20). Assim, observa-se que o ambiente no qual o adolescente estava inserido pôde outorgar-lhe possibilidades de uma continuidade do ser, principalmente na vivência da situação pandêmica. Ademais, o interesse e afeto da família para com o adolescente pode ter favorecido os demais sentimentos representados nesta categoria: satisfação, cuidado e carinho. Sendo os aspectos do ambiente primordiais para o processo de amadurecimento do indivíduo e a sua continuidade, mesmo que em vivência de pandemia, pois o processo de adolescer (crescer) não foi interrompido durante a pandemia, já que foi requerido ao indivíduo que continuasse nesse processo que demanda tempo até o crescimento e a maturidade (WINNICOTT, 1984/2016).

Barboza (2021) assinala a importância do ambiente para os indivíduos, sobretudo um ambiente confiável. A autora parte do pressuposto do ambiente para Winnicott e realiza uma pesquisa-ação com crianças. Sua pesquisa objetivou discutir, refletir e analisar a cultura expressa no brincar e nas brincadeiras de crianças residentes em uma comunidade lagunar. Assim, foram realizadas seis oficinas lúdicas. Com base nos resultados, a pesquisadora citada assinala a potencialidade do ambiente confiável e acolhedor promovido pelas oficinas lúdicas. Ressalta-se que o objetivo principal das oficinas foi promover um espaço potencial, sendo também um conceito de Winnicott, no qual se constitui como um ambiente que propicia confiança e possibilidade de desenvolvimento do indivíduo. Dessa forma, Barboza (2021) conclui que foi possível a criação de um espaço potencial para as crianças. Além disso, a autora assinala a relevância de um ambiente confiável, por meio da continuidade existencial e relacional entre os indivíduos do estudo e as pesquisadoras.

Outro estudo (ALMEIDA; NAFFAH, 2021) aborda a importância do ambiente (fundamentado por Winnicott) para o desenvolvimento do indivíduo e ser saudável se define por manter o poder criativo, assim como ser o autor da sua própria história. Desse modo, os autores frisam ser relevante o apoio de um ambiente acolhedor que pode dar contorno às adversidades que o indivíduo enfrenta. Santos *et al.* (2022), com base nas representações de adolescentes do estudo sobre família na pandemia, averigua a potência familiar no enfrentamento da pandemia da covid-19, assim como o sofrimento e padecimento familiar frente à situação de crise sanitária. Nessa perspectiva, os jovens participantes abordaram sentimentos potencializadores que podem estar relacionados com ambientes suficientemente bons e com as relações familiares integradoras.

Para Winnicott (1965/2011b, p. 67), “fatores integradores e desintegradores afetam diretamente a vida familiar”. Assim, observa-se como tais fatores implicam na relação familiar, o que demarca sua importância tanto para potência quanto para padecimento. Diante disso, os fatores integradores possibilitam uma relação saudável entre os familiares, e um relacionamento integrador tem influência física, emocional e psíquica no processo de desenvolvimento do indivíduo – nesse caso, do adolescente. Assim, diante dos sentimentos potencializadores, a superação foi a mais expressiva, o que aponta também para a potência do ambiente familiar e suas relações integradoras, pois auxiliou os jovens a lidarem com as dificuldades pandêmicas.

Diante do exposto, alguns estudiosos (ALMEIDA; NAFFAH, 2021; BARBOZA, 2021; SANTOS *et al.*, 2022; WINNICOTT, 1965/2011b; WINNICOTT, 1984/2016) abordam a relevância do ambiente familiar para o desenvolvimento dos adolescentes, assim como para

os sentimentos expressos por eles. Nesse sentido, tendo em vista possíveis dificuldades nas relações familiares (sobretudo em período pandêmico) e diante de conflitos parentais e coparentais, tornam-se necessárias estratégias construtivas ou positivas, ou seja, diálogo aberto entre pais e filhos, com uma escuta que considere pontos de vista diferentes, em que seja possível validação, afeto e acordos entre esses para uma relação cooperativa (BOLZE *et al.*, 2017). Segundo Silva *et al.* (2020), estratégias construtivas diante de conflitos podem contribuir para resoluções mais adaptativas para os filhos e os responsáveis, sendo esse um fator protetivo para o desenvolvimento individual do sujeito. Cabe ressaltar que, quando pais desenvolvem estratégias construtivas de resoluções de conflitos, os filhos podem aprender com eles. Além disso, as interações familiares se tornam melhores, o que possibilita um ambiente de segurança para os adolescentes.

Desse modo, dispor de um ambiente familiar acolhedor e que favorece a resolução de conflitos se mostra de grande importância para os jovens (SILVA *et al.*, 2020). Nesta perspectiva, na qual os adolescentes vivenciam o distanciamento físico e permanecem maior tempo com os familiares, cabe enfatizar a importância do ambiente, neste caso, o ambiente familiar. Assim sendo, um ambiente suficiente e acolhedor pode auxiliar os jovens na resolução de conflitos. Apesar da maioria dos sentimentos expressos ser padecedor, há uma significativa representatividade de sentimentos potencializadores nesta pesquisa de mestrado, o que corrobora a importância do ambiente na vida do indivíduo, no qual a maior parte dos sentimentos potencializadores apontam para superação de um conflito.

Desta feita, cabe ressaltar a relevância do ambiente no processo de amadurecimento do indivíduo, o que contribui no enfrentamento das dificuldades e conflitos, assim como a situação pandêmica e as consequências desta crise sanitária na vida do jovem. Neste enfoque, não se busca implicar toda a responsabilidade para o ambiente familiar. Contudo, se objetiva demarcar e refletir sobre como esse ambiente pode contribuir ou paralisar o adolescente diante de seus conflitos, sobretudo, durante a pandemia da covid-19.

### 4.2.3 Aparatos tecnológicos

**Figura 4** – um adolescente em situação de pandemia do coronavírus



Fonte: G.M. 17, Fem.

Título: Mood da quarentena

História: J. A. antes da quarentena, passava os dias ocupado com a escola e atividades extracurriculares. Era uma rotina cansativa e desgastante. Com a quarentena e consequentemente o fechamento das escolas, e demais locais, ele tem aproveitado para assistir bastante *Netflix* e comer muita besteira.

O tema “Aparatos Tecnológicos” foi identificado em 42 DETs (ambos os sexos): Nordeste (15), Sudeste (13), Sul (7), Norte (4) e Centro-Oeste (3).

No Nordeste, o tema foi observado em 15 DETs (ambos sexos). Cinco subcategorias foram elencadas: estudos (5), entretenimento (5), notícias/covid-19 (2), não específica (2) e locomoção (1). Sobre a subcategoria “estudos” (5), foram identificados os seguintes aparelhos tecnológicos: *notebook* e computador, e todos os procedimentos representaram a utilização destes aparatos para fins de estudos, ou seja, aulas remotas. Na subcategoria “entretenimento” (5), os aparatos tecnológicos foram Tv e celular. E as representações demarcaram atividades como assistir Tv, *Netflix* e o uso do celular para troca de mensagens. Ressalta-se que estas atividades foram circunscritas como corriqueiras, ou seja, hábito dos jovens, sendo decorrente da ausência de outras atividades possíveis aos adolescentes em vivência do distanciamento físico. Sobre a subcategoria “notícias” (2), os aparatos utilizados foram Tv e celular (internet), sendo estes veículos de comunicação para notícias sobre a covid-19, as quais culminaram em tédio (pela impossibilidade de sair) e em ansiedade. Quanto à “locomoção” (1), o aparato utilizado foi o GPS, representando a mudança da família para o interior devido à covid-19. Observa-se que a utilização dos aparatos tecnológicos teve uma maior expressão quanto a fins de estudos e de entretenimento (cinco cada).

O tema “Aparatos tecnológicos”, na região Sudeste, foi representado em 13 DETs (ambos sexos). Três subcategorias foram observadas: entretenimento (7), estudos (4) e estudos e entretenimento (2). Os aparatos utilizados nos procedimentos foram: Tv, celular, laptop/notebook e computador. A subcategoria mais expressiva se refere ao entretenimento (7), sendo as tecnologias utilizadas para assistir, ouvir música, jogos online, conversas com amigos e compras. A subcategoria “estudos” (4) teve a segunda maior representatividade e abordou aulas online, curso, pesquisas e comunicação com professores. A terceira e última subcategoria – estudos e entretenimento – se referiu à utilização dos aparatos tecnológicos para duas finalidades, ou seja, estudar e se entreter.

Na região Sul, esse tema foi identificado em sete DETs (ambos os sexos) e duas subcategorias foram elencadas: entretenimento (5) e estudos (2). Observou-se que os aparelhos tecnológicos utilizados nos procedimentos foram: celular, Tv e notebook. Além disso, na maioria das representações, circunscreveu o uso dos aparatos tecnológicos com a finalidade de se entreter (5), em que celulares e Tvs foram utilizados. Nestas representações, a utilização do celular se deu como forma de evitar o tédio diante da falta de outras atividades para desenvolver, tendo em vista as limitações de entretenimentos em contexto de distanciamento físico. Assim, os adolescentes foram representados com a utilização do aparelho telefônico por muitas horas, sendo uma prática diária. Por fim, a Tv foi representada como forma de passar tempo e para ter acesso ao *Youtube*.

A subcategoria “estudos” foi representada em dois DETs, e celulares e notebook foram os aparatos tecnológicos utilizados, sendo o celular para estudos remoto, além do uso das redes sociais (*Instagram*) como meio de publicação de materiais de estudo. Já o notebook, para desenvolver atividades e trabalhos escolares, assim como para comunicação com os professores através de e-mail e aplicativo. Dessa forma, identifica-se que a utilização dos aparatos tecnológicos na região Sul do Brasil foi representada, em sua maioria (5), com a finalidade do adolescente se entreter. E com uma menor expressão, foi redigido o uso dessas tecnologias para uma continuidade dos estudos.

Na região Norte, o tema “Aparatos tecnológicos” foi abordado quatro vezes (ambos os sexos). Três subcategorias foram identificadas: entretenimento (2), não específica (1) e estudos (1). O entretenimento foi a subcategoria com mais expressão (2), e os aparatos tecnológicos utilizados foram: Tv (assistir), celular (uso deste sem especificar) e vídeo game. A subcategoria “estudos” aborda aulas *on-line* através da utilização do notebook. Diante disso, a utilização de aparatos tecnológicos teve como maior finalidade o entretenimento por parte dos adolescentes representados nos DETs.

Na região Centro-Oeste, esse tema foi ferido em três DETs. E duas subcategorias foram identificadas: estudos (2) e entretenimento (1). Percebeu-se maior representação para uso das tecnologias com fins de estudo (2). Para as aulas *on-line* foram utilizados celular, fone auricular e notebook. E para o entretenimento, os aparatos foram os mesmos referidos, sendo utilizados para acesso as redes sociais.

Pôde-se observar, nas cinco regiões, que o tema “Aparatos Tecnológicos” foi identificado em 42 DETs (ambos os sexos): Nordeste (15); Sudeste (13); Sul (7); Norte (4); Centro-Oeste (3). Por meio da análise destes DETs, tornou-se possível constatar seis subcategorias: entretenimento (20); estudos (14); não especifica (3); estudos e entretenimento (2); notícias/covid-19 (2); locomoção (1). Ressalta-se que estas se referem às formas de utilização dos aparatos tecnológicos representados nos 42 procedimentos.

A subcategoria com maior expressividade (20) foi o “entretenimento”, e os aparatos tecnológicos representados foram: celular, Tv, computador, vídeo game, fone auricular, e GPS. Sendo estes utilizados para: assistir Tv; usar celular; troca de mensagens entre amigos (celular); assistir *Netflix*; ouvir música; jogos *on-line*; compras pelo celular; acesso às redes sociais; uso de vídeo game. Assim, observa-se, como forma de se entreter nesta situação pandêmica, que os adolescentes, em sua maioria, foram demarcados fazendo uso dos aparatos tecnológicos.

No contexto da pandemia, muitas atividades cotidianas precisaram ser adaptadas ao formato remoto e, neste sentido, as tecnologias possibilitaram a manutenção destas práticas. As tecnologias também foram utilizadas para o entretenimento, isto é, para a manutenção de vínculos com os pares e como forma de ocupar o tempo livre (CETIC, 2020). Um uso maior da internet foi observado pelo público adolescente em comparação com os adultos, o que aponta para uma atividade corriqueira dos jovens em contexto pandêmico (MAFTEI; HOLMAN, 2022). O acesso a aplicativos de entretenimento, jogos e sites são formas para se combater o estresse e são plataformas digitais bastante consumidas pelos indivíduos em distanciamento físico (SOTO; SILVA, 2020). Nessa perspectiva, para a organização do tempo de uso dos aparatos tecnológicos (aparelhos telefônicos, computadores etc.), os pais são importantes – tanto para dar o exemplo, quanto para auxiliar os filhos neste sentido. Dessa maneira, a interação entre os integrantes familiares pode contribuir para um uso mais saudável das tecnologias (ALMEIDA *et al.*, 2020).

Salienta-se que houve pouca expressão (3) sobre o uso desses aparatos para manutenção de vínculo com os pares, sendo referido: conversas com amigos (2); acesso às redes sociais (1). Desse modo, a utilização dos aparatos tecnológicos foi representada como

atividades realizadas pelo adolescente sem referência à interação com os pares, como: assistir séries, assistir *Netflix*, assistir Tv, jogos *on-line*, vídeo game, ouvir música, uso do celular (sem especificar). Isso pode apontar para o adolescente também ser um indivíduo isolado, como aponta Winnicott (1984/2016), pois mesmo ao socializar-se, em última instância, ele parte de uma posição de isolamento. Uma solidão que objetiva um encontro consigo mesmo. Ressalta-se que é através das relações individuais que se pode chegar, finalmente, à socialização.

Nesse sentido, o adolescente repete uma fase importante da infância, visto que o bebê também é um indivíduo isolado, ou seja, até que este possua a capacidade de se relacionar com os objetos (que estão fora do seu controle mágico). Desse modo, para Winnicott (1984/2016), os grupos de adolescentes são um aglomerado de indivíduos isolados que visam formar um grupo em decorrência de suas similaridades, gostos, afinidades, ideias e forma de viver. Neste enfoque, os dados dessa pesquisa corroboram os pressupostos do teórico mencionado, pois, em suma, o adolescente é isolado, uma vez que a grande parte das atividades desenvolvidas pelas tecnologias não envolviam os pares (devido ao distanciamento físico) e foram realizadas apenas pelo adolescente (sozinho).

A segunda subcategoria com maior expressividade se referiu à utilização dos aparatos tecnológicos com a finalidade de estudar, sendo essa representada em 14 DETs. Os aparatos tecnológicos utilizados nas representações foram: celular, computador, notebook e fone auricular. Tais dispositivos propiciaram atividades como: assistir aulas online, estudo remoto, fazer curso, fazer pesquisa e se comunicar com professores (e-mail e/ou aplicativo). Dessa forma, os aparatos tecnológicos são representados como ferramentas valiosas e potentes para a manutenção dos estudos de forma remota dos adolescentes em situação pandêmica.

Dos 72 participantes da pesquisa que possuíam matrícula em uma unidade de ensino, 58 continuavam os estudos através de aulas *on-line*, 9 estavam tendo atividades assíncronas e 5 não estavam estudando de forma alguma. Durante a pandemia covid-19, as atividades de educação, ou seja, os estudos, foram mediados por meio das tecnologias. A *internet* possibilitou as aulas *on-line*, a comunicação com os professores e com os pares. Diante dessa prerrogativa de um novo modelo de ensino, o período de uso das redes foi permitido e flexibilizado pelos pais e/ou responsáveis (CETIC, 2020). Vale ressaltar que esses aspectos serão discutidos de forma aprofundada na categoria estudos.

A utilização de aparatos tecnológicos para ter acesso às notícias sobre a covid-19 foi representada em dois DETs, sendo a Tv e o celular (*internet*) os dispositivos utilizados. Ressalta-se que as notícias tiveram implicações nos adolescentes representados como tédio

(pela impossibilidade de sair) e ansiedade. Por essa via, o adolescente carece do auxílio das gerações mais velhas, isto é, dos responsáveis, para que o ajude a decodificar as informações obtidas através da *internet*, como as notícias sobre a pandemia, para que não caiam em armadilhas e possam dispor de recursos para lidar com as informações da situação pandêmica (DESLANDES; COUTINHO, 2020).

Diante do exposto, o tema sobre os aparatos tecnológicos teve bastante expressividade nos DETs, sendo representado em 42 dos 74 procedimentos. Ademais, com base nas análises dos 42 DETs, averiguou-se que a maior utilização dos aparatos tecnológicos se referiu a diversas formas de entretenimento. Essa questão pode ser em decorrência dos adolescentes representados vivenciarem o distanciamento físico e, desse modo, formas de se entreter se mostraram propícias durante a pandemia como uma forma de passar o tempo e diminuir o tédio. Com base no relatório elaborado pela rede *Kids Online América Latina* (TRUCCO; PALMA, 2020) em quatro países (Brasil, Chile, Costa Rica e Uruguai), observou-se que as atividades de entretenimento, uso das redes sociais, socialização, aprender algo novo e busca por informações foram as atividades mais desenvolvidas pelos adolescentes dos países citados. Ressalta-se que, quanto mais velhos os jovens, maior a incidência em tais atividades por meio dos aparatos tecnológicos (TRUCCO; PALMA, 2020).

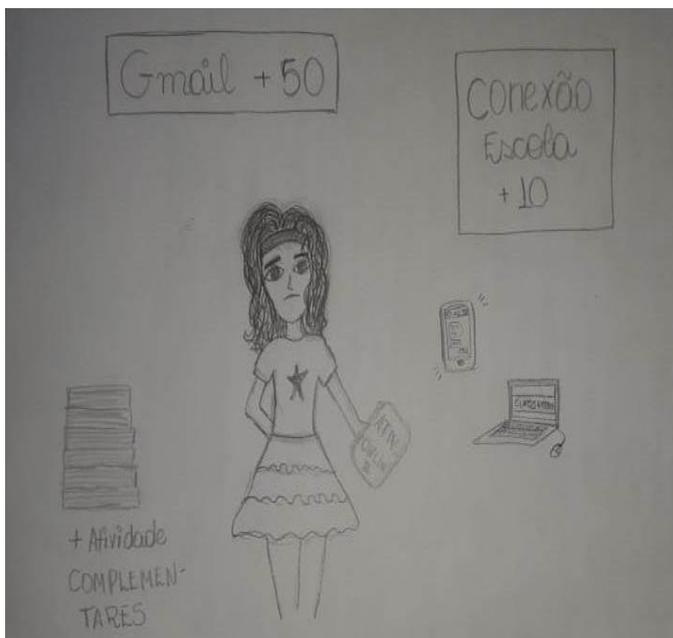
Assim, diante de diversas possibilidades do uso de aparatos tecnológicos por parte dos adolescentes em situação pandêmica, é imprescindível que o uso desses dispositivos possam ser ferramentas que potencializem a saúde física, psíquica e emocional do jovem. Além disso, que contribua para vivências não limitantes e padecedoras diante do cenário pandêmico, composto por distintas formas de vidas adolescentes. Em consonância com os dados da presente pesquisa, Deslandes e Coutinho (2020) apontam que, neste contexto de exceção das interações cotidianas e com a vivência do distanciamento físico na pandemia, a *internet* viabilizou alguma forma de normalidade por meio da utilização de aparatos tecnológicos. Desta feita, uma outra forma de realidade foi estabelecida e permitiu vivências que antes eram restritas ao mundo *offline*. Por intermédio da nanotecnologia vinculado ao amplo acesso da área de cobertura da *internet*, tornou-se exequível a criação de espaços de interação, que puderam ser acessados de qualquer lugar e a qualquer horário sem necessitar de um mediador (DESLANDES; COUTINHO, 2020).

Além disso, também se constatou o uso de aparatos tecnológicos relacionados ao planejamento de viagem após o período pandêmico. O movimento por parte do adolescente se mostra significativo, visto que os projetos de vida são imprescindíveis para o desenvolvimento do jovem e mostram planos a serem seguidos. Além disso, aquilo que o

indivíduo projeta no futuro faz parte de uma organização de planos mais concisos e conciliáveis, o que aponta para uma continuidade (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012). Diante disso, elaborar planos futuros pode contribuir diante de situações difíceis, e a pandemia da covid-19 pode ser considerada uma situação com tais características. Ademais, ter pessoas com quem possa compartilhar projetos de vida é imprescindível (DUTRA-THOMÉ *et. al.*, 2020). Por outro lado, se o adolescente não for um agente do seu projeto de vida, ele ficará alheio a seus próprios planos. Assim, é preciso se conscientizar dos caminhos que lhes são possíveis, fazendo escolhas apropriadas em seu contexto, isto é, condizendo com a realidade, assim como perceber os fatores que o influenciam para tais escolhas e, dessa forma, será plausível ao indivíduo uma construção de seu projeto de vida (MANDELLI; SOARES; LISBOA, 2011).

#### 4.2.4 Estudos

**Figura 5** – um adolescente em situação de pandemia do coronavírus



Título: “O novo normal para os estudantes”

História: No ano de 2020, aconteceu várias coisas e uma delas foi uma pandemia horrível no qual o vírus era a covid-19. Júlia está no 1º ano do ensino médio, tudo ia bem até chegar a covid. Sua escola teve greve, mas tudo estava previsto para voltar as aulas no meio do mês de abril. Foi aí que tudo passou a se complicar. A corona já estava no Brasil, então tudo foi fechado por tempo indeterminado. No mês de maio foi lançado o “conexão escola” (aplicativo de comunicação com os professores e assistências aos alunos). Também foi lançado o per (apostila com toas as atividades de cada matéria). Começou a ter aula no app *Classroom*, com quase todos os professores de Júlia. Júlia já estava cansada

Fonte: Y. Y. 15, Fem. de tantos deveres, mal acabava um e já chegava cinco mais. Sua rotina era puxada, acordava as 7horas e ia dormir depois das 23horas da noite. Tudo o que Júlia mais queria era que tudo voltasse ao normal.

A categoria “Estudos” foi representada em 31 DETs: Nordeste (9); Sudeste (9); Sul (7); Centro Oeste (3); Norte (3).

No Nordeste, o tema “Estudos” foi identificado em nove DETs e três subcategorias desta temática foram elencadas: interrupção de estudos (4), estudos remotos (4) e leitura (1).

Sobre a interrupção de estudos, apontou para uma interrupção devido à pandemia da covid-19, o que revela uma desigualdade social, ou seja, alguns adolescentes foram privados de aulas *on-line* e/ou atividades assíncronas oferecidas pelas instituições de ensino. Além disso, a interrupção salienta uma vulnerabilidade social, isto é, desejo do adolescente em estudar, todavia, não dispõe nem mesmo de alimento. Quanto às quatro representações da subcategoria “aulas remotas”, estas foram possíveis por aparatos tecnológicos, assim como pelo uso de livros, caderno, lápis. Ademais, foram representados atravessamentos nesse formato de ensino, visto que adolescentes pontuaram dificuldades como desânimo e improdutividade. Não obstante, um procedimento circunscreveu que, neste formato de aulas, foi possível à jovem colocar as matérias e os assuntos em dia. Por fim, a subcategoria “leitura” foi abordada em um procedimento, sendo referida a prática da leitura de livros.

Na região Sudeste do Brasil, a categoria “Estudos” foi abordada em 9 DETs (ambos sexos). Através da análise dos procedimentos, foram identificadas três subcategorias: estudo remoto (6), não específica (2) e leitura (1). Sobre estudo remoto, em todos os procedimentos, esta modalidade de ensino foi representada como uma rotina cansativa e exaustiva devido à demanda de atividades. Ademais, um DET salientou que tais estudos causam impotência e ansiedade diante de atividades escolares e o curso da adolescente. Quanto à subcategoria “não específica”, não foi possível averiguar qual o meio para o estudo e nem o qualificar, pois só há referência aos adolescentes (de modo geral e individual) estarem a estudar. Sobre a leitura, esta teve uma aparição e remeteu à leitura como entretenimento diante da impossibilidade de sair de casa. Neste sentido, observa-se que a maioria (6) das representações abordaram o estudo de modo remoto, o que reforça uma continuidade dos estudos, sendo este um fator imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento dos jovens. Não obstante, a demanda de atividades requerida aos jovens implica em uma rotina circunscrita como cansativa.

Na região Sul, o tema “Estudos” foi representado em 7 DETs (ambos sexos), com três subcategorias observadas: estudo remoto (5), leitura (1) e interrupção de estudos (1). Quanto ao estudo remoto, esta subcategoria foi representada através de realidades distintas, visto que aponta para sobrecarga de atividades escolares (2), preguiça e desleixo com os estudos (1), realização das atividades (1) e publicação de materiais de estudo na rede social (*Instagram*) (1). Por conseguinte, a subcategoria leitura apareceu em um procedimento e apontou para a leitura de um livro que a escola havia indicado, sendo uma satisfação para a adolescente. Acerca da interrupção de estudos, há um lamento por parte da adolescente quanto ao afastamento da escola. Observa-se, com base nesses dados, uma predominância da

continuidade dos estudos durante a pandemia, ocorrendo de forma remota. Contudo, cabe salientar as distintas formas de vivenciar os estudos no período pandêmico e no formato remoto.

Na região Centro-Oeste, a categoria “Estudos” foi abordada em 3 DETs. Com base no tema citado, foi possível identificar duas subcategorias: estudo remoto (2) e conclusão do Ensino Médio (1). Sobre a subcategoria “estudo remoto”, foram identificados: (1) utilização do celular para assistir aulas remotas e (1) desatenção nas aulas remotas pelo notebook por gostar e utilizar o celular constantemente. Quanto à subcategoria conclusão do Ensino Médio, foi observado (1) adolescente esgotada diante de tanto estudo e atravessada pela grande pressão com o vestibular.

Na região Norte, a categoria “Estudos” foi representada em 3 DETs (ambos sexos). Por meio da análise dos procedimentos, foram observadas três subcategorias: interrupção de estudos (1), conclusão Ensino Médio (1) e estudo remoto (1). A subcategoria “interrupção de estudos” remeteu à (1) suspensão das aulas devido à pandemia e, após essa notícia, a adolescente decidiu acordar tarde, pois não precisaria ir à escola pela manhã como de costume. Acerca da conclusão do Ensino Médio, percebeu-se: (1) adolescente sob pressão da conclusão do Ensino Médio e a necessidade de egresso no nível superior. O estudo remoto foi abordado em um DET: (1) estudo *on-line* pelo notebook – adaptação ao novo modelo de ensino.

Diante do exposto, o tema “Estudos” foi representado em 31 DETs (ambos sexos) nas cinco regiões do país: Nordeste (9), Sudeste (9), Sul (7), Centro Oeste (3) e Norte (3). Com base na análise dos procedimentos, cinco subcategorias foram identificadas: estudos remotos (18), interrupção de estudos (6), leitura (3), não específica (2) e conclusão Ensino Médio (2).

Vale salientar que, dos 74 participantes desta pesquisa, 45 cursavam o Ensino Fundamental II, 27 cursavam o Ensino Médio e dois tinham concluído o Ensino Médio. Sobre os 72 adolescentes que estavam matriculados em uma instituição de ensino: 58 dispunham de aulas *on-line*, 9 tinham atividades assíncronas e 5 não possuíam nenhuma atividade escolar. Diante dos dados, é possível compreender a predominância da representatividade da subcategoria “estudo remoto” (18). Considera-se que abordou os estudos de modo remoto pelos adolescentes em contexto de pandemia. Dentre os 18, 9 DETs abordaram uma rotina cansativa, muitas atividades e trabalhos a serem realizados, que resultaram em uma sobrecarga das atividades escolares e implicaram no desempenho dos estudos. Em 5 DETs, foi observado um estudo remoto de forma mais tranquila, pois os adolescentes desenvolviam as atividades, preparavam-se para provas e foi demarcado uma adaptação à nova realidade de

ensino. Em 2 DETs foi possível identificar estudos remotos atravessados por preguiça, desleixo e desatenção às aulas. Por fim, em 2 procedimentos não foi descrita uma qualificação sobre os estudos, somente uma referência aos aparatos tecnológicos utilizados: celular; notebook, livros, caderno e lápis.

Durante a pandemia de covid-19, as instituições de ensino precisaram adaptar suas metodologias de atuação, visto que os adolescentes vivenciavam o distanciamento físico. Desse modo, a utilização de aparatos tecnológicos, por meio do acesso à *internet*, viabilizou uma continuidade dos estudos dos jovens por meio de aulas *on-line* e/ou atividades assíncronas. Além disso, facilitou a comunicação entre adolescentes, professores e colegas da instituição escolar (CETIC, 2020). Diante desse cenário de pandemia e a necessidade de continuação dos estudos, o Ministério da Educação (MEC) autorizou as aulas à distância e, com o ensino remoto, os professores precisaram se adaptar quanto à sua didática, pois o uso das tecnologias se apresentou como uma necessidade (POTT, 2020).

Muitas escolas realizaram, de forma direta, uma transposição do conteúdo programático das aulas presenciais para as atividades pedagógicas não presenciais (APNP). Entretanto, a questão do ensino é atravessada por impedimentos e implicações de distintas ordens, que dizem respeito à vivência pandêmica e ao distanciamento físico. Observa-se que as alterações ou improvisações realizadas no conteúdo programático foram realizadas, na maioria, sem uma necessária reflexão didático-pedagógica, como se todos os conteúdos programados pudessem ser transpostos para o formato remoto. Assim, com base em notícias divulgadas pela imprensa nacional, observou-se: dificuldades de adaptação ao novo modelo, problemas de acesso às plataformas digitais e, conseqüentemente ao conteúdo remoto, bem como baixa adesão às APNP, sobrecarga de atividades para discentes e docentes, dificuldades de adaptação aos conteúdos programados e dificuldades nas avaliações (G1, 2020).

As aulas *on-line* podem implicar em cansaço nos estudantes se forem planejadas sem considerar a saúde física e emocional, a quantidade das atividades requeridas, acesso e infraestrutura (E-DOCENTE, 2020). Nesse formato de educação, ao discente é solicitado mais autonomia, pois o docente nem sempre estará à sua disposição como estaria na sala de aula presencial. Desta feita, é importante que as atividades solicitadas tenham objetivos claros para que os jovens não apresentem comportamentos de monotonia e, assim, possam “rotular” a disciplina como “menos importante”. Assim, é primordial que as atividades sejam elaboradas de forma a facilitar a compreensão do que é solicitado, assim como a sua resolução (SANTOS; LOPES; SANTOS, 2020)

Diante do exposto, referências abordadas (E-DOCENTE, 2020; G1, 2020) vão ao encontro de dados dessa pesquisa, pois alguns jovens representaram uma sobrecarga, rotina cansativa, muitas atividades e trabalhos a serem realizados, desatenção e preguiça quanto aos estudos. Tais comportamentos podem ser em decorrência de um não planejamento reflexivo sobre a didática e o conteúdo exposto no ensino remoto. Não se objetiva, aqui, culpabilizar as instituições de ensino e/ou os docentes, mas é preciso refletir sobre tais situações, uma vez que se trata de um novo contexto que é desafiante não só para os professores, como também para os estudantes. Entretanto, também foi representado nos dados (5) alguns jovens que se adaptaram ao formato de ensino e puderam realizar as atividades escolares de forma mais tranquila. Isso reforça como é imprescindível considerar que se trata de diferentes adolescentes, em diversas vivências pandêmicas e que, para cada um, o ensino é vivido de forma singular.

Além disso, é possível observar a relevância que a escola possui na vida do jovem. Portanto, se ausentar desse espaço pode resultar em dificuldades no ensino-aprendizagem como abordado pelo Globo (G1, 2020). Nessa direção, uma das funções da escola é propiciar um ambiente que auxilie o indivíduo no seu desenvolvimento pessoal. A escola é um apoio e pode outorgar oportunidades para que o adolescente desenvolva relações pessoais com outras pessoas fora do seu círculo familiar (WINNICOTT, 1965/2019c), principalmente, por ser nesta fase do desenvolvimento em que há um redirecionamento libidinal por parte do indivíduo, que se afasta cada vez mais dos pais e/ou responsáveis e busca outros objetos de amor. Desse modo, a instituição escolar se constitui como um ambiente propício para tal, pois favorece os encontros com os pares, as amizades, as relações de paquera e as relações com os grupos, sendo estas as relações exógenas (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012). Com a prerrogativa da pandemia e a suspensão das aulas presenciais, os jovens foram privados desse primordial ambiente. Não obstante, alguns jovens puderam continuar se relacionando – ao menos de forma *on-line*.

A segunda subcategoria com maior expressão – interrupção dos estudos – foi identificada em 6 DETs. Em 3 destes, a interrupção procedeu em decorrência da covid-19, que implicou no fechamento das instituições escolares, suspensão das aulas, atividades escolares e extracurriculares. Dois DETs representam uma vulnerabilidade social que atravessa os estudos: minoria dos jovens têm acesso às aulas online e adolescente com desejo de estudar. Ademais, em um DET é representado um saudosismo do adolescente quanto aos estudos na modalidade presencial. Apesar da importância dessa demarcação de vulnerabilidade social que pode atravessar os estudos, a situação não foi tão expressiva neste

tema, visto que, para participar deste estudo, o adolescente precisava dispor de aparato tecnológico e acesso à *internet*.

Cabe enfatizar que, com a implementação dos dispositivos tecnológicos à realidade pandêmica da educação brasileira, dois lados da história se constituem: a inclusão e a exclusão. É nestes espaços virtuais que os jovens têm vivências sociais e individuais, assim como o estudo de forma remota. Entretanto, exclusões são possíveis ao considerar que nem todos os jovens possuem acesso à *internet* e/ou aparatos tecnológicos (ANDRADE *et al.*, 2020). Com base em uma pesquisa documental na Bahia, observa-se que a maioria dos estudantes da rede pública é oriundo de classes sociais mais baixas e não dispõe de acesso às tecnologias digitais, além de residir em casas com espaços físicos limitados, isto é, pequenos e, muitas vezes, não dispõe de um lugar para estudar (ALVES, 2020).

A subcategoria “leitura” foi identificada em 3 DETs e esta se deu através de livros, sendo uma atividade conceituada como um entretenimento, uma satisfação e uma prática. Sobre a subcategoria “não específica”, é possível apenas afirmar que os adolescentes representados nos dois DETs estavam a estudar, sendo apenas feita a menção à palavra “estudos”, sem nenhuma qualificação sobre e nem os recursos utilizados para isso. A subcategoria “conclusão do Ensino Médio” foi identificada em dois DETs, representando a possibilidade de ingresso das adolescentes no ensino superior. No entanto, foi relacionada a sentimentos de pressão e esgotamento.

Por meio das subcategorias apresentadas (estudo remoto (18), conclusão do ensino médio (2) e não específica (2)), observou-se que 22 DETs abordaram uma continuidade dos estudos. Desta feita, a permanência nas aulas e atividades escolares foram representadas de forma mais expressiva dentro dessa categoria temática (estudos), pois de 31 procedimentos que referiram o tema supracitado, 22 DETs demarcaram a continuidade dos estudos durante a vivência pandêmica.

Apesar de algumas representações apontarem sobrecarga na rotina de estudos e cansaço das aulas remotas, é importante frisar que a implicação nos estudos está relacionada a uma perspectiva de vida, ou seja, ao planejamento do futuro, à busca de uma profissão, à independência financeira e à preparação para o mundo adulto. Nessa direção, Macedo e colaboradoras (2012) assinalam que o indivíduo, já no fim da adolescência, passa a investir libidinalmente em uma profissão, sendo este um aspecto muito importante de sua identidade. É por meio do trabalho que se desenvolve uma outra faceta de sua identidade: o indivíduo profissional. Assim, o trabalho emerge como uma forma de concretizar tais planos, por conseguinte, “o jovem envolve-se e investe no trabalho, pois objetiva um crescimento e uma

realização tanto profissional quanto pessoal” (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012, p. 50).

Pereira e Sudbrack (2010) apontam que vários são os motivos que levam os jovens à evasão escolar antes que concluam o Ensino Médio. Entre estes motivos, está a busca pela vivência apenas do aqui e agora, que aborda pensar e agir tendo em vista apenas o presente. Salienta-se que estes adolescentes enfrentam dificuldades para construir projetos para o futuro, sendo o projeto profissional um deles. Em contrapartida, os dados desta pesquisa de mestrado apontam que a maior parte dos procedimentos da referida categoria representam um investimento nos estudos mesmo diante de uma nova realidade de formato de aulas na pandemia. Ademais, esse aspecto reforça uma plausível preocupação dos adolescentes participantes deste estudo com seus projetos de vida e como com a carreira profissional, pois “chegar ao mundo do trabalho significa, acima de qualquer coisa, para o jovem, tornar-se emancipado. Emancipado no sentido de ser responsável por si” (ARAÚJO, 2016, p. 56). Assim, reitera-se a relevância e magnitude da conquista de uma profissão, de uma independência financeira, pois significa, também, ser um sujeito responsável por si mesmo.

Não obstante, além da necessidade e relevância dos adolescentes definirem um projeto de vida ao final do Ensino Médio, é preciso que eles possam construir conhecimentos, competências e habilidades que os constituam capazes não apenas de construir projetos, mas sobretudo de reconstruí-los quando necessário, tendo em vista a existência de contingências, de imprevistos, incertezas e mudanças da vida (SILVA; DANZA, 2021). Nessa perspectiva, a pandemia da covid-19 faz contorno a uma contingência, a uma mudança imposta aos jovens, em que é requerido deles a necessidade de repensar seus planos e projetos, como a necessidade de construírem competências para a manutenção dos estudos em um novo formato de ensino, que demanda habilidades para se adaptar a esta nova realidade. Diante disso, a permanência do investimento libidinal nos estudos dá corpo a um aspecto estritamente imprescindível para o desenvolvimento do adolescente, isto é, na sua capacidade de continuar a investir em seu futuro e em seus projetos de vida, sobretudo diante de uma crise sanitária como a pandemia da covid-19.

#### 4.2.5 Mudança de rotina

**Figura 6** – um adolescente em situação de pandemia do coronavírus



Fonte: C.L. 17, Fem.

Título: Pandemia: as consequências do “fique em casa” no adolescente

História: Bom, o momento que estamos passando, que é uma pandemia, o que é evidente, está afetando de diferentes maneiras cada pessoa no mundo, mas o foco aqui é nós adolescentes. Muitos não estão acostumados em seguir a ordem “Fique em casa”. Então, ficar em casa pode se tornar um tédio, pois a rotina se torna muito cansativa. E essa rotina é acordar, organizar as coisas, assistir, mexer no celular, dormir e etc. Mas há momentos até legais e refrigerantes e as vezes há uma oportunidade de novos aprendizados.

A categoria “Mudança de rotina” foi representada em 28 DETs (ambos os sexos) nas cinco regiões do Brasil: Sudeste (9), Nordeste (7), Sul (7), Norte (3) e Centro-Oeste (2). Esta categoria se refere às diversas mudanças que ocorreram na vida dos adolescentes em detrimento da pandemia da covid-19. A análise possibilitou cinco subcategorias: afastamentos (18), nova rotina (5), nova realidade (3), migração (1) e aproximação física (1).

No Sudeste, a “Mudança de rotina” foi representada em 9 DETs (ambos sexos). Através da análise dos nove procedimentos duas subcategorias, foram elencadas: afastamentos (6) e nova rotina (3). Quanto à subcategoria “afastamentos”, esta teve 6 representações e apontou distintos afastamentos. Entretanto, foram qualificados como algo negativo. Os afastamentos mais demarcados se referiram a amigos e à escola, além de eles também mencionarem afastamento de interação, contato com pessoas, lazeres, igreja e movimento das ruas (da liberdade). Quanto à segunda subcategoria, “nova rotina”, foi representada em 3 DETs: rotina diária de estudos cansativa; rotina repetitiva de assistir TV, série; impossibilidade de sair e passear como antes, contudo praticou a leitura e pôde refletir sobre a pandemia.

Na região Nordeste, a categoria “Mudança de rotina” foi representada em 7 DETs (ambos sexos) e foram elencadas três subcategorias: afastamentos (3), nova realidade (3) e

migração (1). Quanto às três representações da subcategoria afastamento, em dois procedimentos foi abordado o afastamento da escola e dos amigos, sendo referido como algo negativo, que implica em tédio. Não obstante, um DET circunscreve esse mesmo afastamento, isto é, da escola e das atividades extracurriculares. Entretanto, o jovem gosta dessa mudança, pois pode aproveitar para assistir *Netflix*. Sobre a subcategoria “nova realidade”, foi representada em 3 DETs, sendo que, em dois, foi pontuado uma nova realidade quanto ao formato de ensino, sendo na pandemia o formato remoto. Por fim, um procedimento apontou uma impossibilidade de viajar, passear e brincar como de costume, em que o jovem descobriu outras atividades possíveis (ler, troca de mensagens no celular, afazeres domésticos, etc.) nessa nova realidade. Referente à “migração”, um DET representou adolescente e sua família de mudança para outro estado, com o objetivo de se distanciar dos grandes índices de contaminação da covid-19.

O tema “Mudança de rotina” foi representado em 7 DETs (ambos os sexos) na região Sul do Brasil. Com base nas análises sobre os sete procedimentos, observou-se uma única subcategoria: afastamentos (7). Desse modo, observa-se que, nos sete procedimentos, as mudanças de rotina foram representadas como afastamentos dos amigos, da escola (colegas, professores), do lazer (futebol), da igreja e dos pais (devido ao trabalho de risco destes). Ressalta-se que tais afastamentos foram qualificados como negativos e decorreram do cumprimento do distanciamento físico.

No Norte do Brasil, a categoria “Mudança de rotina” foi representada em 3 DETs (ambos os sexos). Por meio da análise dos procedimentos, duas subcategorias foram elencadas: nova rotina (2) e afastamentos (1). Sobre a “nova rotina”: (1) adolescente passa a acordar tarde devido a suspensão das aulas; (1) adolescente em distanciamento físico/rotina cansativa e repetitiva. E “afastamentos”: (1) adolescente em afastamento da escola/estudos de forma remota.

Na região Centro-Oeste, a categoria “Mudança de rotina” foi representada em 2 DETs e, com base na análise dos procedimentos, identificou-se duas subcategorias: afastamentos (1) e aproximação física (1). Sobre a subcategoria afastamentos: (1) adolescente em afastamento da escola/aulas remotas. Sobre a subcategoria aproximação física: (1) adolescente relata uma aproximação física entre os adolescentes (modo geral) e suas famílias. Contudo, não garante conversas entre os integrantes familiares, o que resulta no isolamento dos jovens em seus respectivos quartos, espaço em que interagem com seus aparatos tecnológicos.

Diante do exposto, a “Mudança de rotina” foi representada em 28 procedimentos (ambos os sexos) nas cinco regiões do país: Sudeste (9), Nordeste (7), Sul (7), Norte (3) e

Centro-Oeste (2). Cinco subcategorias foram observadas: afastamentos (18), nova rotina (5), nova realidade (3), migração (1) e aproximação física (1).

“Afastamentos” foi a subcategoria com uma maior expressividade (18), representada das seguintes formas: escola; amigos; interações e brincadeiras; lazer; igreja; saídas de casa e pais. Salienta-se que, dentre estes, os afastamentos mais sentidos foram referidos à escola e aos amigos. A maioria dos afastamentos foi demarcado com saudosismo e pesar. Não obstante, um DET aponta o afastamento da escola como algo prazeroso, pois pôde assistir *Netflix* e comer. Diante disso, é possível afirmar que as rotinas dos adolescentes representados tiveram distintas mudanças e, mesmo com tipos de afastamentos parecidos, as formas como cada jovem vivenciou tais experiências foram singulares. Não obstante, há um predomínio do afastamento dos adolescentes quanto às instituições escolares e do lazer com os amigos.

Assim, observa-se a dificuldade dos adolescentes diante do afastamento dos pares, do lazer e da escola. Autores (PRIME *et al.*, 2020; BALHARA *et al.*, 2020) apontam como o distanciamento físico contribui para os afastamentos citados, pois resultam na suspensão de momentos de lazer e interação, bem como no afastamento dos adolescentes das suas relações com os pares. Tendo em vista a fase da adolescência e o processo de amadurecimento com base na teoria de Winnicott, Costa e colaboradores (2021) apontam para multiplicidade de consequências da pandemia e do distanciamento físico na vida dos jovens. Nesse sentido, os autores (2021) relatam os seguintes prejuízos: a forma como o adolescente se integra na sociedade; impossibilidade de vivenciar amadurecimento saudável; adoecimento mental; dificuldades de transição para a vida adulta; possibilidade de permanecer em ambientes invasivos, pouco sustentadores, sem *holding*, o que pode contribuir para o desenvolvimento de falso *self*. Além disso, os autores apontam não ser possível verificar estes prejuízos a um longo prazo no desenvolvimento desta população referida (COSTA *et al.*, 2021). Desse modo, observa-se que os danos possíveis nessa mudança de rotina são diversos e, sobretudo, afetam o desenvolvimento dos adolescentes.

Uma pesquisa com adolescentes aborda a falta que o ambiente físico da escola provoca nos jovens, tendo em vista as possibilidades que a escola possibilita de se (re)inventarem diante dos conflitos da adolescência. Além disso, demarca uma não adaptabilidade dos indivíduos ao ensino remoto no período pandêmico. A importância da escola é demarcada nesta fase da vida, sendo um ambiente que contribui, espontaneamente, para o desenvolvimento dos adolescentes (MENDES, 2021).

Em contrapartida, é importante salientar a singularidade que cada um vivencia a mudança de rotina, visto que alguns lidam bem e descobrem novas formas de viver esses

afastamentos. Com base em pesquisa remota com adolescentes, Mendes (2021) objetivou verificar as singularidades dos adolescentes sobre suas vivências no período pandêmico e, assim, ofereceram a eles um espaço no qual a palavra, ou seja, a fala, fosse um meio para uma tentativa de subjetivação e singularidade. Por se pautar em uma ética que leva em consideração as singularidades de cada sujeito, optou-se, então, por ouvir o que os jovens tinham a dizer sobre a vivência supracitada, isto é, suas relações, suas rotinas, suas vidas. Salienta-se que o adolescente é um sujeito de desejo e de singularidades e, por isso, utilizou-se a fala, tendo em vista a conversação como um dispositivo psicanalítico que acolhe os sofrimentos destes jovens e dos sintomas que emergem nesta contemporaneidade.

Nessa perspectiva, é possível considerar a singularidade de cada adolescente, pois cada um, a seu modo, constitui uma forma de vida, mesmo que seja atravessado por uma mesma situação – pandemia da covid-19. Ainda assim, cada cenário toma contorno de uma forma, pois se tratam de sujeitos com desejos e singularidades, cada qual lidando de uma forma diante do novo. Ademais, o estudo de Mendes (2021) corrobora os pressupostos dessa pesquisa de mestrado, pois através do procedimento PDE-T, foi promovido ao adolescente um espaço de fala, escrita e desenho como formas de ouvir essas singularidades que o constituem. Além disso, como forma de acolher a demanda dos participantes, um projeto de extensão foi elaborado (MIURA *et al.*, no prelo). Ressalta-se que este projeto foi proposto como outra forma de oferecer espaço de fala e expressão aos jovens. Assim, intervenções e estratégias de atenção são importantes para atender estes indivíduos, sobretudo diante de uma crise sanitária (COSTA *et al.*, 2021).

A “nova rotina” (5), em sua maioria, foi representada como algo bom, pois possibilitou vantagens como acordar tarde devido a suspensão das aulas, ler livros, e momentos legais (não descritos no DET) que resultaram em aprendizados. Assim, apenas dois DETs apontaram a nova rotina como cansativa (estudos remotos) e repetitiva (assistir séries diariamente). Sobre a “Nova realidade”, são demarcados, nos três DETs, perdas e afastamentos devido à pandemia. Contudo, é observado que, nestes procedimentos, os adolescentes conseguem se adaptar e criam uma nova rotina dentro de suas singulares possibilidades.

Desse modo, observa-se a existência de possibilidades diante do novo, da nova rotina, da nova realidade. A pandemia acarretou em mudanças de rotina na vida dos indivíduos, sendo estas singulares vividas por cada indivíduo. Com base na cartilha “A rotina em tempos de pandemia” (ZUCATO *et al.*, 2020), possibilidades de criação de uma rotina na pandemia são apresentadas e o auxílio dos pais e/ou responsáveis são importantes. Estes podem

convidar os adolescentes a participarem das atividades da casa (culinária, limpeza organização), sendo ações que envolvam os integrantes familiares. O estabelecimento de horários para as atividades, como os estudos, e a flexibilização na rotina são essenciais, e é importante que estas sejam consideradas as necessidades do adolescente. Os momentos de lazer e descanso são imprescindíveis para uma rotina saudável de qualquer indivíduo. Ademais, é importante que os adolescentes tenham a liberdade para escolher atividades para que possam realizar em conformidade com as regras da casa. Por conseguinte, a abertura para diálogo entre pais e filhos é fundamental e pode ser potencial neste período marcado por incertezas e ansiedades (ZUCATO *et al.*, 2020).

Nesse sentido, diante dessas sugestões de novas rotinas da cartilha mencionada, pode-se criar formas de viver diante de uma situação de crise como a pandemia e, mesmo com adversidades, um bem-estar subjetivo pode existir. Por conseguinte, esse ponto dá contorno às possibilidades que podem surgir diante do novo, mas precisa considerar que cada indivíduo criará sua forma de vida de modo singular (MENDES, 2021), com base no seu ambiente e nos recursos de que dispõe para criar diante do novo (ZUCATO *et al.*, 2020). Zanon (2020) sublinha outros aspectos positivos diante dessa nova realidade: mais tempo consigo mesmo, que implica em reflexão sobre novas estratégias de autorrealização; tempo com a família; e visualização do futuro, o que permite vislumbrar novos tempos.

A migração e aproximação física tiveram uma única representação. A migração aborda uma mudança de rotina e de ambiente, visto que o adolescente e sua família cambiam de estado em busca de prevenção contra a covid-19. No campo das migrações diante da pandemia, drásticas rupturas aconteceram, sobretudo, em decorrência das medidas de distanciamento físico e quarentena adotadas pelos países, que buscaram uma contenção da pandemia da covid-19. Desse modo, com o fechamento das fronteiras, as mobilidades de deslocamento da população foram afetadas, desde migrações internacionais, de vizinhança, turismo, deslocamentos interestadual e intra-estadual (BAENINGER, 2020).

Nesse sentido, alguns grupos (refugiados, pessoas em situação de rua, etc.) em vulnerabilidade foram mais impedidos de migrarem para outros locais (RODRIGUES; CAVALCANTE; FAERSTEIN, 2020). Tendo em vista que as migrações foram prejudicadas diante da pandemia, para o adolescente e sua família representados no DET, mostra-se como diferente, pois a família é abastada e possui recursos financeiros e materiais para se locomover, assim como para adquirir um chalé e fugir dos grandes centros de infecção da covid-19. Não obstante, mesmo essa mudança de rotina sendo uma forma de cuidado e prevenção quanto ao contágio do vírus, reforça-se que muitos não puderam cambiar de

localidade como uma forma de proteção e em busca de melhor forma de viver, como no campo (chalé).

Assim, aproximação física demarca o adolescente e familiares em um mesmo ambiente, todavia, não há interação entre estes em decorrência do uso das tecnologias. Nessa perspectiva, é possível afirmar como a pandemia modifica as rotinas dos adolescentes e como circunscreve distintos afastamentos para os jovens. Ressalta-se que cada adolescente é afetado de forma distinta pela situação, e o ambiente familiar no qual está inserido pode contribuir ou não para que ele se adapte às mudanças que o atravessam. Diante disso, a vivência da pandemia é atravessada pela singularidade do adolescente (MENDES, 2021), isto é, pela família e pelos recursos que cada jovem dispõe, o que resulta em diferentes formas de experienciar a pandemia. Ademais, a família ocupa um lugar de importância diante desta situação.

Nesse sentido, a cartilha desenvolvida por Zucato e colaboradores (2020) teve como objetivo auxiliar os pais no estabelecimento de uma rotina junto aos filhos, a fim de tornar a convivência familiar mais saudável e facilitar o estudo à distância. Os autores apontam que a pandemia proporcionou mudanças na vida dos indivíduos e, diante dessas modificações, cada pessoa, ao seu modo singular, busca entender e se adaptar à nova realidade. Dessa forma, com os adolescentes a situação não é distinta, sendo importante de ressaltar que este público-alvo está em desenvolvimento biopsicossocial e, muitas vezes, não dispõe de maturidade para administrar as mudanças decorrentes da pandemia, como o distanciamento físico, o afastamento dos pares, da escola, do lazer, entre outros (ZUCATO *et al.*, 2020). Desse modo, os pais e/ou responsáveis podem contribuir para uma vivência melhor dos adolescentes neste período de crise.

#### 4.2.6 Relações endógenas

**Figura 7** – um adolescente em situação de pandemia do coronavírus



Fonte: H. V. 12, Fem.

**Título:** Em meio de uma pandemia

**História:** Em meio de uma pandemia onde todos eram obrigados a ficar em casa havia uma família que só ficava mexendo no celular, e não falava com ninguém até que um dia, uma garota de 12 anos decidiu pegar todos os aparelhos eletrônicos que havia na casa para tentar se relacionar mais com a família e acabou dando muito certo e porque todos da casa estão conversando mais. E vendo que se vive sem celular. Fim!

O tema “Relações endógenas” se refere às relações familiares e, para Macedo e colaboradores (2012), há nessa fase do desenvolvimento um desinvestimento por parte dos adolescentes quanto às figuras parentais/responsáveis. Ressalta-se que, em um DET, pode aparecer mais de um tipo de relação, como as relações exógenas de amizade e/ou namoro. Sobre as relações endógenas, esta teve 27 aparições (ambos os sexos) nas cinco regiões do país: Nordeste (10), Sudeste (6), Sul (6), Centro-Oeste (4) e Norte (1).

Na região Nordeste, as “relações endógenas” foram abordadas em 10 DETs (ambos os sexos). A partir da análise dos procedimentos, se observou três subcategorias: afeto/cuidado (6); dificuldades financeiras (3); e dificuldades afetivas (1). Pôde-se observar que a maioria das relações endógenas foram abordadas quanto ao afeto/cuidado (6), sendo pautada em relações integradoras que se compõem de elementos que contribuem para relações saudáveis, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo no âmbito físico, emocional e psíquico. Além disso, as representações dessa região foram atravessadas pela prevenção e cuidado tanto consigo (adolescente) quanto para com a família, além de tios que acolheram e cuidaram de um adolescente infectado com a covid-19, que depois se restabeleceu. Ademais, observa-se que algumas (3) relações endógenas foram atravessadas por necessidades (financeira, alimentar, educacional) e um DET retrata dificuldades afetivas na relação endógena entre irmãos.

No Sudeste, o tema “relações endógenas” teve aparição em 6 DETs (ambos sexos) e foi elencado em quatro subcategorias: afeto/cuidado (3), dificuldades financeiras (1), dificuldades afetivas (1) e não específica (1). A subcategoria “afeto/cuidado” teve a maior expressividade na região Sudeste (3) e abordou boas relações entre adolescentes e os membros familiares, sendo possível diálogo e cuidados entre eles. As demais subcategorias tiveram uma única aparição cada. “Dificuldade financeiras” (1) circunscreve uma relação familiar atravessada pelo desemprego dos pais do jovem e como essa dificuldade afeta o adolescente. “Dificuldades afetivas” se referem à relação entre a adolescente e seus irmãos e sobre como essas dificuldades provocam chateações na jovem. A subcategoria “não específica” aborda apenas o nome família, entretanto, não é possível qualificar essa relação.

No Sul do Brasil, o tema “relações endógenas” foi circunscrito em 6 DETs (ambos os sexos) e, através das análises, foram elencadas duas subcategorias: afeto/cuidado (5) e dificuldades (1). A subcategoria mais expressiva se refere às Relações familiares pautadas no afeto/cuidado (5), nas quais adolescentes e suas famílias apresentam uma boa convivência, sendo possível afeto, carinho e reaproximação entre os membros familiares – inclusive um afeto e cuidado quanto à prevenção, ou seja, há um cumprimento do distanciamento físico, sendo uma forma dos jovens se protegerem como a suas famílias.

Ademais, um DET representa um adolescente que precisa se afastar fisicamente dos pais como forma de cuidado, tendo em vista as atividades laborais dos genitores e a possível exposição destes ao vírus. Assim, é possível constatar que cuidado pode ser uma forma de ficar próximo fisicamente da família para se protegerem, como pode se caracterizar como um afastamento físico com parte da família – adolescente em distanciamento físico dos pais. Nesse sentido, o cuidado pode implicar em se distanciar das relações endógenas, ao considerar o trabalho dos pais e as exposições possíveis das atividades laborais destes quanto à infecção da covid-19.

Não obstante, essas relações endógenas pautadas no cuidado se mostram primordiais, até como forma dos adolescentes disporem de meios para lidar com o distanciamento físico de suas atividades, assim como dos pais. A subcategoria “dificuldades afetivas” teve uma única representação que abordou relação entre adolescente e sua mãe atravessada por brigas, sendo proveniente do estresse da vivência do distanciamento físico.

No Centro-Oeste, a categoria “relações endógenas” foi abordada em quatro DETs, composta pelas seguintes subcategorias: afeto/cuidado (3) e dificuldades afetivas (1). Sobre a subcategoria “afeto/cuidado”: (1) adolescente ajuda a mãe nas tarefas domésticas; (1) reconexão familiar (1); e família que, após ser infectada pela covid-19, cuida-se e com fé

(oração a Deus) se restabelecem. Quanto à subcategoria “dificuldades afetivas”: (1) a pandemia possibilitou proximidade física da adolescente com a família, não obstante, o diálogo foi comprometido devido ao uso das tecnologias e a ocupação de cada membro familiar em seus aposentos, o que resulta em uma não interação entre eles. Salienta-se que afeto/cuidado foi a subcategoria que teve uma maior expressão (3). A categoria abordou relações pautadas em parcerias, reconexão familiar e cuidado.

Na região Norte do Brasil, a categoria “relações endógenas” apareceu em um DET e em uma subcategoria elencada “dificuldades afetivas”: (1) adolescente com pais divorciados, irmãos advindos de ambas as partes, com padrasto e madrasta, o que resulta em dificuldades para saber lidar com todos esses integrantes familiares. Além disso, a jovem passa por pressões para conclusão do ensino médio e com o futuro ingresso em uma faculdade. Com base no exposto, pode-se constatar a relevância das relações endógenas não só neste momento de pandemia, mas também em outras questões da adolescente, como a passagem do indivíduo para a maior idade, assim como a inserção deste em outros grupos, outras relações, como em uma instituição de nível superior.

Pôde-se observar 27 aparições (ambos sexos) do tema “relações endógenas”: Nordeste (10), Sudeste (6), Sul (6), Centro-Oeste (4) e Norte (1). Por meio da análise dos 27 procedimentos, foi possível identificar quatro subcategorias: afeto/cuidado (17); dificuldades afetivas (5); dificuldades financeiras (4); e não específica (1). “Afeto/cuidado” foi a subcategoria com maior expressividade, sendo representada em 17 DETs. Observa-se que a maior parte das relações endógenas foram representadas pelos jovens como sendo relações integradoras. De acordo com Winnicott (1965/2011a), sobre o termo “integradoras”, o autor aponta como “fatores integradores e desintegradores afetam diretamente a vida familiar” (WINNICOTT, 1965/2011b, p. 67). Nessa perspectiva, os fatores integradores, para Winnicott, (1965/2011b) se constituem como elementos que corroboram uma vivência considerada saudável entre os membros familiares. Além disso, um relacionamento tido como saudável contribui para o processo de desenvolvimento do indivíduo – seja este físico, emocional ou psíquico.

Cabe pontuar que, segundo Macedo e colaboradores (2012), durante a adolescência, há um desinvestimento libidinal do indivíduo sobre seus pais e/ou responsáveis, ou seja, nesta etapa do desenvolvimento, o jovem faz tentativas de se separar das figuras parentais. Nesse sentido, o adolescente busca novos espaços e objetos para fazer investimentos, como as relações de amizade. Os pais deixam o lugar de “super-heróis” e passam a ser frequentemente alvos tanto de críticas quanto de reprovações por parte dos filhos. O processo é doloroso para

os jovens e para os pais. Ademais, reitera-se a situação da vivência pandêmica que atravessa os adolescentes e suas famílias: “(...) em meio a tais conflitos intrapsíquicos, o adolescente continua inserido em uma cultura e uma família que também passam por problemáticas próprias e não “param” para que o adolescente se reorganize” (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012, p. 31).

Nesse contexto, os jovens foram “impedidos” de frequentar espaços fora do convívio familiar, sendo necessário permanecer em casa com a família. Nessa perspectiva, apesar da prerrogativa do desinvestimento nas figuras parentais dessa fase do desenvolvimento, as relações endógenas representadas nessa pesquisa foram caracterizadas como relações integradoras para os jovens. Ressalta-se que, além dos atravessamentos próprios da puberdade e das mudanças intrapsíquicas, os adolescentes estão inseridos em uma cultura e foi através das relações familiares que estes, de alguma forma, conseguiram se organizar, visto que tais relações foram circunscritas por sentimentos de afeto/cuidado. Isso aponta para a potência do ambiente para o jovem em seu processo de amadurecimento e, principalmente, para que possa crescer e se afastar dos pais de uma forma menos dolorosa, tendo em vista ser este afastamento importante para a próxima etapa da vida – fase adulta.

Desse modo, observa-se que a maior parte das relações endógenas apontou para o afeto/cuidado (17). Esse aspecto se mostra como instigante e satisfatório, principalmente por considerar que, na adolescência, o jovem tende a não investir libidinalmente nas relações com os pais. Entretanto, os dados dessa pesquisa assinalam que a relação entre os adolescentes e os pais foi marcada pelo afeto e cuidado, o que aponta um investimento nessas interações. Salienta-se que a relação endógena é importante para a saúde física, psíquica e emocional do jovem, sobretudo em momentos de crise, como a pandemia. Winnicott (1965/2011) aborda que, na adolescência, o ambiente (nesse caso, o familiar) é importante, assim como o interesse da família pelo adolescente. Um ambiente familiar satisfatório favorece ao adolescente experiências de confiabilidade e continuidade, sendo esses aspectos fundamentais para que o indivíduo consiga se desenvolver de forma satisfatória.

Nesse enfoque, as relações endógenas de afeto/cuidado se relacionam com a categoria sentimentos expressos potencializadores, sendo caracterizados, em sua maioria, como sentimento de superação. Salienta-se que um ambiente suficientemente bom atende às necessidades básicas, físicas e emocionais do indivíduo (WINNICOTT, 1979/2007). Assim, pode-se observar que dispor de um ambiente suficientemente bom, que garanta ao jovem confiabilidade e continuidade de ser, favorece recursos ao indivíduo para lidar de forma

criativa com seus conflitos – fato esse que pode ter favorecido as representações de superação de conflitos expressa nessa pesquisa.

Salienta-se que os conflitos foram superados das mais distintas formas, o que faz contorno à singularidade de cada adolescente. Ademais, essas situações conflitantes podem ser percebidas tanto como oportunidade quanto como perigo: o que define é a forma de lidar com a situação (SILVA *et al.*, 2020). Nesta perspectiva, o ambiente suficientemente bom pode contribuir para os sentimentos potencializadores, como a superação do conflito, ponto este que corrobora os dados desta pesquisa de mestrado.

“Dificuldades afetivas” foi a segunda subcategoria com maior representatividade quanto às relações endógenas (5) e consistiu em dificuldades nas relações entre adolescentes e seus familiares, que demarcaram dificuldades afetivas na convivência entre eles. Em vista do contexto pandêmico, as relações familiares foram afetadas (COSTA *et al.*, 2021; MARQUES *et al.*, 2020; PRIME *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2020), isto é, no maior tempo de convivência com os familiares, houve aumento do risco de conflitos, violência intrafamiliar e aumento de estresse. Diante do distanciamento físico, houve uma delimitação e um compartilhamento de espaços domiciliares. Em face da necessidade de se permanecer em casa, aumentou-se o contato entre o adolescente e seus familiares, o que implica em perda de privacidade para o jovem. Além disso, pela convivência mais próxima de forma física, é possível o aumento de tensões e conflitos familiares (MARQUES *et al.*, 2020; PRIME *et al.*, 2020). As relações endógenas dialogam com os sentimentos padecedores sendo, em sua maioria, sentimentos de solidão, tristeza e saudosismo. Desta feita, é observável que o ambiente familiar pode contribuir para sentimentos padecedores como os supracitados nos procedimentos.

Diante dessas situações difíceis, os responsáveis pelos jovens necessitam auxiliá-los para que disponham de ferramentas para melhor lidar com a situação pandêmica e seus conflitos (SILVA *et al.*, 2020). Para vencer os desafios existentes, em face do distanciamento físico e permanência no lar, algumas sugestões são postas: passatempos, atividades físicas, filmes, meditações, leituras, práticas amorosas, fortalecimento de laços familiares, manutenção da casa, orações, etc. (BITTENCOURT, 2020). Nessa direção de maior convívio familiar, é relevante que os pais e/ou responsáveis auxiliem os adolescentes a criarem novas possibilidades diante do distanciamento físico. Além disso, os pais necessitam criar momentos de lazer em família, como: jogos de tabuleiro, assistir filmes e séries, cozinhar e/ou conversar (ZUCATO *et al.*, 2020). Oliveira e Costa (2022) apontam que no ano de 2020 houve um crescimento nas vendas de jogos de quebra-cabeças e no uso de vídeo games, isso em relação ao ano anterior. De acordo com opiniões de usuários, os jogos desempenham

papel de reconexão familiar, alívio de sobrecarga, além de um meio de construção de novas memórias em família.

Entretanto, ressalta-se a importância da família e desse ambiente para auxiliar o jovem nessa vivência pandêmica. Todavia, não se objetiva colocar sobre essa instituição toda a responsabilidade de resolução dos conflitos do adolescente, pois a pandemia se caracteriza como um desafio para todos os indivíduos, independente do público. Nesse sentido, Santos *et al.* (2022) assinalam a potência da família para a vivência pandêmica dos jovens. Não obstante, o estudo também demarcou que as famílias passam por sofrimentos, pois o contexto da pandemia, em si, já é padecedor.

Quanto à subcategoria “dificuldades financeiras” (4), refere-se à desemprego, escassez de alimento e família como vendedores ambulantes. A pandemia da covid-19, através do distanciamento físico como uma medida preventiva, evidenciou e aumentou vulnerabilidades sociais, principalmente quando associada às instabilidades de trabalho e renda familiar (JAIME, 2020). Ademais, o distanciamento físico também impactou economicamente em algumas famílias, o que acarretou conflitos nesses ambientes e insegurança emocional nos filhos adolescentes (MARQUES *et al.*, 2020).

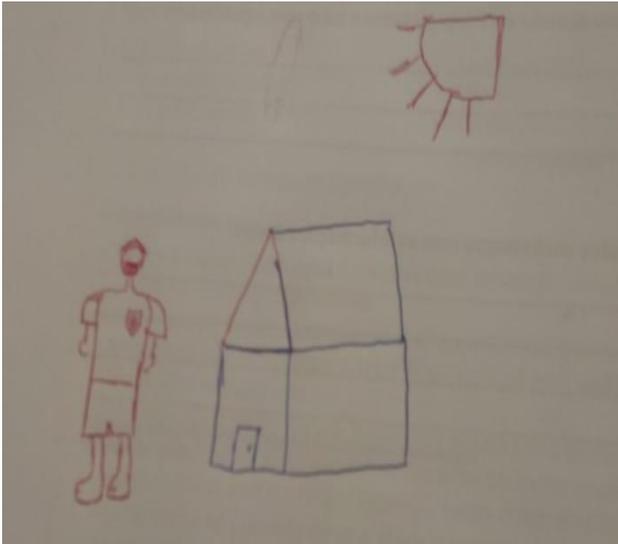
Diante do exposto, a maior parte dos DETs (17) abordou relações endógenas embasadas no afeto/cuidado, que se constituem de pressupostos para relações integradoras, sendo primordiais para vivências relacionais saudáveis. Além disso, tais relações se constituem como um fator elementar para os jovens, sobretudo em vivências pandêmicas em que, na maioria das representações dos DETs, estavam a cumprir um distanciamento físico, o que possibilita um maior tempo e convívio com seus familiares. Nesse sentido, a possibilidade de vivenciar relações familiares embasadas em cuidado e afeto se mostra relevante e pode ser um mecanismo imprescindível para vivências menos padecedoras e paralisantes aos jovens.

A instigante representação aponta uma nova perspectiva, visto que a literatura, em sua maior expressividade, salienta uma dificuldade nas relações familiares (COSTA *et al.*, 2021; MARQUES *et al.*, 2020; PRIME *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2020), aumento dos conflitos familiares, violências das mais distintas formas entre adolescentes e seus membros familiares durante a pandemia (BASSAN, 2020; CRUZ *et al.*, 2021; DILIUS; SUDBRACK; SILVEIRA, 2021; GOLFIERI, 2020; HERNANDES; MARQUES *et al.*, 2020; MATOS, 2021; OLIVEIRA *et al.*, 2022; SILVA *et al.*, 2021). Não obstante, nessa pesquisa de mestrado, a maior representação dos adolescentes retrata relações endógenas que se circunscrevem em afeto e cuidado, ou seja, relações integradoras. Assim, aponta a potência

das relações endógenas, o que reforça os pressupostos de Winnicott (1965/2011) sobre o imprescindível papel do ambiente no desenvolvimento do indivíduo.

#### 4.2.7 Relações exógenas

**Figura 8** – um adolescente em situação de pandemia do coronavírus



Título: Menino chateado e só

História: Um menino tinha muitos amigos, porém começou a pandemia, e ele sentiu sozinho por ter se afastado deles.

Fonte: E.C. 17, Masc.

O tema “Relações exógenas” foi elegido através de pressupostos de Macedo, Azevedo e Castan (2012), sendo essas relações conceituadas como aquelas constituídas fora do âmbito familiar, ou seja, as relações com os pares, como amizades e namoro. As relações exógenas desempenham um papel primordial na fase da adolescência, visto que o jovem, nesse período do desenvolvimento, costuma desinvestir nas relações familiares, ocorrendo, assim, um redirecionamento nos seus investimentos libidinais e, desse modo, as relações exógenas se circunscrevem. Nessa perspectiva, o grupo é um ambiente importante para o adolescente, pois com os pares pode se sentir mais confiante e protegido, além da possibilidade de cumplicidade entre os integrantes do grupo. Diante do proposto, o tema foi representado em 20 DETs (ambos sexos) nas cinco regiões do país: Sudeste (8), Nordeste (5), Sul (5), Centro-Oeste (1) e Norte (1).

No Sudeste, o tema “relações exógenas” foi representado em 8 DETs (ambos sexos) e, com base na análise dos procedimentos, foram identificadas três subcategorias: amizades virtuais (4), afastamento físico dos amigos (2), encontro físico com os pares (1) e relação com docentes (1). A subcategoria “amizades virtuais” foi identificada em quatro DETs que

abordou conversas e jogos com amigos através da internet. O ambiente virtual serviu para a manutenção das relações em três DETs e reaproximação dos pares em um procedimento. Quanto ao “afastamento dos amigos”, nos dois DETs, se deu em detrimento da pandemia da covid-19 devido ao cumprimento do distanciamento físico. Não obstante, esse afastamento físico foi caracterizado de forma negativa. Sobre a única representação da subcategoria “encontro físico com os pares”, abordou jogo de futebol entre os jovens. E a “relação com docentes” pontuou comunicação entre adolescente-professor e assistência online por parte deste profissional.

Nessa perspectiva, percebe-se que todas as relações exógenas representadas se referem aos pares e ou amigos, o que pode remeter ao investimento dos adolescentes nessas relações para fora do âmbito familiar e a relevância das relações nessa fase do desenvolvimento humano. Ressalta-se que a internet foi utilizada (4) como uma ferramenta para contornar a situação do distanciamento físico entre os amigos. Isso pode demarcar uma postura não paralisante dos adolescentes representados nos três DETs, destoante dos dois DETs em que é abordado o afastamento entre os amigos como negativo. Todavia, uma forma de lidar com essa situação não foi referida nos procedimentos.

Em contrapartida, um DET referencia um descumprimento das medidas de distanciamento físico e, mesmo diante dessa infração, a significância e o peso das relações não só na adolescência como um todo, sobretudo nesse momento tão difícil como a pandemia da covid-19. Além disso, salienta-se a presença de uma outra possibilidade de relações exógenas pela *internet*, sendo representado em um DET a relação estudante-professor. Destaca-se que se trata de uma relação importante, principalmente diante do novo modelo de ensino, assim a comunicação e a assistência às estudantes se fazem imprescindíveis, pois pode contribuir significativamente para um processo de ensino-aprendizagem eficiente e eficaz.

Diante do exposto, a metade das representações abordou as amizades virtuais, que pode ter representação mais acentuada ao se considerar o contexto de distanciamento físico vivenciado pela maioria dos adolescentes, como representado no tema “Distanciamento físico” dessa pesquisa. Em seguida, “afastamento dos amigos” foi a segunda subcategoria com mais representações (2), sendo também atravessada pelo distanciamento físico. Ademais, as outras duas subcategorias foram identificadas apenas uma vez e representaram a relação com professores na modalidade de ensino remoto, bem como um encontro físico com os pares, o que caracteriza um descumprimento do distanciamento físico.

No Nordeste, o tema “relações exógenas” foi observado em 7 DETs (ambos sexos), em que foi possível elencar três subcategorias: afastamento físico dos amigos (4), encontro

físico com os pares (2) e sofrimento (1). A subcategoria “afastamento físico dos amigos” foi referida em quatro DETs, sendo o distanciamento decorrente da pandemia da covid-19 e um saudosismo dessas relações com os pares (igreja, escola) foi circunscrito nos procedimentos. Sobre a subcategoria “encontro físico com os pares”, houve duas aparições, que ocorreram devido ao descumprimento do distanciamento físico. Os encontros tiveram como objetivo festas entre os jovens e abordou adolescente em sofrimento psíquico por ter poucos amigos e ser excluído do grupo.

Observa-se uma predominância quanto ao afastamento físico dos pares (4). Não obstante, dois DETs apontam um encontro físico com os pares. Cabe ressaltar que, mesmo quando jovens descumprem o distanciamento físico, faz-se preciso escutar o que está atravessado nesta infração que, ainda assim, os faz sair e encontrar amigos/pares, mesmo que corram risco e, de fato, contaminem-se, como é representado nos dois DETs. Tais pontos salientam a importância do grupo, das relações entre os pares e as implicações para o jovem. A questão é representada no único procedimento que aponta para um sofrimento psíquico, sendo pela exclusão do jovem, ou seja, um não pertencimento a um grupo. Desse modo, enfatiza-se a potência que as amizades podem ter durante a adolescência, assim como a ausência delas pode ser padecedora e ocasionar sofrimentos.

Na região Sul, as relações exógenas foram representadas em cinco DETs (ambos os sexos) e foram elencadas duas subcategorias: afastamento físico dos amigos (4) e relação com vizinhos (1). Constata-se que a maior parte dos DETs (4) representados retratam um afastamento físico dos amigos em detrimento do distanciamento físico, e que esse afastamento propicia a tristeza. Averigua-se que os DETs retratam um distanciamento dos adolescentes quanto às suas relações com os pares, e não foram abordadas ferramentas que pudessem contornar de alguma forma essa situação, tais como o uso da *internet* nas suas mais diversas possibilidades de uso. Em contrapartida, um DET referiu uma distinta relação exógena (vizinhos), sendo positiva para a adolescente representada, o que demarca que a comunidade também pode contribuir em relações exógenas que potencializam os jovens, preferencialmente durante a pandemia da covid-19.

Perante o exposto, o tema “relações exógenas” teve 20 representações em três regiões do Brasil: Sudeste (8), Nordeste (7) e Sul (5). Referente às subcategorias identificadas, foram observadas seis, sendo estas: afastamento físico dos amigos (10); amizades virtuais (4); encontro físico com os pares (3); relação com docentes (1); relação com vizinhos (1); e sofrimento (1).

Diante das subcategorias, averigua-se que a metade dos DETs (10) representou um afastamento físico dos amigos, que foi conceituado com um saudosismo das relações com os pares (amigos, escola, igreja), além de ser demarcado como algo negativo e atravessado por tristeza. Cabe ressaltar que esta foi a única subcategoria identificada nas três regiões brasileiras (Nordeste, Sudeste e Sul). Diante disso, e tendo em consideração a importância das relações exógenas durante a adolescência, o afastamento físico dessas relações foi representado de forma significativa pelos participantes dessa pesquisa como algo que atingiu diferentes regiões brasileiras, sexos e idades. Isso aponta para a relevância do contato e da presença física com os amigos.

Para Macedo e colaboradores (2012), a adolescência é um dos iniciais momentos de investimentos exogâmicos e, assim, o jovem se afasta cada vez mais das relações familiares. É neste período que os amigos e os grupos de iguais ganham força e importância. Desse modo,

o papel dos amigos, neste caso, fica evidente. Nesta etapa da vida, o grupo é de grande importância, já que em nome dele o pré-adolescente comporta-se de maneira que sozinho jamais faria. O grupo lhes faz sentir mais forte, há uma cumplicidade que permite realizar atos que não seriam possíveis de outra forma (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012, p. 28).

Nesse sentido, é marcante a importância das relações de amizade e as relações em grupo para o jovem. Tais questões podem contribuir para a compreensão da subcategoria “afastamento físico com os pares”, tendo ela um contorno negativo e marcado pelo saudosismo das relações. Além disso, é possível observar que uma não-inserção nas relações de grupo e constituição de amizades com os pares podem implicar em algo negativo, como apontado em um procedimento da subcategoria “sofrimento”, que aborda um jovem que padece por não ter amigos e não ter um grupo no qual possa se inserir.

Estudos apontam que o distanciamento físico resultou em modificações nas relações interpessoais do jovem, ou seja, implicou no afastamento do adolescente da relação com os pares, nas interações e nos momentos e lazer entre estes. Os afastamentos são sentidos pelos jovens e colocados como danos da pandemia (ANDREWS; AHMED; BLAKEMORE, 2020; BALHARA *et al.*, 2020; COSTA *et al.*, 2021; MENDES, 2021; PRIME *et al.*, 2020). Em face da importância das relações com os pares para o jovem, sobretudo nessa fase da vida, essas relações sendo saudáveis, podem ser compreendidas como fator de proteção, além de favorecerem a resiliência do adolescente. Em contrapartida, o afastamento dos amigos proveniente do distanciamento físico pode resultar em prejuízos para o desenvolvimento dos jovens (ANDREWS; AHMED; BLAKEMORE, 2020).

Nesse cenário, a segunda subcategoria com mais representações, “amizades virtuais” (4), retratou o uso das tecnologias para manutenção das relações com os pares – seja para conversas ou diversão (jogos *on-line*). Isso porque as relações de amizade são intensas e fortes, e é nessa fase do desenvolvimento que surge o melhor amigo. Além disso, as experiências são compartilhadas, em sua totalidade, entre eles. Os pares são cúmplices e se completam (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012). Diante disso, é importante demarcar a utilização das tecnologias por parte do adolescente como forma de se entreter, tanto para acesso a jogos *on-line* quanto para troca de mensagens entre os pares, redes sociais. As plataformas digitais possuem bastante acesso dos jovens como uma forma de atenuar o distanciamento físico e para manutenção de vínculos entre amigos e familiares (BALHARA *et al.*, 2020; CETIC, 2020; LOUREIRO, 2020; MAFTEI, HOLMAN, 2022; SOTO; SILVA, 2020; TRUCCO; PALMA, 2020).

Deslandes e Coutinho (2020) abordam uma hiperconectividade pelo público adolescente em comparação com os adultos neste contexto de pandemia. Um dos objetivos para utilização da *internet* é a troca de mensagens de texto, sendo essa plataforma um espaço de interação entre o público adolescente. É feita uma aposta quanto à interatividade e a mobilidade da internet, visto que ela pode contribuir e amenizar a interação humana de forma presencial que foi interrompida pela medida preventiva do distanciamento físico. Sublinha-se que agências de saúde de âmbito nacional e internacional sugerem que o contato social seja sustentado por meio das plataformas digitais (WHO, 2020). Almeida *et al.* (2020) reforçam que o contato com os amigos e com os familiares precisa ser incentivado de modo remoto, através de vídeo chamadas. Segundo Martins e Silva (2020), as tecnologias por meio de suas características e possibilidades demonstraram ser o meio ideal para atender os relacionamentos com as pessoas durante a vivência pandêmica. Nesse seguimento, as tecnologias são como ferramentas imprescindíveis para a construção e manutenção de relações saudáveis em contexto *on-line*. Configuram-se, assim, como modificações nas relações interpessoais, sendo restritas a ambientes *on-line* (CETIC, 2020).

Nessa perspectiva, observa-se que a utilização das ferramentas tecnológicas se configura como um aliado imprescindível para que o afastamento físico com os pares possa ser atenuado, mas essa importante ferramenta foi representada apenas na região Sudeste do Brasil por ambos os sexos. É interessante pensar que o afastamento físico dos amigos foi representado de forma mais expressiva do que as amizades virtuais, visto que estas compõem uma possibilidade no atual cenário de pandemia e o uso das tecnologias se limitou a ser representado em uma única região do país de forma não tão expressiva quanto ao

“afastamento físico dos amigos”. Por conseguinte, pode incutir reflexões sobre como os adolescentes foram representados nos DETs de forma mais paralisante frente à impossibilidade de encontro físico com os amigos. Além disso, as saídas através das redes virtuais não foram tão utilizadas nas representações para uma manutenção de vínculos entre os pares.

Diante disso, o uso da tecnologia não foi representado como saída para o afastamento dos pares, porque talvez não seja suficiente, isto é, não dá conta das relações. É interessante constar que há maior representação sobre o impacto do afastamento das relações com os pares. Nesse sentido, o contato físico parece ser mais relevante para os jovens. Ademais, essa questão seria em decorrência da impossibilidade de substituição da conversa virtual pela física, dado o contato corporal? Diversos estudos citados abordam esse afastamento como algo sentido pelos jovens (BALHARA *et al.*, 2020; CETIC, 2020; LOUREIRO, 2020; MAFTEI, HOLMAN, 2022; SOTO; SILVA, 2020; TRUCCO; PALMA, 2020) e as implicações que a distância física pode resultar, como prejuízos no desenvolvimento dos adolescentes (ANDREWS; AHMED; BLAKEMORE, 2020).

Além disso, a literatura aponta e aposta no uso das tecnologias para manutenção dos vínculos afetivos (ALMEIDA *et al.*, 2020; CETIC, 2020; DESLANDES; COUTINHO, 2020; MARTINS; SILVA, 2020; WHO, 2020). Entretanto, por que as tecnologias não foram tão expressivamente utilizadas pelos jovens como forma de suprimir a falta presencial das relações com os pares? Talvez porque o mundo virtual não consiga dar conta das relações presenciais e todas as contribuições que elas possibilitam ao jovem em desenvolvimento?

O relacionamento com outras pessoas implica em impacto na saúde dos indivíduos, pois o distanciamento físico pode ocasionar sofrimentos tanto biológicos quanto psíquicos (GARRIDO; GARRIDO, 2020). A singela presença de outras pessoas, mesmo que não reduza a angústia daquele que sofre, ainda é uma relação importante, sendo reforçadora (GAGNÉ, 2020). O contato físico é um aspecto imprescindível na grande parte dos relacionamentos humanos e desempenha função de expressões de ternura, apoio emocional e encorajamento (VALLE; CAMARASCHI; GARNICA, 2009). Segundo um estudo desenvolvido por Dela Coleta e colaboradores (2008), observou-se que os entrevistados da pesquisa apontaram acreditar nos relacionamentos virtuais como forma de contato inicial. Entretanto, ao serem questionados se esse tipo é satisfatório, grande parte dos participantes abordaram existir a necessidade de contato real, ou seja, uma interação presencial, física, para que assim um relacionamento pudesse ser mais sólido.

Para Almeida (2020), é impossível o indivíduo estar no mundo sem possuir laços sociais, sem se relacionar. Em decorrência da pandemia, do distanciamento social e do temor quanto ao contágio da covid-19, as pessoas necessitaram ainda mais de contatos físicos (abraços, por exemplo) e falas de afeto e de carinho (“conta comigo”, “eu te amo”). A importância das relações não se restringe ao âmbito amoroso, mas se estende a outras possibilidades como a família, as relações de amizade e as atividades laborais. Houve uma utilização de diversos dispositivos do âmbito tecnológico, tais como ferramentas para conexão e relacionamento entre as pessoas através da *internet*. Todavia, o autor se interroga se por meio das redes sociais é possível mesmo estar próximo de outra pessoa. Ademais, seria provável a um indivíduo sentir-se sozinho mesmo ao utilizar aparatos tecnológicos para acesso às redes sociais? E a resposta para ele é sim. Almeida (2020) enfatiza que tais redes não asseguram os mesmos imperativos biológicos provenientes de um encontro físico, face a face, entre as pessoas.

Diante dessas contribuições da literatura, os autores corroboram a relevância do contato físico, das relações de forma presencial e que a utilização de dispositivos tecnológicos parece não ser suficiente para satisfazer às necessidades de convivência/contato do humano, visto que, para este, as interações sociais face a face têm seu lugar, seu importante papel. Nesse enfoque, não se objetiva excluir os aparatos tecnológicos como ferramentas para manutenção e criação de vínculos em contexto pandêmico, não obstante, assinala-se que as pessoas (nesse caso, os adolescentes) carecem de interações físicas, seja entre os pares ou outras configurações relacionais. A pouca expressividade sobre o uso das redes sociais para uma continuação de contato com os pares aponta para essa demanda do contato físico, pois as tecnologias, mesmo com todas as suas peculiaridades e potências, não parecem substituir tudo o que envolvem as interações de forma presencial como o toque, o contato, o olhar, o “face a face”.

A terceira subcategoria mais representada, intitulada “encontro físico com os pares” (3), foi observada na região Nordeste e Sudeste em ambos os sexos. Caracterizou-se como um descumprimento do distanciamento físico para um encontro com os amigos e, em dois casos, se referiu a festas que, no fim, implicaram em contaminação de adolescentes pela covid-19. Sendo assim, essa pode não ter sido uma saída tão interessante como forma de lidar com a ausência física dos pares, visto que envolveu contaminação e adoecimento. Além disso, as representações apontam, mais uma vez, para a força das relações dos adolescentes com os grupos, com os pares e para como a situação pandêmica atravessa essas relações. Ademais,

convoca os jovens a reconfigurarem a forma de interação com os amigos/colegas. Contudo, a reconfiguração da subcategoria aqui referida teve como consequência a doença.

Nesse enfoque, é constatável o sofrimento do público adolescente em decorrência do afastamento dos pares. Marques *et al.* (2020) demarcam que o processo de constituição da identidade dos jovens foi interrompido devido do distanciamento físico e que a busca pela identidade tem influência das relações com os pares, com o grupo. Por conseguinte, esse fator pode implicar em sofrimentos para os adolescentes em desenvolvimento psicossocial. Cabe salientar que a vivência da pandemia e da medida preventiva do distanciamento físico não é algo natural, sendo uma vivência complexa. Nessas situações difíceis, é possível que haja uma valorização das amizades e das relações com os pares (BRANQUINHO *et al.*, 2020), o que aponta sua importância. Diante de contextos de ameaça eminente, assim como a pandemia, há uma busca por estabelecimento de vínculos, além do anseio pelo contato físico nas relações (MAGALHÃES, 2020).

Tendo em vista tais questões, é compreensível que o adolescente apresente sofrimento por estar longe fisicamente dos seus amigos, sendo possível que busque se encontrar presencialmente, como apontou a subcategoria “encontro físico com os pares”. Além disso, há um atravessamento do sentimento de onipotência. A onipotência adolescente alcança ambos os sexos, no qual os jovens ficam onipotentes e julgam que tudo podem, ou seja, acreditam que nunca sofrerão um acidente ou nunca engravidarão, por exemplo (MASCAGNA, 2009). Assim, esse sentimento atribui ao jovem a de que nada pode acontecer, mesmo se exposto a riscos (MACEDO; AZEVEDO; CASTAN, 2012). No contexto pandêmico, diante da medida preventiva do distanciamento físico, foi representado, em alguns procedimentos, um encontro com os pares em festas e em um jogo de futebol. Desse modo, os adolescentes retratados nos DETs parecem ser atravessados pelo sentimento de onipotência, pois se colocaram em risco ao desconsiderar a medida do distanciamento. Entretanto, não foram onipotentes ao fim, visto que, adoecimentos – covid-19 – foram abordados nos procedimentos referidos.

As três últimas subcategorias tiveram apenas uma representação, sendo uma para cada região: sofrimento (Nordeste), relação com docentes (Sudeste) e relação com vizinhos (Sul). Na primeira, o sofrimento decorre da ausência do adolescente ao pertencimento de um grupo, o que implica em exclusão e falta de amigos. Na segunda, remete a uma relação do adolescente com professores nesse formato remoto de ensino e, por último, uma relação da adolescente com os vizinhos (relação positiva). A subcategoria do sofrimento reforça a primordial função do grupo e das amizades durante a adolescência e como a ausência de um amigo pode ser padecedor e limitante para um indivíduo em desenvolvimento.

As outras duas subcategorias remetem a outras relações exógenas possíveis, sendo não muito representáveis, contudo, possíveis, como a relação adolescente-professor e adolescente-vizinhos/comunidade. Nesse sentido, observa-se a relevância dos jovens se relacionarem não apenas com os pares, ou seja, amigos, colegas de escola, paqueras, mas salienta que outros tipos de relação também possuem sua importância, principalmente em um período pandêmico, onde há a prerrogativa do afastamento do adolescente em relação a seus pares. Diante disso, Sarriera e colaboradores (2016) sublinham a relevância da vinculação dos indivíduos com a comunidade, assim como com vizinhos/vizinhança, sendo importante para o bem-estar do sujeito. Nesse sentido, são relevantes os aspectos comunitários para uma promoção do bem-estar pessoal.

Perante o exposto, as relações exógenas demonstraram, nas 20 representações, a sua importância e significância na vida do adolescente em desenvolvimento, sobretudo durante a pandemia da covid-19 que atravessa essa fase e barra as possibilidades de encontros físicos com os pares. Tanto que o afastamento físico dos amigos foi a subcategoria mais bem expressiva nas representações em três regiões do Brasil. As demais subcategorias se referiram a formas de driblar o afastamento, como amizades virtuais e encontro físico com os amigos. Desta feita, faz-se importante criar espaços para que os jovens possam se comunicar e se expressar, bem como criar ferramentas e possibilidades para manter as suas relações exógenas viáveis, sem riscos de adoecimento.

Nesse sentido, estudos desenvolvidos (MENDES; 2021; MIURA; SANTOS, 2021; MIURA *et al.*, no prelo) abordam encontros virtuais em grupo com adolescentes brasileiros de ambos sexos. Os trabalhos objetivaram criar espaços para que os jovens pudessem falar sobre suas vivências pandêmicas e os atravessamentos decorrentes da situação. A escolha por esse modelo metodológico se fez em função da compreensão do adolescente enquanto sujeito de singularidade e desejo. Além disso, são reconhecidas pelos autores as potências do uso da palavra, sendo forma de constituição do indivíduo. Os estudos supracitados são avaliados pelos participantes como importantes espaços, sobretudo diante de um contexto de afastamento físico. Portanto, os encontros em grupo de forma remota puderam, de alguma forma, favorecer um acolhimento da singularidade do jovem em situação pandêmica.

#### 4.2.8 Prevenção

**Figura 9** – um adolescente em situação de pandemia



Título: A consciência dos adolescentes  
 História: Um adolescente tem que ter consciência que devemos tomarmos cuidados, não por nós mesmos mais sim porquê não só devemos se preocupar só com nós mesmos e sim com as outras pessoas de dentro de casa como as crianças e os idosos. Ao sair de casa devemos pôr a máscara e ao chegar lavar as mãos e máscara para poder pegar em algo.

Fonte: J. G. 14, Fem.

A categoria “prevenção” foi representada em 14 DETs (ambos sexos): Nordeste (7), Centro-Oeste (3), Sudeste (2), Sul (1) e Norte (1), e todos abordaram medidas preventivas/higienização.

O tema “prevenção” foi representado em sete DETs da região Nordeste (ambos sexos) por meio de: álcool em gel, máscara, ficar em casa, ambientes ventilados, não aglomerações, cuidado com animais, lavar as mãos e migração (para isolar-se dos grandes centros de contaminação da covid-19). Salienta-se que, em dois DETs, foi abordado o adolescente se prevenindo e uma prevenção também para proteger sua família. Nesse sentido, estas representações são importantes, pois apontam que em todas há um cuidado, seja por medidas preventivas ou pela higienização. Contudo, mostram um cuidado para consigo, assim como para seus familiares.

No Centro-Oeste, a categoria “prevenção” foi representada em três DETs. Todos os DETs abordaram a utilização de máscara, isto é, as adolescentes foram representadas utilizando uma máscara. Dessa forma, observa-se um certo cuidado quanto à saúde e uma prevenção por parte das adolescentes quanto à infecção pela covid-19.

O tema “prevenção”, na região Sudeste, foi representado em dois DETs e, nos dois procedimentos, um adolescente foi representado fazendo uso de máscara. Nesse sentido,

observa-se uma predominância de ações que se constituem como medidas preventivas, isto é, utilização de máscara, que se caracteriza como algo imprescindível nesse período de pandemia, além de um cuidado consigo (por parte do adolescente) e para com os demais. Na região Sul do Brasil, a categoria “prevenção” teve apenas uma representação: (1) adolescente de máscara e com álcool em gel. Além disso, afirma ter que lavar constantemente as mãos e buscar maior proteção. Na região Norte, a categoria supracitada foi abordada em apenas um DET: (1) adolescente fazendo uso de máscara. A medida preventiva só aparece no desenho e não há uma qualificação sobre a medida na história.

Através da análise dos 14 procedimentos de todas as regiões, foi identificado que todos abordaram medidas preventivas/higienização com as seguintes representações: álcool em gel; máscara; ficar em casa; ambientes ventilados; não aglomerações; cuidado com animais; lavar as mãos; migração (para se isolar dos grandes centros de contaminação da covid-19). Salienta-se que a grande parte dos DETs representaram adolescentes utilizando máscara e álcool em gel.

Em vista disso, essas representações são importantes, pois apontam que em todos os 14 DETs há uma prevenção – seja por medidas preventivas ou pela higienização. Entretanto, elas mostram um cuidado do adolescente para consigo e com uma menor representação, uma prevenção como forma de cuidado para com os familiares dos jovens. Não obstante, o tema referido teve uma pequena representação nas regiões Sul e Norte do Brasil, visto que apenas um procedimento (por região) abordou o tema supracitado. Mesmo assim, a prevenção implica em um imprescindível fator para o combate da infecção pela covid-19.

Diante do exposto, é possível afirmar que a disseminação sobre as medidas de prevenção de certa forma foi acatada, isto é, essas passaram a fazer parte da rotina das pessoas e foram acatadas pelos jovens. Vários países implementaram diversas medidas preventivas para contenção do vírus da covid-19, como isolamento de casos, higienização das mãos, máscaras faciais, distanciamento físico, conscientização das pessoas a permanecer em casa, não aglomerações, entre outras (OLIVEIRA; COSTA, 2022). As medidas de controle obtiveram resultados bem avaliados como forma de prevenção (GARCIA; DUARTE, 2020). A higienização das mãos e o uso de álcool em gel foi umas das primeiras medidas recomendadas quanto à contenção do vírus (OLIVEIRA; SOUZA, 2020). Cabe assinalar que o uso de álcool em gel e a utilização de máscara facial foram as medidas mais representadas em todas as regiões, e demarcam uma aceitação por parte dos jovens sobre tais medidas.

Ademais, sobre o tema “prevenção”, percebe-se sua relação com o autocuidado e com o cuidado para com o outro – nesse caso, do jovem para com os familiares. Assim, os estudos

mostraram ser primordial que as pessoas considerem a prevenção como potente durante a crise pandêmica como forma de atenuar a propagação da doença. A prevenção pode ser concebida como um cuidado que implica em bem-estar (LADEIA *et al.*, 2020; SOUZA-JUNIOR *et al.*, 2020). O cuidado demonstra o afeto e respeito do indivíduo para com o outro. Todavia, também é importante o cuidado do indivíduo para consigo mesmo (SANTANA, 2020).

O autocuidado se constitui a partir de práticas de cuidado desenvolvidas pelo indivíduo, que apresenta uma necessidade para que continue com vida e que desfrute de saúde e bem-estar (PEREIRA *et al.*, 2011). Em resumo, o autocuidado aborda suprir as próprias necessidades, sejam corpóreas ou psíquicas, isto é, direcionar atenção para si próprio. Apesar da concepção da finitude da vida, o cuidado é importante porque pode prolongar a vida útil do objeto de cuidado. Nesse caso, se as pessoas cuidarem melhor de si, tanto do corpóreo quanto do mental, há uma promoção de bem-estar e podem vir a viver mais (SANTANA, 2020).

Assim sendo, o autocuidado apresentado pelos adolescentes é de suma importância, principalmente em um uma vivência de crise sanitária global. Dito isso, o autocuidado representa um cuidado para consigo, para uma continuidade da vida e acatam as medidas preventivas governamentais, como permanecer em casa, utilizar máscara e álcool em gel. Para além disso, cabe salientar que o autocuidado propicia também um cuidado para com aqueles a sua volta e, nesse caso, para com os integrantes familiares dos participantes.

#### 4.2.9 Alimentação<sup>1</sup>

O tema “alimentação” foi representado em 11 DETs (ambos os sexos): Nordeste (6), Sudeste (4) e Norte (1). Com base nos procedimentos, se tornou possível elencar quatro subcategorias: entretenimento (5), refeição (3), escassez (2) bebida alcóolica (1). Na região Nordeste o tema “alimentação” foi representado em seis DETs (ambos sexos). A partir dos procedimentos, foi possível elencar três subcategorias: entretenimento (3), escassez (2) e bebida alcoólica (1). Sobre a subcategoria “entretenimento”, aborda comidas rápidas e/ou lanches, sendo também denominados como “besteira” (salgadinhos e refrigerante). Assim, nessa subcategoria, a alimentação se associa com formas de se entreter por parte do jovem – seja por assistir ou mexer no celular. A “escassez” foi abordada em dois procedimentos: (1) família sentada à mesa – todavia, essa é escassa de alimentos, visto que há dias essa família se

---

<sup>1</sup> Salienta-se que o DET que representa melhor esta categoria já foi apresentado na categoria “Aparatos tecnológicos”.

alimentava somente com cuscuz e arroz (provenientes de doações); (1) diálogo entre adolescente e sua mãe – a mãe fala à jovem: “Oh meu Deus, temos nem o que comer”. De modo geral, é abordado que muitos jovens (estudantes brasileiros) não dispõem de condições financeiras e, principalmente, de alimentação. Sobre a única representação de bebida alcoólica, refere-se à jovem consumindo bebida alcoólica em festa.

Na região Sudeste, a alimentação foi representada em quatro DETs (ambos os sexos) e, por meio da análise dos procedimentos, duas subcategorias foram definidas: refeições (3) e entretenimento (1). Sobre refeições: (1) rotina da alimentação do adolescente; (1) adolescente pede comida por telefone; e (1) adolescente almoça juntamente com sua mãe. E sobre a subcategoria entretenimento: (1) devido ao distanciamento físico, adolescentes (de modo geral) ficam em casa, jogando, assistindo e ingerindo bastantes alimentos que os levam a um aumento de peso.

O tema “alimentação” foi representado em um DET da região Norte do Brasil, e uma subcategoria foi identificada: entretenimento (1), em que adolescente relata que grande parte dos jovens vivenciam a pandemia em distanciamento físico, “jogando videogame, no celular, assistindo, comendo”. Assim, a alimentação está relacionada com atividades de entretenimento.

Com base nos procedimentos das três regiões, foi possível elencar quatro subcategorias: entretenimento (5), refeição (3), escassez (2) e bebida alcóolica (1). O entretenimento foi circunscrito em cinco DETs, que apontam para a ingestão de alimento enquanto os jovens vivenciavam atividades de entretenimento por meio de aparatos tecnológicos: Tv; celular; videogame. Salienta-se que foram representadas consequências concernentes ao consumo de alimentos aliados aos entretenimentos digitais, como a ingestão de muita “besteira” (salgadinhos e refrigerante), sedentarismo e o aumento de peso nos jovens. Desta feita, a alimentação nesses três procedimentos está relacionada com atividades de entretenimentos digitais. A subcategoria refeições foi apontada em três procedimentos, que representaram lanches (pela manhã e noite), almoços e pedido de comida (*delivery*) por telefone.

Viero e Blumke (2016) assinalam que a alimentação implica mais do que uma exigência biológica, isto é, a necessidade de se manter vivo. Assim, a alimentação se caracteriza como um fenômeno social que envolve sociabilidade e partilha do alimento. Ademais, os vínculos afetivos por meio do hábito de comer podem ser construídos ou reforçados, pois partilhar refeições com outra(s) pessoa(s) promove um momento mais agradável e oportuniza diálogos entre os envolvidos. Desta feita, a alimentação é um momento

de satisfação e isso foi utilizado pelos jovens da pesquisa, sendo representado, na maioria, em relação com entretenimentos, seguidamente de refeições com familiares ou sozinho.

A vivência do distanciamento físico e, conseqüentemente, do aumento de tempo em casa, implicou nos hábitos alimentares. Permanecer em casa pode resultar em sentimento de tédio, que pode se associar a um aumento no consumo de alimentos. Cabe enfatizar que o grande acesso às informações sobre a covid-19 pode provocar estresse nas pessoas, resultando em um consumo excessivo de alimento – sobretudo daqueles com grande teor de açúcares, sendo denominadas de “comida afetiva” (EUROPEAN COMMISSION, 2020). Além disso, tais alimentos possuem um prazo maior de conservação, isto é, são mais acessíveis, pois sair diariamente de casa para abastecer a dispensa se tornou difícil durante a pandemia (MALTA *et al.*, 2020).

No Brasil, durante a pandemia, o consumo de alimentos saudáveis, como por exemplo o consumo de hortaliças, frutas e grãos, diminuiu. Em contrapartida, houve aumento da ingestão de congelados, salgadinhos, chocolates/biscoitos doces, entre outros. Além disso, verificou-se um aumento no uso de dispositivos digitais, como Tv, computadores e tablets pelos jovens, o que implica em sedentarismo. Tais comportamentos dos brasileiros circunscrevem riscos à saúde, pois passaram a praticar menos atividades físicas, aumentaram o uso das tecnologias que se associam ao sedentarismo e houve redução de alimentos saudáveis, ao passo que houve uma elevação no consumo de alimentos ultraprocessados (MALTA *et al.*, 2020). Diferentemente do Brasil, um estudo italiano circunscreveu que a população da Itália não alterou o consumo de verduras e frutas durante a pandemia, havendo, na realidade, redução do consumo de alimentos ultraprocessados ou *fast food*, sendo este estudo o contrário do que se apresenta no contexto da população brasileira (WHO, 2020).

Diante dessa realidade de alterações na alimentação dos brasileiros em contexto pandêmico, é imprescindível sublinhar que a diminuição de atividades físicas e o aumento do sedentarismo se caracterizam como prejuízos para a saúde e a qualidade de vida dos indivíduos (NUSSBAUMER-STREIT *et al.*, 2020). O aumento de comportamentos sedentários, como permanecer bastante tempo diante das telas, resulta em prejuízos para a saúde tanto biológica quanto mental (KUPFERSCHMIDT; COHEN, 2020; REDE COVIDA, 2020). Nesse sentido, as recomendações de saúde pública quanto ao distanciamento físico podem resultar na redução das atividades físicas diárias. Assim, medidas de orientação para os indivíduos quanto a hábitos ativos e saudáveis se fazem importantes, principalmente para grupos populacionais mais afetados com as medidas preventivas (BRASIL, 2020).

A escassez foi representada em dois procedimentos que retrataram uma família (cada) e abordaram: restrição alimentar (alimentos advindos de doações) e ausência de alimento, que demarca a fome com a frase “não temos nem o que comer”. Nesse sentido, cabe enfatizar que a vulnerabilidade social pode ser um fator que atravessa o tema da alimentação, mas que não teve grande representatividade com base nos dados desta categoria. Ademais, um DET aponta para a potência das relações exógenas, visto que uma família recebeu doações de alimentos dos amigos. Assim, observa-se que as relações supracitadas podem exercer um papel importante, no qual vulnerabilidades como a fome podem se tornar acentuadas. A “bebida alcoólica” teve uma representação e apontou um jovem com uma bebida alcoólica em festa. Malta *et al.* (2020) apontam para um aumento do uso de bebidas alcólicas e o consumo de alimentos não saudáveis na pandemia.

A pandemia trouxe consequências na realidade econômica e social dos brasileiros. Todavia, a crise sanitária evidenciou questões problemáticas do Brasil que já existiam antes mesmo da pandemia, mas que foram agravadas pela situação. A fome, a insegurança alimentar e a pobreza são algumas dessas questões que se tornaram mais expressivas diante da crise sanitária que afetou o mundo e o Brasil (SCHAPPO, 2021). Nesse enfoque, as projeções indicam uma possibilidade de duplicação, no final de 2020, das 135 milhões de pessoas que vivenciavam uma insegurança alimentar em 2019 (FAO, 2020).

A medida preventiva do distanciamento físico corroborou o aumento de vulnerabilidades no âmbito social, sobretudo relacionadas às inseguranças das atividades laborais e da renda familiar (JAIME, 2020). Para que a medida supracitada pudesse ser acatada sem riscos de vulnerabilidade, políticas de proteção social são importantes para que as atividades econômicas dos pais e/ou responsáveis não fossem afetadas a ponto de prejuízos econômicos para as famílias (OLIVEIRA; COSTA, 2022). Dessa forma, observa-se que as instabilidades financeiras podem implicar no tema da alimentação, ou seja, podem resultar em insegurança alimentar.

Assim, devido à pandemia, tanto a oferta e a demanda de alimentos são agravadas, quanto se reduz o poder de compra dos cidadãos. Além disso, impactam na capacidade tanto de produção como de distribuição de alimentos, o que prejudica, principalmente, aqueles em vulnerabilidade social. Ademais, o contexto pandêmico evidencia um problema estrutural do Brasil: as desigualdades sociais. Diante disso, pensar, refletir e formular políticas públicas que visem à economia e à proteção social dos brasileiros é de suma relevância (ALPINO *et al.*, 2020). Perante o exposto, é notório como a pandemia afetou a população no sentido da insegurança alimentar e da fome, mesmo que a maioria dos jovens dessa pesquisa não tenha

representado tais vivências. Ainda assim, esse atravessamento aparece de alguma maneira e faz uma convocação quanto à necessidade de reflexões sobre esses aspectos tão relevantes de serem refletidos e debatidos.

#### 4.2.10 Atividade laboral

**Figura 10** – um adolescente em situação de pandemia



Título: Mudanças em sua vida

História: Em um certo dia, uma jovem descobriu que não haveria aula naquele dia pois chegou em seu país um tal de covid-19 e estava começando uma grande pandemia. De primeira ela ficou feliz mas após um tempo começou a ficar entediada. E a sua vida era cuidar da casa com sua mãe, mas depois, lá estava ela com frio em sua cama, com seu celular e seu livro. E continuou assim até que, voltou as aulas e ela começou a estudar, só que era pelo celular e agora ela tinha coisas para fazer.

Fonte: A.C. 14, Fem.

A categoria atividade laboral teve 9 representações (ambos os sexos): Sudeste (4), Nordeste (3), Centro-Oeste (1) e Norte (1). Por meio da análise dos DETs, foram identificadas três subcategorias: atividades domésticas (5), vulnerabilidade social (3) e não específica (1).

No Sudeste, a atividade laboral foi representada em quatro DETs (ambos os sexos) e, com base na análise dos procedimentos, foram identificadas três subcategorias: atividades domésticas (2), não específica (1) e vulnerabilidade social (1). As atividades domésticas desempenhadas pelos jovens foram representadas tanto como uma ajuda, quanto como uma obrigação diária. Na subcategoria “não específica”, o nome “trabalho” aparece em um dos balões de pensamento da jovem. Todavia, uma qualificação sobre tal pensamento não foi feita. E sobre a “vulnerabilidade social”, há, de modo geral, uma representação sobre pais que perderam emprego e como isso afeta os filhos (adolescentes). Salienta-se que, mesmo tendo a concepção da realidade de desemprego durante o período pandêmico, a vulnerabilidade não foi tão representativa nesta categoria.

Na região Nordeste, a atividade laboral teve três representações e, por meio da análise dos três DETs, foram elencadas duas subcategorias: vulnerabilidade social (2) e atividades domésticas (1). A subcategoria “vulnerabilidade social” teve as seguintes representações: (1) o pai do adolescente perde o emprego, o que implica no desespero do jovem e na escassez de alimento na família; (1) adolescente e família (pais e seus quatro irmãos mais novos) trabalham como vendedores ambulantes (pipoca e água) em um trânsito com grande movimentação de veículos. O jovem busca melhorias de vida para si e sua família. Não obstante, a vulnerabilidade não teve grande representatividade nessa categoria temática. Referente à única representação de atividades domésticas: (1) adolescente desempenha atividade no lar – arrumar a casa.

No Centro-Oeste, a categoria “atividade laboral” foi representada em um DET e foi definida uma subcategoria: atividades domésticas (adolescente desempenha afazeres domésticos em conjunto com sua mãe). Na região Norte, a atividade laboral foi representada em um DET. Através da análise do procedimento, “atividades domésticas” foi elencada como subcategoria, tendo a seguinte representação: (1) adolescente com rotina cansativa e, dentre as suas ocupações, a atividade doméstica foi abordada como: “organizar as coisas”, assim uma vassoura foi desenhada próxima à adolescente.

Diante do exposto, “atividades domésticas” foi a subcategoria mais expressiva (5) nas quatro regiões e circunscreveu os afazeres domésticos que os adolescentes desempenham em casa. Tais situações não foram abordadas como algo negativo e foram referidas como parte das atividades diárias, como uma rotina. A vulnerabilidade social (3) aborda o desemprego dos genitores dos jovens e um adolescente e sua família como vendedores ambulantes. Cabe enfatizar que, apesar da compreensão da vulnerabilidade social como atravessamento nas atividades laborais, essa não foi tão expressiva em face dos demais dados dessa categoria.

Não há uma definição clara sobre os afazeres domésticos. No entanto, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), tais afazeres incluem: arrumar ou limpar a casa; cozinhar, lavar roupas, louça; cuidar de filhos ou menores de idade; limpar terreno que circunda a residência. Cabe ressaltar que, na literatura, não há um consenso sobre a participação dos adolescentes nos afazeres da casa. Por um lado, pesquisadores apontam prejuízo no âmbito do desenvolvimento dos jovens. Segundo Dellazzana-Zanon, Zanon e Freitas (2014), é possível que, em decorrência das atividades do lar, resulte pouco tempo de lazer e de estudos para os adolescentes. Em compensação, uma pesquisa desenvolvida por Pestana *et al.* (2016) objetivou investigar se o desempenho escolar dos adolescentes seria influenciado por variáveis decorrentes de afazeres domésticos. Os autores concluem que tais

atividades apresentaram um melhor desempenho nos estudos daqueles que colaboraram, em comparação aos jovens que não realizaram as atividades. Para Riggio e colaboradores (2010), as tarefas domésticas, em condições apropriadas aos adolescentes, podem contribuir para o senso de responsabilidade, experiências de realização e sucesso, e estimular o autocontrole e persistência, sendo estes elementos importantes para o desenvolvimento humano.

Um outro estudo desenvolvido por Wichmann *et al.* (2019) investigou relações entre projetos de vida, tarefas domésticas e prejuízos no desempenho escolar em adolescentes. Os resultados obtidos apontam que os projetos de vida dos jovens podem estar relacionados com a realização de afazeres domésticos, mas que variam para cada adolescente, pela sua singularidade. Além disso, as atividades domésticas se associam a virtudes, e os projetos de vida estavam relacionados à generosidade, ou seja, à capacidade do jovem de “ajudar os outros”. Enfatiza-se que essa relação pode ser assimilada a partir da lógica da solidariedade. Os estudos corroboram os dados dessa pesquisa de mestrado, visto que os afazeres domésticos não foram representados com aspecto negativo nem com possíveis danos aos jovens. Um DET demarcou os afazeres domésticos como forma de ajuda à mãe, o que aponta para a virtude e generosidade. Além disso, a colaboração nas atividades familiares (afazeres domésticos) faz parte de um conjunto de sugestões de um guia prático elaborado para adolescentes, que objetiva contribuir com a saúde mental deles (ALMEIDA *et al.*, 2020). Desse modo, parece que a realização de tais atividades pelos jovens dessa pesquisa pode contribuir para a saúde mental, visto não serem referidas como algo prejudicial.

Cabe enfatizar que as atividades laborais sublinharam vulnerabilidades, mesmo que de forma pouco expressiva. Ainda assim, com a necessidade de permanecer em casa em conformidade com a medida restritiva da pandemia, famílias foram afetadas em relação ao trabalho e houve implicações na renda familiar (JAIME, 2020). Além disso, estudos abordam que muitos trabalhadores foram afetados pelo desemprego, principalmente aqueles sem um vínculo empregatício, o que resultou em aumento da pobreza (ALMEIDA *et al.*, 2020; AQUINO *et al.*, 2020; BARBOSA, 2020).

O trabalho na adolescência não se conceitua como um crime, desde que não traga danos e prejuízos para a saúde física e psíquica do jovem. Conquanto, é possível observar uma exposição de um adolescente (representado em um DET) ao trabalhar como vendedor ambulante em busca de melhores condições de vida. Além da questão da vulnerabilidade que perpassa esse procedimento, há outro atravessamento – projetos de vida – que se mostram imprescindíveis na adolescência, pois se configuram como planos a serem seguidos. Segundo Macedo, Azevedo e Castan (2012), quando o jovem faz investimentos libidinais em uma

profissão, é uma questão de grande importância para a constituição de sua identidade, é o “ser profissional” e, assim, o trabalho possibilita essa conquista.

Nesse sentido, ter projetos de vida são cabíveis, pois são potências para o adolescente continuar a fazer investimentos em si, em seu futuro, sobretudo em momento de crise. Diante disso, na supracitada representação há uma vulnerabilidade, mas há também uma preocupação com o futuro. O jovem elabora planos, possui perspectivas de vida mesmo na adversidade, seja da própria condição de vulnerabilidade de sua família, seja pela própria pandemia que vivenciam. É relevante observar que há uma superação por meio dos projetos de vida do jovem. Ademais, jovens em vivência de trabalho em condições precárias podem ter a dimensão objetiva da vida afetada, como na insegurança profissional e baixos salários. Além disso, implica também na dimensão subjetiva, que se relaciona às consequências que as instabilidades e riscos imprevisíveis têm na elaboração de projetos de vida e planos para o futuro (BARTOLINI *et al.*, 2015; BOVE *et al.*, 2017). Não obstante, no DET que representa um jovem vendedor de pipoca e água, ele, mesmo em condições precárias de trabalho, faz contorno a essa vulnerabilidade e desenha um projeto de futuro, o que mostra como potente.

Moherdau (2021), por meio de um estudo com adolescentes aprendizes (participantes do Programa Jovem Aprendiz), objetivou identificar como os programas de aprendizagens contribuem na elaboração de projetos de futuro para jovens aprendizes. Assim, para a autora, os projetos de vida para o jovem têm uma extrema relevância – não apenas como uma forma de preparo para o futuro, mas como uma reafirmação de segurança, orientação de desejos e sonhos que contribuem para a elevação da autoestima. O projeto de vida possibilita ao adolescente um protagonismo em sua existência.

Nesse sentido, para a construção de sonhos, metas e para buscar alcançá-los, o jovem carece dispor de boas referências, tendo em vista estar na adolescência, fase que implica em mudanças biopsicossociais. Além disso, a supracitada autora assinala ser importante considerar a juventude em situação de vulnerabilidade socioeconômica, pois precisa de acolhimento e este não se refere apenas a ofertas de trabalhos com boas condições e salários justos. Ademais, os jovens precisam de um suporte quanto ao desenvolvimento e análise sobre seus sonhos, projetos de vida, sobretudo, que considere suas expectativas singulares, para que possam dispor de recursos e meios para alcançar um futuro provedor de oportunidades para a constituição de sua identidade e de seus projetos de vida (MOHERDAUI, 2021). Diante disso, o jovem vendedor ambulante com sonho de se tornar jogador de futebol corrobora os dados deste estudo, pois ele se encontra em situação de vulnerabilidade socioeconômica e carece de auxílio para planejar e executar o seu sonho,

tendo em vista que busca alcançá-lo como forma de melhorar a sua condição de vida, assim como a de sua família.

Por fim, a subcategoria “não específica” representa a atividade laboral de uma jovem, conquanto, como a adolescente trabalha e como se dá esse trabalho, não são questões descritas no DET. Diante do exposto, por meio das três subcategorias, é possível observar que as atividades laborais puderam ser configuradas como atividades domésticas, trabalho autônomo de adolescente e desemprego dos pais (ambos vulnerabilidade social).

#### 4.2.11 Fé/religiosidade

**Figura 11** – um adolescente em situação de pandemia



Título: Contraditória

História: Essa é uma representativa do que se passa na minha cabeça, e acredito que na de muitos outros também. Se trata de uma garota sem rosto definido que possui pensamentos tanto bons e construtivos quanto o contrário. Infelizmente esses pensamentos se tornam inerentes a ele, já que faz parte de sua natureza humana e pecadora. Porém ela ainda tem o desejo de ver o lado bom das coisas, como seu melhor amigo, Cristo. Todas as noites essa garota pega sua Bíblia para tentar entender o que está acontecendo e sempre vai dormir com a mente mais tranquila. Ela percebe que essa pausa que o mundo deu foi uma das maneiras para desacelerar e reconectar, com ela mesma, sua família e sua fé.

Fonte: S.V. 17, Fem.

O tema “fé/religiosidade” foi representado em 8 DETs: Nordeste (3), Sudeste (2), Centro-Oeste (2) e Norte (1), sendo de ambos os sexos. A Fé/religiosidade foi representada em três DETs da região Nordeste (ambos sexos). Todos os procedimentos retrataram uma relação com Deus: (1) adolescente aborda a autoridade de Deus e seu cuidado e, mesmo que alguém morra, é uma ação de Deus, pelo fato Dele levar essas pessoas, com as quais tem

intimidade, para um bom lugar “onde não há doenças, nem pranto e nem dor”; (1) adolescente de joelhos falando com Deus e suplicando pelo fim da pandemia; (1) jovem confere à sua fé e à sua religiosidade as mudanças que obteve, como seu batismo, sua perda da timidez, sendo caracterizadas consideradas como bênçãos para o adolescente, o que demarca uma superação através de sua fé/religiosidade.

A categoria “Fé/religiosidade” foi representada em dois DETs na região Sudeste (ambos os sexos) e representa uma relação com Deus: (1) adolescente é desenhada com vários balões de pensamento e, dentre eles, um é ocupado com a palavra “Deus”; (1) adolescente com saudade do tempo que ia para a igreja e caracteriza a quarentena como algo negativo. Nessa perspectiva, observa-se a relevância de Deus para uma adolescente, visto que faz parte de seus pensamentos. Além disso, a outra jovem apresenta um pesar em estar impossibilitada pela pandemia de frequentar à igreja e se mostra saudosa. Assim, “Fé/religiosidade” se conceituam como elementos importantes para as adolescentes aqui representadas, sobretudo nesse momento crítico.

A “Fé/Religiosidade” foi representada em dois DETs da região Centro-Oeste, e os dois DETs abordaram uma relação com Deus: (1) adolescente em relação de amizade com Cristo expressa fazer diariamente (à noite) leitura da Bíblia como forma de entender o que está acontecendo (pandemia), o que a auxilia a dormir mais tranquila; (1) a família da adolescente foi infectada pela covid-19, isso causou tristeza à jovem, contudo, ela “todos os dias orava a Deus e sua família foi curada” – o DET foi intitulado como “o milagre”.

A categoria “Fé/religiosidade” foi representada em um DET na região Norte e abordou uma relação com Deus: (1) adolescente junto com uma Bíblia, mas não há menção sobre esse livro. Diante disso, é possível observar que a Bíblia tem importância para a jovem, o que remete à sua fé/religiosidade.

Pôde-se observar, em todas as regiões, a categoria “fé/religiosidade” que, nos oito procedimentos, retratam uma relação com Deus pautada na confiança Nele e em sua autoridade. Pedidos através de orações foram abordados, assim como a leitura da Bíblia. Em um DET, foi observada uma mudança de comportamento por meio da religião. Além disso, em outro procedimento, foi pontuado o pesar do jovem em estar afastado da igreja em detrimento da pandemia. Nesse sentido, mostra-se interessante essa relação dos adolescentes com a fé/religião, a qual foi representada como dando um sentido, conforto, auxílio e confiança aos jovens diante de suas distintas formas de viver a pandemia da covid-19.

Uma pesquisa com adolescentes sobre a religiosidade circunscreve que a vida religiosa dos jovens resulta em aprendizado, colaboração e compreensão diante da realidade. Além

disso, dá significado a essa realidade que o adolescente apresenta e o auxilia a desenvolver melhores respostas àquilo que está a enfrentar (COUTINHO, 2011). Silva (2017) assinala a influência das práticas religiosas para o indivíduo, sobretudo diante de situações conflituosas, e ainda favorece a resiliência, bem como comportamentos que auxiliam na aprendizagem do sujeito. Nesse enfoque, o contexto religioso é um fator importante para o jovem, pois favorece a compreensão, elaboração e sistematização de valores, sentidos e criação de respostas, explicações diante de sua ansiedade e medos (SILVA, 2017). Cabe ressaltar a importância e influência da religião no contexto de saúde e doença, pois essas situações podem contribuir para a relação com a divindade, visto que o indivíduo busca exercer sua fé com maior veemência, já que está em busca de alívio e cura (SOUZA, 2009). A vivência da fé tende a estar associada à oração, tendo em vista que a pessoa ora porque tem fé e a fé busca se sustentar por meio das orações (ROBERTO, 2004). Ressalta-se que a oração foi um dispositivo utilizado nas representações, assim como o alcance da cura da covid-19 por meio da religiosidade.

Nesse enfoque, Rosatto e colaboradores (2022) discutem a importância da religiosidade/espiritualidade (R/E) em saúde na pandemia de covid-19, evidenciando contribuições no contexto saúde-doença-cuidado. Os autores pontuam que a população do Brasil tem uma base religiosa, ou seja, sustentam-se no sagrado, e é a religião que dá sentido à vida dessas pessoas – tanto em âmbito pessoal quanto coletivo, assim como nas relações sociais e culturais. Não obstante, em contexto pandêmico, a pesquisa constata que a religiosidade e a espiritualidade (R/E), por meio da relação com uma divindade, pode contribuir para que o sujeito apresente comportamentos mais saudáveis e faz contorno ao não-saber, isto é, à falta de controle que a pessoa tem da vida, do futuro e das contingências. Nesse sentido, a R/E pode contribuir para a consolidação de respostas para algo marcado pelo desconhecido; por aquilo que escapa do controle do homem e pode auxiliá-lo a dar sentido à sua vivência, como no caso da pandemia. Ainda assim, é importante frisar que, mesmo a R/E sendo importante para o indivíduo, principalmente nesse contexto, ela não anula os cuidados formais quanto ao vírus da covid-19, visto serem respaldados pela ciência. Desta feita, a dimensão da religiosidade e espiritualidade devem ser concebidas como uma assistência à saúde das pessoas.

Cabe enfatizar que a R/E tem sido observada como um determinante social, que pode interferir na saúde dos indivíduos, sendo um fator importante de ser considerado ao ter em vista questões de saúde pública, como é o caso da pandemia (RANSOME, 2020). É imprescindível pontuar que a R/E pode ser um recurso que auxilia os sujeitos a lidarem com

situações desafiadoras e pode implicar em melhora física e subjetiva. Dessa forma, na situação de pandemia, a religiosidade pode assistir às pessoas em sofrimento com aspectos emocionais debilitados a lidar com as adversidades da vida (ABU-RAIYA *et al.*, 2020; KOENIG, 2020; SCORSOLINI-COMIN *et al.*, 2020). Ademais, esses estudos corroboram os dados desta pesquisa, visto que dispor da R/E favoreceu alguns jovens participantes a lidarem com conflitos decorrentes da vivência pandêmica, o que possibilitou: vida mais tranquila, cura da família e superação da timidez. Além disso, outros abordaram a relação com Deus, ou seja, reconheceram sua soberania e realizaram orações. Desta feita, a R/E foi circunscrita para alguns participantes como algo relevante, que os auxiliou de formas distintas.

Além do apresentado, Lucchetti *et al.* (2020) reforçam que a literatura aponta os aspectos positivos da R/E, sobretudo durante a crise sanitária supracitada, que atingiu o mundo, assim como o Brasil. Ademais, dispor da R/E evidencia níveis mais altos de esperança e, conseqüentemente, mais baixo de medo, preocupação e tristeza. O estudo supracitado apresentou dados interessantes, pois três em cada quatro participantes da pesquisa abordaram que a R/E auxiliou no enfrentamento do distanciamento físico e que mais da metade dos participantes evidenciaram um crescimento espiritual nesse momento de crise.

Perante o exposto, para esses jovens (representados nesta categoria) a fé e a religião contribuíram para a superação de seus conflitos. Além disso, a religião e a espiritualidade também contribuem para a construção de um sentido sobre a realidade do jovem e, assim, pode auxiliá-lo a lidar com situações conflitantes advindas da pandemia. Por meio da fé e da relação com Deus, foi possível aos adolescentes contornar a situação conflitante da pandemia ao favorecer benefícios físicos e subjetivos, como o sentimento de superação diante de um conflito. Assim, a R/E aparece de forma importante em algumas pesquisas (ABU-RAIYA *et al.*, 2020; COUTINHO, 2011; KOENIG, 2020; LUCCHETTI *et al.*, 2020; RANSOME, 2020; ROBERTO, 2004; ROSATTO *et al.*, 2022; SCORSOLINI-COMIN *et al.*, 2020; SILVA, 2017; SOUZA, 2009).

Entretanto, com relação ao tratamento e à contribuição para saúde mental, a Psicologia se mostra fundamental (CAURIN *et al.*, 2021; DANZMANN; SILVA; GUAZINA, 2020; FARO *et al.*, 2020; SCHMIDT *et al.*, 2020;). No cenário mundial, emerge um novo desafio para a área da Psicologia sobre a forma de atuação e intervenções, sobretudo para sua importância. Nesse enfoque, a pandemia assinalou preocupações não apenas com a saúde física do humano, como também para o sofrimento psíquico que atinge a população como um todo, pois a vivência pandêmica resulta em impactos psicológicos e sociais nos indivíduos. Diante disso, diversas áreas do conhecimento se fazem imprescindíveis, assim como a

Psicologia, que apresenta formas de enfrentar essa crise sanitária (FARO *et al.*, 2020; SCHMIDT *et al.*, 2020). Salienta-se que o psicólogo, seja na clínica psicológica ou no âmbito hospitalar, atua no manejo do sofrimento psíquico através de apoio, orientação da administração das emoções, pensamentos, sentimentos e comportamentos (DANZMANN; SILVA; GUAZINA, 2020). Assim, a Psicologia, nas suas distintas áreas de atuação, mostra-se como primordial para a saúde mental do humano (CAURIN *et al.*, 2021).

#### 4.2.12 Hobby

**Figura 12** – um adolescente em situação de pandemia



Título: A pandemia também tem um lado positivo

História: Já que não podemos sair para passear, a J. está lendo um interessante livro, ela via lindas paisagens nesse livro e refletia que a natureza é tão bela e que devemos cuidar, muito mais dela. Ela olhou pela janela e percebeu que com essa pandemia o céu ficou mais lindo, o ar ficou mais puro, as ruas ficaram mais limpas. É que essa pandemia teve seu lado positivo.

Fonte: Y.P. 13, Fem.

O tema “*Hobby*” foi representado em 5 DETs: Sudeste (2), Centro-Oeste (2) e Nordeste (1), e abordou atividades que os jovens praticam de forma prazerosa. Na região Sudeste, o tema “*Hobby*” foi representado em dois DETs (ambos os sexos), os quais têm relação com aparatos tecnológicos, como jogar e ler no celular e ouvir música. Além disso, as atividades podem ser potenciais ferramentas de lidar com a pandemia de uma forma mais tranquila, desde que disponham de recursos para realizar atividades que tragam satisfação, ou seja, *hobbies*.

O tema “*Hobby*” foi representado em dois DETs na região Centro-Oeste. Através da análise dos procedimentos, foi observado que ambos hobbies se referem à leitura: (1)

adolescente com seu livro na cama, sendo uma atividade que se repetiu até o retorno das aulas (remoto) e tinha outras atividades a serem feitas; (1) adolescente faz leitura diária (toda noite) da Bíblia, leitura que a acalma e a faz dormir tranquila. Observa-se que, em ambas as representações, os *hobbies* foram concernentes à prática da leitura e se mostram como uma atividade satisfatória. Na região Nordeste, a categoria “*Hobby*” teve apenas uma representação, referindo-se a um violão. Contudo, uma qualificação sobre o instrumento não foi apresentada no DET, compondo apenas o desenho.

Pôde-se observar, nas três regiões, que os hobbies retrataram a utilização do aparelho telefônico com a finalidade de ouvir música e de jogar. Além disso, um violão foi desenhado no quarto de uma adolescente. Ademais, também foi circunscrito a atividade de leitura (livros), sendo a mais expressiva nas representações. Diante do exposto, possuir um *hobby* e mantê-lo mesmo em situação pandêmica se mostra significativo, visto que é a permanência de atividades nas quais os jovens podem se sentir satisfeitos pelo fato de se fazer algo que gostam.

Queiroz e colaboradores (2021) questionam os *hobbies* e se eles contribuem para uma melhor qualidade de vida dos adolescentes, principalmente, em período pandêmico. Nesse enfoque, o estudo objetiva investigar as possíveis relações entre os *hobbies* e os ambientes psicológicos e sociais dos adolescentes, além de contribuir com reflexões sobre áreas beneficiadas pelos *hobbies*. Com base em resultados preliminares da pesquisa, esses sustentam a hipótese inicial de que os *hobbies*, por meio de atividades lúdicas, têm impacto positivo no âmbito psicossocial dos jovens e que promove o bem-estar pessoal desse público (QUEIROZ; SOUZA; SOUZA, 2021).

Observa-se que o *hobby* mais expressivo foi a leitura, sendo capaz de modificar o ambiente do leitor e ajudá-lo a lidar com a pandemia. Nessa perspectiva, é possível compreender a leitura como uma forma de brincar, pois possibilita àquele que lê, meios para criar, imaginar e construir novos conhecimentos (CARVALHO, 2016). Para Winnicott (1953/2019b), a criatividade propicia ao indivíduo meios e possibilidades para criação e recriação de algo no espaço potencial. Salienta-se que esse espaço (WINNICOTT, 1953/2019c) é constituído entre o indivíduo e o ambiente, e favorece, assim, o encontro entre a realidade interna e externa. Winnicott assinala que esse espaço “[...] é um lugar de descanso para o indivíduo permanentemente engajado na tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, e ao mesmo tempo interrelacionadas” (WINNICOTT, 1956/2000, p. 318). Desse modo, a leitura pode ser compreendida como um espaço potencial para os

adolescentes, pois além de promover um descanso, favorece uma experimentação de realidades externas e internas.

Um estudo desenvolvido por Porcacchia e Barone (2011) abordou a criação de oficinas de leitura sobrepostas pelo espaço potencial de Winnicott, pois permite ao indivíduo uma área na qual pode criar o mundo em qual vive e ainda se adapta ao mundo que é dado objetivamente ao indivíduo. Assim, a oficina de leitura se constitui, também, como um espaço facilitador, que propicia ao sujeito o encontro consigo através da inter-relação da realidade subjetiva quanto à objetividade percebida. Para as autoras, o livro também pode ser concebido como um objeto transicional, visto que contribui para a simbolização e aceitação da realidade. As referidas oficinas foram pautadas como um espaço transicional/potencial. Ademais, considerou-se esse espaço capaz de outorgar ao indivíduo o sentimento de que a vida além de ser real, é significativa (PORCACCHIA; BARONE, 2011). Diante disso, esses estudos corroboram os dados da presente pesquisa de mestrado, pois a leitura de livros pode ter criado aos adolescentes um espaço potencial que favoreceu, além de tudo, a imaginação, a possibilidade de criar, recriar e aceitar a realidade, sobretudo em momento de crise sanitária.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, a pesquisa de mestrado se mostrou exequível, possibilitando compreender os significados das experiências em situação de pandemia da covid-19 para os adolescentes. Observa-se que a presente pesquisa foi bem aceita pelos participantes adolescentes e, além disso, o total da amostra (74) excedeu ao pretendido no projeto (60). Assim, é possível identificar que o formato on-line da pesquisa possibilitou um alcance maior dos jovens, o que demarca o alcance e potência da pesquisa realizada de forma online na situação pandêmica. Ademais, o estudo possibilitou um espaço acolhedor de pesquisa-intervenção aos adolescentes, assim como propiciou um projeto de extensão que propôs atividades como encontros temáticos virtuais com adolescentes do Brasil (10 encontros) e atendimentos psicológicos a adolescentes com demandas clínicas. Nesse sentido, pôde-se averiguar a busca e necessidade por espaços de escuta e acolhimento diante da pandemia por parte destes indivíduos, ressaltando a importância do desenvolvimento de pesquisas-intervenção da Psicologia, principalmente em um contexto de crise sanitária.

A partir do questionário sociodemográfico, foi possível identificar o perfil dos 74 participantes. A média de idade dos adolescentes (ambos sexos) foi de 14,27, sendo a idade mínima 12 e máxima 17 anos. A maior parte dos integrantes da pesquisa foi do sexo feminino (52), sendo 22 do sexo masculino. Sobre como se autodeclararam, brancos (32) e pardos (32) foram as respostas mais expressivas. A maioria dos jovens (45) cursava o Ensino Fundamental II, 27 cursavam o Ensino Médio e 2 já haviam concluído o Ensino Médio. A maior parte dos adolescentes estudava em uma instituição de ensino da rede pública (38) e 34 estudavam na rede particular. Observou-se que a maioria deles tinha aula on-line (58), enquanto a minoria dispunha de atividades assíncronas (9) e 5 não realizavam nenhuma atividade. E por meio da análise do PDET observou-se que a continuação dos estudos foi demarcada como projeto de vida, o que salienta um importante fator de aposta no futuro do jovem.

Sobre a análise dos 74 DETs, 12 categorias temáticas foram identificadas. Os Temas mais expressivos foram: distanciamento físico, sentimentos expressos, aparatos tecnológicos, estudos e mudança de rotina. O distanciamento físico foi a categoria mais representada, e atravessou os demais temas. Ressalta-se que a maior parte dos jovens cumpria a supracitada medida preventiva, entretanto, esta foi marcada pelo sofrimento decorrente dos afastamentos dos pares, da escola e do lazer.

Neste enfoque, em síntese, pôde-se observar sofrimentos vivenciados pelos adolescentes devido a pandemia, que provocou o distanciamento dos pares, da escola, e diversos conflitos provenientes destes afastamentos. Mas também, foi possível perceber processos criativos dos jovens na superação das dificuldades nesse momento pandêmico. Ressalta-se para a importância do ambiente acolhedor (familiar) no processo de amadurecimento e enfrentamento da pandemia da covid-19.

Ademais, as relações exógenas foram representadas com um saudosismo, apontando a falta que a interação com os pares impactou nos jovens, sendo esse afastamento caracterizado como algo negativo. Todavia, um número bastante pequeno (3) apontou um contato com os amigos de forma virtual. Este aspecto mostra-se instigante, pois assinala que, talvez, o ambiente virtual não consiga, de fato, dar conta das relações com os pares como no modo presencial, face a face, com o contato físico. Entretanto, não se busca anular as possibilidades de manutenção e criação de vínculo através do mundo virtual, tanto que as tecnologias possuem sua relevância, principalmente em época de distanciamento físico, sendo assim uma forma possível de contorno dessa situação desafiadora.

Acrescenta-se que a presente pesquisa se tornou exequível a partir dos dispositivos tecnológicos e mostrou significativa a aceitação dos jovens, assim como as potencialidades dos espaços no mundo virtual. Conquanto, é importante frisar que as interações viabilizadas pelo mundo virtual não substituem o contato de forma presencial e ressalta a relevância dessas interações. Desse modo, as relações de forma virtual se constituem como uma ferramenta, ou melhor, uma saída possível diante da pandemia. Contudo, não se constitui como um substituto aos ganhos propiciados pelas convivências face a face.

Perante o exposto, cabe ressaltar que temas menos expressivos atravessaram algumas das 12 categorias, sendo: puberdade (decorrente da fase da adolescência); adoecimento/morte (descumprimento do distanciamento físico); vulnerabilidades sociais (atividade laboral; estudos; alimentação); e projetos de vida (estudos; viagens; trabalho). Apesar de uma menor representatividade, tais temas foram identificados e são aspectos importantes de serem refletidos, como as vulnerabilidades sociais de alguns indivíduos, assim como as potências de projetos de vida, principalmente para os jovens e em contexto de pandemia.

Diante da realização da presente pesquisa, é primordial ressaltar os desafios que compuseram o desenho metodológico do estudo, visto que a adaptação do PDET ao formato on-line se mostrou como um desafio. Todavia, diante do cenário de distanciamento físico, a reformulação metodológica foi necessária. O que salienta a importância do uso e da adaptação

para o modo virtual do Procedimento Desenho Estória com Tema como instrumento metodológico do trabalho. Entretanto, a adaptação não se caracterizou como uma limitação do presente estudo, mas demarcou as potências da pesquisa-intervenção no formato remoto, principalmente ao promover um espaço de fala, expressão, desenho e escuta em um cenário de pandemia e afastamentos físicos. Desta feita, o estudo não somente foi capaz de alcançar os objetivos propostos, como circunscreveu possibilidades de outros desenhos de pesquisa e que, acima de tudo, propiciem espaços para ouvir as singularidades dos adolescentes. Isso compõe o ambiente da pesquisa como um espaço potencial.

Como limites da pesquisa, encontra-se a presença apenas de participantes adolescentes com acesso a aparatos tecnológicos e que tivessem acesso à internet. Acrescenta-se uma não representação de todos os estados do Brasil e a obtenção de um número relativamente pequeno para uma representação significativa de cada região brasileira, o que não viabilizou uma análise quantitativa comparativa. Nesse enfoque, não se objetiva uma generalização dos dados quanto ao público-alvo do estudo, essencialmente por lidar com indivíduos singulares e adolescências, mesmo que estas estivessem em um “mesmo” contexto pandêmico.

Perante o exposto, observa-se a repercussão interdisciplinar deste estudo. Ademais, o trabalho apresentou e discutiu de forma significativa os impactos da pandemia na vida dos adolescentes. Assim sendo, espera-se que este estudo contribua para futuras investigações sobre a temática, assim como outras intervenções para além das realizadas pela pesquisadora em conjunto com o grupo de pesquisa (projeto de extensão), pois foi observada a potência de ações e intervenções com o público adolescente, mesmo que de forma remota, por promover um espaço de fala e expressão de vivências singulares.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. O adolescente e a liberdade. *In*: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (Org.). **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981b. p. 13-23. (primeira publicação 1970)
- ABERASTURY, A. O adolescente e o mundo atual. *In*: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (Org.). **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981a. p. 88-90. (primeira publicação 1970)
- ABU-RAIYA, H.; SASSON, T.; PARGAMENT, K. I.; ROSMARIN, D. H. Religious coping and health and well-being among jews and muslims in Israel. **The International Journal for the Psychology of Religion**, p. 1-14, 2020. <https://doi.org/10.1080/10508619.2020.1727692>.
- ACOSTA, S. F. **Escola: as imagens que as representações sociais revelam**. 2005. 225f. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. **Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia**. 1999. 342f. Tese (Livre-Docência em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Investigação de representações sociais. *In*: TRINCA, W. (Org.). **Formas de investigação clínica em psicologia: procedimento de desenhos-estórias**. São Paulo: Vetor, 1997. p. 255-288.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: Projeção e Transicionalidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 103-127, 1995. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v6n2/a07v6n2.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2020.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. O uso do Procedimento Desenhos-Estórias com Tema em pesquisa sobre Representação Social da Doença Mental. **Anais [...] In: Encontro Latino Americano de Psicologia Marxista e Psicoanalysis**, Havana. Havana, 1990.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Os Enquadres Clínicos Diferenciados e a Personalização/Realização Transicional. *In*: AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBRÓSIO, F. F. (Org.). **O Brincar**. 1ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004. p. 6-17.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F. Rabiscando Desenhos-Estórias com Tema: pesquisa psicanalítica e de imaginários coletivos. *In*: TRINCA, W. (org.). **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões**. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2013. p. 277-302.
- ALCOBIA, I.; CLARO, C.; LAPA E. M. O olhar das crianças/adolescentes sobre a pandemia covid-19 e a psicologia. **International Journal of Developmental and Educational Psychology – INFAD Revista de Psicologia**, n. 1, v. 2, p. 249-256, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2020.n1.v2.1841>. Acesso em: 30 dez. 2020.

ALMEIDA, A. P.; NAFFAH, A. A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: novas perspectivas para a educação. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]**, v. 24, n. 03, p. 517-536, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p517-3>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ALMEIDA, R. S.; BRITO, A. R.; ALVES, A. S. M.; DE ABRANCHES, C. D.; WANDERLEY, D.; CRENZEL, G.; BARROS, V. F. R. Pandemia de COVID-19: Guia prático para promoção da saúde mental de crianças e adolescentes. **Residência Pediátrica**, v. 10, n. 2, p. 1-4, 2020.

ALMEIDA, T. Solidão, solidude e a pandemia da COVID-19. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 3-14, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2020000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 07 jul. 2022.

ALPINO, T. M. A. *et al.* COVID-19 e (in)segurança alimentar e nutricional: ações do Governo Federal brasileiro na pandemia frente aos desmontes orçamentários e institucionais. **Cadernos de Saúde Pública [online]**, v. 36, n. 8, 2020.

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas**, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/9251-Texto%20do%20artigo-25201-1-10-20200704%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/9251-Texto%20do%20artigo-25201-1-10-20200704%20(1).pdf). Acesso em: 29 jun. 2022. DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p348-365

ANDRADE, L.; MAUCH, A.; COSTA, J.; SILVA, K.; ALMEIDA, L.; ARAÚJO, S.; SOUZA, V. A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por COVID-19. **Health Residencies Journal**, v. 1, n. 2, p. 44-61, 2020.

ANDREWS, J. L.; AHMED, S.; BLAKEMORE, S.-J. Navigating the Social Environment in Adolescence: The Role of Social Brain Development. **Biological Psychiatry**, v. 89, n. 2, p. 109-118, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2020.09.012>. Acesso em: 30 nov. 2020.

AQUINO, E.; SILVEIRA, I. H.; PESCARINI, J.; AQUINO R.; SOUZA-FILHO, J. A. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: Potenciais impactos e desafios no Brasil. **Cien Saude Colet [periódico na internet]**, v. 25, sup. 1, pp. 2423-2446, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>. Acesso em: 25 jun. 2020.

ARAÚJO, C. A. S. **Uma abordagem teórica e clínica do ambiente a partir de Winnicott.** (2007). 204f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Práticas Clínicas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

ARAÚJO, N. C. C. A criança, o jovem e o ambiente escolar: experiências e significações. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL APROXIMAÇÕES COM O MUNDO JUVENIL, 1, 2016, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Comunicações, 2016. p. 54-63. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/55305320/anais-do-i-simposio-nacional-aproximacoes-com-o-mundo-juvenil>. Acesso em: 29 ago. 2022.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AYUB, R. C. P.; MACEDO, M. M. K. A Clínica Psicanalítica com Adolescentes: Especificidades de um Encontro Analítico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 3, p. 582-601, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300011>. Acesso em: 20 nov. 2020.

AZEVEDO, T. **Biografia de Erik Erikson: Vida pessoal / profissional e Psicanálise**. 2016. Disponível em: <https://psicoativo.com/2016/10/biografia-de-erik-erikson-vida-pessoal-profissional-e-psicanalise.html>. Acesso em: 27 dez 2020.

BAENINGER, R. Migrações internacionais e a pandemia de COVID-19: mudanças na Era das migrações. *In*: BAENINGER, R.; VEDOVATO, L. R.; NANDY, S. (Coords.). **Migrações internacionais e a pandemia da COVID-19**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2020. p. 211-220.

BALHARA, Y. P. S. *et al.* Impact of Lockdown Following COVID-19 on the Gaming Behavior of College Students. **Indian Journal of Public Health**, v. 64, p. S172-176, 2020.

BARBOSA, J. L. Por uma quarentena de direitos para as favelas e as periferias. **Espaço e Economia: Revista brasileira de geografia econômica**, v. 17, p. 1-4, 2020.

BARBOZA, A. M. M. **Cultura e brincar com crianças de Maceió: um estudo a partir de conceitos winnicottianos**. (2021). 133f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTOLINI, L.; TRIANDAFYLLIDOU, A.; GROPAS, R. Escaping the Crisis and Emancipating Oneself: Highly Skilled Mobility from Southern Europe. **Altreitalie: Forum Europe and Migrations in the Third Millennium**, v. 51, p. 36-52, 2015.

BASSAN, P. Casos de violência doméstica no RJ crescem 50% durante confinamento. **G1**, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/23/casos-de-violencia-domestica-no-rj-crescem-50percent-durante-confinamento.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BEZERRA, A. C. V.; SILVA, C. E. M. D.; SOARES, F. R. G.; SILVA, J. A. M. D. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 25 (suppl 1), p. 2411–2421, 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>

BITTENCOURT, R. N. Pandemia, isolamento social e colapso global. **Rev Esp. Acad.**, v. 19, n. 221, p. 168-178, 2020.

BOLZE, S. D. A.; SCHMIDT, B.; BÖING, E.; CREPALDI, M. A. Marital and parental conflicts in families with children: Characteristics and resolution strategies. **Paidéia**, v. 27, n. 1, p. 457-465, 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201711>

BORGES, T. W. **O Procedimento de Desenhos-Estórias como modalidade de intervenção nas consultas terapêuticas infantis.** (1998). 162f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BOVE, A.; MURGIA, A.; ARMANO, E. Mapping Precariousness: Subjectivities and Resistance. An Introduction. *In*: ARMANO, E.; BOVE, A.; MURGIA, A. (Orgs.). **Mapping Precariousness, Labour Insecurity and Uncertain Livelihoods Subjectivities and Resistance.** Abingdon: Routledge, 2017. p. 1-12.

BRANQUINHO, C.; KELLY, C.; AREVALO, L. C.; SANTOS, A. C.; MATOS, M. G. Hey, we also have something to say: A qualitative study of Portuguese adolescents' and young people's experiences under COVID-19. **Journal of Community Psychology**, v. 48, n. 8, p. 2740- 2752, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jcop.22453>. Acesso em: 1 out. 2020.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico Especial 7: doença pelo coronavírus 2019.** Brasília: MS; 2020.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde.** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Brasília (DF), 2010. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_nacionais\\_atencao\\_saude\\_adolescentes\\_jovens\\_promocao\\_saude.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf). Acesso em: 15 mai. 2022.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: Ministério da Justiça, 1990. Disponível em: <http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/legislacao/outras/ECA%20ATUALIZADO-%202012%20-%20versao%202012.pdf/view>. Acesso em: 27 jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020,** Medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/L13979compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13979compilado.htm). Acesso em: 05 mai. 2020a.

BRASIL. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes.** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07\\_0400\\_M.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf). Acesso em: 29 ago. 2022.

BRASIL. **Medida Provisória n. 934, de 01 de abril, 2020.** Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>. Acesso em: 05 mai. 2020.

BRASIL. **Saúde mental e atenção psicossocial na COVID 19: Um guia para gestores.** Fiocruz: Ministério da Saúde, 2020b. Disponível em: [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cartilha\\_recomendacoes\\_gerais\\_06\\_04\\_0.pdf](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cartilha_recomendacoes_gerais_06_04_0.pdf). Acesso em: 14 abr. 2022.

BRASIL. **Resolução CNS nº 510,** de 07 de abril, 2016. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde, 2016.

CARVALHO, M. C. **A importância do brincar na construção de conhecimentos de crianças na pré-escola.** (2016). 145f. Dissertação (Docência e Gestão da Educação) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2016.

CASTRO, L. R. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. *In: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (Orgs.) Pesquisa-intervenção na infância e juventude.* Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008. p. 21-42.

CAURIN, N. B.; SANTANA, A. R.; NEGREIROS, A. B. G.; FERREIRA, M. S.; PEDROSA, V. M. F.; XIMENES, J. M.; MOURA, L. W. F.; RODRIGUES, J. S.; TRAJANO, J. M. S.; ROCHA, A. S. Impacts of the Covid-19 pandemic on Psychology professionals. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 4, p. e33610414140, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14140>. Acesso em: 24 jul. 2022.

CETIC. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2019** [livro eletrônico]. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020. Disponível em: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123093344/tic\\_kids\\_online\\_2019\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123093344/tic_kids_online_2019_livro_eletronico.pdf). Acesso em: 29 ago. 2022.

COCHRANE, C. **Glossary of Terms in The Cochrane Collaboration**, 2015.

COSTA, L.C.R.; GONÇALVES, M.; SABINO, F.H.O.; OLIVEIRA, W.A.; CARLOS, D.M. Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Interface (Botucatu)**, v. 25(Supl. 1), 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.200801>. Acesso em: 29 ago. 2022.

COUTINHO, R. Z. **Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência: meio século de pesquisas.** Belo Horizonte: UFMG; CEDEPLAR, 2011.

COUTO, M. T.; BARBIERI, C. L. A.; MATOS, C. C. de S. A. Considerações sobre o impacto da COVID-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina. **SciELO Preprints**, 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1196>. Acesso em: 27 jun. 2022.

COVIDA. **Painel Coronavírus Brasil.** Salvador: Rede CoVida [Internet], 2020. Disponível em: <http://www.covid19br.org>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CRUZ, M. A.; GOMES, N. P.; ASSIS DA SILVA, K. K.; WHITAKER, M. C. O.; MAGALHÃES, J. R. F.; SANTOS, J. S. F. L.; GOMES, N. R. Crianças e adolescentes no contexto da pandemia: a interface com a violência intrafamiliar. **Saúde coletiva**, v. 11, n. 65, p. 6270-6274, 2021.

DANZMANN, P. S.; SILVA, A. C. P. DA; G.; FÉLIX, M. N. Atuação do psicólogo na saúde mental da população diante da pandemia. **J. nurs. health**, p. 20104015-20104015, 2020.

DEL CASTILLO, R.P.; VELASCO, M. F. P. Salud mental infanto-juvenil y pandemia de Covid-19 en España: cuestiones y retos. **Revista de psiquiatria infanto-juvenil**, v. 37, n. 2,

p. 30-44, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31766/revpsij.v37n2a4>. Acesso em: 30 dez. 2020.

DELA COLETA, A. S. M.; DELA COLETA, M. F.; GUIMARÃES, J. L. O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela Internet. **Psicologia em Estudo [online]**, v. 13, n. 2, p. 277-285, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200010>. Acesso em: jul. 2022.

DELLAZZANA-ZANON, L. L.; ZANON, C.; FREITAS, L. B. Adaptação do questionário de tarefas domésticas e de cuidado de irmãos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 31, n. 4, p. 477-487, 2014.

DENZIN, N. K.; LINCOLN Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DESLANDES, S. F.; COUTINHO, T. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinfligidas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2479-2486, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.11472020>. Acesso em: 30 dez. 2020.

DIAS, E. O. A trajetória intelectual de Winnicott. **Nat. hum.**, v. 4, n. 1, p. 111-156, 2002. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302002000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 28 dez. 2020.

DONG, E.; DU, H.; GARDNER, L. An interactive web-based dashboard to track COVID-19 in real time. **Lancet Infectious Diseases**, v.20, n. 5, p. 533-534, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7159018/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

DULIUS, G. T.; SUDBRACK, A. W.; SILVEIRA, L. M. O B. Aumento da violência intrafamiliar e os fatores associados durante a pandemia de COVID-19: revisão integrativa de literatura. **Revista Saúde em Redes**, v. 7, Supl. 1, p. 1-10, 2021.

E-DOCENTE. O trabalho com o projeto de vida em tempos de pandemias. E-docente, 10/07/2020. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog/leitura/o-trabalho-com-o-projeto-de-vida-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolesc Saude**, v. 2, n.2, p. 6-7, 2005. Disponível em: [http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=167](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167). Acesso em: 02 jul. 2019.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESPADA, J. P.; ORGILÉS, M.; PIQUERAS, J. A.; MORALES, A. Las buenas prácticas en la atención psicológica infanto-juvenil ante el COVID-19. **Clínica y Salud**, Madrid, v. 31, n. 2, p. 109-113, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5093/clysa2020a14>. Acesso em: 30 dez. 2020.

EUROPEAN COMMISSION. **A European roadmap to lifting coronavirus containment measures**, 2020. Disponível em: <https://ec.europa.eu/info/live-work-travel->

eu/health/coronavirus-response/european-roadmap-lifting-coronavirus-containment-measures\_en. Acesso em: 16 abr. 2020.

FAO (Food and Agriculture Organization). **Global Report on Food Crises 2020**. Rome: FAO, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00161320>. Acesso em: 29 ago. 2022.

FARO, A.; BAHIANO, M. A.; NAKANO, T. C.; REIS, C.; SILVA, B. F. P.; VITTI, L. S. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 37, e200074, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>

FRANÇA, R. M. P.; ROCHA, Z. Por uma ética do cuidado na psicanálise da criança. **Psicologia USP**, v. 26, n. 3, p. 414-422, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n3/1678-5177-pusp-26-03-00414.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FULGENCIO, L. A ética do cuidado psicanalítico para D. W. Winnicott. **A peste**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 39-62, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/22088>. Acesso em: 19 nov. 2020.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **COVID-19**: More than 95 per cent of children are out of school in Latin America and the Caribbean, 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-mais-de-95-por-cento-das-criancas-fora-da-escola-na-america-latina-e-caribe>. Acesso em: 07 mai. 2020.

GAGNÉ, I. Dislocation, social isolation, and the politics of recovery in post-disaster Japan. **Transcultural Psychiatry**, v. 57, n. 5, p. 710-723, 2020.

GALDINO, E. B. T.; MIURA, P. O.; SANTOS, K. A. M.; LIMA, E. F. O.; PEDROSA, M. M. P. Gravidez na Adolescência: Significados para Jovens. *In*: V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, Salvador, BA, Brasil, **Anais [...]**. Revista Enlaçando, 1, 2017. p. 1-9. ISSN 2238-9008.

GARCIA, L. P.; DUARTE, E. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 29, n. 2, e2020222, 2020.

GARRIDO, R. G.; GARRIDO, F. S. R. G. COVID-19: Um panorama com ênfase em medidas restritivas de contato interpessoal. **Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente**, v. 8, n. 2, p. 127-141, 2020. <https://doi.org/10.17564/2316-3798.2020V8N2P127-141>

GIL, C. A.; TARDIVO, L. S. de La P. C. Concepção de doença mental em estudantes de graduação em Psicologia: um estudo compreensivo por meio de desenhos temáticos. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 15, n. 2, p. 114-120, 2007.

GOIS, R. L. B.; SOARES, D. A. S.; LOBÃO, T. A.; SANTANA, A. B. S. Crianças e adolescentes: saúde em tempos de pandemia. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, 2022. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i5.27752>

GOLFIERI, M.; ANDRIAN, A. O aumento da violência doméstica em tempos de Covid-19. **Estadão**, 1 abr. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/o-aumento-da-violencia-domestica-em-tempos-de-covid-19/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

HERNANDES, L. F.; MATOS, C. Atendimento socioeducativo no contexto da pandemia de Covid-19: Tempos de tecer velhos e velhos e novos desafios. *In*: ROCHA, A. A. R.; LAVORATTI, C.; CARNEIRO E SILVA, S. (Org.). **Política pública de socioeducação: conquistas e retrocessos**. 1 ed. Ponta Grossa Paraná: Estúdio Texto, 2021, v. 1, p. 1-213.

HO, C. S.; CHEE, C. Y.; HO, R. C. Mental health strategies to combat the psychological impact of COVID-19 beyond paranoia and panic. **Annals of the Academy of Medicine (Singapore)**, v. 49, n. 1, p. 1-3, 2020.

IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. **Trabalho infantil e trabalho infantil doméstico no Brasil: Avaliação a partir dos microdados da Pnad/IBGE (2012-2013)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

IMRAN, N.; ZESHAN, M.; PERVAIZ, Z. Considerações sobre saúde mental para crianças e adolescentes na pandemia de COVID-19. **Pak J Med Sci.**, v. 36, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12669/pjms.36.COVID19-S4.2759>. Acesso em: 25 mar. 2021.

INSTITUTO FERA. **A psicanálise de Arminda Aberastury**. 2017. Disponível em: <https://www.blog.institutoesfera.org/single-post/2020/03/05/a-psican%C3%A1lise-de-arminda-aberastury>. Acesso em: 27 dez 2020.

JAIME, P. C. Pandemia de COVID19: implicações para (in)segurança alimentar e nutricional [editorial]. **Cien. Saúde Colet.**, v. 25, n. 7, p. 2504, 2020.

JARDIM, L.; ROJAS HERNÁNDEZ, M. Investigación psicoanalítica en la universidad. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 4, p. 529-536, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n4/10.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

JIANG, X.; DENG, L.; ZHU, Y.; JI, H.; TAO, L.; LIU, L.; JI, W. Psychological crisis intervention during the outbreak period of new coronavirus pneumonia from experience in Shanghai. **Psychiatry Research**, v. 286, 112903, 2020. Disponível em: <https://europepmc.org/article/pmc/pmc7112608>. Acesso em: 25 fev. 2021.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. *In*: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1981. p. 24-62. (primeira publicação 1970).

KOENIG, H. G. Maintaining health and well-being by putting faith into action during the COVID-19 pandemic. **Journal of Religion and Health**, p. 1-10, 2020. <https://doi.org/10.1007/s10943-020-01035-2>

KUPFERSCHMIDT, K.; COHEN, J. Can China's COVID-19 strategy work elsewhere? **Science**, v. 367, n. 6482, p. 1061-1062, 2020.

LADEIA, D.N.; SILVA, A.F.; GONÇALVES, B.B.S.; DAMASCENO, C.M.C.; VIEIRA, J.P.G.; SILVA, J.A.L.; LOPES, L.M.M.; QUEIROZ, N.O.; LOPES, A.G. Análise da saúde

mental na população geral durante a pandemia de Covid-19. **Rev. Eletr. Acervo Saúde**, v. 46, e3925, 2020.

LIMA, S.O.; SILVA, M.A.; SANTOS, M.L.D.; MOURA, A.M.M.; SALES, L.G.D.; MENEZES, L.H.S.; NASCIMENTO, G.H.B.; OLIVEIRA, C.C.C.; REIS, F.P.; JESUS, C.V.F. Impactos no comportamento e na saúde mental de grupos vulneráveis em época de enfrentamento da infecção COVID-19: revisão narrativa. **Rev. Eletr. Acervo Saúde**, v. 46, p. 1-8, 2020.

LOPES, C.S.; ABREU, G.A.; SANTOS, D.F.; MENEZES, P.R.; CARVALHO, K.M.B.; CUNHA, C. F.; *et al.* ERICA: prevalence of common mental disorders in Brazilian adolescents. **Rev. Saúde Pública**, v. 50, Suppl 1:14s, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v50s1/0034-8910-rsp-S01518-87872016050006690.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

LOUREIRO, M. A. Famílias Digitais: vidas online, vínculos offline? *In*: WEBER, L.; CUNHA, J. **Relacionamentos positivos na Família**. Curitiba, Brasil: Editoria Juruá, 2020. p. 149-158.

LUCCHETTI, G. *et al.* Spirituality, religiosity and the mental health consequences of social isolation during Covid-19 pandemic. **The International Journal of Social Psychiatry**, v. 67, i. 6, 2020. <https://doi.org/10.1177/0020764020970996>

MACEDO, M. M. K.; AZEVEDO, B. H.; CASTAN, J. U. Adolescência e Psicanálise. *In*: MACEDO, M. M. K. (Org.). **Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 15-54.

MAFTEI, A.; HOLMAN, A. C.; MERLICI, I. A. Using fake news as means of cyber-bullying: The link with compulsive internet use and online moral disengagement. **Computers in Human Behavior**, v. 127, 107032, 2022.

MAGALHÃES, P. C.; GOUVEIA, R.; COSTA-LOPES, R.; SILVA, P. A. E. O Impacto Social da Pandemia - Estudo ICS/ISCTE Covid-19, abr. 2020. **Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Instituto Universitário de Lisboa**. Disponível em: <https://www.ics.ulisboa.pt/docs/RelatorioInqueritoICSISCTE.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MALTA, D. C. *et al.* A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal. **Epidemiologia e Serviços de Saúde [online]**, v. 29, n. 4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400026>. Acesso em: 5 jul. 2022.

MANDELLI, M. T.; SOARES, D. H. P.; LISBOA, M. D. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 63, n. spe, p. 49-57, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672011000300006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 jun. 2022.

MARIGLIANO, R. X.; GIL, C. A.; TARDIVO, L. S. DE LA P. C. Imaginário coletivo e relação cuidador formal e idosos: estudo com desenhos-estórias com tema. *In*: TARDIVO, L. S. DE LA P. C. **O procedimento de desenhos-estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de**

percurso. 2017, p. 91-104. Disponível em: [http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/15\\_Apoiar.pdf](http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/15_Apoiar.pdf). Acesso em: 29 ago. 2022.

MARQUES, E. S. *et al.* A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 4, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00074420>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MARTINS, G. A.; SILVA, D. M. Museu, educação e o Covid-19: uma abordagem teórica dos acervos digitais em meio ao isolamento social. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 4, p. 55-59, 2020.

MASCAGNA, G. C. **Adolescência**: compreensão histórica a partir da escola de Vigotski. (2009). 185f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

MENDES, M. V. **Adolescência, escola e pandemia: contribuições da psicanálise à Educação**. (2021). 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2021.

MIURA, P. O.; LIMA, E. F. O.; SANTOS, K. A. M.; COSTA, M. C. M. Serviços de proteção para crianças e adolescentes: revisão integrativa. *In*: PEREIRA, E. R. (Org.). **A psicologia em suas diversas áreas de atuação**. 1 ed. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019, p. 99-113. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/arquivos/ebooks/a-psicologia-em-suas-diversas-areas-de-atuacao>. Acesso em: 29 nov. 2020.

MIURA, P. O.; OLIVEIRA, A. A. S.; GALDINO, E. B. T.; SANTOS, K. A. M.; LIMA, E. F. de O.; PEDROSA, M. M. M. P.; MENEZES, S. K. O. Quais os significados da adolescência para os jovens? *In*: TARDIVO, L. S. L. P. C. (Org.). **O procedimento de desenhos-estórias na clínica e na pesquisa**: 45 anos de percurso. 1. ed. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2017. p. 997-1008. Disponível em: [https://www.ip.usp.br/site/wpcontent/uploads/2019/12/EBOOK\\_15\\_APOIAR\\_FINAL\\_02\\_10\\_2018\\_definitivo.pdf](https://www.ip.usp.br/site/wpcontent/uploads/2019/12/EBOOK_15_APOIAR_FINAL_02_10_2018_definitivo.pdf). Acesso em: 29 nov. 2020.

MIURA, P. O.; OLIVEIRA, A. S.; GALDINO, E. T.; SANTOS, K. A. M.; COSTA, M. L.; COSTA, G. C. O ambiente escolar como espaço potencial para adolescente: relato de experiência. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João Del-Rei, v. 13, n. 2, p. 1-14, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082018000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000200013&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 nov. 2020.

MIURA, P.O; OLIVEIRA, A.A.S.; SANTOS, K.A.M.; BARBOZA, A.M.M.; ROCHA, M.L.B.; BUENO, L.D. Encontros temáticos virtuais com adolescentes na pandemia da covid-19: relato de experiência. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, no prelo.

MIURA, P. O.; PAIXÃO, R. A. P.; TARDIVO, L. S. Ç. P. C. ‘Crianças esquecidas’ em Portugal e no Brasil: aspectos históricos, sociais e jurídicos. *In*: XIII Jornada apoiar: cuidado e prevenção em saúde mental: propostas e pesquisas, São Paulo. **Anais [...]**, Instituto de Psicologia-USP, p. 171-180, 2015.

MIURA, P. O.; SANTOS, K. A. M. Vivências em situação de pandemia: relato de uma experiência remota junto aos adolescentes. *In*: MIURA, P. O.; OLIVEIRA, A. A. S. (Orgs.). **Educação, saúde, direito e cidadania: reflexões para o enfrentamento da Covid-19**. Editora Edufal: Maceió. 2021.

MIURA, P. O.; SANTOS, K. A. M.; GALDINO, E. B. T.; LIMA, E. F. O.; PEDROSA, M. M. M. P. Quais os significados da gravidez na adolescência para jovens sem histórico de gravidez? **Paidéia**, v. 31, e3114, 2021. Disponível em: [http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-863X2021000100305&lng=pt&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-863X2021000100305&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 ago. 2022.

MIURA, P. O.; SANTOS, K. A. M.; LIMA, E. F. O. Paternidade na adolescência e as relações familiares. **Pensando fam.**, v. 24, n. 1, p. 190-206, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2020000100014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 dez. 2020.

MOHERDAUI, I. C. **PROJETO DE VIDA DE JOVENS APRENDIZES: reflexões sobre as contribuições dos programas de aprendizagem**. (2021). 157f. Dissertação (Faculdade de Ciências Humanas e Sociais), Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”, Franca – S.P., 2021.

MOREIRA, R. B. R.; MAGALHÃES, D. K. O. Os impactos da pandemia de covid-19 no enfrentamento da violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes. **Revista da Jornada de Pós-Graduação e Pesquisa-Congrega Urcamp**, v. 16, p. 269-275, 2020.

NUSSBAUMER-STREIT, B.; MAYR, V.; DOBRESCU, A. I.; CHAPMAN, A.; PERSAD, E.; KLERINGS, I.; WAGNER, G.; SIEBERT, U.; CHRISTOF, C.; ZACHARIAH, C.; GARTLEHNER, G. Quarantine alone or in combination with other public health measures to control COVID-19: a rapid review. **Cochrane Database Syst Ver**, v. 4, n. 42, 2020.

G1. Dois meses após a suspensão de aulas presenciais, alunos, pais e professores relatam como está a educação durante a pandemia. **O Globo - G1**, 22. mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/05/22/dois-meses-apos-a-suspensao-de-aulas-presenciais-alunos-pais-e-professores-relatam-como-esta-a-educacao-durante-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2022.

OLIVEIRA, A. P. F. *et al.* Violência contra crianças e adolescentes e pandemia – Contexto e possibilidades para profissionais da educação. **Escola Anna Nery [online]**, v. 26, n. spe, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0250>. Acesso em: 29 ago. 2022.

OLIVEIRA, D. P. S.; COSTA, O. A. O que diz a literatura científica sobre o isolamento e o distanciamento social entre os anos de 2015 a 2020: mapeamento sistemático. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 3, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26649>. Acesso em: 27 jun. 2022.

OLIVEIRA, H. D. V.; SOUZA, F. S. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: Reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, p. 15-24, 2020.

OLIVEIRA, W. A.; SILVA, J. L.; ANDRADE, A. L. M.; MICHELI, D.; CARLOS, D. M.; SILVA, M. A. I. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. **Cad. Saúde Pública [online]**, v. 36, n. 8, 2020.

OMS [ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE]. Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. Mortes e casos de coronavírus nos estados. **Globo**, 2020. Disponível em: [https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/?\\_ga=2.212268566.341030755.1614216859-2887083284.1613852815](https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/?_ga=2.212268566.341030755.1614216859-2887083284.1613852815). Acesso em: 26 fev. 2021.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 42, n. 3, p. 232-235, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>. Acesso em: 10 jul. 2020.

PEREIRA, M. M. M.; XAVIER, S. S. M.; ARAÚJO, M. G. P.; VALENÇA, C. N.; MENEZES, R. M. P.; GERMANO, R. M. A Teoria do Autocuidado de Orem e sua aplicabilidade como marco teórico: análise de uma pesquisa. **Rev. enferm.**, v. 5, n. 4, p. 896-900, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/6733/5980>. Acesso em: 10 mai. 2020.

PEREIRA, S. E. F. N.; SUDBRACK, M. F. O. A escola como contexto complementar à clínica da adolescência. *In*: MARRA, M. M.; COSTA, L. F. (Org.). **Temas da clínica do adolescente e da família**. São Paulo: Ágora, 2010. p. 65-86.

PESTANA, L.; DUARTE, J.; COUTINHO, E.; CHAVES, C.; NELAS, P.; AMARAL, O. Repercussões das atividades domésticas e de lazer no rendimento escolar dos adolescentes. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 1, n. 2, p. 347-357, 2016.

POLANCZYK G. V. O custo da pandemia sobre a saúde mental de crianças e adolescentes. **Jornal da USP**, São Paulo, 10 mai. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-custo-da-pandemia-sobre-a-saude-mental-de-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 30 set. 2020.

PORCACCHIA, S. S.; BARONE, L. M. C. Construindo leitores: uma experiência de oficina de leitura. **Estudos de Psicologia**, v. 28, n. 3, p. 395-402, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395335659012>. Acesso em: 12 jul. 2022.

PORTUGAL, F. T. A pesquisa-intervenção e o diálogo com os agentes sociais. *In*: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (Orgs.) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008. p.15-20.

POTT, E. T. B. Contribuições da Psicologia Escolar para o ensino superior em um contexto de pandemia: o papel da construção de coletivos. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, 2020.

POUPART, J.; DESLAURIERS, J.; GROULX, L.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, Á. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PRIME, H.; WADE, M.; BROWNE, D. T. Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. **American Psychologist**, v. 75, n. 5, p. 631-643, 2020. <https://doi.org/10.1037/amp0000660>

QUEIROZ, R. S.; SOUSA, L. W.N.; SOUZA A. S. O poder dos hobbies sobre o psicossocial dos adolescentes. *In*: Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias, **Anais [...]**. Bahia, p. 178, 2021. ISSN 2674-7227

RANSOME, Y. Religion, spirituality, and health: New considerations for epidemiology. **American Journal of Epidemiology**, v. 189, n. 8, p. 755-758, 2020. <https://doi.org/10.1093/aje/kwaa022>

RIGGIO, H. R.; VALENZUELA, A. M.; WEISER, D. A. Household responsibilities in the family of origin: Relations with self-efficacy in young adulthood. **Personality and Individual Differences**, v. 48, p. 568-573, 2010. doi: 10.1016/j.paid.2009.12.008

ROBERTO, G. L. Espiritualidade e saúde. *In*: TEIXEIRA, E. F. B.; MULLER, M. C.; SILVA, J. D. T. **Espiritualidade e qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2004. p. 151-63.

RODRIGUES, I. A.; CAVALCANTE, J. R.; FAERSTEIN, E. Pandemia de Covid-19 e a saúde dos refugiados no Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva** [online], v. 30, n. 03, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300306>. Acesso em: 5 jul. 2022.

ROSSATO, L.; RIBEIRO, B. M. S. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE E SAÚDE NA PANDEMIA DE COVID-19. **Revista Nufen: Phenomenology and interdisciplinarity**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2022. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/22256>. Acesso em: 12 jul. 2022.

ROSSI, L. M.; MARCOLINO, T. Q.; SPERANZA, M.; CID, M. F. B. Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. **Cad. Saúde Pública**, v. 35, n. 3, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00125018>. Acesso em: 14 dez. 2020.

SANCHEZ, C. R.; ROSA, H. R.; TARDIVO, L. S. La P. C. O procedimento desenhos – estórias (d-e) em préadolescente vítima de violência doméstica. *In*: **O PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS NA CLÍNICA E NA PESQUISA: 45 ANOS DE PERCURSO**, 2017, p. 220-238. Disponível em: [http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/15\\_Apoiar.pdf](http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/15_Apoiar.pdf). Acesso em: 29 ago. 2022.

SANTANA, M. E. D. **O autocuidado diante de uma pandemia mundial**. (2020). 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, PE, 2020.

SANTOS, A. M. S.; MIURA, P. O. ADOLESCÊNCIA E COVID-19: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. *In*: BANDEIRA, G. M. S.; BATISTA, C. E. R.; FREITAS, P. G. (Orgs.). **Pesquisas e debates em psicologia** [livro eletrônica]. v. 1. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2022. p. 140-151.

SANTOS, E. S. Ontologia em Winnicott. **Winnicott e-prints**, v. 4, n. 1 e 2, p. 1-17, 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-432X2009000100001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2009000100001). Acesso em: 19 nov. 2020.

SANTOS, K. A. M. *et al.* Quais os significados sobre família em situação de pandemia para os adolescentes? **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 27, n. 01, p. 193-203, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.08222021>. Acesso em: 22 jun. 2022.

SANTOS, N. F.; LOPES, J. F.; SANTOS, W. B. As contribuições do projeto de vida na escola pública em tempos de pandemia. *In*: VII Congresso Nacional de Educação – Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. **Anais [...]**, Maceió. Maceió, 2020. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA18\\_ID6028\\_01102020230221.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA18_ID6028_01102020230221.pdf). Acesso em: 18 jul. 2022.

SANTOS, N. F.; LOPES, J. F.; SANTOS, W. B. AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE VIDA NA ESCOLA PÚBLICA EM TEMPOS DE PANDEMIA. VII Congresso Nacional de Educação – Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. **Anais [...]**, Maceió. Maceió, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68016>. Acesso em: 15 jun de 2022.

SARRIERA, J. C.; MOURA JR., J. F.; XIMENES, V. M.; RODRIGUES, A. L. Sentido de comunidade como promotor de bem-estar em crianças brasileiras. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology (IJP)**, v. 50, n. 1, p. 106- 116, 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/284/28446021012.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022.

SCHAPPO, S. Fome e insegurança alimentar em tempos de pandemia da covid-19. **SER Social**, [S. l.], v. 23, n. 48, p. 28–52, 2021. Disponível em: [https://periodicos.unb.br/index.php/SER\\_Social/article/view/32423](https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/32423). Acesso em: 11 jul. 2022.

SCHMIDT, B.; CREPALDI, M. A.; BOLZE, S. D. A.; NEIVA-SILVA, L.; DEMENECH, L. M. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, p. 1-13, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SCORSOLINI-COMIN, F.; ROSSATO, L.; CUNHA, V. F.; CORREIA-ZANINI, M. R. G.; PILLON, S. C. Religiosity/spirituality as a resource to face COVID-19. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 10, 2020. <http://doi.org/10.19175/recom.v10i0.3723>

SILVA, C. J. A religião como nomia para vida do adolescente diante e os desafios nesta etapa da vida. *In*: II Congresso Norte De Teologia Da Faculdade Boas Novas, Manaus, v. 1, 2017. **Anais [...]**. Manaus: FBN, v. 1, 2017.

SILVA, I. M. *et al.* As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 12-28, 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2020000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 05 jul. 2022.

SILVA, J. O. L. *et al.* Incidence of domestic physical violence against children and adolescents in a city in the interior Bahia during the COVID-19 pandemic. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 17, p. e47101724287, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24287>. Acesso em: 5 ago. 2022.

SILVA, M. A. M.; DANZA, H. C. Projeto de vida e identidade: articulações e implicações para a educação. **SciELO Preprints**, 2021. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2834>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SOARES, S.; AMARAL, M. A.; SILVA, L. B.; SILVA, P. A. B. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do Ensino Médio. Esc. Anna Nery. **Rv. Enferm.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 485-491, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452008000300014>. Acesso em: 04 jan. 2021.

SOCIÁS, C. O.; BRAGE, L. B.; NEVOT-CALDENTY, L. Apoyo familiar ante el covid-19 en España. **Scientific Eletronic Library Online**, (s/n), p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.297>. Acesso em: 30 dez. 2020.

SOTO, M. D. G. R.; DA SILVA, M. C. Restrição de mobilidade física e isolamento social: Abrem-se as janelas do entretenimento. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 16, n. 43, p. 158-168, 2020. <https://doi.org/10.3895/rts.v16n43.12343>

SOUZA, M. A. **A influência da fé no processo saúde-doença sob a percepção de líderes religiosos cristãos**. (2009). 100f. Dissertação (Faculdade de Enfermagem) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2009.

SOUZA-JUNIOR, J. R.; CRUZ, R. C. R.; CARDOSO-BRITO, V.; SANTOS, E. L. S.; FONTES-DUTRA, M.; FREITAS, I. M.; PEREIRA, A. G.; COSTA, G. B.; ALMEIDA-JUNIOR, S.; MANIGLIA, F. P. COVID-19 e a promoção da saúde em tempos de pandemia. **Rev Eletr Acervo Saude**, v. 46, 2020.

STEINWURZ, D. A. **DONALD WOODS WINNICOTT**. s.d. Disponível em: <https://febrapsi.org/publicacoes/biografias/donald-woods-winnicott/>. Acesso em: 28 dez. 2020.

TARDIVO, L. C. O encontro com o jovem em São Gabriel da Cachoeira: em busca de uma clínica diferenciada. *In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE*, 1., 2005, São Paulo. **Proceedings online...** Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000082005000100031&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100031&lng=en&nrm=abn). Acesso em: 04 out. 2021.

TARDIVO, L. S. P. C. **O Adolescente e Sofrimento Emocional nos Dias de Hoje: Reflexões Psicológicas Encontros e Viagens**. (2004). 213f. Tese (Livre Docência) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia Clínica, São Paulo, 2004.

TARDIVO, L. S. L. P. C. **O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje**. São Paulo: Vetor, 2007a.

TARDIVO, L. S. L. P. C. Sofrimento, desenraizamento e exclusão: relato de uma experiência com indígenas aculturados do Amazonas. **Psicol inf.**, v. 11, n. 11, p. 113-126, 2007b. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-88092007000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092007000100007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 04 out. 2021.

TARDIVO, L. S. L. P. C.; VAISBERG, T. M. J. A. Natureza e Esportes ou Violência e Drogas? A juventude no imaginário de jovens indígenas aculturados. **Psic (São Paulo)**, v. 2, n. 3, p. 26-37, 2001.

TARDIVO, L. S. L. P. C.; VAISBERG, T. M. J. A. Representações da Juventude por Jovens Indígenas Aculturados no Norte do Brasil: sofrimento e falta de esperança. **Revista Iberoamericana de Salud y Ciudadanía**, v. 3, p. 105-113, 2014.

TARDIVO, L. S. P. C. Derivações do Procedimento de Desenhos-Estórias: atendimento em grupo. *In*: TRINCA, W. (Org.). **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões**. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2013. p. 339-364.

TRINCA, A. M. T. Desenvolvimentos do Procedimento de Desenhos-Estórias. *In*: TRINCA, W. (Org.). **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões**. 1 ed. São Paulo: Vetor. 2013c. p. 27-76.

TRINCA, W. Apresentação. *In*: TRINCA, W. (Org.). **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões**. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2013b. p. 7-12.

TRINCA, W. **Diagnóstico psicológico: a prática clínica**. São Paulo: EPU, 1984.

TRINCA, W. **Formas de Investigação Clínica em Psicologia: procedimento de desenhos-estórias: procedimento de desenhos de família com estórias**. São Paulo, SP: Vetor Editora, 1997.

TRINCA, W. Formas tradicionais de aplicação. *In*: TRINCA, W. (Org.). **Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões**. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2013a. p. 13-26.

TRINCA, W.; TARDIVO, L. S. P. C. Desenvolvimentos do procedimento de desenhos-estórias (D-E). *In*: CUNHA, J. A. (Org.). **Psicodiagnósticos V**. Porto Alegre: Artes Médias, Sul, 2010.

TRUCCO, D.; PALMA, A. **Infância e adolescência na era digital: um relatório comparativo dos estudos Kids Online Brasil, Chile, Costa Rica e Uruguai**. Publicação das Nações Unidas, Ver. 1, 2020. Disponível em: [https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45910/1/S2000448\\_es.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45910/1/S2000448_es.pdf). Acesso em: 29 ago. 2022.

TRUCCO, D.; PALMA, A. **Infância e adolescência na era digital: um relatório comparativo dos estudos Kids Online Brasil, Chile, Costa Rica e Uruguai**. Documentos de Projetos (LC/TS.2020/18/Rev.1). Santiago: Cepal, 2020.

UNFPA. **Worlds Apart: Reproductive health and rights in an age of inequality**. New York: UNFPA, 2017. Disponível em: <https://esaro.unfpa.org/en/publications/worlds-apart-reproductive-health-and-rights-age-inequality>. Acesso em: 19 fev. 2021.

UNICEF. **Crianças e adolescentes estão mais expostos à violência doméstica durante pandemia**. 2020. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unicef-criancas-e-adolescentes-estao-mais-expostos-a-violencia-domestica-durante-pandemia/>. Acesso em: 03 set. 2020.

VAISBERG, A. Investigação de representações sociais. *In*: TRINCA, W. (Org.). **Formas lúdicas de investigação em psicologia: Procedimento de Desenhos-Estórias e Procedimento de Desenhos de Famílias com Estórias**. São Paulo: Vetor, 2020. p. 185-207.

VAISBERG, T. M. J. A. Investigação de representações sociais. *In*: TRINCA, W. (Org.). **Formas de investigação clínica em psicologia: o procedimento de desenhos-estórias e desenhos de famílias com estórias**. São Paulo: Vetor, 1997. p. 255-285.

VALLE, T. G. M.; CAMARASCHI, S.; GARNICA, K. R. H. Habilidades sociais e experiências táteis: contato físico nas interações de crianças pré-escolares. *In*: VALLE, T. G. M. (Org.). **Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções** [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 222, 2009.

VIERO, M. G.; BLÜMKE, A. C. A sociabilidade exercida em torno do comer: um estudo entre universitários. **Demetra**, v. 11, n. 4, p. 865-878, 2016.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>. Acesso em: 25 set. 2020.

VIZZOTTO, M. M. A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Mauricio Knobel. **Estud. psicol. Campinas**, v. 25, n. 1, p. 151-155, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100015>. Acesso em: 18 jan. 2021.

VOSGERAU, D. S. A. R.; ROMANOWSI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Educ.**, v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2317/2233>. Acesso em: 14 abr. 2022.

WICHMANN, F. *et al.* Relações entre projetos de vida, tarefas domésticas e desempenho escolar em adolescentes. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 220-235, 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872019000100009&lng=en&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872019000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 11 jul. 2022.

WIGUNA, T.; MINAYATI, K.; KALIGIS, F.; ISMAIL, R. I.; WIJAYA, E.; MURTANI, B. J.; PRADANA, K. The effect of cyberbullying, abuse, and screen time on non-suicidal self-injury among adolescents during the pandemic: a perspective from the mediating role of stress. **Frontiers in psychiatry**, v. 12, 2021.

WINNICOTT, D. W. Influências de grupo e a criança desajustada: o aspecto escolar (1955). *In*: WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005. p. 215-226.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo (1957)**. 6. ed. [reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

WINNICOTT, D. W. A criatividade e suas origens (1953). *In*: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2019b.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual (1965)**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b. (Trabalho original publicado em 1965).

WINNICOTT, D. W. A localização da experiência cultural (1953). *In*: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Ubu Editora, 2019d.

WINNICOTT, D. W. Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? (1979). *In*: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, p. 114-127, 2007.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas (1956)**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. Jogo do rabisco (1968). *In*: WINNICOTT, C. (Org.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 230-243.

WINNICOTT, D. W. **Natureza Humana (1988)**. Tradução: Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação (1979)**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade (1953)**. São Paulo: UBU Editora, 2019a.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1953). *In*: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2019c.

WINNICOTT, D. W. Adolescência: transpondo a zona de calma. *In*: WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual (1965)**. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. p. 115-127.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência (1984)**. 5. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO]. **Doença de coronavírus 2019 (COVID-19)** – Situação Relatório - 78, 2020. Disponível em: [https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200407-sitrep-78-covid-19.pdf?sfvrsn=bc43e1b\\_2](https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200407-sitrep-78-covid-19.pdf?sfvrsn=bc43e1b_2). Acesso em: 14 abr. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO]. **COVID-19 parenting**. Disponível em: <https://www.covid19parenting.com>. Acesso em: 2020 abr. 2022.

YANG, Q.; YI, C.; VAJDI, A.; COHNSTAEDT, L. W.; WU, H.; GUO, X.; SCOGLIO, C. M. Short-term forecasts and long-term mitigation evaluations for the COVID-19 epidemic in Hubei Province, China. **medRxiv**, 2020.

ZANON, C.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; WECHSLER, S. M.; FABRETTI, R. R.; ROCHA, K. N. D. COVID-19: Implicações e aplicações da Psicologia Positiva em tempos de pandemia. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200072>

ZHANG, J.; WU, W.; ZHAO, X.; ZHANG, W. Recommended psychological crisis Intervention response to the 2019 novel coronavirus pneumonia outbreak in China: A model of West China Hospital. **Precision Clinical Medicine**, v. 3, n. 1, p. 3-8, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/pcmedi/pbaa006>. Acesso em: 25 jul. 2020.

ZUCATO, F. *et. al.* A rotina em tempos de pandemia. **Serviço-Escola de Psicologia, PUC Campinas**, Campinas, SP, 2020.

ZUGE, S. S.; SOUZA, J. B. DE.; BRUM, C. N.; POTRICH, T.; LAGO, A. L.; VITALLE, M. S. DE S. Repercussões da Covid-19 para a saúde de adolescentes. **RECOM (Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro)**, 2022 (no prelo).

APÊNDICE A – O SIGNIFICADO DA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO DE  
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PARA ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO DO  
NORDESTE

<b>Figura</b>	<b>Temas do Desenho</b>	<b>Temas da Estória</b>	<b>Temas unificados</b>
<b>Figura 1</b> L.B.	*Estudos *Aparelho tecnológico - notebook	*Mudança de rotina (escola; cursinho); *Dificuldades de adaptação (estudos; banda larga *Superação (adaptação a nova rotina); *Cumprimento da quarentena; *Esperança (melhoria da situação de pandemia);	*Estudos (livros; caderno, lápis/ Estudo remoto); *Aparelhos tecnológicos (notebook e aula remota); *Mudança de rotina (escola; cursinho); *Dificuldades de adaptação (estudos; banda larga *Superação (adaptação a nova rotina); *Sentimentos: esperança -melhoria da situação de pandemia); * Distanciamento físico (quarentena)
<b>Figura 2</b> M.K.	*Isolamento social (adolescente dentro de casa)	*Cumprimento da quarentena (sinônimo de prisão; prevenção da saúde); *Superação (dificuldades, incertezas, mas deu certo no fim);	*Sentimentos: Solidão  *Distanciamento físico ((sinônimo de prisão; prevenção da saúde);  *Superação (dificuldades, incertezas, mas deu certo no fim);
<b>Figura 3</b> L.B	Festa (adolescentes em festa); Descumprimento da quarentena;	*Descumprimento da quarentena- irresponsabilidade- não compreensão da situação(festas); *Relações exógenas (grupo de amigos em festa); *Adolescente com covid-19 e outros infectados;	*Violação do isolamento (afastamento físico) (festa) *descumprimento do distanciamento físico(festa); *Irresponsabilidade (contaminação); *Adoecimento (um adolescente contamina outros); *Relações exógenas (grupo de amigos em festa);
<b>Figura 4</b> M.S.	Estudo remoto	*Aulas remotas - cansativo *Realidade	*Sentimentos (Rotina cansativa de estudos); *Desigualdade social (para a minoridade que tem acesso); Tecnologia (aulas virtuais) Estudos – aulas virtuais
<b>Figura 5</b> E.A.	Estudo remoto; Desigualdade (Família a mesa – escassez de alimento);	*Crítica social – (realidades contrárias – desigualdade social e econômica); *Estudo remoto; *Relações exógenas (amigos do adolescente inseguros, tristes); *Adolescente de baixa renda (escassez de alimento); *Desemprego (pai do adolescente); *Solidariedade (doações para família carente);	*Estudos (aula remota) *Aparelho tecnológico (computador-aula); *Desigualdade social (família em vulnerabilidade social - (realidades distintas); - crítica *Alimentação (família mesa escassa mesa escassa); *Relações endógenas (família ao redor de mesa escassa) *Relações exógenas (amigos do adolescente inseguros, tristes); *Aparelho tecnológico (aula remota)

			<p>*Sentimentos (tristeza, insatisfação; insegurança; solidariedade (doações para família carente))</p> <p>*Vida Laboral (desemprego);</p>
<b>Figura 6</b> M.V.	Aparelhos tecnológicos (celular); distanciamento físico;	<p>*Pandemia – ambiguidade: bom e ruim;</p> <p>*Ociosidade: bom;</p> <p>* cumprimento da quarentena (em casa)</p> <p>*Afastamento físico: ruim (caos); chato; - sem abraçar; conversar</p>	<p>*Aparelhos tecnológicos (celular);</p> <p>*Conflitos emocionais: bom (ociosidade)/(ruim) afastamento físico (chato; - sem abraçar; conversar);</p> <p>*Ociosidade (bom);</p> <p>*Distanciamento físico (cumprimento da quarentena/ ruim-caos)</p> <p>*Sentimentos (solidão (sem falar com pessoas, conversar, abraçar.))</p>
<b>Figura 7</b> L.A.	*Distintos pensamentos (sentimentos; relações exógenas; estudos; questionamentos).	<p>*Cumprimento da quarentena (menos produtividade);</p> <p>*Relações exógenas (afastamento físico);</p> <p>*Estudo remoto (dificuldades);</p> <p>*Relações endógenas (convívio com irmão mais novo);</p> <p>*Pensamentos (questionamentos: saúde física e mental);</p>	<p>*Distanciamento físico (sem sair da quarentena- prisão-enclausuramento);</p> <p>*Conflito Mental (muitos pensamentos distintos; sentimentos; relações exógenas; estudos; questionamentos).</p> <p>*Relações exógenas (afastamento físico dos amigos);</p> <p>*Relações endógenas (convívio com irmão mais novo – algo negativo);</p> <p>*Estudos - aulas remotas; dificuldade nos estudos; desanimo (improdutividade, não consegue sair da cama);</p> <p>*Aparelhos tecnológicos (aulas remotas)</p> <p>*Sentimentos: desanimo, desestabilização, questionamentos quanto sanidade mental; solidão (não ter a quem recorrer; questionamento sobre morte (será que sai viva))</p>
<b>Figura 8</b> L.R.	sentimentos (tristeza; ansiedade; estresse).	Sentimentos (tristeza; ansiedade; estresse; preocupação; confusão; frustração).	*Sentimentos (tristeza; ansiedade; estresse; preocupação; confusão; frustração).
<b>Figura 9</b> J.D.	*Aparelhos tecnológicos (Tv - Noticiário sobre covid-19); *distanciamento físico; *Comida;	<p>* Sentimentos: (tédio);</p> <p>*Cumprimento da quarentena;</p> <p>*Afastamentos: escola; lazer; amigos;</p>	<p>*Aparelhos tecnológicos ((Tv - Noticiário sobre não ter mais aula por causa da covid-19 e não poder sair de casa);</p> <p>*Alimentação (<i>fast food</i>)</p> <p>*Sentimentos: (tédio);</p> <p>*distanciamento físico (cumprimento da quarentena-tédio)</p> <p>* Relações Exógenas (amigos – afastamentos);</p> <p>* Mudança de rotina (afastamento escola, amigos e lazer);</p>

<b>Figura 10</b> S.T.	*Aparelhos tecnológicos (tv); distanciamento físico;	Atualidade; *Aparelhos tecnológicos (tv); Ociosidade (não produtivo);	*distanciamento físico (cumprimento da quarentena); *Aparelhos tecnológicos (tv); *Ociosidade (não produtivo);
<b>Figura 11</b> Y.C.	*Cumprimento da quarentena; *Anseio por sair (tristeza); *Prevenção (álcool em gel; máscara); * Tristeza (choro);	*Anseios (pela escola; relações exógenas); *Cumprimento da quarentena (consciente desta medida de prevenção); * Família	*Distanciamento físico; *Cumprimento da quarentena; *Sentimentos (tristeza – anseio por sair; choro, medo/ cuidado para com a família) *Prevenção (álcool em gel; máscara, ficar em casa); *Relações endógenas (Família / cuidado com a família);
<b>Figura 12</b> A.B.	*Saída de casa (adolescente e mãe ao supermercado); *Prevenção (uso de máscara) *Relações endógenas (saudáveis);	*Distanciamento físico: mas Saída de casa (adolescente e pais ao supermercado); *Prevenção (uso de máscara); *Relações endógenas (saudável);	*Proteção/prevenção (uso de máscara); *Relações endógenas (saudáveis); * Distanciamento físico: Saídas Necessárias (adolescente e mãe ao supermercado); Sentimento: satisfação (“adora passar o tempo com a família”)
<b>Figura 13</b> L.M.	*Aparelhos tecnológicos (celular); distanciamento físico (dentro de casa);	*Sentimentos (solidão; medo); *Aparelhos tecnológicos (tv; celular: companhia); *rotina (todo dia na tv);	*Aparelhos tecnológicos (tv-celular: companhia); *distanciamento físico (dentro de casa- rotina (todo dia na tv); Sentimentos (solidão - se desenhou sozinha em casa);
<b>Figura 14</b> R.O	*Relação endógena (diálogo mãe e filha); *Estudos (necessidade); * Crítica social;	* Desigualdade no Brasil (Estudantes de baixa renda); *Escassez de alimento;	*Relação endógena (diálogo aflito entre mãe e filha); *Estudos (necessidade e impossibilidade); *Desigualdade Social/Vulnerabilidade social (sem estudar e roupas remendadas - crítica); *Sentimentos - tristeza); *Alimentação – (escassez);
<b>Figura 15</b> R.B.	Estudos (aula remota);	Cumprimento da quarentena (vida diferente); Estudos;	*Aparelhos tecnológicos (computador) *Distanciamento físico (Cumprimento da quarentena); *Mudança de rotina (vida diferente); *Estudos (dificuldade durante pandemia);
<b>Figura 16</b> M.R.	Adolescente sozinho (sem fazer nada);	*Sozinho/ exclusão do grupo (antes e durante quarentena); *Relações exógenas (poucos amigos); *Distúrbios mentais (transtorno de ansiedade);	*Relações exógenas (poucos amigos/ exclusão do grupo – algo negativo *Sentimento: (Solidão -Sozinho - exclusão do grupo; transtorno ansiedade; sofrimento psíquico. )
<b>Figura 17</b> H.M.	*Hospitalização adolescente; *Doença *Enfermeira (cuidado);	*Hospitalização adolescente com covid-19 – tratamento; *Irresponsabilidade (teimosia);	*Sentimento: cuidado / profissional (enfermeira); *Descumprimento do distanciamento físico (teimosia); *Adoecimento/ Hospitalização (covid).

<b>Figura 18</b> A.O.	*Estudo remoto; *Confusão mental;	*Conflitos mentais (puberdade; pandemia); *Emoções (ansiedade); *Notícias online sobre covid-19;	*Aparelhos tecnológicos – computador– internet – notícias covid; *Distanciamento físico (em quarentena) *Conflitos mentais (Confusão mental) *Sentimentos: ansiedade; *Puberdade – mudanças corporais;
<b>Figura 19</b> A.J.	*Distanciamento físico (pessoas; animais); *Tristeza	*Fé (religiosidade; autoridade de Deus); *Cumprimento da quarentena (perda da liberdade); *Relações endógenas (avó – preocupação pela avó); *Prevenção (ambientes ventilados; não aglomerações; com animais) *Sentimentos: Superação da preocupação; agonia; tristeza; *Esperança -	*Distanciamento físico (perda da liberdade); *Fé/Religiosidade - autoridade de Deus de vida e morte); *Relações endógenas (avó – preocupação pela avó); *Prevenção (ambientes ventilados; não aglomerações; com animais, distanciamento, máscara); *Sentimentos: Superação pela fé em DEUS – tinha preocupação; agonia; tristeza; dor, pranto, angústia por ver a avó nessa época de pandemia); esperança; “Encontrar Deus é a melhor solução”
<b>Figura 20</b> J.G.	*Prevenção e higiene (máscara; álcool em gel; água);	*Conscientização/ Cuidado (consigo; com familiares; crianças e idosos); *Prevenção (máscara; lavar as mãos e máscara);	*Relações endógenas: crianças e idosos *Prevenção/ Conscientização (higiene, máscara; lavar as mãos e máscara; conscientização consigo e com outro, álcool em gel; água; proteção dentro de uma cápsula. *Sentimentos: consigo; com familiares; crianças e idosos);
<b>Figura 21</b> K.V.	*Estudos	*Escola (interrupção dos estudos devido pandemia);	*Estudos – caderno - interrupção dos estudos devido a doença - covid;
<b>Figura 22</b> D.A.	Estudos; atividades domésticas (organização);	*Mudança de rotina (viajava; passeava; brincava); *Distanciamento físico: Cumprimento da quarentena (muitas atividades: Estudos (ler; atividades); * Atividades domésticas Aparelho tecnológico (interação virtual – celular); *Adaptação/Superação (antes não tinha muito que fazer, depois descobriu atividades); *Normalidade;	* instrumento musical; *Mudança de rotina (viajava; passeava; brincava – boa; *Atividade laboral (atividades domésticas); *Estudos (livros, ler; atividades); *Aparelhos tecnológicos – (celular) * Sentimentos: Superação /Adaptação (antes não tinha muito que fazer, depois descobriu atividades; adaptação da nova normalidade); *Distanciamento físico: Cumprimento da quarentena (muitas atividades:

<p><b>Figura 23</b> R.O.</p>	<p>*Trabalho adolescente informal (vendedor de pipoca e água em avenidas);</p>	<p>*Sonhos (jogador profissional de futebol); *Trabalho informal em família (vendedores no trânsito); *Relações endógenas (Família de baixa renda – busca por melhores condições de vida); *Crítica social (realidade adolescente em pandemia);</p>	<p>*Projetos de Vida (sonho jogador profissional de futebol p/ ajudar pais); *Vulnerabilidade/Desigualdade social - diferença de realidades (crítica); *Relações endógenas – união *Sentimentos: superação - esforço, determinação *Atividade laboral (vendedor ambulante– vendedor de trânsito necessidade p/ família – vendedores ambulantes).</p>
<p><b>Figura 24</b> G.M.</p>	<p>*Aparelhos tecnológicos (tv – entretenimento); *Comida (fast food); *Sentimentos da quarentena;</p>	<p>*Mudança de rotina (antes escola e atividades extracurriculares = cansaço); *Cumprimento da quarentena (deleite para entretenimento) *Aparelhos tecnológicos (Tv- entretenimento/<i>Netflix</i>); *Comida (<i>fast food</i>); Estudos (pausa das atividades escolares e extracurriculares devido o fechamento das escolas na quarentena</p>	<p>*Sentimentos: satisfação “aproveitando a pandemia para assistir”; *Mudança de rotina (antes escola e atividades extracurriculares = cansaço); *Distanciamento físico (- cumprimento da quarentena - deleite para entretenimento); *Aparelhos tecnológicos (entretenimento/<i>Netflix</i>); *Alimentação (fast food); *Estudos (pausa das atividades escolares e extracurriculares devido o fechamento das escolas na quarentena.</p>

Fonte: autora (2022).

APÊNDICE B – O SIGNIFICADO DA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO DE PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PARA ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DO NORDESTE

Nome	Temas do Desenho	Temas da Estória	Temas unificados
<b>Figura 25</b> G.M.	*Adoecimento/Morte (adolescente tossindo)	Descumprimento de quarentena (sair de casa e sem máscara); Contexto social (espaços públicos-praça); Contaminação (covid-19);	*Violação do distanciamento físico (descumpriu quarentena - passeio); *Contexto social (espaços públicos-praça); *Adoecimento (covid-19); *Morte
<b>Figura 26</b> R.M.	(adolescente com bebida)	*Descumprimento de quarentena hábito: festas públicas; consumir bebidas) *Intervenção militar (PM acabar com festa); *Sintomas da covid-19 *Relações endógenas (busca auxílio -tios) *Recuperação da covid-19 *Cumprimento da quarentena (ficar em casa); *Conscientizar-se	*Alimentação (bebidas alcoólicas); *Descumprimento do distanciamento físico (saída para festa- paredão; mas depois conscientizou-se e cumpriu) *Contexto social (paredões – festa); *Conflito com lei/ autoridades (acaba com a festa) *Adoecimento – sintomas da covid-19); *Relações endógenas (busca auxílio -tios) *Relações exógenas (colegas de festa); *Sentimentos: superação do conflito: espanto, medo com o adoecimento (devido descumprindo quarentena) mas recupera-se com ajuda da família.
<b>Figura 27</b> T.L.	Prevenção (adolescente de máscara)	*Prevenção da covid-19 (usar máscara; álcool em gel); *Cumprimento da quarentena (ficar em casa; sair só p/ necessidades básicas e emergências).	*Sentimento (medo). *Prevenção (usar máscara; álcool em gel); *Distanciamento físico (cuidado para não adoecer); - Saídas necessárias (necessidades básicas e emergências);
<b>Figura 28</b> L.M.	Prevenção (adolescente em automóvel de máscara)	*Prevenção *Relações endógenas (Adolescente e família mudam-se de Estado e vão morar em interior);	*Prevenção (máscara; buscar um maior isolamento –interior); * Aparelhos tecnológicos (gps); *Mudança de rotina (saindo de carro)- Migração obrigatória devido covid-19 *Relações endógenas (Adolescente e família abastada mudam-se de Estado e vão morar em interior);
<b>Figura 29</b> L.A.	Prevenção (adolescente com álcool em gel na mão)	*Medidas preventivas – Leis (obrigatoriedade de máscara e álcool em gel)	*Prevenção / proteção (máscara e álcool em gel); Leis (obrigatoriedade de máscara e álcool em gel);

<b>Figura 30</b> J. G	Aparelhos tecnológicos (adolescentes usando celular);	*Aparelhos tecnológicos (uso do celular); *Comer (hábito dos jovens em quarentena) *Sentimentos: Ociosidade (“falta do que fazer”) *Cumprimento da quarentena (adolescente sem poder sair de casa);	*Aparelhos tecnológicos (uso do celular); *Alimentação (hábito dos jovens em quarentena – fast food); *Distanciamento físico (cumprindo quarentena/ impossibilidade de sair de casa- negativo); *Sentimentos: Ociosidade (“falta do que fazer”)
<b>Figura 31</b> G.B.	Aparelhos tecnológicos (adolescente usando celular);	*Cumprimento da quarentena (afastamento da escola; amigos; igreja); *Outra realidade (situação de pandemia); *Sentimentos: Superação (adolescente conseguiu comunicar-se, perder timidez na igreja);	*Distanciamento físico (Cumprimento da quarentena (afastamento da escola; amigos (brincadeiras); igreja); *Relações exógenas (escola, Igreja) *Mudança de rotina (situação de pandemia); *Sentimentos: Superação (adolescente conseguiu comunicar-se, perder timidez na igreja, tornou-se comunicativo e ativo); *Fé/Religiosidade – responsabilização pela superação; batismo, benção
<b>Figura 32</b> G.R.	*Fé (adolescente falando com Deus); *Anseio pelo fim da quarentena;	* cumprimento da quarentena; *Sentimentos: Tristeza (gostava de sair; tédio em ficar em casa)	*Fé (adolescente de joelhos falando com Deus); *Distanciamento físico (cumprindo quarentena, impossibilidade de sair - negativo); *Sentimento (tristeza); tédio; anseio pelo fim da pandemia;

Fonte: autora (2022).

APÊNDICE C – O SIGNIFICADO DA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO DE PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PARA ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DO SUDESTE

Nome	Temas do Desenho	Temas da Estória	Temas unificados
<b>Figura 33</b> N.T.	*Distanciamento físico (em quarentena); *Aparelhos tecnológicos (tv- <i>Netflix</i> )	*Distanciamento físico (em quarentena); *Aparelhos tecnológicos ( <i>Netflix</i> -séries – dia todo) *Alimentação (lanche, almoço); *Sentimentos (folga; relaxado)	*Distanciamento físico (em quarentena); *Aparelhos tecnológicos ( <i>Netflix</i> - séries – dia todo) *Alimentação (lanche, almoço); *Sentimentos
<b>Figura 34</b> R.A.	*Distanciamento físico (em quarentena); *Aparelhos tecnológicos (celular) *Sentimentos (relaxado)	*Distanciamento físico (em quarentena); *Aparelhos tecnológicos (celular-jogos, conversa c/ amigos; Tv-assistindo; compras pela internet) *Estudos *Relações exógenas (conversa com amigos-virtual) *Projetos de vida (viagens após pandemia) *Hobby (jogar no celular-cita jogo favorito) *Sentimentos (satisfação, relaxamento)	*Distanciamento físico (em quarentena); *Aparelhos tecnológicos (celular-jogos, conversa c/ amigos; Tv-assistindo; compras pela internet) *Estudos *Relações exógenas (conversa com amigos-virtual) *Projetos de vida (viagens após pandemia) *Hobby (jogar no celular-cita jogo favorito) *Sentimentos (satisfação, relaxamento)
<b>Figura 35</b> L. M.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Aparelhos tecnológicos (celular; Tv; computador) *Estudos (remoto)	*Distanciamento físico (em quarentena) *Estudos (muitas atividades; aula online) *Sentimentos (pressão; pensamentos bagunçados; afetações); *Relações endógenas (pressão dos pais – perda de emprego) *Atividade laboral (desemprego dos pais) *Aparelhos tecnológicos (Tv; celular- estudos ; notícias ruins) * Mudança de Rotina (seria um ano de recomeço; mudança nas escolas; rotina em casa chata)	*Distanciamento físico (em quarentena) *Estudos (muitas atividades; aula online) *Sentimentos (pressão; pensamentos bagunçados - “turbilhões de pensamentos”); *Relações endógenas (pressão dos pais – perda de emprego) *Atividade laboral (desemprego dos pais) *Aparelhos tecnológicos (Tv; celular- estudos ; notícias ruins) * Mudança de Rotina (seria um ano de recomeço; mudança nas escolas; rotina em casa chata)
<b>Figura 36</b> E.C.	*Prevenção/Proteção (máscara) *Saídas necessárias (adolescente fora de casa) *Sentimentos (solidão)	*Sentimentos (chateação; solidão; afastamentos) *Relações exógenas (afastamento dos amigos – solidão) *Mudança de rotina (afastamento dos muitos amigos-solidão) *Distanciamento físico (em quarentena)	*Prevenção/Proteção (máscara) *Sentimentos (chateação; solidão; afastamentos) *Relações exógenas (afastamento dos amigos – solidão) *Mudança de rotina (afastamento dos muitos amigos-solidão) *Distanciamento físico (em quarentena)

<p><b>Figura 37</b> L.S.</p>	<p>*Sentimentos (solidão) *Distanciamento físico (dentro de um cômodo)</p>	<p>*Sentimentos (solidão) *Distanciamento físico (dentro de um cômodo-olhando pela janela a rua) *Mudança de rotina (usando janela para ver a rua)</p>	<p>*Sentimentos (solidão) *Distanciamento físico ((em quarentena) *Mudança de rotina (usando janela para ver a rua)</p>
<p><b>Figura 38</b> M.M.</p>	<p>*Relações exógenas (afastamento dos amigos -negativo) *Sentimentos (tristeza; choro) *Distanciamento físico (em quarentena)</p>	<p>*Mudança de rotina (impedimento de sair de casa; sem aulas presenciais) *Distanciamento físico (em quarentena – afastamento negativo) *Relações endógenas (diálogo c/ mãe; afastamento de familiares – negativo); *Sentimentos: Superação do conflito- dúvidas sobre o vírus, depressão, choro depois de 1 bom tempo voltou a vida social – andar nas ruas, ver amigos – felicidade) *Relações exógenas (amizades – afastamento negativo)</p>	<p>*Mudança de rotina (impedimento de sair de casa; sem aulas presenciais) *Distanciamento físico (em quarentena – afastamento negativo) *Relações endógenas (diálogo c/ mãe; afastamento de familiares – negativo) *Relações exógenas (amizades – afastamento negativo) *Sentimentos: Superação do conflito- dúvidas sobre o vírus, depressão, choro depois de 1 bom tempo voltou a vida social – andar nas ruas, ver amigos – felicidade)</p>
<p><b>Figura 39</b> D.P.</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena) *Estudos (remoto; livro) *Aparelhos tecnológicos (laptop - estudos) *Alimentação (<i>fast food</i> – bebida)</p>	<p>*Estudos (remoto- vídeo aulas; prova; livros, caderno) *Relações exógenas (jogo de futebol) *Descumprimento do distanciamento físico (jogo de futebol) *Aparelhos tecnológicos (laptop - estudos e pesquisas; celular – chamadas de emergência; <i>delivery</i>) *Alimentação (<i>delivery</i>) *Sentimentos: satisfação- “As aventuras de Jonatas”</p>	<p>*Estudos (remoto- vídeo aulas; prova; livros, caderno) *Relações exógenas (jogo de futebol) *Descumprimento do distanciamento físico (jogo de futebol) *Aparelhos tecnológicos (laptop - estudos e pesquisas; celular – chamadas de emergência; <i>delivery</i>) *Alimentação (<i>delivery, fast food</i> – bebida) *Sentimentos: satisfação- “As aventuras de Jonatas”</p>
<p><b>Figura 40</b> S.H.</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena- no quarto) *Estudos (remoto, caderno, lápis) *Aparelhos tecnológicos (computadores) *Sentimentos (cansaço)</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena-negativo) Sentimentos (cansaço; sem aguentar mais a quarentena; <i>on-off</i>, cansaço) *Estudos (aula online; rotina puxada; dificuldades de acompanhar e entender matéria) *Atividade laboral (auxílio nas atividades da casa) *Aparelhos tecnológicos (computadores - assistir filme/série/jogos) *Relações exógenas (jogos online c/ amigos) *Relações endógenas (pais e irmãos – saudável)</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena-negativo) Sentimentos (cansaço; sem aguentar mais a quarentena; <i>on-off</i>) *Estudos (aula online; rotina puxada; dificuldades de acompanhar e entender matéria) *Atividade laboral (auxílio nas atividades da casa) *Aparelhos tecnológicos (computadores (aula online)- assistir filme/série/jogos) *Relações exógenas (jogos online c/ amigos); *Relações endógenas (pais e irmãos – saudável)</p>

<b>Figura 41</b> N.P.	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Distanciamento físico (em quarentena)</li> <li>*Mudança de rotina (afastamento de interação c/ amigos – agora vida + virtual)</li> <li>*Aparelhos tecnológicos (computador; videogames; jogos)</li> <li>*Alimentação (comida)</li> <li>*Prevenção/Proteção (máscara)</li> <li>*Relações exógenas (amizades – positiva – futebol)</li> <li>*Contexto social (campo de futebol – jogo com amigos)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Aparelhos tecnológicos (computador – jogos; Tv - assistir)</li> <li>*Distanciamento físico (em quarentena - trancafiado)</li> <li>*Mudança de rotina (afastamento de interação/ brincadeiras físicas– agora vida + virtual)</li> <li>*Alimentação (muita comida - engordando)</li> <li>*Relações exógenas (amizades – positiva – futebol)</li> <li>*Sentimentos (recordações antes da pandemia; trancafiado)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Aparelhos tecnológicos (computador – jogos; amizades virtuais, Tv - assistir);</li> <li>*Distanciamento físico (em quarentena - trancafiado);</li> <li>*Mudança de rotina (afastamento de interação/ brincadeiras físicas– agora vida + virtual);</li> <li>*Alimentação (muita comida - engordando);</li> <li>*Relações exógenas (amizades – positiva – futebol);</li> <li>*Sentimentos (saudosismo- recordações antes da pandemia; trancafiado);</li> <li>*Prevenção/Proteção (máscara)</li> <li>*Contexto social (campo de futebol – jogo com amigos);</li> </ul>
--------------------------	--	---	---

Fonte: autora (2022).

APÊNDICE D– O SIGNIFICADO DA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO DE  
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PARA ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO DO  
SUDESTE

Nome	Temas do Desenho	Temas da Estória	Temas unificados
<b>Figura 42</b> Y.P.	*Estudos (atividades; caderno e aula online) *Aparelhos tecnológicos (computador, celular) *Distanciamento físico (em quarentena) *Sentimentos (tristeza)	*Estudos (greve e depois aula online; aplicativo; apostila com atividades) *Aparelhos tecnológicos (aplicativo) *Sentimentos (cansaço; ânsia pelo fim da pandemia); *Distanciamento físico (em quarentena) *Rotina (cansativa: das 7 às 23h) *Relações exógenas (professores – comunicação/assistência online)	*Estudos (greve e depois aula online; aplicativo; apostila com atividades) *Aparelhos tecnológicos (computador, celular, aplicativo) *Sentimentos (tristeza, cansaço; ânsia pelo fim da pandemia); *Distanciamento físico (em quarentena) * Rotina (cansativa: das 7 às 23h) *Relações exógenas (professores – comunicação/assistência online)
<b>Figura 43</b> Y.P.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Estudos (lendo) *Sentimentos (alegria)	*Distanciamento físico (em quarentena- tem lado bom) *Mudança de rotina (saia para passear, agora em casa) *Contexto social (céu mais lindo; ar mais puro; ruas mais limpas) *Sentimentos: superação do conflito: satisfação, alegria, (reflexão sobre a pandemia. teve que ficar em casa, mas viu lado bom, positivo, assim como demais coisas da vida tem esse lado positivo).	*Distanciamento físico (em quarentena- tem lado bom); *Mudança de rotina (saia para passear, agora em casa); *Sentimentos: superação do conflito: satisfação, alegria, (reflexão sobre a pandemia. teve que ficar em casa, mas viu lado bom, positivo, assim como demais coisas da vida tem esse lado positivo). *Estudos (lendo); *Contexto social (céu mais lindo; ar mais puro; ruas mais limpas);
<b>Figura 44</b> T.H.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Aparelhos tecnológicos (TV-Netflix) *Alimentação ( <i>fast Food</i> )	Rotina (repetitiva no assistir série- horas por dia) *Aparelhos tecnológicos (TV-Netflix-série; celular) Relações endógenas (mãe-positivo) Alimentação (almoço; arroz, tomate) Saídas necessárias (comprar comida) Distanciamento físico (em quarentena)	Rotina (repetitiva no assistir série- horas por dia); *Aparelhos tecnológicos (TV-Netflix-série; celular); *Relações endógenas (mãe-positivo); *Alimentação (almoço; arroz, tomate, <i>fast food</i> ); *); *Distanciamento físico (em quarentena e Saídas necessárias (comprar comida) );
<b>Figura 45</b> M.L.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Aparelhos tecnológicos (TV-Netflix)	*Distanciamento físico (em quarentena) *Aparelhos tecnológicos (Tela – maior parte do dia) *Sentimento: Ociosidade (não tem opção e ficam diante de 1 tela) *Estudos (não especifica meio)	*Distanciamento físico (em quarentena); *Aparelhos tecnológicos (Tela – maior parte do dia, Netflix); *Sentimento: Ociosidade (não tem opção e ficam diante de 1 tela); *Estudos (não especifica meio).

<p><b>Figura 46</b> G.M.</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena) *Estudos (aula online; atividades; curso) *Aparelhos tecnológicos (Notebook) *Relações endógenas (família) *Atividade laboral (trabalho) *Fé/Religiosidade (Deus) *Conflito mental (diversos pensamentos)</p>	<p>*Sentimentos (pressão; preocupação, responsabilidades, impotência, ansiedade, incapacidade, desespero, desgaste) *Distanciamento físico (em quarentena); *Conflito mental (diversos pensamentos; pressões)</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena); *Estudos (aula online; atividades; curso); *Aparelhos tecnológicos (Notebook); *Relações endógenas (família); *Atividade laboral (trabalho); *Fé/Religiosidade (Deus); *Conflito mental (diversos pensamentos); *Sentimentos (pressão; preocupação, responsabilidades, impotência, ansiedade, incapacidade, desespero, desgaste);</p>
<p><b>Figura 47</b> G.C.</p>	<p>*Mudança de rotina (lazer; escola; igreja) *Distanciamento físico (em quarentena) *Aparelhos tecnológicos (notebook, celular) *Relações exógenas (amizades) *Estudos (escola-lembrança de como era); *Sentimentos (alegria-ao recordar atividades anteriores a pandemia)</p>	<p>*Sentimentos (ânsia pelo fim da pandemia; saudades -escola, amizades, igreja, passeios- cansaço); *Distanciamento físico (em quarentena – “não aguento mais”) *Estudos (aula online, atividades) *Relações exógenas (amizades – afastamento e retomada – mensagens) *Atividade laboral (obrigações em casa) *Aparelhos tecnológicos (computador) *Fé/Religiosidade (igreja) *Mudança de rotina (lazer; escola; igreja)</p>	<p>*Sentimentos (ânsia pelo fim da pandemia; saudades -escola, amizades, igreja, passeios- cansaço); *Distanciamento físico (em quarentena – “não aguento mais”); *Estudos (aula online, atividades); *Relações exógenas (amizades – afastamento e retomada – mensagens); *Atividade laboral (obrigações em casa); *Aparelhos tecnológicos (computador- aulas online, atividades; celular (mensagens com as amigas); *Fé/Religiosidade (igreja); *Mudança de rotina (lazer; escola; igreja);</p>
<p><b>Figura 48</b> M.P.</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena) *Sentimentos expressões (solidão, tristeza)</p>	<p>*Ociosidade (tédio) *Distanciamento físico (em quarentena – início foi legal agora trancada/enfornada) *Relações endógenas (irmãos - chateação) *Hobby (ler, ouvir música) *Aparelhos tecnológicos (ouvir música); *Mudança de rotina (sente falta da liberdade, de sair) *Sentimentos (tédio, incerteza, enfornada, trancada, não liberdade)</p>	<p>*Ociosidade (tédio); *Distanciamento físico (em quarentena – início foi legal agora trancada/enfornada); *Relações endógenas (irmãos - chateação); *Hobby (ler, ouvir música); *Aparelhos tecnológicos (ouvir música); *Mudança de rotina (sente falta da liberdade, de sair); *Sentimentos (tédio, incerteza, enfornada, trancada, não liberdade).</p>
<p><b>Figura 49</b> A.M.</p>	<p>Aparelhos tecnológicos (tv) Distanciamento físico (em quarentena)</p>	<p>*Aparelhos tecnológicos (tv) *Distanciamento físico (em quarentena);</p>	<p>*Aparelhos tecnológicos (tv); *Distanciamento físico (em quarentena);</p>

Fonte: autora (2022).

APÊNDICE E – O SIGNIFICADO DA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO DE  
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PARA ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO DA  
REGIÃO SUL DO BRASIL

Nome	Temas do Desenho	Temas da Estória	Temas unificados
<b>Figura 50</b> M.E.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Prevenção/Proteção (máscara; álcool em gel)	*Mudança de rotina (afastamento da escola; afastamento das pessoas – não tocá-las) *Estudos (deveres em casa) *Distanciamento físico (em quarentena – como proteção) *Prevenção/Proteção (higiene - lavar as mãos corretamente) *Sentimentos (solidão)	*Mudança de rotina (afastamento da escola; afastamento das pessoas – não tocá-las); *Estudos (deveres em casa); *Distanciamento físico (em quarentena – como proteção); *Prevenção/Proteção (higiene - lavar as mãos corretamente, máscara; álcool em gel); *Sentimentos (solidão).
<b>Figura 51</b> G.B.	*Aparelhos tecnológicos (celular) *Distanciamento físico (em quarentena) *Sentimentos (solidão)	*Sentimentos (preguiça) *Ociosidade (não quer fazer nada – além de dormir e usar celular) *Aparelhos tecnológicos (celular) *Distanciamento físico (em quarentena)	*Sentimentos (preguiça, solidão); *Ociosidade (não quer fazer nada – além de dormir e usar celular); *Aparelhos tecnológicos (celular); *Distanciamento físico (em quarentena).
<b>Figura 52</b> G.S.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Aparelhos tecnológicos (celular)	*Mudança de rotina (afastamento de lazer com amigos; rotina agora é presa em casa usando celular) *Relações exógenas (afastamento - negativo) *Sentimentos (tédio, aprisionamento) *Distanciamento físico (em quarentena - prisão) *Superação (mexer no celular para lidar com o tédio da quarentena)	*Mudança de rotina (afastamento de lazer com amigos; rotina agora é presa em casa usando celular); *Relações exógenas (afastamento -negativo); *Sentimentos (tédio, aprisionamento); *Distanciamento físico (em quarentena - prisão); *Superação (mexer no celular para lidar com o tédio da quarentena). Aparelhos tecnológicos (celular)
<b>Figura 53</b> M.C.	*Relações endógenas (cada membro em uma atividade) *Não interação familiar (cada membro em uma atividade) *Atividade laboral (pai-trabalho presencial; mãe-atividade doméstica) *Estudos (remoto) *Aparelhos tecnológicos (celular) *Distanciamento físico (em quarentena)	*Relações endógenas (cada membro em uma atividade; avó mora perto) *Não interação familiar (cada membro em uma atividade) *Atividade laboral (pai-trabalho presencial; mãe-atividade doméstica) *Estudos (remoto; <i>study</i> – publica estudos) *Aparelhos tecnológicos (celular – estudos e redes sociais) *Relações exógenas (vizinhas - positivo) *Sentimentos (carinho) *Distanciamento físico (em quarentena)	*Relações endógenas (cada membro em uma atividade; avó mora perto); *Estudos (remoto; <i>study</i> – publica estudos); *Aparelhos tecnológicos (celular – estudos e redes sociais); *Relações exógenas (vizinhas - positivo); *Sentimentos (carinho); *Distanciamento físico (em quarentena).

<p><b>Figura 54</b> R.C.</p>	<p>Sentimentos (solidão); *Aparelhos tecnológicos (celular) *Distanciamento físico (em quarentena)</p>	<p>*Sentimentos (preguiça) *Estudos (remoto: desleixo por preguiça; não despertar na hora; não fazer atividades; nem participar das aulas) *Aparelhos tecnológicos (celular; TV – passa tempo) *Distanciamento físico (em quarentena)</p>	<p>*Sentimentos (preguiça, solidão); *Estudos (remoto: desleixo por preguiça; não despertar na hora; não fazer atividades; nem participar das aulas); *Aparelhos tecnológicos (celular; TV – passa tempo); *Distanciamento físico (em quarentena).</p>
<p><b>Figura 55</b> H.V.</p>	<p>*Aparelhos tecnológicos (celular; TV -youtube) *Distanciamento físico (em quarentena)</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena - obrigação) *Relações endógenas (família só usando celular) *Não interação familiar (família só usando celular; não conversavam) *Superação (adolescente paga os aparelhos tecnológicos da casa para família se relacionar, e deu certo, família conversa mais e viram que podem viver sem celular.)</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena - obrigação); *Aparelhos tecnológicos (celular; TV -youtube); *Relações endógenas (família só usando celular);-Não interação familiar (família só usando celular; não conversavam); *Sentimentos: Superação da solidão, e ausência de diálogo familiar - adolescente paga os aparelhos tecnológicos da casa para família se relacionar, e deu certo, família conversa mais e viram que podem viver sem celular);</p>
<p><b>Figura 56</b> C.Z.</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena) *Sentimentos (tristeza, raiva, frustração, solidão)</p>	<p>*Sentimentos (estresse, brigas) *Relações endógenas (brigas entre mãe-filha devido estresse da quarentena) *Distanciamento físico (em quarentena)</p>	<p>*Sentimentos (estresse, brigas, tristeza, raiva, frustração, solidão); *Relações endógenas (brigas entre mãe-filha devido estresse da quarentena); *Distanciamento físico (em quarentena).</p>
<p><b>Figura 57</b> K.V.</p>	<p>*Aparelhos tecnológicos (notebook) *Distanciamento físico (em quarentena) *Estudos (remoto, caderno, lápis)</p>	<p>*Mudança de rotina (dificuldade de comunicação com professores; muitas atividades escolares, ANTES era mais organizada as tarefas e comunicação com professores; afastamentos de pessoas) *Estudos (remoto – amontoados de atividades e trabalhos) *Aparelhos tecnológicos (E-mail, app) *Relações endógenas (aproximação dos pais) *Relações exógenas (afastamento de pessoas que amam) *Superação (diante do conflito na escola, dos afastamentos das pessoas, entende que tudo passará) *Distanciamento físico (em quarentena)</p>	<p>*Mudança de rotina (dificuldade de comunicação com professores; muitas atividades escolares, antes era mais organizada as tarefas e comunicação com professores, afastamentos de pessoas); *Estudos (remoto – amontoados de atividades e trabalhos, caderno, lápis); *Aparelhos tecnológicos (notebook, E-mail, app); *Relações endógenas (aproximação dos pais); *Relações exógenas (afastamento de pessoas que amam); *Sentimentos: Superação (diante do conflito na escola – sobrecarga -, dos afastamentos das pessoas, entende que tudo passará e aproxima-se dos pais. *Distanciamento físico (em quarentena).</p>

<p><b>Figura 58</b> S.A.</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena) Sentimentos (felicidade)</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena); *Mudança de rotina (não poder sair de casa – negativo); *Estudos (leitura de um livro que a escola tinha indicado – satisfação na atividade); *Sentimentos: Superação (diante da quarentena e da tristeza foi ler um livro e a pandemia passou durante a leitura; criatividade, satisfação);</p>	<p>*Distanciamento físico (em quarentena); *Mudança de rotina (não poder sair de casa – negativo); *Sentimentos: Superação (diante da quarentena e da tristeza foi ler um livro e a pandemia passou durante a leitura; criatividade, satisfação); *Estudos (leitura de um livro que a escola tinha indicado – satisfação na atividade);</p>
----------------------------------	--	---	---

Fonte: autora (2022).

APÊNDICE F – O SIGNIFICADO DA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO DE  
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PARA ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA  
REGIÃO SUL DO BRASIL

Nome	Temas do Desenho	Temas da Estória	Temas unificados
<b>Figura 59</b> T.F.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Sentimentos (solidão; tédio)	*Distanciamento físico (em quarentena – algo negativo mas protetivo) *Mudança de rotina (afastamento da escola; afastamento do lazer -jogar futebol – algo negativo) *Relações endógenas (família protegida em quarentena); Sentimentos: Superação (conflito do afastamento da escola, do lazer, da tristeza e do tédio, mas sabia que era para proteção dele e da família);	*Distanciamento físico (em quarentena – algo negativo mas protetivo); *Mudança de rotina (afastamento da escola; afastamento do lazer -jogar futebol – algo negativo); *Sentimentos: Superação (conflito do afastamento da escola, do lazer, da tristeza e do tédio, mas sabia que era para proteção de e da família); *Relações endógenas (família protegida em quarentena).
<b>Figura 60</b> G.M.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Aparelhos tecnológicos (celular)	*Aparelhos tecnológicos (celular) *Distanciamento físico (em quarentena)	*Distanciamento físico (em quarentena); *Aparelhos tecnológicos (celular);
<b>Figura 61</b> L.G.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Sentimentos (tristeza. Solidão)	*Relações exógenas (afastamento das pessoas, conversar pessoalmente – negativo); *Mudança de rotina (afastamento das pessoas de forma presencial – sentindo falta); *Sentimentos (saúde das interações presenciais; chateação; sobrecarga, tristeza, solidão); *Estudos (sobrecarga das atividades escolares).	*Distanciamento físico (em quarentena); *Relações exógenas (afastamento das pessoas, conversar pessoalmente – negativo); *Mudança de rotina (afastamento das pessoas de forma presencial – sentindo falta); *Sentimentos (saúde das interações presenciais; chateação; sobrecarga, tristeza, solidão); *Estudos (sobrecarga das atividades escolares).
<b>Figura 62</b> L.J.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Sentimentos (tristeza. Solidão)	*Puberdade (mudanças físicas, psicológicas, de comportamento, pensamentos, de amizades) *Relações exógenas (amizades com mais responsabilidade; afastamento dos amigos devido pandemia - negativo) *Sentimentos (transformações físicas e psicológicas; responsabilidade; insatisfação; importunações; irritações; dificuldades) *Mudança de rotina (afastamento dos pais – negativo; da escola; dos amigos; da igreja; do lazer – futebol);	*Puberdade (mudanças físicas, psicológicas, de comportamento, pensamentos, de amizades); *Relações exógenas (amizades com mais responsabilidade; afastamento dos amigos devido pandemia - negativo); *Sentimentos (tristeza, solidão, transformações físicas e psicológicas; responsabilidade; insatisfação; importunações; irritações; dificuldades); *Mudança de rotina (afastamento dos pais – negativo; da escola; dos amigos; da igreja; do lazer – futebol); *Distanciamento físico (em quarentena); *Relações endógenas (afastamento dos

		*Distanciamento físico (em quarentena) Relações endógenas (afastamento dos pais – mãe da área da saúde) Estudos (interrupção do estudo presencial)	pais – mãe da área da saúde *Estudos (interrupção do estudo presencial).
--	--	--	---

Fonte: autora (2022).

APÊNDICE G – O SIGNIFICADO DA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO DE PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PARA ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO DA REGIÃO CENTRO-OESTE DO BRASIL

Nome	Temas do Desenho	Temas da Estória	Temas unificados
<b>Figura 63</b> A.C.	*Estudos (remoto; caderno) *Aparelhos tecnológicos (celular; fone de ouvido) *Distanciamento físico (adolescente em quarentena)	*Mudança de rotina (afastamento da escola para aulas remotas) *Atividade laboral (atividades domésticas) *Hobby (livro) *Relações endógenas (mãe – auxiliá-la nas tarefas da casa) *Estudos (remoto – celular) *Aparelhos tecnológicos (celular) *Sentimentos: Superação (superou o tédio por meio dos estudos – “ela tinha coisas para fazer” felicidade); *Distanciamento físico (adolescente em quarentena)	*Mudança de rotina (afastamento da escola para aulas remotas); *Atividade laboral (atividades domésticas); *Hobby (livro); *Relações endógenas (mãe – auxiliá-la nas tarefas da casa); *Estudos (remoto – celular); *Aparelhos tecnológicos (celular- aulas); *Sentimentos: Superação (superou o tédio por meio dos estudos – “ela tinha coisas para fazer” felicidade); *Distanciamento físico (adolescente em quarentena).
<b>Figura 64</b> S.V	*Conflito mental (vários pensamentos: fé; sentimentos (preocupação); morte; tempo; conexão) *Fé/Religiosidade (cruz) *Sentimentos (preocupação, tristeza, morte, choro) *Distanciamento físico (adolescente em quarentena)	*Conflito mental (pensamentos bons e construtivos e o contrário disso) *Fé/Religiosidade (relação de amizade com Cristo; leitura da Bíblia) *Hobby (leitura da Bíblia) *Superação (pela fé – vendo lado bom das coisas, dessa “pausa” – para desacelerar) *Relações endógenas (reconexão com família – positivo) *Distanciamento físico (adolescente em quarentena)	*Distanciamento físico (adolescente em quarentena); *Conflito mental (pensamentos bons e construtivos e o contrário disso); *Fé/Religiosidade (relação de amizade com Cristo; leitura da Bíblia); *Hobby (leitura da Bíblia); *Sentimentos: Superação (pela fé – vendo lado bom das coisas, dessa “pausa” – para desacelerar-reconectar com Deus, consigo e com família); *Relações endógenas (reconexão com família – positivo).
<b>Figura 65</b> G.X.	*Aparatos tecnológicos (celular; fone; notebook) *Prevenção (máscara) *Distanciamento físico (no quarto)	*Aparatos tecnológicos (redes sociais) *Distanciamento físico *Mudança de rotina (isolamento social e aproximação da família) *Relações familiares (mais próximos fisicamente devido a pandemia, mas não interação – cada um em seu quarto e com tecnologias)	*Aparatos tecnológicos (celular; fone; notebook , redes sociais); *Distanciamento físico (adolescente em quarentena) *Mudança de rotina (isolamento social e aproximação da família) *Relações endógenas (mais próximos fisicamente devido a pandemia, mas não interação – cada um em seu quarto e com

			tecnologias); *Prevenção (máscara). Sentimento: solidão “nos isolamos em nossos quartos com nossas tecnologias”
<b>Figura 66</b> K.M.	*Aparatos tecnológicos (celular; fone; notebook); *Distanciamento físico (no quarto)	*Aparatos tecnológicos (celular;); *Estudos (aula online – desatenção nas aulas/ uso de celular frequente) *Sentimentos (solidão, chatice – mexer direto no celular durante as aulas as vezes é chato) *Distanciamento físico (quarentena)	*Aparatos tecnológicos (celular; fone, notebook); *Estudos (aula online – desatenção nas aulas/ uso de celular frequente); *Sentimentos (solidão, chatice – mexer direto no celular durante as aulas as vezes é chato); *Distanciamento físico (quarentena).
<b>Figura 67</b> K.M.	*Distanciamento físico (adolescente sozinho e sem especificar onde); *Prevenção (máscara); *Sentimentos (tristeza)	*Distanciamento físico (“pandemia horrível” - família infectada - Covid-19) *Sentimentos (tristeza) *Superação (família curada da Covid-19); *Fé/religiosidade (“orava a Deus todo dia e sua família foi curada” – “o milagre”); *Relações endógenas (família enferma da Covid-19 que foi curada-milagre).	*Distanciamento físico (“pandemia horrível” - família infectada -Covid-19); *Prevenção (máscara); * Sentimentos: Superação (família curada da Covid-19); *Fé/religiosidade (“orava a Deus todo dia e sua família foi curada” – “o milagre”); *Relações endógenas (família enferma da Covid-19 que foi curada-milagre).
<b>Figura 68</b> E.S.	*Distanciamento físico (sem especificação de lugar) *Sentimentos (tristeza – expressão) *Estudos (livro)	*Sentimentos (tédio, esgotamento, pressões, *incertezas de futuro) *Conflito (desafios de uma adolescente em crise quanto a pressão do vestibular) *Estudos (pressão para o vestibular)	*Sentimentos (tédio, esgotamento, pressões, tristeza, incertezas de futuro); *Conflito (desafios de uma adolescente em crise quanto a pressão do vestibular); *Estudos (pressão para o vestibular); *Distanciamento físico.
<b>Figura 69</b> L.S.	*Sentimentos (tédio, esperança, tristeza) *Conflito (aos trancos e barrancos) *Prevenção (máscara) *Distanciamento físico (dentro de casa) *Natureza (árvore, nuvens, sol)	*Distanciamento físico (desejo pelo fim, “sensação de ano perdido”) *Sentimentos: Superação (“aos trancos e barrancos” - adaptação a situação difícil da pandemia – esperança “mas acabamos nos acostumando e seguimos com a esperança que as coisas melhorarão com o tempo”);	*Sentimentos (tédio, esperança, tristeza, instabilidade de humor – tranquilidade/tédio; ansiedade, frustração, esperança) *Distanciamento físico (em quarentena-desejo pelo fim, “sensação de ano perdido”); *Sentimentos: Superação (“aos trancos e barrancos” - adaptação a situação difícil da pandemia – esperança “mas acabamos nos acostumando e seguimos com a esperança que as coisas melhorarão com o tempo”); *Prevenção (máscara);

Fonte: autora (2022).

APÊNDICE H – O SIGNIFICADO DA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO DE PANDEMIA  
DO CORONAVÍRUS PARA ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO DA REGIÃO NORTE  
DO BRASIL

Nome	Temas do Desenho	Temas da Estória	Temas unificados
<b>Figura 70</b> E.C.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Aparelhos tecnológicos (celular)	*Sentimentos: Ociosidade (nada p/ fazer) *Mudança de rotina (acordar tarde - aulas deram pausa) *Estudos (suspensão de aulas presenciais) *Distanciamento físico (em quarentena)	Sentimentos: Ociosidade (nada p/ fazer); *Mudança de rotina (acordar tarde - aulas deram pausa); *Estudos (suspensão de aulas presenciais); *Distanciamento físico (em quarentena); *Aparelhos tecnológicos (celular).
<b>Figura 71</b> C.L.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Aparelhos tecnológicos (celular, TV) *Sentimentos (tristeza) *Atividades laboral (atividades domésticas)	*Distanciamento físico (em quarentena – desafio p/ cumprir) *Mudança de rotina (cansativa, repetitiva, refrigeração, aprendizagens) *Atividades laboral (organizar as coisas) *Aparelhos tecnológicos (celular – assistir, usar celular) *Sentimentos: Superação (diante da rotina cansativa e repetitiva vê que há oportunidade de novos aprendizados)	*Distanciamento físico (em quarentena – desafio p/ cumprir-tédio); *Mudança de rotina (cansativa, repetitiva, refrigeração, aprendizagens); *Atividades laboral (organizar as coisas); *Aparelhos tecnológicos (celular – assistir, usar celular, Tv); *Sentimentos: Superação (diante da rotina cansativa e repetitiva vê que há oportunidade de novos aprendizados).
<b>Figura 72</b> N.K.	*Distanciamento físico (em quarentena – afastamento das pessoas) *Conflito mental (vários pensamentos); *Sentimentos (ansiedade, pressão, responsabilidade, tristeza); *Estudos (não especifica); *Fé/Religiosidade (Bíblia).	*Sentimentos (ansiedade, indecisões, responsabilidade, pressões, dificuldades,) *Estudos (concluindo Ensino médio- sob pressão; ingressar na Faculdade) *Relações endógenas (pais separados, irmãos de ambas partes, padrasto e madrasta – dificuldades de lidar) *Distanciamento físico (em quarentena – afastamento das pessoas) *Conflito mental (diversas situações e dificuldade p/ lidar com elas)	*Sentimentos (ansiedade, indecisões, responsabilidade, pressões, dificuldades,); *Estudos (concluindo Ensino médio- sob pressão; ingressar na Faculdade); *Relações endógenas (pais separados, irmãos de ambas partes, padrasto e madrasta – dificuldades de lidar); *Distanciamento físico (em quarentena – afastamento das pessoas); *Conflito mental (diversas situações e dificuldade p/ lidar com elas); *Fé/Religiosidade (Bíblia).
<b>Figura 73</b> S.S.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Aparelhos tecnológicos (TV-assistindo)	*Distanciamento físico (em quarentena – vida sedentária) *Alimentação (não especifica) *Aparelhos tecnológicos (videogame; celular - assistindo)	*Distanciamento físico (em quarentena – vida sedentária); *Alimentação (não especifica); *Aparelhos tecnológicos (videogame; celular - assistindo).

Fonte: autora (2022).

APÊNDICE I – O SIGNIFICADO DA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO DE  
PANDEMIA DO CORONAVÍRUS PARA ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA  
REGIÃO NORTE DO BRASIL

Nome	Temas do Desenho	Temas da Estória	Temas unificados
<b>Figura 74</b> J.O.	*Distanciamento físico (em quarentena) *Prevenção/Proteção (máscara) *Aparelhos tecnológicos (notebook)	*Estudos (remoto) *Mudança de rotina (afastamento da escola, e outros espaços) *Distanciamento físico (em quarentena) *Aparelhos tecnológicos (notebook- aula <i>online</i> ) *Prevenção/Proteção (distanciamento físico – decreto) *Sentimentos (solidão, temor, medo)	*Estudos (remoto); *Mudança de rotina (afastamento da escola- início de aulas remotas) *Distanciamento físico (em quarentena); *Aparelhos tecnológicos (notebook - aula <i>online</i> ); *Prevenção/Proteção (distanciamento físico – decreto); *Sentimentos (CUIDADO- em distanciamento, uso de máscara).

Fonte: autora (2022).

APÊNDICE J – SENTIMENTOS EXPRESSOS: PADECEDORES E  
POTENCIALIZADORES DAS CINCO REGIÕES DO BRASIL

		<b>Subcategorias</b>	<b>Detalhamento dos DETs</b>
<b>NORDESTE</b>	<b>Sentimentos expressos padecedores</b>	<b>tristeza, desânimo, cansaço (5)</b>	tristeza (3): (1) adolescente triste com a situação da pandemia, o que o deixa preocupado, estressado e confuso; (1) adolescente triste por afastar-se da escola e dos amigos devido o distanciamento físico; (1) adolescente triste pelo não acesso à escola devido as condições financeiras, que implica na falta de alimento. Desânimo: (1) adolescente afastada dos amigos, dificuldades de convivência com irmão, dificuldades de aprendizagem (aulas remotas), e mostra-se desanimada ao questionar-se quanto sua saúde mental e se sobreviverá após a pandemia; Cansaço: (1) adolescente cansada pela jornada de estudos (atividades e provas escolares).
		<b>solidão (3)</b>	(1) solidão por adolescente estar sem falar com pessoas, sem abraça-las; (1) adolescente utiliza aparatos tecnológicos por estar sozinho, e ter medo de ficar só; (1) adolescente sente-se sozinho, sem amigos (excluído de grupos antes mesmo da pandemia) e apresenta sofrimento psíquico.
		<b>tédio, ansiedade (2)</b>	(1) adolescente entediado por não poder sair de casa, e por afastar-se da escola e dos amigos; (1) adolescente ansioso pelas mudanças da puberdade e pelas afetações da pandemia, assim como receber muitas notícias ruins sobre a Covid-19 na internet, e estas situações o deixam ansioso.
		<b>medo (1)</b>	(1) adolescente com medo da pandemia devido as dificuldades desta crise, como os cuidados para sair de casa e preservar a saúde.
		<b>ociosidade (1)</b>	(1) adolescentes (de um modo geral) se valem do uso de celulares e do consumo de alimentos devido ausência de atividades para serem feitas nesta pandemia, em detrimento do distanciamento físico.
		<b>Sentimentos expressos potencializadores</b>	<b>superação (9)</b>

			atividades da igreja; (1) adolescente entediado, e triste pelo distanciamento físico, contudo buscou a sua fé, e suplicava a Deus pelo fim da pandemia.
		<b>satisfação (2)</b>	(1) adolescente que gosta de passar tempo com os pais, e que juntos vão às compras (alimentos), tomando cuidados necessários (máscara); (1) adolescente que aproveita a pandemia para assistir <i>Netflix</i> e comer, visto que antes não podia por rotina de estudos desgastante.
		<b>cuidado (2).</b>	(1) adolescente “teimoso” hospitalizado e recebendo cuidado de um profissional da área da saúde; (1) adolescente cuidando de si (álcool, gel, máscara) para cuidar da família (criança, idosos).
SUDESTE	Sentimentos expressos padecedores	<b>cansaço e saudosismo (4)</b>	(1) adolescente cansado por estar só estudando e comunicando-se com amigos pela internet, mas a rotina o estava afetando os estudos (aprendizagem); (1) adolescente saudosista do tempo que todos brincavam e conversava com amigos, e agora trancados em casa com aparatos tecnológicos, e engordando (de tanto comer);(1) adolescente cansada com rotina de estudos intensa devido a quantidade de atividades escolares, que afeta o descanso da adolescente, que desejava o retorno ao normal; (1) adolescente cansada e saudosa, pois os estudos e as atividades domésticas lhe sobrecarregam, além do distanciamento físico que implicou em saudade das relações de amizade da escola e igreja.
		<b>solidão (2)</b>	(1) adolescente sentiu-se sozinho e chateado devido afastamento dos amigos por conta do distanciamento físico; (1) adolescente sozinho e utilizando a janela do quarto para ver a rua.
		<b>pressão (2)</b>	(1) adolescente com muitas pressões, pensamentos bagunçados, pressão da escola, pressão dos pais, perda de emprego dos pais, muito tempo em aparatos tecnológicos-notícias ruins, e estas questões afetam-lhe; (1) adolescente com muitas pressões - estudos, trabalho, família, cursos, religião, metas, responsabilidades. E estas cobranças causam desgaste e desespero.
		<b>ociosidade/tédio (2)</b>	(1) adolescentes (de modo geral) tem como atividade diária ficar várias horas diante de uma tela (Tv), apesar da prática do estudo, as tecnologias emergem como uma opção de atividade diante da ociosidade: “muitos adolescentes não tem opção, a não ser passar boa parte do dia na frente de uma tela”; (1) adolescente entediada durante a pandemia, contudo, no início da situação pandêmica acreditava que a quarentena seria boa, não obstante, sente-se presa, trancada e vê o futuro de forma incerta.
	Sentimentos expressos potencializadores	<b>satisfação (3)</b>	(1) adolescente passou dia assistindo <i>Netflix</i> e comendo, depois disso foi dormir; (1) adolescente passa o tempo tranquilo deitado no sofá e ocupa o seu tempo em assistir, jogos online, compras na internet, conversas com amigos e buscas para futuras viagens; (1) adolescente pode estudar, jogar, pedir comida, além de ter recursos físicos (tecnologias e ambiente propício para estudo e jogos) e financeiros, sendo estas atividades definidas como “aventuras”.
		<b>superação (2)</b>	(1) adolescente ao afastar-se dos amigos teve depressão, depois de um bom tempo voltou a vida social – andar nas ruas, ver amigos –e ficou feliz; (1) por motivo do distanciamento físico a adolescendo ficou em casa, contudo, foi ler e refletiu sobre a vida em situação de

			pandemia – menos poluição, sujeira nas ruas, e observou o lado positivo.
SUL	Sentimentos expressos padecedores	tristeza (2);	(1) adolescente em afastamento dos pares, impossibilidade de sair, e sobrecarga de atividades escolares – “resumindo, muito chata”; (1) adolescente com atravessamentos da puberdade e pandemia o deixa irritado, mudança de rotina-afastamento dos amigos (igreja e escola), e da mãe “fico longe dos meus pais” (mãe da área da saúde) - “está difícil para todos”.
		preguiça (2);	(1) adolescente preguiçoso, pois só dorme e usa o celular; (1) adolescentes preguiçosos – optam por não fazer atividades, e ficam nos aparatos tecnológicos, pois não demanda esforço físico.
		solidão (1);	(1) adolescente afastado da escola e das pessoas, sem possibilidade de contato físico.
		tédio (1);	(1) adolescente entediado por estar presa em casa por causa do distanciamento físico, e assim passa todos os dias utilizando o celular.
		estresse (1).	(1) adolescente e mãe brigando devido estresse que afeta à família.
	SUL	Sentimentos expressos potencializadores	superação (4)
carinho (1)			(1) adolescente recebe carinho da família e vizinhos – “só faltam me engolir” – referência ao carinho.
CENTRO-OESTE	Sentimentos expressos padecedores	solidão (2)	(1) adolescentes em suas redes sociais – está próximo da família, mas não conversam - “nos isolamos em nossos quartos com nossas tecnologias”; (1) adolescente não consegue prestar atenção nas aulas online, e “gostamos de mexer no celular direto e às vezes é chato” – ausência de relações.
		tédio/ esgotamento (1)	(1) adolescente entediada, mas esgotada com estudos, e “enorme” pressão com o vestibular, além das incertezas do futuro.
	Sentimentos expressos potencializadores	Superação (4)	(1) adolescente superou o tédio proveniente do distanciamento físico por meio dos estudos remotos (assim que aulas nesse formato se iniciaram) – “ela tinha coisas para fazer”; (1) adolescente com pensamentos contraditórios (bons e ruins), contudo, por meio da fé identificou o lado bom das coisas, dessa “pausa” – para desacelerar- reconectar-se com Deus, consigo mesma e com família; (1) a família da adolescente estava com a Covid-19, não obstante ela se valeu da fé – oração – e a família foi curada; (1) os adolescentes (de modo geral) passam por instabilidades de humor, tédio, ansiedade, frustração nesta situação pandêmica, contudo, possuem esperança e adaptam-se “mas acabamos nos acostumando e seguimos com a esperança que as coisas melhorarão com o tempo”.

<b>NORTE</b>	<b>Sentimentos expressos padecedores</b>	<b>ociosidade (1);</b>	(1) “sem nada pra fazer” - devido a suspensão das aulas, adolescente acorda tarde, porque foi dormir tarde
		<b>pressões/ ansiedade (1).</b>	(1) adolescente sente-se pressionada devido a conclusão do ensino médio e o possível ingresso no ensino superior. Além disso, por ter pais divorciados e cada um com uma nova constituição familiar, contribui em dificuldades para a adolescente lidar com a família, o que implica em ansiedades, sendo esta situação agravada por conta da pandemia.
	<b>Sentimentos expressos potencializadores</b>	<b>superação (1);</b>	(1) adolescente aponta que a situação pandêmica tem consequências, como tédio, e rotina cansativa, mas aborda que há momentos que são legais e refrigera a vida da jovem e ainda pode aprender com isso.
		<b>cuidado (1).</b>	(1) adolescente passou a estudar online e a cumprir o distanciamento físico como forma de se cuidar.

Fonte: autora (2022).

## APÊNDICE K – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL

Nº	Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Repetência	Rede da Escola	Aulas online	Trabalha	Direitos Trabalhistas	Estado Civil	Filhos	Reside Com:	Cidade	Renda Familiar (Salário mínimo)	Ocupação/ Responsáveis	Bolsa Família
1	L.B.	17	Preta	3º Ens. Médio	Pré (2x)	Pública	SIM	NÃO	---	Solteira	NÃO	Pais; irmãos	Salvador/BA	2	cuidadora; porteiro	NÃO
2	M.K.	16	Parda	3º Ens. Médio	NÃO	Particular	SIM	NÃO	---	Solteira	NÃO	Pais	Maceió/AL	2	professora; autônomo	NÃO
3	L.B.	15	Parda	1º	NÃO	Pública/Federal	SIM	NÃO	---	Solteira	NÃO	Pais; irmãos	Pau Darco/AL	2	taxista; logista	NÃO
4	M.S.	14	Parda	8º Ano	Pré (1x)	Particular	SIM	NÃO	--	Solteira	NÃO	Pais; irmãos	Maceió/AL	3	professor; diretora escolar	NÃO
5	E.A.	17	Preta	3º Ens. Médio	NÃO	Particular	SIM	NÃO	--	Solteira	NÃO	Pais; irmãos	Recife/PE	3	do lar; pastor	NÃO
6	M.V.	14	Parda	8º Ano	NÃO	Particular	SIM	NÃO	----	Solteira	NÃO	Pais; irmã	Maceió/AL	Não informado	do lar; funcionário público	NÃO
7	L.A.	16	Parda	1º Ens. Méd.	9º (1x)	Pública/Militar	SIM	NÃO	----	Solteira	NÃO	Pais; irmão	Arapiraca/AL	3	Comerciante; assistente adm. hospitalar	NÃO
8	L.R.	15	Parda	1º Ens. Méd.	NÃO	Pública	SIM	NÃO	----	Namorando	NÃO	Mãe	Teotônio/AL	1	empréstimo	NÃO
9	J.D.	15	Parda	1º Ens. Méd.	NÃO	Pública	Não (atividades)	NÃO	----	Solteira	NÃO	Mãe; irmãos	Siriri/SE	Não informado	Vendedora (autônoma)	NÃO
10	S.T.	16	Branca	2º Ens. Méd.	NÃO	Pública	SIM	NÃO	-----	Solteira	NÃO	Mãe; irmã	Brumado/BA	1	desempregada	NÃO
11	Y.C.	12	Preta	7º	NÃO	Pública	Não	NÃO	-----	Solteira	NÃO	Mãe; irmã	Salvador/BA	Não informado	Estudante universitária	SIM

1 2	A.B.	13	Bran ca	8º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	----	Soltei ra	NÃO	Pais; irmãos	Maceió/ AL	2	universitáriaBibliotecoma nomista	SIM
1 3	L.M.	14	Pard a	8º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	----	Soltei ra	NÃO	Pais; irmãos	Maceió/ AL	Não inform ou	Do lar; eletricista	NÃO
1 4	R.O	14	Bran ca	9º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	---	Soltei ra	NÃO	mãe	Pau Dalho/ PE	3	Funcionária pública- enfermeira	NÃO
1 5	R.B.	12	Bran ca	6º	NÃO	Pública	Não/ atividade s	NÃO	----	Soltei ra	NÃO	Pais	João Alfredo/ PE	1	Professora; desempregado	NÃO
1 6	M.R.	14	Pard a	8º	NÃO	Pública	SIM	NÃO	---	Soltei ra	NÃO	Pais; irmãos	Arapiraca / AL	2	Secretária do lar; desempregado	NÃO
1 7	H.M.	12	Pard a	6º	NÃO	Pública	Não/ atividade s	NÃO	---	Soltei ra	NÃO	Pais; irmão	Feira de Santana/ BA	Não inform ou	do lar; Pastor	NÃO
1 8	A.O.	16	Bran ca	2º Ens. Méd	NÃO	Pública	Não/ Tinha atividade s	SIM	NÃO	Soltei ra	NÃO	Mãe; padras to; irmão	Conceiã o de Coité/ BA	1	Doméstica; caminhoneiro	NÃO
1 9	A.J.	15	Bran ca	9º	NÃO	Pública	SIM	NÃO	----	Soltei ra	NÃO	Mãe	Coruripe/ AL	1	professora	NÃO
2 0	J. G.	14	Preta	9º	NÃO	Pública	Não	NÃO	----	Soltei ra	NÃO	Pais; irmãos	Joaquim Gomes/A L	1	Agricultor; do lar	SIM
2 1	K. V.	12	Bran ca	6º	NÃO	Pública	Não/ atividade s	NÃO	----	Soltei ra	NÃO	Avó; tia	João Alfredo/ PE	2	Aposentadas	NÃO
2 2	D.A.	15	Preta	2º Ens. Méd	NÃO	Pública	Não/ atividade s	NÃO	---	Soltei ra	NÃO	Pais; irmão	Salvador/ BA	2/5	Estudante universitária; pastor	NÃO
2 3	R.O.	15	Bran ca	1º Ens. Méd.	2º (1x)	Pública	SIM	NÃO	---	Namo - rando	NÃO	Mãe; irmãos	Pau Dalho/ PE	2	Técnica de enfermagem	NÃO
2 4	G.M.	17	Preta	Em. Méd. Concluí do	NÃO	---	----	NÃO	---	Soltei ra	NÃO	Pais; irmão	Aracaju/ SE	2	Professora; desempregado	NÃO

Fonte: autora (2020).

## APÊNDICE L – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL

Nº	Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Repetência	Rede da Escola	Aulas online	Trabalha	Direitos Trabalhistas	Estado Civil	Filhos	Reside Com:	Cidade/Estado	Renda Familiar (Salário mínimo)	Ocupação/Responsável	Bolsa Família
1	G.M.	12	Pardo	7º	Não	Pública	SIM	NÃO	-	Solteiro	NÃO	Mãe	Pilar/Alagoas	3	Funcionária pública	NÃO
2	R.M.	17	Pardo	2º Ensino Médio	Não	Particular	Não (atividades)	NÃO	----	Solteiro	NÃO	Pais; irmãos	Salvador/BA	5	do lar; empresário	NÃO
3	T.L.	13	Branco	6º	3º(1x)	Pública	SIM	NÃO	----	Solteiro	NÃO	Pais; irmãos	Arapiraca/AL	1	Benefício	SIM
4	L.M.	12	Pardo	7º	Não	Particular	SIM	NÃO	----	Solteiro	NÃO	Pais; irmãos	Brumado/BA	6	Do lar; Funcionário público (escrivente civil)	NÃO
5	L.A.	14	Branco	8º	Não	Particular	SIM	NÃO	----	Solteiro	NÃO	Pais; irmão	Aracaju/SE	Não informado	servidores públicos/enfermeiros	NÃO
6	J.G.	15	Pardo	1º Ens. Méd.	Não	Pública	SIM	NÃO	----	Namorado	NÃO	Mãe, irmãos	Teotônio Vilela/AL	Não informado	Desempregada	SIM
7	G.B.	15	Pardo	1º Ens.Méd.	Não	Pública	SIM	NÃO	----	Solteiro	NÃO	Avós	Fortaleza/CE	2	Aposentado; costureira	NÃO
8	G.R.	16	Pardo	9º	9º (1x)	Pública	SIM	SIM	SIM	Solteiro	NÃO	Pais; irmãos	Arapiraca/AL	Não informado	Desempregado; diarista	NÃO

Fonte: autora (2020).

## APÊNDICE M – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL

Nº	Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Repetência	Rede da Escola	Aulas online	Trabalha	Direitos Trabalhistas	Estado Civil	Filhos	Reside Com:	Cidade/Estado	Renda Familiar (Salário mínimo)	Ocupação/responsáveis	Bolsa Família
1	N.T.	12	Pardo	7º	NÃO	Pública	SIM	NÃO	-	Solteiro	NÃO	Pais, irmã e avó	Campo Limpo/SP	Não informado	Vendedor/ do lar	SIM
2	R.A.	14	Branco	9º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	----	Solteiro	NÃO	Pais	São Paulo/SP	Não informado	Funcionário público; estudante universitária	NÃO
3	L.M.	15	Pardo	9º	SIM (7º)	Pública	Atividades	NÃO	----	Solteiro	NÃO	Pais e irmãos	Montes Claros/MG	Não informado	pedreiro; diarista	SIM
4	E.C.	17	Pardo	3ºEns. Méd.	NÃO	Particular	SIM	SIM	NÃO	Solteiro	NÃO	Pais, irmãos	São Paulo/SP	3	Funcionária pública; empresário	NÃO
5	L.S.	13	Branco	9º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	----	Namorado	NÃO	Pais	Guarulhos/SP	30	Advogado e contador; estudante universitária	NÃO
6	M.M.	14	Branco	9º	NÃO	Particular	SIM	SIM	NÃO	Solteiro	NÃO	Pais e irmãs	São Paulo/SP	Não informado	fotógrafo; secretária administrativa	NÃO
7	D.P.	13	Branco	8º	Não	Particular	SIM	NÃO	----	Solteiro	NÃO	Pais e irmãos	Rio de Janeiro/RJ	Não informado	Juiz federal; professora e enfermeira	NÃO
8	S.H.	13	Pardo	8º	NÃO	Pública	SIM	SIM	NÃO	Solteiro	NÃO	Pais e irmã	Itu/SP	4	Pastor; voluntária departamental - igreja	NÃO
9	N.P.	14	Branco	8º	NÃO	Particular (bolsa)	SIM	NÃO	-----	Solteiro	NÃO	Pais	Sorocaba/SP	1/2	Metalúrgico; do lar	NÃO

Fonte: autora (2020).

## APÊNDICE N – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO DA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL

Nº	Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Repetência	Rede da Escola	Aulas online	Trabalha	Direitos Trabalhistas	Estado Civil	Filhos	Reside Com:	Cidade	Renda Familiar (Salário mínimo)	Ocupação/responsáveis	Bolsa Família
1	Y.P.	15	Pardo	1º Ens. Méd.	NÃO	Pública	SIM	NÃO	---	Solteira	NÃO	Pais e irmã	Minaslândia - MG	1	Missionário; do lar	NÃO
2	Y.P.	13	Branco	8º	NÃO	Pública	Aulas Na TV (Rede Tv)	NÃO	---	Solteira	NÃO	Pais e irmã	Minaslândia - MG	1	Missionário; do lar	SIM
3	T.H.	14	Parda	9º	NÃO	Pública	NÃO	NÃO	---	Solteira	NÃO	Mãe e irmã	Belo Horizonte (MG)	2	autônoma	NÃO
4	M.L.	13	Preta	8º	NÃO	Pública	SIM	NÃO	--	Solteira	NÃO	Pais e irmãos	Paraty/ RJ	3	secretário adjunto; CRAS	NÃO
5	G.M.	16	Preta	2º Ens. Med.	Não	Pública	SIM	SIM	NÃO	Solteira	NÃO	Pais e irmão	Itu/ SP	3/2	Pastor; Voluntária em projetos sociais	NÃO
6	G.C.	17	Preta	3º Ens. Méd.	Não	Pública	SIM	NÃO	----	Solteira	NÃO	Mãe, padrasto, irmãos	São Paulo/ SP	Não informado	cozinheira; logística	NÃO
7	M.P.	15	Branca	1º Ens. Méd.	NÃO	Particular	SIM	NÃO	----	Solteira	NÃO	Pais e irmãos	Rio de Janeiro/ RJ	Não informado	Professora; Juiz federal	NÃO
8	A.M.	17	Branca	3º Ens. Méd.	NÃO	Pública	SIM	SIM	SIM	Solteira	NÃO	Pais e irmã	Boituva/ SP	3	T.I ; do lar	NÃO

Fonte: autora (2020).

## APÊNDICE O – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO DA REGIÃO SUL DO BRASIL

Nº	Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Repetência	Rede da Escola	Aulas online	Trabalha	Direitos Trabalhistas	Estado Civil	Filhos	Residência Com:	Cidade	Renda Familiar (Salário mínimo)	Ocupação/ Responsável (s)	Bolsa Família
1	M.E.	15	Parda	8º	SIM (2º)	Pública	SIM	NÃO	---	Solteira	NÃO	Pais	Curitiba/PR	2	Autônomo; do lar	SIM
2	G.B.	12	Parda	7º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	---	Solteira	NÃO	Mãe	Curitiba/PR	2	empresária	NÃO
3	G.S.	12	Branca	7º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	---	Solteira	NÃO	Pais e irmãos	Curitiba/PR	Não informou	eletricista; autônoma	NÃO
4	M.C.	12	Branca	7º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	--	Solteira	NÃO	Pais	Curitiba/PR	2	servidor contratado; do lar	NÃO
5	R.C.	12	Branca	7º	SIM (não informou)	Particular	SIM	NÃO	--	Solteira	NÃO	mãe, irmãos e sobrinho	Curitiba/PR	2	manutenção	NÃO
6	H.V.	12	Branca	7º	Não	Particular	SIM	NÃO	----	Solteira	NÃO	Mãe	Curitiba/PR	Não informou	Parte elétrica	NÃO
7	C.Z.	14	Branca	1º Ens. Méd.	Não	Particular	SIM	SIM	SIM	Namorando	NÃO	Pais	Curitiba/PR	5	empresário; empreiteiro	NÃO
8	K.V.	12	Branca	7º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	----	Solteira	NÃO	Pais e irmãos	Curitiba/PR	2	cuidadora de crianças; vendedor	SIM
9	S.A.	12	Branca	6º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	----	Solteira	NÃO	Pais e irmão	Curitiba /PR	Não informou	funileiro; do lar	NÃO

Fonte: autora (2020).

## APÊNDICE P – DADOS SOCIEDEMOGRÁFIOS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA SUL DO BRASIL

Nº	Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Repetência	Rede da Escola	Aulas online	Trabalha	Direitos Trabalhistas	Estado Civil	Filhos	Reside Com:	Cidade/Estado	Renda Familiar (Salário mínimo)	Ocupação/Responsável(s)	Bolsa Família
1	T.F.	13	Pardo	9º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	-	Solteiro	NÃO	Pais e irmã	Curitiba/PR	3	técnica de radiologia; eletricitista predial;	NÃO
2	G.M.	12	Branco	7º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	----	Solteiro	NÃO	Pais e irmãos	Curitiba/PR	2	motorista de ônibus; logística	NÃO
3	L.G.	14	Branco	9º	NÃO	Particular	SIM	SIM	NÃO	Solteiro	NÃO	Pais	Curitiba/PR	5	pastor (diretor de Hospital); cozinheira	NÃO
4	L.J.	14	Branco	9º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	----	Solteiro	NÃO	Pais e irmão	Curitiba/PR	3	motorista de app; técnica de enfermagem	NÃO

Fonte: autora (2020).

APÊNDICE Q – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO DA REGIÃO CENTRO-OESTE DO  
BRASIL

Nº	Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Repetência	Rede da Escola	Aulas online	Trabalha	Direitos Trabalhistas	Estado Civil	Filhos	Reside Com:	Cidade	Renda Familiar (Salário mínimo)	Ocupação/responsáveis	Bolsa Família
1	A.C.	14	Parda	9º	NÃO	Pública	SIM	NÃO	---	Solteira	NÃO	Pai, madras-ta e irmãos	Brasília / DF	4	Servido público; fotógrafo	NÃO
2	S.V.	17	Parda	3º Ens. Méd.	NÃO	Pública/ Instituto Federal	Não Começaram	NÃO	---	Solteira	NÃO	Mãe e padrasto	Brasília / DF	2	auxiliar administrativo ; gestor de informática	NÃO
3	G.X.	16	Parda	3º Ens. Méd	NÃO	Particular	SIM	NÃO	---	Solteira	NÃO	Pais e irmãos	Brasília / DF	Não soube informar	do lar; gerente de vendas	NÃO
4	K.M.	13	Branca	8º	NÃO	Particular	SIM	SIM	NÃO	Solteira	NÃO	Pais e irmã	Goiânia - GO	Não soube informar	pastor; acupunturista - lojista	NÃO
5	K.M.	12	Branca	6º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	-----	Solteira	NÃO	Pais e irmã	Goiânia - GO	Não soube informar	pastor; acupunturista - lojista	NÃO
6	E.S.	17	Branca	3º Ens. Méd	NÃO	Particular	SIM	NÃO	-----	Solteira	NÃO	Pais e irmão	Brasília - DF	20	concursada-secretaria de educação; empresário	NÃO
7	L.S.	17	Parda	3º Ens. Méd	NÃO	Pública	SIM	SIM	SIM	Solteira	NÃO	Pais	Mato Grosso do Sul	3	Guarda municipal; serviços gerais	NÃO

Fonte: autora (2020).

## APÊNDICE R – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DE ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO DA REGIÃO NORTE DO BRASIL

Nº	Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Repetência	Rede da Escola	Aulas online	Trabalha	Direitos Trabalhistas	Estado Civil	Filhos	Reside Com:	Cidade	Renda Familiar (Salário mínimo)	Ocupação/responsáveis	Bolsa Família
1	E.C.	14	Preta	9º	NÃO	Pública	SIM	NÃO	---	Solteira	NÃO	Pais	Pará/PA	2	agente de saúde (servidores públicos)	NÃO
2	C.L.	17	Branca	Ens. Méd. Completo	NÃO	----	---	SIM	SIM	Solteira	NÃO	Pais e irmãos	Pará/PA	2	motorista de caminhão; do lar	NÃO
3	N.K.	17	Pardo	3º Ens. Méd.	NÃO	Pública	Ainda não	NÃO	---	Solteira	NÃO	Pai, madrasta, irmãos	Pará/PA	2	motorista; desempregada	NÃO
4	S.S.	15	Parda	1º Ens. Méd.	NÃO	Pública	SIM	NÃO	--	Solteira	NÃO	Pais	Pará/PA	Menos de 1 salário	auxiliar de secretária	NÃO

Fonte: autora (2020).

APÊNDICE S – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DE ADOLESCENTE DO SEXO MASCULINO DA REGIÃO NORTE DO BRASIL

Nº	Nome	Idade	Cor	Escola ridade	Repetência	Rede da Escola	Aulas online	Trabalha	Direitos Trabalhistas	Estado Civil	Filhos	Reside Com:	Cidade/ Estado	Renda Familiar (Salário mínimo)	Ocupação/ Responsável (s)	Bolsa Família
1	J.O.	12	Pardo	7º	NÃO	Particular	SIM	NÃO	----	Solteiro	NÃO	Pais e irmãos	Pará/ PA	Não informou	professora; mototáxi	NÃO

Fonte: autora (2020).